

ILHA

Revista de Antropologia

Florianópolis, volume 18, número 1
Junho de 2016

ILHA – Revista de Antropologia, publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da Universidade Federal de Santa Catarina.



Universidade Federal de Santa Catarina

Reitor: Prof. Luis Carlos Cancellier de Olivo

Diretor do Centro de Filosofia e Ciências Humanas: Prof. Paulo Pinheiro Machado

Coordenadora do PPGAS: Profa. Edviges Marta Ioris

Coordenação Editorial Antonella Tassinari, Ilka Boaventura Leite e Theophilos Rifiotis

Editora do Volume Antonella Tassinari

Editores do Número 1 Ilka Boaventura Leite e Amurabi Oliveira

Editores do Número 2 Oscar Calavia Saez e Douglas Ferreira Gadella Campelo

Conselho Editorial Alberto Groisman, Alicia Norma Gonzalez de Castells, Antonella Maria Imperatriz Tassinari, Carmen Silvia Rial, Edviges Marta Ioris, Esther Jean Langdon, Evelyn Martina SchulerZea, Gabriel Coutinho Barbosa, Ilka Boaventura Leite, Jeremy Paul Jean LoupDeturche, José Antonio Kelly Luciani, Maria Eugenia Dominguez, Maria Regina Lisboa, Márnio Teixeira-Pinto, Miriam Hartung, Miriam Pillar Grossi, Oscar Calavia Saez, Rafael José de Menezes Bastos, Rafael Victorino Devos, Scott Correll Head, Sônia Weidner Maluf, Theophilos Rifiotis e Vânia Zikán Cardoso

Conselho Consultivo BozidarJezzenik, Universidade de Liubidjana, Eslovênia; Claudia Fonseca, Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Cristiana Bastos, Universidade de Lisboa, Portugal; David Guss, Universidade de Tufts, Estados Unidos; Fernando GiobalinaBrumana, Universidade de Cádiz, Espanha; Joanna Overing, Universidade de St. Andrews, Escócia; Manuel Gutiérrez Estévez, Universidade Complutense de Madrid, Espanha; Mariza Peirano, Universidade de Brasília; Marc-Henri Piault, Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, França; SoheilaShashahani, ShahidBeheshtiUniversity, Irã; Stephen Nugent, Universidade de Londres, Inglaterra

Projeto gráfico Isabela Benfica Barbosa

Editoração eletrônica Annye Cristiny Tessaro (Lagoa Editora)

Revisão Patrícia Regina da Costa

Gerenciamento da revista on-line Daniela Fany Hess

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária

Ilha – Revista de Antropologia / Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. v. 18, número 1, 2016.
Florianópolis: UFSC/ PPGAS, 2016 – 313 pp.

ISSN 1517-395X

1. Antropologia 2.Periódico 1. Universidade Federal de Santa Catarina

ISSN 1517-395X

Solicita-se permuta/Exchange desired

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida à Comissão Editorial da Revista Ilha
Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas – CFH
Universidade Federal de Santa Catarina
Campus Universitário – Trindade
88040-970 – Florianópolis – SC – Brasil
Fone/fax: (48) 3721-9714
E-mail: ilha.revista@gmail.com sítio: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/ilha>

Todos os direitos reservados. Nenhum extrato desta revista poderá ser reproduzido, armazenado ou transmitido sob qualquer forma ou meio, eletrônico, mecânico, por fotocópia, por gravação ou outro, sem a autorização por escrito da comissão editorial.

Editorial

A *Revista Ilha* chega ao seu 18º ano de existência com a publicação deste primeiro número de 2016. Nesse período, a revista vem regularmente publicando artigos, seções temáticas, dossiês com trabalhos resultantes de eventos científicos, ensaios bibliográficos, traduções, resenhas e, esporadicamente, seções de depoimentos, obituário e documenta.

Neste primeiro número do volume 18, a *Revista Ilha* retoma a proposta de uma edição especial em homenagem a um autor de eminente contribuição para a área. Como em 2008, quando foi realizada uma homenagem a Silvio Coelho dos Santos, professor emérito da UFSC, ex-presidente da ABA, que veio a falecer naquele mesmo ano, agora este número homenageia os 100 anos de nascimento de Alberto Guerreiro Ramos. Aquele número, organizado por Jean Langdon e Ilka Boaventura Leite, imprimiu à *Revista Ilha* um padrão editorial para as homenagens, resgatado agora, neste número organizado por Ilka Boaventura Leite e Amurabi Oliveira, trazendo aportes, que dialogam com a obra de Alberto Guerreiro Ramos, na forma de artigos, entrevistas, ensaio bibliográfico, depoimentos e uma rica iconografia.

O segundo número deste ano publicará um dossiê temático a cargo de Oscar Calávia Saez e Douglas Ferreira Gadella Campelo, fruto do seminário “Nomes, pronomes e categorias” que aconteceu na UFSC em abril de 2014, além de resenhas e de artigos de fluxo contínuo.

Nossa política editorial, portanto, é aberta para propostas em fluxo contínuo de trabalhos inéditos, como artigos, ensaios bibliográficos, traduções, resenhas e obituário, dossiês temáticos, resultantes de eventos científicos ou coletâneas de trabalhos inéditos, ou, ainda, a cargo da comissão, números de homenagens a autor ou autora de significativa contribuição para a Antropologia.

A *Revista Ilha*, seguindo a tendência contemporânea, desde o volume anterior, passou a ser publicada exclusivamente *on-line*, sendo esta uma forma mais ágil e sustentável para a ampla divulgação de nossa produção.

Desejamos a todos uma excelente leitura!

SUMÁRIO

Dossiê: Guerreiro Ramos – Intérprete do Brasil: número em homenagem ao centenário de nascimento de Alberto Guerreiro Ramos

Apresentação: Guerreiro Ramos: intérprete do Brasil	9	ILKA BOAVENTURA LEITE AMURABI OLIVEIRA
--	---	---

ARTIGOS

Ensaio Crítico, Vanguarda e Intelectualidade – Guerreiro Ramos, o não Contemporizador	15	RAUL ANTELO
Guerreiro Ramos e <i>O Drama de ser Dois</i>	41	ARISTON AZEVEDO RENATA OVENHAUSEN ALBERNAZ
Guerreiro Ramos na UFSC: memórias de Sinésio Ostroski e a noção de homem parentético	67	SÉRGIO LUÍS BOEIRA ANDRÉ LUIZ KOPELKE NADJA AIRES ILANE FRANK DIAS
Cristo Epistêmico	83	ELISA LARKIN NASCIMENTO
Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro	109	KABENGELE MUNANGA
Inventário de Questões Instigantes sobre Raça e Cor e a Atualidade de Guerreiro Ramos	123	MARCELO HENRIQUE ROMANO TRAGTENBERG
O Centenário de Guerreiro Ramos e sua Atualidade para o Ensino de Ciências Sociais no Brasil	141	AMURABI OLIVEIRA
O Mito da Revolução, Guerreiro Ramos e o Golpe de 1964	159	JOÃO CARLOS NOGUEIRA
Formas de Alocação de Recursos no Brasil: elementos analíticos inescusáveis, segundo Guerreiro Ramos	187	FRANCISCO GABRIEL HEIDEMANN
Guerreiro Ramos in the United States: his life through the lens of political exile	207	DIANA DE GROAT BROWN

Guerreiro Ramos's Intellectual Trajectory in the U.S. as Seen Through his Writing	231	MARIO BICK
--	-----	------------

DEPOIMENTOS

Um Discípulo de Guerreiro e Também um "Fora da horda"	255	CLOVIS BRIGAGÃO
Guerreiro Ramos e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)	264	MOEMA TOSCANO
Alberto Guerreiro Ramos na UFSC	272	FLÁVIO DA CRUZ

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Uma Trajetória Transdisciplinar: nota bibliográfica	279	EVANDRO OLIVEIRA DE BRITO ILKA BOAVENTURA LEITE LUIZA BRANDES DE AZEVEDO FERREIRA
--	-----	--

Dossiê: Guerreiro Ramos – Intérprete
do Brasil: número em homenagem ao
centenário de nascimento de Alberto
Guerreiro Ramos



Organizadores

Ilka Boaventura Leite
Amurabi Oliveira

Apresentação

Guerreiro Ramos: intérprete do Brasil

Ilka Boaventura Leite¹

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

E-mail: ilka.leite@ufsc.br

Amurabi Oliveira²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

E-mail: amurabi_cs@hotmail.com

Esse dossiê reúne um conjunto de trabalhos veiculados para o público acadêmico com a finalidade de homenagear o centenário de nascimento do pensador brasileiro Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982), que teve uma intensa vida intelectual e política no Brasil e no Exterior, ele faleceu em Los Angeles – Estados Unidos. No dia 11 de setembro de 2015 ocorreu no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) o Seminário “Guerreiro Ramos: intérprete do Brasil”³, organizado pelo Núcleo de Identidades e Relações Interétnicas (NUER).

Esta publicação visa trazer a um público mais amplo as discussões desenvolvidas nessa atividade, além de contribuir para o avanço dos estudos que se debruçam sobre a vida e a obra de Guerreiro Ramos na atualidade.

A data também foi lembrada por outras instituições como a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a Universidade Federal Fluminense (UFF) que promoveram, respectivamente, os seminários “Entre o Passado e o Futuro: pioneirismo e atualidade na obra de Alberto Guerreiro Ramos” e “Pensamento e Ação de um Guerreiro: a obra de Alberto G. Ramos e seu tempo (1915-2015)”. Sem embargo, o evento realizado na UFSC assumiu um tom especial na medida em que esta foi a última instituição na qual ele atuou no país, o que será objeto de

reflexão em alguns dos trabalhos aqui presentes. Também durante o evento ocorrido na UFSC anunciou-se a concessão do título de doutor *honoris causa post mortem* a Guerreiro Ramos, que significa, sobretudo, o reconhecimento por parte desta instituição da relevância dele para o campo intelectual brasileiro.

Considerando a amplitude e o tom polifônico que assume o vasto legado intelectual de Guerreiro Ramos, o evento buscou agregar pesquisadores de instituições e áreas do conhecimento e, neste presente dossiê, o leitor poderá acessar a abordagem multifacetada sobre esse pensador. A mobilização de autores brasileiros e estrangeiros em torno do trabalho de Guerreiro Ramos demonstra ainda o fôlego que seu trabalho teve de modo a impactar distintas áreas de conhecimento.

Os aspectos que, de modo geral, caracterizam a originalidade de seu olhar podem ser demarcados tanto pela sua proposta epistemológica quanto pela introdução de tal proposta no campo das Ciências Sociais aplicadas, na militância antirracista e mais especificamente no campo da administração pública e privada. A respeito dessa contribuição para as Ciências Sociais, é possível demarcar duas características fundamentais: a) a primeira consistiu na originalidade epistemológica de sua análise. Tratava-se de um método de investigação que invertia o foco das análises acerca dos estudos no campo das Ciências Sociais no Brasil, pois Guerreiro Ramos tomava como foco de análise os próprios métodos utilizados até então pelas Ciências Sociais; b) a segunda foi a proposição de uma nova ciência social, uma ciência social em ato ou em manga de camisas. Guerreiro Ramos considerava que tal atividade de investigação deveria estar caracterizada pela originalidade com que o pesquisador abordava seu problema de pesquisa. Essa originalidade consistiria na contribuição cada vez mais humana do pesquisador para com a sua pesquisa, ou seja, na medida em que o método seria resultado de uma contribuição original do pesquisador, também os sujeitos estudados (os objetivos) seriam tomados a partir de uma dimensão cada vez mais existencial. São essas duas características que, aplicadas principalmente à base weberiana assumida por Guerreiro Ramos, garantiriam, e ainda hoje garantem, a plausibilidade e a aplicabilidade de suas teorias às análises sociológicas, das organizações do setor público e privado.

Com relação a sua contribuição original para o estudo das relações raciais no Brasil, é possível destacar, pela produção intelectual de Ramos nos três âmbitos de atuação junto ao grupo do Teatro Experimental Negro (TEN), que ele foi: a) membro ativo do editorial do jornal Quilombo; b) coordenador do Instituto Nacional Negro (INN) – Departamento de Pesquisa criado pelo TEN; a) adaptador do sociodrama ou psicodrama para as experiências dos traumas decorrentes dos conflitos raciais. Importa também ressaltar o fato de que ele aplicou sua proposta metodológica de pesquisa em Ciências Sociais aos estudos da população negra do Brasil, e o resultado entrou para a história das Ciências Sociais brasileiras com o título de *Problema do Negro na Sociologia Brasileira*, publicado em seu livro *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*.

O dossiê aqui apresentado reúne grande parte dos trabalhos veiculados no seminário e demais trabalhos incorporados posteriormente. Para tanto, serão abordadas as várias dimensões teóricas, epistemológicas e temáticas da produção de Guerreiro, como a crítica e a sua escrita de vanguarda, tratadas por Raul Antelo, Ariston Azevedo e Renata O. Albernaz; as propostas no campo da educação e da militância, discutidas por Elisa Larkin Nascimento, Marcelo Tragtenberg, Amurabi Oliveira e João Carlos Nogueira; as abordagens da administração pública, contidas nos trabalhos de Sergio Boeira, André Koelke, Nadja Aires e Ilane Dias e nos trabalhos de Francisco G. Heidemann; a vida acadêmica nos Estados Unidos no período do exílio e em seu retorno, assunto tratado nos trabalhos de Diana Brown e Mario Bick. Na segunda e na terceira parte serão apresentados os depoimentos de alguns de seus ex-alunos e colegas: Clovis Brigagão, Moema Toscano e Flavio Cruz, de modo a reconstituir os diálogos travados em outros planos relacionais do autor. Completa-se esse dossiê com um ensaio biobibliográfico e um conjunto de fotografias para que sejam conhecidas as raras imagens do homenageado.

Durante o Seminário contamos com a colaboração dos coordenadores das mesas e sessões, também autores, e dos professores Ricardo Ventura e Ilse Scherer-Warren. Atuaram na equipe de organização os estudantes e pesquisadores do NUER Willian Luiz da Conceição, Larisse Pontes Gomes, Yasser Socarrás, Marino Leopoldo Sungo e Carolina

Becker Peçanha. Contamos também com o apoio da equipe do NAVI para realizar o registro fílmico do seminário.

Considerando que ainda há um grande desconhecimento sobre a obra do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos em Santa Catarina e no Brasil, acredita-se que este número temático da *Revista Ilha* contribuirá para a disseminação de suas ideias, para o seu reconhecimento e sua incorporação no panteão dos escritores brasileiros que contribuíram com pernitas reflexões sobre a cultura brasileira.

No caso de Guerreiro Ramos, seu exílio político e sua carreira nos Estados Unidos fizeram, em parte, que ocorresse a sua atual invisibilidade, portanto, acredita-se que o dossiê, além de uma merecida homenagem a esse ilustre autor, permitirá um aprofundamento de sua obra e a disseminará. A contribuição dos autores de renome nacional, dos ex-alunos e mais especificamente dos antropólogos norte-americanos, com seus trabalhos de avaliação do impacto de sua obra nas academias norte-americanas, trouxeram um elemento inédito ao que tem sido apresentado sobre esse autor em outros eventos e coletâneas realizadas no Brasil.

Notas

- ¹ Professora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuante em seu Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Pesquisadora do CNPq e coordenadora do NUER.
- ² Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), atuante em seu Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. Pesquisador do CNPq e do NUER.
- ³ Este evento foi realizado com o apoio dos Departamentos de Antropologia e Sociologia e Ciência Política da UFSC e foi financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa Científica e Tecnológica do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

Ensaaios Críticos, Vanguarda e Intelectualidade – Guerreiro Ramos, o não Contemporizador

Raul Antelo

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

E-mail: antelo@floripa.com.br

Resumo

Quais foram as circunstâncias históricas e os guias intelectuais que forneceram a Guerreiro Ramos tanto a força para sua crítica da política cultural quanto seus constantes apelos à ação? O propósito principal deste texto é situar as ideias de Guerreiro Ramos no contexto dos argumentos intelectuais de sua época. Tentamos iluminar a relação entre sua incipiente obsessão com o pensamento de Hegel e Nietzsche e seus trabalhos sociais derradeiros.

Palavras-chave: Biografia Intelectual. Política Cultural. Estado Novo.

Abstract

What were the historical circumstances and intellectual forerunners which provided the impulse for Guerreiro Ramos critique of cultural politics as well as his continued calls for social action? The main purpose of this text is to situate Guerreiro's ideas in the context of the intellectual arguments of the age. We try to illuminate the relationship between Guerreiro's early obsession with both Hegelian and Nietzschean thought and his later social writings.

Keywords: *Intellectual Biography. Cultural Politics. Vargas Era.*

Sou rebelde porque humano

(Guerreiro Ramos, 1937, p. 452)

Esta intervenção é um peculiar retorno ao passado e um devido acerto de contas. Em 1980, depois de muitos anos residindo nos Estados Unidos, sem nunca ter retornado ao Brasil, Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) aceitou a proposta de lecionar como professor visitante na Universidade Federal de Santa Catarina. Tinha 65 anos. Pouco antes disso, eu, com menos de 30 anos, descobri umas pioneiríssimas páginas de um até então desconhecido Guerreiro Ramos, escritas em 1941, que logo se incorporaram à minha tese de doutorado, *Literatura em revista* (1981) (Antelo, 1984)¹. Guerreiro não chegou a assumir o cargo. Faleceu de câncer pouco depois. Eu mesmo, contudo, tendo já defendido a tese, aceitava um cargo de professor visitante na UFSC em 1982. Como tal, como herdeiro de quem não foi, sinto-me hoje, aos 65 anos, na obrigação de prestar uma homenagem a esse pensador muito singular da cultura e do pensamento nacional, em particular.

Com efeito, com pouco mais de 20 anos, em agosto de 1937, Guerreiro Ramos publicou, nas páginas da revista católica *A Ordem*, editada por Alceu Amoroso Lima, um poema em prosa extremamente eloquente, em sintonia talvez indeliberada com as *Teses sobre Feuerbach*, de Marx, aquelas que pediam não mais interpretar o mundo, porém, transformá-lo. Murilo Mendes defendia, contemporaneamente, idêntica tese, a de que a premissa surrealista e bretoniana de “changerlavie” era a mesma que

São Paulo aplica ao cristão que deve deixar o homem velho – o homem formalista, o fariseu, que Rimbaud

justamente detestava – para se revestir do homem novo, que enxergava todas as coisas à luz de Cristo, e assim transformar a sua vida e a do seu próximo. (Mendes, 1937, p. 2)

Guerreiro Ramos, como Murilo, como Mário ou Bandeira, era profundamente marcado pelas ideias de um farol católico daquele tempo, Jacques Maritain, a quem conhecera pessoalmente em Salvador, um ano antes, numa escala da sua viagem ao congresso do PEN Clube, em Buenos Aires. Maritain envolveu-se, nesse congresso, num debate com Giuseppe Ungaretti, católico, porém, fascista. Qual era a posição de Maritain? Considerava, por exemplo, que

El mundo moderno, por malos caminos, ha buscado cosas que eran buenas; se ha emprendido así, durante tres o cuatro siglos, la búsqueda de valores humanos que es preciso salvar ahora mediante un retorno a la verdad más profunda, por medio de una refundición del humanismo clásico. El nuevo humanismo debe sobrepasar al individualismo, prestar atención a las masas, a su derecho al trabajo y a la vida del espíritu. Debe comportar la búsqueda de los valores sociales y de la justicia social, lo que falta en los clásicos de los siglos XVI, XVII y XVIII. (Maritain, 1937, p.133-134)

E, a seguir, Maritain (1937, p. 133-134) se posicionava a respeito da unidade da cultura europeia e ocidental, uma vez que

[...] debemos comprender que la cultura occidental, es decir, nuestra cultura común, común a Europa y América, está en trance de experimentar rupturas fundamentales. No digo que esta ruptura tiene lugar, ni que ella tendrá lugar; digo que amenaza con producirse. Para nuestro mundo occidental, el señor Toynbee, en su *Outline of History*, distingue dos civilizaciones, las que caracteriza por sus aspectos religiosos: la civilización greco-ortodoxa, que es actualmente objeto de las experiencias comunistas, y la civilización católico-protestante occidental de Europa y de América. Entre esta dos civilizaciones, por lo demás, pueden y deben existir estrechas relaciones; y yo considero a la primera como formando parte del mundo occidental; será deplorable abandonarla al Asia. ¡Perfectamente! Para volver a las clasificaciones del señor

Toynbee, si bien es verdad que las diversas formaciones culturales, aunque pertenecientes a otro mundo distinto de la religión, se distinguen las unas de las otras principalmente por los coeficientes religiosos, y ocurriría que la tradición cultural a base católico-protestante de occidente con las transformaciones y la secularización que le ha hecho experimentar la Revolución francesa, por ejemplo, y con todas las alteraciones que se quieran, se encuentra ahora – precisamente a fuerza de ser alterada – frente a formas fundamentalmente diferentes que, por mucho que ellas logran implantarse en la existencia conservando su diferencia específica, representarían como el resurgimiento de substancias de civilizaciones nuevas.

Os jovens leitores de *A Ordem*, dentre eles, Guerreiro Ramos, concordariam com essa leitura, simplesmente porque

O que uma parte de minha geração deve, sobretudo, a Maritain é a redescoberta da pessoa humana, este delicado universo, diante do qual, segundo ele, o próprio Deus se detém, respeitoso. Muitos de nós, hoje, estão desgarrados da linha neo-tomista. Contudo para dar testemunho da presença do mestre de Meudon, basta depôr, tão somente, que, ao delinear o caminho da cidade pluralista, nos salvou da tentação do exclusivismo político e, ao afirmar o primado dos valores espirituais, preveniu-nos contra o perigo da perdição do espírito nas místicas do ressentimento. (Guerreiro Ramos, 1946j, p.145)

Aceitando essa ponderação, vejamos, portanto, esse texto *voyou* do jovem Guerreiro Ramos nas páginas da revista de Tristão:

Afirmar-se é arriscar-se. E, ao jovem novo, incumbe o papel de afirmar-se, de comprometer-se no que diz e no que escreve. Quando nós atacamos a moral burguesa, a cultura burguesa, todos os vícios, em suma, da civilização contemporânea estamos bem certos de que provocamos a reação daqueles que representam o que combatemos. Mas nem por isso a ação do intelectual novo deve parar. Por isso mesmo é que devemos continuar a ferir e a visar a civilização moderna, num combate de todos os dias, arriscando-nos, pondo-nos em perigo.

O divorcio entre o dizer e o escrever característico do intelectual burguês é uma covardia, é uma demissão do

homem, revela a falencia da personalidade. A pessoa é, sobretudo, aventureira. O seu clima é o perigo. Nós vivemos cercados de perigo de todos os lados. E, por isso, temos gosto de viver. Por toda parte a indignidade humana atesta a sua presença. Mas a decomposição de todos os valores humanos e eternos que se observa neste mundo moderno nós temos de opor uma pureza de atitudes e uma inocência de coração absolutas. Não é, de nenhum modo, desprovido de significação que, sendo este século o mais esquecido de Deus e das verdades eternas, tenha sido ele o mundo que viu um Léon Bloy, exemplo admirável de abnegação de si mesmo, de acordo entre o pensar e o agir, de exaltado amor pela Igreja, que viveu miseravelmente na mais difícil das pobreza e cuja vida ficou, para nós, constituindo uma lição viva de heroicidade, um Péguy, um Rivière, um Psichari. É deles que nos vem a lição do heroísmo.

Sim. Para viver uma vida total, nas condições atuais da civilização, o homem tem de ser um herói. Na rua, na família, em nossas relações com o próximo é necessário o heroísmo ao homem que se quer conservar fiel a seu Deus e a si mesmo. É preciso ter coragem para que subordinemos, em nós, o indivíduo à pessoa.

Precisamente o momento que atravessamos é dos mais trágicos de todos os tempos. Nós somos os últimos abencerragens de um mundo que agoniza. A geração atual é profundamente trabalhada pela inquietude. Nós somos uma geração de monstros. Os erros de um mundo pesam dentro de nós, tornando-nos seres complexos, difíceis, incompreensíveis, incoerentes. Somos uma geração de filhos contra pais, de discípulos contra mestres, de leigos contra clérigos, estamos contra a moral, contra a família burguesa. Contra todos os valores do mundo contemporâneo estão nossas existências. E só nos pode distinguir esta atitude mais do que nunca inadiável – a revolta espiritual. Isto é, a luta contra a petrificação, a desmoralização dos mitos modernos. (Guerreiro Ramos, 1937, p. 165-166)

A posição de Guerreiro Ramos é atravessada por um profundo desengano, o mesmo, aliás, que se encontra também em Nietzsche ou Rimbaud, mas caracteriza-se também por um dilaceramento, *o drama de ser dois*, para retomarmos o título de seu livro de estreia.

O homem moderno é um ser profundamente desgraçado. E quando ele, um dia, sente que o seu dinamismo é vão, um grande vazio aparece em sua alma. E é quando só o revolver ou o veneno resolve a questão de um destino irrealizado, violado, pela febre do TER. Eu penso que os suicídios que se multiplicam diariamente são causados por esse vazio imenso que o homem moderno encontra dentro de si. Almas vazias, almas mediocres, quem quer que tenha o senso agudo de sua pessoa ha de constatar diante do homem moderno a impossibilidade da COMUNHÃO.

É este fato que torna tragicas as existencias dos homens pessoais. É por isso que todos os genios do seculo XIX foram, como observa Denis de Rougemont, genios negativos, anarquicos, estiveram contra a ordem: Kirkegaard, Rimbaud, Schopenhauer, Baudelaire, Dostoiewski, Nietzsche². Eles encarnam a recusa, o grande NÃO ao conformismo. É necessario que digamos NÃO a todos os assentimentos do mundo moderno. É preciso assumir uma atitude de destruição e de inconformismo diante da ossificação da vida. É preciso tornar a vida incandescente. Violentar o proximo, primeiro, ensinando-lhe a descobrir-se como pessoa, a dar um sentido á sua vida subtraindo-se do poder dos mitos modernos.

Nada mais urgente do que esta missão “revolucionaria”. Nós cristãos nos afirmamos contra todos os fascismos, contra o comunismo, contra o liberalismo que preconizam um mesmo reformismo institucional pelo qual na base de toda mudança de civilização está uma mudança de regime e não do homem. Eles todos são conformistas, filhos legitimos da filosofia burgueza, do mundo moderno. Nós nos afirmamos pela revolução personalista radical, inteiramente nova e sem taras que visa levar a revolução dentro do proprio homem para dele partir para a mudança dos aparelhos coletivos destinados a servi-lo. O homem é a medida de tudo.

No principio de tudo está o VERBO. E o VERBO é Deus. E, por Deus, proclamamos um NÃO diante de todas as mentiras erigidas em verdades, que informam a civilização contemporanea. (Guerreiro Ramos, 1937, p. 168-169)

Dois anos mais tarde, Guerreiro Ramos completaria a ideia em chave existencialista:

O homem moderno tem a alma cheia de grampos que o impedem de ser o que é essencialmente. O homem contemporâneo não consente em ser. Aí está a razão de toda a sua angústia. Aí está porque toda literatura contemporânea, em resumo, reflete a ânsia de encontrar um sentido novo para a existência. A deshumanização invadiu todos os setores da atividade humana. (Guerreiro Ramos, 1939, p. 102)

Qual seria o perfil desse jovem baiano que chegava às páginas de *A Ordem*? De discreta militância integralista, cujos ecos perduram ainda nos anos de 1950, quando lê *Teoria y sistema de las formas políticas*, do jurista espanhol Francisco Javier Conde, Guerreiro Ramos orientava-se pelo personalismo comunitário de Emmanuel Mounier, o diretor da revista *Esprit*, e não deve nos surpreender nele que a noção de experiência não se esgote numa simples sensibilidade poética renovada. Guerreiro Ramos começou a elaborar, nesses textos de juventude, a categoria de sujeito epistêmico, como um ser de recusa capaz de conciliar, no entanto, o pensamento e a ação, a existência e o cálculo. Dessa diferenciação provém outra, não só relevante, porém, muito solitária, naquele momento, que se tornou a distinção entre o *verdadeiro intelectual* e o *intelectual ilustrado* ou *livresco* (Guerreiro Ramos, 1941c), que mais adiante se configuraria como a diferença crucial entre a *sociologia em hábito* e a *sociologia em ato*, algo que, tendo-o enfrentado a Florestan Fernandes, isto é, polarizando o ISEB contra a sociologia uspiana, atingiria forma definitiva em *A redução sociológica*, quando Guerreiro argumenta que, nos países periféricos, a redução sociológica só aconteceria com aqueles que tivessem adotado uma posição de engajamento ou de compromisso consciente com o contexto ou, em outras palavras, com aqueles capazes de dizerem *Não*.

Essa atitude influenciou ainda os novos da década de 1950. Quando, por ocasião do congresso de Assis, em 1961, Laís Correa de Araújo entrevistou Haroldo de Campos, este declara:

Realmente, acredito que a poesia brasileira (como a arquitetura) esteja em fase de exportação de idéias, em amplo processo de descolonização mental, que já se insinuava desde 22. Ao invés de uma defasagem de uma ou algumas décadas em nossos movimentos literários, já

se é possível cogitar de uma vanguarda (como é o caso da poesia concreta) que o é também para o consumo internacional. Como adverte Guerreiro Ramos (*A Redução Sociológica*, 1958) forma-se, em dadas circunstâncias, uma ‘consciência crítica’, que já não mais se satisfaz com a *importação* de objetos culturais acabados’, mas cuida de produzir outros objetos nas formas e com as funções adequadas às novas exigências históricas”, produção que não é apenas de ‘coisas’, mas também de *idéias*. Esse processo é verificável no campo artístico, onde, por exemplo, a poesia concreta operou uma verdadeira ‘redução estética’, com relação às contribuições de determinados autores que, fundamentalmente, elaboravam a linguagem do tempo, totalizando-as e transformando-as sob condições brasileiras, no mesmo sentido em que Guerreiro Ramos fala de uma ‘redução tecnológica’, na qual ‘se registra a compreensão e o domínio do processo de elaboração de um objeto, que permitem uma utilização ativa e criadora da experiência técnica estrangeira’. Daí à exportação o passo é imediato. (II Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária, 1963)

A conclusão de Haroldo configurou a hipótese por ele usada para ler a poesia de Oswald de Andrade em “Uma poética da radicalidade”, seu prefácio à *Poesia Pau Brasil*, de 1966 (Estado de Minas, Belo Horizonte, 13 ago. 1961). Ou seja, que a atitude de redução poética não é sem consequências no debate crítico brasileiro. Mas para nós é particularmente relevante destacar que Guerreiro Ramos elaborou essa transformação de paradigma pela primeira vez numa pequena série de textos escritos para a revista *Cultura Política*, editada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda de Vargas, em que, também pela primeira vez no Brasil, ele decidiu abordar o problema do estudo da *literatura latino-americana*³. Seu *parti pris* era o de que “[...] o Brasil não se pode dissociar do continente americano [...]” (Guerreiro Ramos, 1941a, p. 275) e, assim como para os tradicionalistas era imperioso conservar-se à distância da política, para os novos, como ele, no entanto, impunha-se fazer a literatura colaborar com a política, numa obra de construção social (Guerreiro Ramos, 1941e, p. 399), alastrando, em outras palavras, a tomada de consciência política e afiançando enfim a identidade nacional.

Guerreiro Ramos contou com vários subsídios para seu empreendimento: a obra de Pedro Henríquez Ureña, *Ángel Rosenblat*⁴, Moisés Sáenz⁵, Franz Boas, José Vasconcelos, Haya de la Torre, Rodrigo González Chavez⁶, Ricardo Rojas, Antenor Orrego⁷, Luis Aguilar (Guerreiro Ramos, 1941d, p. 299). Mas uma das fontes mais profícuas, para tanto, foi um autor então quase completamente desconhecido no Brasil: José Carlos Mariátegui⁸. Recordar-se que, logo no início do último dos *Sete ensaios de interpretação da realidade peruana*, Mariátegui (1972, p. 229) definia-se em função de uma vontade afirmativa, já que seu temperamento era construtivo, e nada havia, a seu ver, de mais antitético que o boêmio puramente iconoclasta e dissolvente; daí que a sua missão diante do passado só pudesse ser a de votar contra, dizer Não. Num plano geral, Mariátegui (1972, p. 234) entendia que a emergência das literaturas nacionais coincidia, no Ocidente, com a afirmação política da ideia do nacional, integrando um movimento que, por meio da Reforma e do Renascimento, criou os fatores ideológicos e espirituais da revolução liberal e de ordem capitalista, do que concluía que o caráter nacional de uma literatura era, portanto, “[...] um fenômeno da mais pura tradição política, estranho à concepção estética da arte”. Não sendo temporal, a definição da nação também não era uma materialidade concreta, porém, uma construção de linguagem, “[...] uma alegoria, um mito, que não corresponde a uma realidade constante e precisa, cientificamente determinável” (Mariátegui, 1972, p. 235). Definindo então a literatura peruana pelo seu caráter de *exceção*⁹, Mariátegui preferiu não sistematizar seu estudo conforme a classificação marxista, em literatura feudal ou aristocrática, burguesa e proletária. Inclinou-se, porém, por um sistema de crítica e de história artística, que lhe garantisse a autonomia artística e, nesse sentido, entendia-o como um método de explicação e de ordenação.

Uma teoria moderna – literária, não-sociológica – sobre o processo normal da literatura de um povo distingue nele três períodos: um período colonial, um período cosmopolita, um período nacional. Durante o primeiro período, um povo, literalmente, não é senão uma colônia, uma dependência de outro. Durante o segundo período, assimilam simultaneamente elementos de diversas literaturas estrangeiras. No terceiro, sua própria

personalidade e seu próprio sentimento alcançam uma expressão bem modulada. (Mariátegui, 1972, p. 239)

A escolha de Mariátegui coincidia *ipsis litteris* com a que, no Brasil, formulara Mário de Andrade, daí que não surpreenda a Guerreiro Ramos (1941d, p. 299) reconhecer que

Lendo, há dias, um agudo ensaio de Mário de Andrade sobre a música no Brasil¹⁰, lá encontrei, aplicada àquela arte, uma observação que sempre nos norteia nos estudos sobre a formação literária nacional em que estamos trabalhando. Diz o escritor paulista que a música brasileira, aliás como toda a música americana, tem um drama particular que é preciso compreender para compreendê-la. Ela não teve [...] essa felicidade que tiveram as mais antigas escolas musicais européias, bem como as músicas das grandes civilizações asiáticas, de um desenvolvimento por assim dizer inconsciente, ou pelo menos, mais livre de preocupações quanto à sua afirmação nacional e social. Fenômenos, aliás, que se observa “com freqüência nas civilizações de empréstimo, mais ou menos desenvolvidas artificialmente e à força, como é o caso de nossas civilizações americanas”.

Guerreiro Ramos não rompe, como se vê, com a tradição da autonomia. De fato, na segunda contribuição da série, em junho de 1941, apoiado em *The story of american literature* (1939), obra de um crítico judeu-americano, Ludwig Lewinsohn, tradutor, entre outros de *A arte e o artista* de Otto Rank, Guerreiro Ramos definia uma obra literária como autenticamente nacional, só quando ela atendessem determinadas características que tinham como meta o aparecimento do herói criador, algo que, estando em Maritain, passou para vários de seus leitores brasileiros. Baste pensar na diferenciação entre artista e artesão que alimenta um famoso ensaio de Mário de Andrade. Por isso mesmo, Guerreiro Ramos (1941b, p. 247) nos propõe um corpus reconfigurado:

I) A literatura dos espanhóis na América e dos cronistas portugueses, no caso do Brasil, só nos interessa como documento puramente histórico. Procurando-se na literatura o espírito da cultura, (no sentido germânico do vocábulo), as obras dos autores espanhóis e portugueses

da conquista e da colônia pertencem literalmente aos países de origem. Assim, um Gonzalo Jimenez de Quesada é menos um escritor colombiano do que espanhol¹¹. Na vida colombiana é um mero acidente. Se o seu navio tivesse dado nas costas da China e lá escrevesse um livro, não deveria ser considerado, por isso, escritor chinês.

II) A literatura dos escritores nacionais que assimilaram o espírito da metrópole é alguma coisa falsa, híbrida, que, muitas vezes, trói a nossa realidade em vez de representar um esforço para exprimi-la. Tal literatura é pura virtuosidade, um sofisma.

III) As literaturas nacionais começam com o aparecimento do espírito criador, dos homens que escreveram por vocação e que se ligaram à terra, não só pela inteligência, mas sobretudo, pelo sangue, pela “paixão”.

Por outro lado, Guerreiro Ramos questionava a periodização evolutiva e positiva, na medida em que colocava em crise a noção de progresso, dado central de todo pensamento acerca do contemporâneo. Já no primeiro artigo da série latino-americana, Guerreiro Ramos adota uma categorização que, levando em conta a relação entre campo literário e instituição política de uma nação, preferia, como Nelson Werneck Sodré, seu colega, aliás, nas páginas de *Cultura Política* e, mais tarde, no ISEB, ver o processo por meio do conceito de *etapa*. Atravessar-se-ia, assim, a *etapa colonial*, cujas principais contribuições encontravam-se na forma do sermão, a crônica e a elegia; depois, a *etapa romântica*, cuja importância não era bem estética, “[...] mas também política e até filosófica, sob cuja influência as nacionalidades americanas tomaram consciência de si mesmas e começou, em literatura, a experiência afetiva da terra [...]”; e, por último, a *etapa contemporânea*, definindo para a América “[...] suas formas genuínas para dizer-se”. Veja-se que esse esquema tripartite permanecerá ainda válido nos anos de 1970, quando Antonio Candido periodize as relações entre literatura e subdesenvolvimento também em três etapas, a da consciência amena do atraso, a da consciência dilacerada de subdesenvolvimento e a do ultrapassamento dessas determinações, isto é, a da autêntica e singular autonomia. Mesmo assim, é possível destacar que, conquanto avalie positivamente a obra de Sarmiento, por exemplo, Guerreiro Ramos é

muito crítico da famosa dicotomia civilização *versus* barbárie e defende, no entanto, certa compreensão da *raça cósmica* (Vasconcelos), que é a forma por ele encontrada então para exprimir a problemática do negro no Brasil.

Civilização e barbárie são julgamentos de valor que repugnam aos sociólogos modernos, e é cada vez mais empolgante a idéia de que a cada sociedade humana corresponde um ciclo cultural com suas leis e ritmos de evolução próprios. Isto quer dizer que à proporção que a sociologia caminha para um estado de ciência objetiva e não conjectural, o critério ocidentalizante de civilização se desmoraliza. É ainda este preconceito da superioridade do Ocidente que se percebe no sistema de Vierkandt que divide os povos em três grandes grupos: *Naturvölker* ou primitivos, *Kalbkulturvölker* ou semicivilizados e *Kulturvölker* ou civilizados, incluindo entre estes, apenas os europeus ocidentais e os gregos antigos, ao passo que um Toynbee, refletindo já a nova metodologia reconhece, no mundo atual, cinco civilizações vivas: a chinesa e extremo-oriental, a hindú, a islâmica, a ocidental e a ortodoxa ou grego-russa. Neste último, si bem que mais historiador do que sociólogo, está implícito o postulado da escola “ciclo-cultural” ou “histórico-geográfica” (Biasutti) de que não há uma diferença de *gráu* entre as civilizações e sim de espécie. Creio que foi este novo estado de espírito científico que tornou possível a renovação dos processos de estudos sobre a formação americana. Na América Espanhola, o indologia [sic] tão importante para a compreensão da Colônia, se desenvolveu sob esta atmosfera. E hoje o problema do indígena está sendo colocado de maneira racional e objetiva e não romântica, como até bem pouco. Dir-se-ia mesmo que o índio não constituía um problema. Ela era quando muito, um tema de literatura, de sentimentalismo ou patriotadas inconsequentes. (Guerreiro Ramos, 1941d, p. 301)

Cabe salientar, portanto, que Guerreiro Ramos, crítico agudo, como Mariátegui, das posições democrático-liberais, suspeitava já de certo caráter evolutivo na noção de *processo* e, em compensação, sugeria o conceito muito mais agudo de *cena*. Com ele emergia a noção de força (e não de forma ideal) e, portanto, de antagonismo, que ele capta na teoria psicodramática de Jacob Levy Moreno, teoria da cena

que, reconfigurada pela psicanálise lacaniana, se tornaria mais tarde uma peça central nos trabalhos sobre emancipação de Laclau e Mouffe. Com efeito, o discurso colonial configura, a seu ver, um teatro de representações discordantes, que levam em consideração a divisão da própria subjetividade.

Pois bem, do ponto de vista sociológico, a formação e o processo das culturas americanas têm sido dramáticos, nisto que representam a luta de duas correntes psíquicas, nem sempre complementares, como quer Antenor Orrego, mas antagônicas. Trata-se de um conflito de valores de cultura. Os dois personagens do drama americano são os valores *autóctones* (constituído pelo repertório de idéias, noções, conceitos e habilidades técnicas do índio e do mestiço de sangue indígena) e os *valores coloniais* que são os mesmos europeus adaptados às contingências americanas. A dinâmica de nossas civilizações consiste nas desencontradas manifestações de duas mentalidades que coexistem nelas. Sociologicamente, a Colônia ainda não terminou. A mentalidade dos povos americanos ainda é tipicamente colonial. (Guerreiro Ramos, 1941d, p. 299)¹².

Ora, o colonialismo não é, portanto, apenas uma “fase histórica”, com início e fim, mas, “[...] um estado de fato psico-social, um verdadeiro complexo coletivo que consiste na consciência de uma inferioridade diante do estrangeiro” (Guerreiro Ramos, 1941d, p. 300). Daí que Guerreiro Ramos sustente, por exemplo, uma diferença de natureza entre movimentos semelhantes, na Europa e na América.

Mas o romantismo americano não é uma simples *reflexão* do seu símile europeu, como já assinalou um crítico brasileiro, Tasso da Silveira. É antes uma *refração*. Enquanto o romantismo europeu permanece, sobretudo, nos domínios da estética, o nosso ultrapassa o plano da arte, da literatura, em particular, e adquire um caráter político. É verdade que um Carl Schmitt revelou um romantismo político, na Europa, mas este se desenvolveu num plano distinto do da literatura. Na América do século XIX, as fronteiras entre o político e o literário são menos precisas e um condutor de povos, como Bolívar, é também um professor de idéias, um poeta como Echeverría é também um preconizador da *Asociación de Mayo* e escreve

um livro que se chama *Dogma Socialista* e, ainda, um Sarmiento pretende derrubar um regime, não somente com armas, mas com o *Facundo*. (Guerreiro Ramos, 1941d, p. 280-281).

Apoiado, portanto, em *O problema nacional brasileiro*, de Alberto Torres¹³, Guerreiro entende então ser errado o pressuposto do desaparecimento do colonialismo, tanto no Brasil quanto nos outros países da América, pelo simples trânsito formal à república. O problema, como analisaria, aliás, Homi Bhabha muito depois, é o mimetismo¹⁴.

Se em literatura, por exemplo, o que caracteriza a Colônia é o formalismo [...], ou na frase de um arguto ensaísta paraguaio, o *mimetismo intelectual*¹⁵, o culto da forma cristalizada de uma cultura que não é a nossa, tal tendência continua muito forte e presente em nosso temperamento para ser negligenciada. Ainda sofremos daquela vergonha de ser que levava os americanos de nossos primeiros séculos a se esconderem nas tocas de sua alma. O granfino de nossas capitais é o legítimo símile dos botocudos basbaques diante do estranho europeu que lhe desbrenhava as matas. Somos muito postiços para pretender uma autonomia intelectual. Convém avisar, aliás, que as considerações acima não significam nenhum derrotismo de nossa parte. Estamos simplesmente constatando um fato. Até porque tomar consciência de um defeito é principiar a removê-lo. O forte movimento que se observa na América no sentido de procurar suas próprias tradições e seus próprios caminhos está a exigir dos seus pensadores uma revisão de todos os quadros de vida. Cabe às gerações atuais uma tarefa de criação. Uma nacionalidade é um trabalho de criação. Quase poderíamos dizer que, na América, as nações existem em estado de direito e não em estado de fato, uma vez que à nossa independência histórica não corresponde uma independência psico-social, por assim dizer. (Guerreiro Ramos, 1941d, p. 300)¹⁶

Mas como avaliar esse fator psicossocial? Diga-se, de início que a sensibilidade de Guerreiro Ramos com relação à história traduz-se, a rigor, como uma questão poética, vinculada ao modo de refazer a experiência (Guerreiro Ramos, 1946b)¹⁷.

O ofício da poesia exige a recuperação dos dons perdidos, daqueles primitivos dons que no animal estão intactos e também nos personagens bíblicos que comerciavam, sem espanto, com os anjos. (Guerreiro Ramos, 1946i)

Não em vão, Guerreiro recolhe uma confiança de Rilke a uma amiga, que não só ilumina a gênese das *Elegias de Duíno*, então traduzidas por Dora Ferreira da Silva, mas poder-se-ia pensar até que elas explicam a lógica do próprio método crítico de Guerreiro.

Certa vez, diante de uma vetusta oliveira, em Duino, [Rilke] teve a impressão de ter ‘transposto o umbral’, ‘de encontrar-se em uma outra existência e de que tudo o que ali tinha uma vez vivido, uma vez amado, uma vez sofrido retornava, rodeava-o, apertava-se contra ele, queria de novo pertencer-lhe, queria reviver nele sofrer de novo e amar ainda... O tempo, abolido subitamente, não lhe permitiu mais distinguir o passado reaparecido, do presente vago e sinistro. Alegrias mortas, dores antigas queriam renascer, dar-se-lhe, a atmosfera inteira parecia respirar uma outra vida desconhecida, não obstante familiar, e da qual ele mesmo fazia parte. (Guerreiro Ramos, 1946e)

A ideia relaciona-se com o conceito de *morte própria* que, a partir de Rilke, será desenvolvido por Heidegger, e que se opõe à morte em massa, a que se praticava então nos campos, assunto que, contemporaneamente, ocupava também filósofos como Walter Benjamin (1985, p. 222-232) ou Carlos Astrada (1940)¹⁸. E, em última instância, ela prepara as considerações biopolíticas de Agamben (2013) em *O aberto*. A propósito, em seu ensaio sobre a arqueologia da glória, Agamben resgata um estudo de Furio Jesi, dedicado às *Elegias de Duíno*, precisamente, em que Jesi aventava a hipótese de que esse retorno à elegia prova a mais absoluta ausência de conteúdo celebratório da história e, em consequência, da poesia moderna e, assim sendo, o que define esse retorno seria a existência de uma máquina antropológico-política, girando no vácuo e solicitando àqueles a que se lhes aplica a mais absoluta servidão voluntária¹⁹. Foi Rilke, portanto, quem, entre outros, permitiu a Guerreiro chegar a uma crítica da racionalização extensiva²⁰. Mas é profundamente sintomático também que tenha sido seu exame

da literatura latino-americana, como processo tragicamente civilizatório, o que, em última análise, lhe facultou chegar a um diagnóstico social da arte moderna. Em outras palavras, não é a modernidade que lhe permitiu a Guerreiro entender a América Latina, mas, ao contrário, foi a América Latina, como cultura heterogênea, que lhe abriu a possibilidade de formular uma leitura antropológico-política da cultura ocidental moderna.

É fácil compreender que numa sociedade primitiva o gosto de cada pessoa é idêntico ao de qualquer outra. Em nossa sociedade industrial, porém, ele se multiplica em formas variadas, em virtude de sua heterogeneidade. Essa heterogeneidade é resultante da justaposição de sobrevivências como também da própria variedade de perspectivas dos grupos atuais, pois sabe-se, hoje, que o pensamento não é uma cópia neutra, mas uma deformação das coisas. A arte está, como a política, matizada de nuances ideológicas.

O conflito das vivências estéticas se torna ainda mais agravado pelo fenômeno que se poderia chamar de *purificação* da arte. A música pura, a pintura pura e outras expressões semelhantes têm sido *slogans* de correntes que pretendem eliminar o elemento passional da obra de arte e converter o *trabalho*, a técnica, na própria operação artística. Há dias vimos um poeta brasileiro (João Cabral de Melo Neto) exprimir desassombradamente este ponto de vista, com uma clareza poucas vezes excedida (Guerreiro Ramos, 1946g)²¹.

Por esse motivo, a leitura de Guerreiro Ramos não é redentora, no sentido em que a arte, numa perspectiva de restauração ou redenção, suspenderia o tempo histórico e postularia, no extremo, o tempo messiânico. Guerreiro, porém, inclina-se por uma racionalização desalienadora²², crítica da ideologia, inspirada em “Nietzsche, com as suas indicações sobre o ressentimento e a moral cristã, Pareto, com sua teoria das ações sociais, Sorel, Karl Marx e Engels, Durkheim, Levy-Brühl, Max Weber, Max Scheler, Freud, Sorokin²³ e Karl Mannheim” (Guerreiro Ramos, 1946d). Guerreiro Ramos ainda cita os trabalhos de “Erich Fromm sobre a doutrina de Freud e sua correspondência com a sociedade burguesa; o de N. Pastore²⁴, sobre a influência das tendências políticas sobre a consideração da controvérsia *nature – nurture*, o de William F. Fontaine²⁵, sobre a ‘determinação social das obras dos

professores de cor' (vide *Sociology of Knowledge*, Robert K. Merton)". Teve acesso pioneiro a um clássico como *The Sociology of Literary Taste* de Levin Schücking. Lia, sistematicamente, a *Revista de Ocidente* de Ortega y Gasset e conhecia, mesmo nos anos de 1940, a *História da Sociologia* de Francisco Ayala, *A cultura do Renascimento na Itália* de Jacob Burchhardt, ouos clássicos de Carl Schmitt ou Oswald Spengler, bem como ensaios de Margaret Mead, Georges Canguilhem, Ernst Cassirer, Celso Furtado, Lewis Morgan, George Peter Murdock ou Caio Prado Jr. De modo tal, concluiríamos, que a abordagem de Guerreiro Ramos passa a atender agora, findo já o Estado Novo, e quando, a rigor, começa a contemporaneidade, com o fim da guerra, a uma normalização institucional pautada pelo inclusionismo comunitário e consumista, uma vez que

Toda planificação ideológica conduz necessariamente ao fascismo, ao esmagamento de um grupo por outro, à prática de expurgos e às sangrias sociais, à extrapolação violenta do organismo social. É como antídoto a esta índole ideológica que é oportuno difundir a mentalidade sociológica, verdadeira terapêutica de *desfreudização* do comportamento social. (Guerreiro Ramos, 1946d)

A inexistência de redenção e a heterogeneidade cultural levam assim Guerreiro Ramos a afirmar que existem diversos tipos de público: em primeiro lugar, os entendidos; a seguir, os filisteus, que se entusiasma com a arte moderna sem, entretanto, entendê-la ("o filistino é um hipócrita que tem horror de não passar por moderno"); em terceiro lugar, o público marginal, que busca compreender a arte por meio da reeducação estética; e, por último, o público antimodernista, que não só não compreende como até mesmo nega a autenticidade da arte moderna (Guerreiro Ramos, 1946g). Contudo, essa heterogeneidade, na medida em que se *desfreudiza*, perde sua dimensão antagônica e crítica; abdica assim do político, que, a diferença da política, está atravessado por um incontornável caráter conflitivo. Toda redução sociológica a uma política de consensos, integrada a um corpo definitivo de valores, práticas e decisões determinadas, aliás não muito diversa, repare-se, da que um amigo de adolescência de Guerreiro, o crítico Afrânio Coutinho, difunde, na mesma época, com a incorporação do *close reading* e da *tradição afortunada*²⁶, passa a ser, em última análise, um

esquecimento do caráter antagônico, para o qual, em 1937, Guerreiro Ramos encontrara porém uma linguagem contundente: *Não*.

Há um poema pouco posterior, e muito muriliano, que nos dá a dimensão do pensador Guerreiro Ramos (1936, p. 83), condenado a uma lacuna que, às vezes, interpretamos como punição e outras, porém, como refúgio:

Não tenho grei.
O' meu pai e minha mãe,
O' meu irmão e minha irmã,
O' meus amigos,
Que há de comum entre nós?
Não tenho grei.
No meio de vós estou sozinho.
Até às profundidades de minha alma não ousareis chegar
Porque a aventura é tremenda!
Permaneço sozinho diante do Eterno.
Não nos inquieteis com os meus silêncios.
Não vos inquieteis com as minhas fugas inesperadas.
Estou perdido no meio de vós.
Guardei em mim uma paisagem longínqua,
A paisagem da pátria inenarrável
Cujas memórias perdestes na peregrinação pelo pecado.
De lá vim rolando no tempo através de muitas gerações.
Sinto o peso de toda a tristeza do mundo.
Da tristeza de todas as épocas.
Embalde me procurareis decifrar.
O' meu pai e minha mãe,
O' meu irmão e minha irmã,
O' meus amigos,
Não sois os da minha grei.
Embalde procurareis seguir-me a róta.
Não contemporisarei convosco.
Vim para dar testemunho.
Vim para vociferar.
Não me julgueis segundo as vossas limitações!

Notas

- ¹ Para acompanhar a produção de Guerreiro Ramos nos inícios da carreira, ver, por exemplo, estas obras dele: *Introdução à cultura* (1939); *O 'survey' social* (1946); *O processo artístico de Rilke* (1946); *A revolução copernicana da sociologia* (1946); *A ciência da conduta política* (1946); *Notas sociológicas sobre a arte moderna* (1946); *A Instituição da Liberdade* (1947). Sobre o autor, ver Oliveira (1995).
- ² Deve se referir a *Penseraveclesmains* (1936) e ao *Journal d'unintellectuelen chômeage* (1937).
- ³ “Numa revista de cultura política, como esta, que quer ser uma pesquisa incessante das linhas mestras da nação em todos os setores da cultura e um esforço de penetração em busca do sentido de nossas tradições, que quer, através dos seus quadros, *espelhar* a vida do país, nos diz a primeira colaboração, seria uma lacuna a ausência de uma seção sobre a literatura latino-americana, um dos aspectos da atividade intelectual por onde é mais fácil o acesso à intimidade dos países irmãos.” (Guerreiro Ramos, 1941a, p. 275). Na mesma ocasião, esclareceu que “[...] nas futuras crônicas deste lugar, será sempre considerado que *o Brasil não se pode dissociar do continente americano*, que exploraremos os planos da literatura latino-americana, ora apresentando uma visão de conjunto sobre um período, uma época, ora estudando, especialmente, personalidades cujas obras sejam portadoras da teluricidade, da nota continental que nos interessa. Ser-nos-á fácil, numa espécie de método comparado, *aproximar a evolução literária americana da formação nacional* e encontrar, em uma e outra, pontos de contato que revelem uma semelhança de fisionomia histórica e social [...] Muito de nosso interesse [...] será dirigido para os atuais poetas, romancistas, novelistas, sociólogos e filósofos que, como no Brasil, estão *dando às literaturas de seus países uma individualidade, enriquecendo-as de obras de ambiência genuinamente nacionais*.” (Guerreiro Ramos, 1941a, p. 275).
- ⁴ Emigrante, ainda criança, na Argentina, Rosenblat foi discípulo de Henríquez Ureña. Guerreiro devia conhecer sua edição do *Amadís de Gaula*.
- ⁵ Político mexicano; organizou o primeiro congresso indo-americano.
- ⁶ Trata-se do folclorista equatoriano Rodrigo Chávez González, defensor das ideias de Vasconcelos.
- ⁷ Dele, Guerreiro deve ter lido *El Pueblo Continente*. Ensayos para una interpretación de América Latina. Santiago de Chile, Ercilla, 1939.
- ⁸ Para não dizer que a ausência é completa, conste que o *Boletín Titikaka*, editado em Puno, entre 1926 e 1930, pelos irmãos Arturo (1898-1969), que assinava Gamaliel Churata, e Alejandro Peralta Miranda (1899-1973), chegou a resenhar a obra de Mário de Andrade, quem por sinal conservou em sua biblioteca o último número da publicação, uma homenagem a Mariátegui.
- ⁹ É o conceito chave da biopolítica contemporânea. A exceção não é simples exclusão, porém, é um valor que se relaciona com a norma na forma de uma ausência de aplicação, de tal sorte que o estado de exceção não é o que antecede a ordem, mas a situação decorrente da suspensão da lei. Logo no início de *Homo sacer*, Agamben nos diz que “La biopolítica è, in questo senso, antica almeno quanto l’eccezione sovrana. Mettendo la vita biologica al centro dei suoi calcoli, lo Stato moderno non fa, allora, che riportare alla luce il vincolo segreto che unisce il potere alla nuda vita, riannodando così (secondo una tenace corrispondenza fra moderno e arcaico che è dato riscontrare negli ambiti più diversi) col più immemorabile degli *arcana imperii*”. (Agamben, 1995, p. 9)

- ¹⁰ Refere-se, certamente, à “Evolução social da música brasileira” (1939), mais tarde incorporado a *Aspectos da música brasileira* mas que, em 1941, saiu num caderno pela editora Guaíra de Curitiba, com ilustração de Portinari, enfaixando outro ensaio de Andrade, “Danças dramáticas ibero-americanas”. Ambos os ensaios seriam traduzidos pela editora Schapire, em Buenos Aires, em 1944 com o título *Música del Brasil*.
- ¹¹ Guerreiro refuta assim o critério de Javier Arango Ferrer, que o coloca como fundador da literatura colombiana em *La literatura de Colombia* (Buenos Aires, Instituto de Cultura Latinoamericana, 1940). A tese de Arango é a mesma tese que seu colega Afrânio Coutinho esposaria mais adiante em termos de tradição afortunada.
- ¹² Guerreiro Ramos escreveu muitos ensaios abordando não só o determinismo social a serviço da hegemonia, como também reivindicativos da condição subalterna. Entenda que “o negro tem sido estudado entre nós como palha ou como múmia”. (Guerreiro Ramos, 1950c; Guerreiro Ramos, 1950b; Guerreiro Ramos, 1950d; Guerreiro Ramos, 1950a; Guerreiro Ramos, 1953a; Guerreiro Ramos, 1953e; Guerreiro Ramos, 1953b; Guerreiro Ramos, 1953g; Guerreiro Ramos, 1953f; Guerreiro Ramos, 1953d; Guerreiro Ramos, 1953c; Guerreiro Ramos, 1954b; Guerreiro Ramos, 1954a).
- ¹³ Retomaria essas ideias em “Considerações sobre o ser nacional”. (Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 20 jan. 1957)
- ¹⁴ “O nacionalismo romântico e o regionalismo modernista, a despeito de sua relativa significação brasileira, são, em larga margem, contrapartidas miméticas de correntes intelectuais externas.” (Guerreiro Ramos, 1957).
- ¹⁵ Em *El Paraguay Eterno* (1935), e mesmo através de seus artigos na revista *Guaranía* (1947-8), Juan Natalicio González fixa seu alvo contra o liberalismo (“ladocina liberal es el veneno que em ponzoñael alma de lapatria”) e dessa posição deriva a condenação ao mimetismo eurocêntrico. Em “América en el mundo de ayer y de hoy”, González argumenta que “[...] el mimetismo americano, trascendió de las vanidades nobiliarias a la vida real, a la reverencia de todo lo europeo, para terminar en la enajenación de todo lo nuestro. Advino el imperio de la política europeizante, que en el siglo pasado se tradujo en el culto del capital y del hombre europeos, política que convirtió nuestras libres repúblicas en otras tantas factorías” (Latinoamérica, 1979, p. 15). Discrimina-se assim o mimetismo da simulação teorizada por Ingenieros. Mariátegui, severamente andino, ainda tomava as ideias deterministas de Ingenieros bastante a sério, mesmo ponderando que “Ingenieros, no fundo, permanecia demasiadamente fiel ao racionalismo e ao criticismo dessa época de plenitude da ordem demo-liberal. Esse racionalismo e criticismo conduzem geralmente ao ceticismo e são adversos ao *pathos* da revolução.” (Mariátegui, 2005, p. 129).
- ¹⁶ A fonte declarada, em rodapé, é *Proceso y Formación de la Cultura Paraguaya* (1938) de Juan Natalicio González, que Guerreiro define como um Gilberto Freyre do Paraguai. Outro tanto se dá com a questão indígena. Baseando-se nos livros do colombiano Antonio García Nossa, *Pasado y presente del índio* (1939) e da argentina Aída Cometta Manzoni, *El índio en la poesía de América española*, do mesmo ano, Guerreiro Ramos destaca questões tais como a da racionalização, que compreende a orientação técnica e a adaptação da comunidade indígena às condições do mercado; a questão da integração nacional, incorporando os ameríndios à vida nacional, sem entretanto destruir sua tradição cultural específica; e, por último, a questão das políticas ativas, que passam pelo fornecimento de créditos, abandonando as simples medidas legais de protecionismo. Ver Guerreiro Ramos (1941e, p. 402).

- ¹⁷ Radicalizada, a questão retornará, como *différance*, no pensamento de Derrida.
- ¹⁸ “La idea de la muerte propia entraña, para Rilke, la necesidad de oponer a la generalidad abstracta de la muerte, como algo transcendente y externo a la vida, la muerte individual. Es decir, que cada cual ha de tener una muerte de acuerdo con lo que se es o se hubiera llegado a ser”. (Astrada, 1940). Astrada era amigo de Vicente Ferreira da Silva, próximo de Guerreiro, e manteria, mais tarde, estreita colaboração com intelectuais do ISEB, Roland Corbisier, Hélio Jaguaribe, Djacir Menezes, Luis Washington Vita ou Efraín Tomás Bó, a quem Guerreiro Ramos dedica, aliás, *Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho* (Brasília, Conselho Federal de Administração, 2008), tese por ele apresentada a um concurso no DASP, em 1949.
- ¹⁹ “In un progetto di prefazione per un’edizione delle *Elegie* che non vide mai la luce, Furio Jesi, che ha dedicato alla lettura di Rilke degli studi esemplari, rovesciando l’abituale tendenza della critica a scorgere nelle *Elegie* un contenuto dottrinale eccezionalmente ricco, si chiede se abbia senso parlare in questo caso di un ‘contenuto’. Egli propone di mettere fra parentesi il contenuto dottrinale delle *Elegie* (che è, del resto, una sorta di centone dei luoghi comuni della poesia rilkiana) e di leggerle come una serie di occasioni retoriche per trattenere il poeta al di qua del silenzio. Il poeta vuole parlare, ma ciò che in lui deve parlare è l’inconoscibile. Per questo ‘l’eloquio che risuona non ha alcun contenuto: è pura volontà di eloquio. Il contenuto della voce del segreto che infine risuona non è altro che il fatto che *il segreto parla*. Perché questo accada, è necessario che le modalità di eloquio siano decantate da ogni contenuto, e lo siano in termini totalizzanti, tali da concludere in un punto tutta l’attività trascorsa, tutte le parole pronunciate. Di qui l’organizzazione nel contesto delle *Elegie* della moltitudine di luoghi comuni rilkiani, anche i più vecchi. Ma di qui, anche, la necessità che esista una qualche sede in cui far confluire i contenuti di questi topoi, affinché nelle *Elegie* essi possano echeggiare a vuoto...’ [Jesi, p. 118.] La definizione jesiana delle *Elegie* come poesia che non ha nulla da dire, come pura ‘asseverazione del nucleo asemantico della parola’ (*ibid.*, p. 120) vale, in realtà, per l’inno in generale, essa definisce, cioè, l’intenzione più propria di ogni dossologia. Nel punto in cui coincide perfettamente con la gloria, la lode è senza contenuto, essa culmina nell’amen che non dice nulla, ma soltanto consente e conclude il già detto. E ciò che le *Elegie* lamentano e, insieme, celebrano (secondo il principio per cui solo nella sfera della celebrazione può darsi lamento) è proprio l’immedicabile assenza di contenuto dell’inno, il girare a vuoto della lingua come forma suprema della glorificazione. L’inno è la radicale disattivazione del linguaggio significante, la parola resa assolutamente inoperosa e, tuttavia, mantenuta come tale nella forma della liturgia.” (Agamben, 2006, p. 259-260).
- ²⁰ “Rainer Maria Rilke, uma das figuras mais representativas desta visão, assim se refere à mecanização da vida: ‘Pour nos grand-parents, une maison, une fontaine, une tour familière, jusqu’à leur propre vêtement, leur manteau étaient infiniment plus encore, infiniment plus familières (qu’à nous); chaque chose était un réceptacle dans lequel is trouvaient de l’humain et ajoutaient leur épargne d’humain et ajoutaient leur épargne d’humain. Voici que se pressent vers nous, venues d’Amérique, des choses vides, indifférentes, des apparences de choses, des attrapes de vie... Une maison, dans l’acception américaine, une pomme américaine ou une vigne de là-bas n’ont rien de commun avec la maison, le fruit, la grappe dans lesquels avaient pénétré l’espoir et la méditation de nos aïeux... Les choses douées de vie, les choses vécues, les choses admises dans notre confiance sont sur leur déclin et ne peuvent plus être remplacées. Nous sommes peut-être les derniers qui

auront connu de telles choses. Sur nous repose la responsabilité de conserver, non seulement leur souvenir (ce serait peu et on ne pourrait s’y fier), mais leur valeur humaine et l’ariété (l’ariété au sens des divinités de la maison)...” (Pitrou, 1938, p. 96 *apud* Guerreiro Ramos, 2008, p. 66).

- ²¹ Guerreiro Ramos conhecia a distinção, formulada por Ferdinand Tönnies, entre *comunidade* (*Gemeinschaft*) e *sociedade* (*Gesellschaft*).
- ²² “Uma vez que perdemos aquele ‘Éden intelectual’ das épocas culturalmente homogêneas (é à elas que Salvador Dalí se refere quando diz que gostaria de ter nascido num tempo onde não houvesse nada para salvar) a compreensão da arte tende a tornar-se cada vez mais funcional.” (Guerreiro Ramos, 1946g).
- ²³ Pitirim Sorokin, sociólogo russo que chefiou a área de Sociologia em Harvard, era autor de *Social and Cultural Dynamics* (1937-1941), em que desenvolve uma teoria cíclica do processo social.
- ²⁴ Nicholas Pastore (1916-1998) é autor de “The Nature-Nurture Controversy: A Sociological Approach” (in *School and Society*, n. 57, 1943, p. 373-377). Nele, o autor discute a dinâmica entre natureza e nutrição, isto é, se a sociedade determina ou sobre-determina o sujeito. Estudou aspectos comportamentais da psicologia e foi professor no Queens College, na City University of New York.
- ²⁵ William Thomas Valeria Fontaine (1909-1968) foi o primeiro professor afro-americano, na área de Filosofia, na Universidade da Pensilvânia. Dele Guerreiro leu “Social Determination in the Writings of American negro Scholars” (1944). Em 1956, Fontaine assistiu ao congresso de escritores negros, em Paris, junto a Aimé Césaire, Leopold Senghor, Frantz Fanon e James Baldwin. Sua comunicação, “Segregation and Desegregation in the United States: A Philosophical Analysis” não foi bem recebida por muitos dos presentes, dentre eles Fanon, que a julgou muito integrada, muito conservadora.
- ²⁶ No final da vida, em consequência da ditadura, que lhe cassou o mandato de deputado pelo PTB, Guerreiro instala-se nos Estados Unidos, onde foi professor na Escola de Administração Pública da University of Southern California, além de ter sido visitante em Wesleyan University e Visiting Fellow de Ciência Política em Yale.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer**: Il potere sovrano e la nuda vita I. Turim, Einaudi, 1995.

AGAMBEN, Giorgio. **Il regno e la gloria**. Vicenza: Neri Pozza, 2006.

AGAMBEN, Giorgio. **O Aberto**: o Homem e o Animal. Trad. Pedro Mendes; revisão técnica Joel Birman. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

ANTELO, Raul. **Literatura em revista**. São Paulo: Ática, 1984.

ASTRADA, Carlos. La muerte propia. **La Nación**, Buenos Aires, 14 abr. 1940.

BENJAMIN, Walter. As Teses sobre o conceito de história. In: BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. 1. p. 222-232.

CONGRESSO BRASILEIRO DE CRÍTICA E HISTÓRIA LITERÁRIA. Assis. 24-30 de julho de 1961. **Anais...** Assis: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1963.

ESTADO DE MINAS, Belo Horizonte, 13 ago. 1961.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. A ciência da conduta política. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 21 abr. 1946a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. A hipótese da demora cultural. Suplemento Letras e Artes, n. 1.417. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 24 mar. 1946b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. A Instituição da Liberdade. **O Jornal**, Rio de Janeiro, Suplemento, 16 fev., 1947.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. A revolução copernicana da sociologia. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 abr. 1946c.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. A revolução copernicana da sociologia. Suplemento Letras e Artes, n. 1.436. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 14 abr. 1946d.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Alienação e antropologia. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 8 nov. 1953a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Como nasceram as Elegias de Duino. Suplemento Letras e Artes, n. 1.423. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 31 mar. 1946e.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Euclides e a mestiçagem. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 29 nov. 1953b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Exílio. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. XVI, p. 83, 1936.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução à cultura**. Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (I). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 3, maio 1941a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (II). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 4, jun. 1941b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (IV). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, ano 1, n. 6, ago. 1941c.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (V). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 7, set. 1941d.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Literatura latino-americana (VII). **Cultura Política**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 9, nov. 1941e.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Não. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 81, p. 165-166, ago. 1937.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Narcisismo branco do negro brasileiro. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 12 nov. 1950a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Nina Rodrigues foi o apologista do branco. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 20 dez. 1953c.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Notas sociológicas sobre a arte moderna. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 28 abr. 1946f.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Notas sociológicas sobre a arte moderna. Suplemento Letras e Artes, n. 1.447. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 28 abr. 1946g.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. O negro desde dentro. **Revista Forma**, n. 3, out. 1954a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. O perigo de um congresso do negro. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 15 out. 1950b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. O problema da cultura nacional. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 6 jan. 1957.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. O problema do negro na sociologia brasileira. **Cadernos de Nosso Tempo**, Rio de Janeiro, p. 189-220, jan. 1954b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. O processo artístico de Rilke. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 17 mar. 1946h.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. O processo artístico de Rilke. Suplemento Letras e Artes, n.1.411. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 17 mar. 1946i.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. O 'survey' social. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 10 mar. 1946e.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Oliveira Viana arianizante. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 13 dez. 1953d.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Os estudos sobre o negro brasileiro. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 10 dez. 1950c.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Poemas. **A Ordem**, Rio de Janeiro, maio 1937.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Presença de Maritain. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 5-6, maio-jun. 1946j.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Senhores e escravos no Brasil. **A Manhã**, Rio de Janeiro, 22 out. 1950d.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Sentido da poesia contemporânea.

Cadernos da hora presente, São Paulo, n. 1, p. 102, maio 1939.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Silvio Romero e o negro. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 15 nov. 1953e.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Torres e a mestiçagem. **O Jornal**, Rio de Janeiro, 6 dez. 1953f.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho**. Brasília, DF: Conselho Federal de Administração, 2008.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Uma redefinição do problema do negro.

Diário de Notícias, Rio de Janeiro, 6 dez. 1953g.

JORNAL DO BRASIL. Rio de Janeiro, 20 jan. 1957.

LATINOAMÉRICA. **Cuadernos de cultura latinomericana**, n. 82, México, UNAM, 1979.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Do sonho às coisas**: retratos subversivos.

Trad. Luiz Bernardo Pericás. São Paulo, Boitempo, 2005.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana**. 25. ed. Lima: Amauta, 1972.

MARITAIN, Jacques *et al.* **Europa – América Latina**. Buenos Aires: Comisión Argentina de Cooperación Intelectual, Institut International de Cooperation Intellectuelle, 1937.

MENDES, Murilo. Breton, Rimbaud, Baudelaire. **Dom Casmurro**, Rio de Janeiro, Ano 1, n. 16, p. 2, 26 ago. 1937.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A Sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

PITROU, Robert. **Rainer Maria Rilke**. Editions Albin Michel. Paris. 1938.

Recebido em 30/09/2015

Aceito em 16/12/2015

Guerreiro Ramos e *O Drama de ser Dois*¹

Ariston Azevedo

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil
E-mail: ariston.azevedo@ufrgs.br

Renata Ovenhausen Albernaz

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil
E-mail: renata.ovenhausen@ufrgs.br

Resumo

O artigo propõe uma crítica sobre a forma como a ideia de simetria tem sido acionada pela produção em antropologia da ciência brasileira. Seus vínculos promovem associações à terminologia da ANT que representam poucos esforços efetivos de implementação do projeto proposto por Bruno Latour (1994). A partir dessa análise, são sugeridas bases para um protocolo de estudos antropológicos sobre as ciências que considerem a especificidade do estatuto da (não) modernidade no Brasil.

Palavras-chave: Simetria. Teoria Ator-Rede. Lendas. Ciência.

Abstract

This paper proposes a critique of how the idea of symmetry has been driven by the Brazilian production on anthropology of science. Its links promote associations with the ANT terminology, which represents few effective efforts to implement the project proposed by Bruno Latour (1994). From this analysis, bases are suggested for a protocol of anthropological studies of sciences that take into account the specific status of the (non-) modernity in Brazil.

Keywords: *Simetry. Actor-Network Theory. Legends. Science.*

1 Introdução

Neste ano [2015], em que se comemora o centenário de nascimento do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, gostaríamos de lhe render homenagem trazendo a público sua vertente poética. Faremos isso regressando a 1937, ano em que, aos seus 22 anos de idade, ele publicou seu primeiro e único livro de poesias, intitulado *O drama de ser dois*. Há raríssimos exemplares disponíveis e acessíveis ao grande público e somente aqueles que possuem maior conhecimento de sua trajetória intelectual sabem de sua existência e tiveram a oportunidade de lê-lo. Na verdade, essa sua incursão pela poesia e crítica literária tem sido pouquíssimo analisada, embora seja fundamental para esclarecer suas próprias posições teóricas e práticas como grande sociólogo que foi.

Gerardo Mourão, João Eurico Matta e o próprio Raul Antelo, que deste número da *Revista Ilha* participa, figuram entre esses raríssimos analistas do pensamento do sociólogo baiano que consideraram seus escritos poéticos e crítico-literários². Raul Antelo escreveu no contexto de confecção de sua tese de doutoramento, findada em 1981; Gerardo Mourão e Eurico Matta, em 1982, ano em que Guerreiro Ramos faleceu, nos Estados Unidos, vítima de câncer, no dia 6 de abril. Embora Antelo não tenha se detido ao exame específico daquele pequeno livro de poesias, mas a poesias e a outros escritos que Guerreiro Ramos havia publicado entre o final dos anos de 1930 e início dos anos de 1940, nas revistas *A Ordem*, *Cadernos da Hora Presente* e *Cultura Política* sua percepção é acertada: tomando por base um “conceito transcendente de poesia”, já que para o jovem escritor baiano o poeta é um anjo, seu “[...] sentido da poesia é sempre o de uma *falta* [do paraíso perdido] que produz angústia, inquietude, nostalgia” (Antelo, 1984, p. 24).

Posteriormente, ao regressar às poesias de Guerreiro Ramos fora do contexto de sua tese doutoral, Antelo complementa aquela primeira análise quando afirma que o jovem poeta baiano estava acometido de um “profundo desengano” e “dilaceramento”, porque sentia o triunfo social do indivíduo sobre a pessoa humana, em outras palavras, sentia que o homem moderno havia entrado em um estado de corrosão de sua personalidade ao abandonar a dimensão espiritual que lhe é própria (Antelo, 2015, p. 4). Aliás, vale frisar que contra essa investida feroz do indivíduo sobre a pessoa humana, o que, no fundo, implicava na supressão do transcendente pelo imanente, Guerreiro Ramos ergueu sua resistência e sua revolta, cujos principais reflexos podem ser encontrados até mesmo em seu último livro escrito em vida, *The new Science of organizations*, de 1981, publicado simultaneamente em inglês e português.

Gerardo Mourão, que foi amigo pessoal de Guerreiro Ramos, considerava *O drama de ser dois* um texto “estranhamente situado entre Rilke e Maiakowski” e representante fiel da existência emblemática de seu autor, pois revelava um estado de ser que lhe era tão próprio e de tal modo persistente, que mesmo sua obra sociológica posterior parece ter sido desenvolvida como uma “glosa desse mote poético original” (Mourão, 1983, p. 161). Nessa mesma linha interpretativa segue Eurico Matta quando diz que naquele pequeno livro podem ser encontradas algumas características que também estão presentes nos demais textos guerreirianos. Uma delas é a dialeticidade, espécie de tensão existencial resultante da percepção e vivência de sentimentos opostos e interafetados que desagua na narração poética de uma forma de vida dramática (Matta, 1983). Esse, sem sombra de dúvidas, nos parece ser o ponto fulcral: o livro de 1937 é uma confissão, em forma poética, da trágica peregrinação íntima do jovem escritor para descobrir, em si, a presença divina. Nele está expressa a existência de um sujeito que se percebe e sente dramática e dialeticamente tensionado por fortes sentimentos contraditórios, frutos da experimentação intensa das possibilidades de sua humanidade, e que, de modo sintético, pode ser vislumbrada por intermédio do sentimento dual de pertencer, a um só tempo, ao Reino de Deus e ao Reino de César, ao que lhe é transcendente e ao que lhe é imanente.

Sentir essas dualidades lhe provocava intensas tensões, que foram narradas em poesias de profunda tonalidade religiosa e metafísica. Fundamental para a expressão de seu desconforto com o mundo secular foi a figura de Nicolas Berdyaev (ou Berdiaeff), filósofo e teólogo russo que se dedicou às temáticas da liberdade e do ato criador, entre outras, e cujo pensamento possui um caráter marcadamente existencial e personalista, erigido a partir da crença de que há uma união misteriosa entre Deus e Homem, que tem na figura de Cristo a sua maior manifestação³. A ele *O drama de ser dois* foi dedicado, com a seguinte epígrafe: “[...] a Nicolas Berdiaeff, através de cujas obras eu cheguei ao Cristo e a todos os homens que se procuram.” A propósito, a influência de Berdyaev em Guerreiro Ramos é digna de nota. Em 1981, o próprio sociólogo, durante entrevista concedida ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), externou o fato ao afirmar que de todos os autores com os quais ele mantinha afinidades intelectuais no final dos anos 30 e início dos anos de 1940, somente a figura de Nicolas Berdyaev, o filósofo da existência, permaneceu. Em suas próprias palavras: ele foi “[...] uma grande influência [...], uma influência irrestrita. [...] eu encontrei aquele homem numa idade imatura, e ele me educou; fico cada vez mais encantado, nunca cessou.” (Guerreiro Ramos, 1985, p. 18).

Sabemos que uma cópia de *O drama de ser dois* chegou às mãos de Nicolas Berdyaev via Jacques Maritain, com quem Guerreiro Ramos teve um encontro rápido, em Salvador, no final de 1936. Posteriormente, o filósofo russo lhe remeteu uma carta, onde agradecia pelo envio do livro e também lhe pedia sinceras desculpas pela falta de domínio da língua portuguesa. No mesmo envelope veio uma foto autografada, como demonstração de seu apreço pelo jovem escritor baiano.

2 A Existência Poética entre o Imanente e o Transcendente

Como se estivesse atendendo aos conselhos de Rainer Maria Rilke em *Cartas a um jovem poeta* (2001), os poemas que compõem *O drama de ser dois* denunciam que Guerreiro Ramos havia abandonado os motivos gerais e fúteis para se voltar ao interior de sua própria existência cotidiana, para perscrutar as profundidades de onde brota

a vida e incorporar, assim, o que mais tarde apareceria verbalizado em um texto seu: a poesia radica suas raízes nos “confins do homem”, e é exatamente até lá que o verdadeiro poeta tem que ir, caso queira manter-se fiel a si mesmo; caso queira, de fato, marcar com a sua personalidade os versos que escreve (Guerreiro Ramos, 1939a, p. 89). Em consonância com este ordenamento de inspiração rilkeana, Guerreiro Ramos defendia a opinião de que os verdadeiros poetas o são porque “[...] escrevem por uma fidelidade a si mesmos”; o são porque, ao escreverem, realizam-se; o são porque, ao poetizarem, “libertam-se de uma experiência” (Guerreiro Ramos, 1939a, p. 96-97). Em uma sentença: os versos são experiências que resultam das andanças pessoais que o poeta faz dentro de si (Guerreiro Ramos, 1939a, p. 96-97).

Em *O drama de ser dois*, é a concretização dessa ideia que se percebe. O livro é composto pelos seguintes poemas: *O Canto da rebeldia*, *Lamentações*, *O canto da alegria triste*, *O canto da noite*, *Poema da creança que não poute ser*, *A luta contra o anjo*, *A voz dos cabarets*, *Nostalgia angelica*, *Menino macambúzio*, *Poema das seis horas da tarde*, *Nostalgia da esperada* e *O poeta e o mundo*⁴. Ali estão expressas as principais questões existenciais e sentimentais vivenciadas pelo autor à época, tais como: rejeição ao mundo moderno e ateu; constrangimentos e incompreensões sociais devido à sua crença em Deus; a solidão; o sofrimento; o sentimento de ser dois; a luta em seu íntimo travada entre o bem e o mal, Deus e o diabo; a procura em si por um eu original, não socializado, único e inconfundível, feito à imagem e semelhança de Deus – esse eu que seria um autêntico Cristo; a experimentação da tristeza do mundo; o amor e o verdadeiro encontro com o outro; e, ainda, o poeta, a poesia e o sentido da vida.

Se do ponto de vista poético a presença de Rilke possuía grande valor para Guerreiro Ramos, o fato, como já destacado, é que o livro espelha a filosofia trágica berdyáeviana e todos os contornos que perpassam sua noção de personalidade ou pessoa humana. A narração e os enredos empregados ali deixam transparecer a dor, o sofrimento, a solidão, o amor, o mal, a liberdade, o encontro com Deus, entre outros elementos que caracterizam a sua trajetória existencial, como um peregrino espiritual no seio do Absoluto e da divindade. Segundo pensava o nosso poeta, seria somente por essa via, quer dizer, pela

espiritualização – e essa é a mensagem de Berdyaev que tão grandemente soube captar esse baiano de Santo Amaro da Purificação – que o homem conseguiria realizar-se enquanto personalidade.

Quando de seu lançamento, *O drama de ser dois* obteve boa avaliação por parte de alguns críticos, a ponto mesmo de Guerreiro Ramos estampar na parte final de seu segundo livro publicado, *Introdução à cultura* (1939b), trechos das críticas literárias que considerou mais representativas do significado real de seus poemas. No geral, os críticos teceram grandes elogios ao livro e ao autor, sendo que alguns deles, inclusive, assinalaram que o jovem poeta Guerreiro Ramos estaria predestinado a figurar no panteão literário brasileiro. Como sabemos, tal fato não ocorreu, pois, aproximadamente dez anos depois da publicação desse primeiro livro, Guerreiro Ramos já não mais perseguia seu ideal de tornar-se um poeta reconhecido. Não sabemos ao certo o motivo ou os motivos que o levaram a desistir. Gerardo Mourão, por exemplo, quando indagado sobre o que teria levado Guerreiro Ramos a desistir da aspiração de ser poeta, afirmou que, certo dia, quando conversavam no *Café Gaúcho*⁵, o então recém-formado em ciências sociais lhe disse: “esse negócio de viver de poesia não leva a nada [...] vou botar o pé no chão [...]” (Mourão, 2004). Pizza Júnior, que foi seu ex-aluno e assistente na Fundação Getúlio Vargas (FGV/RJ) durante os anos de 1963 a 1965, sugere um motivo para o fato. Segundo ele, Guerreiro Ramos migrou para as ciências sociais em razão do fato de não ter conseguido alcançar a forma poética que almejava (Pizza Jr., 2004). Supõe Pizza Júnior, então, que, devido a esta decepção, ele teria percebido, corretamente, em sua opinião, que, em matéria de poesia, “seria mais um”. Mas apesar de ter desistindo de seguir a carreira de poeta, o nosso autor considerava-se, a seu modo, “poeta”, tal como depreendemos do teor de uma carta enviada a um amigo e ex-aluno, no final dos anos de 1960, quando então já estava exilado nos Estados Unidos:

[...] eu também tenho sido poeta, e não tenho sido outra coisa na vida. Sou um incorrigível poeta, em todos os sentidos da palavra, inclusive no sentido vulgar, isto é, o cara que não dá bola para a sensatez, para as razões de Sancho Pança. Sou um Quixote, e Deus me guarde

assim. Apaixonou-me facilmente e levo as minhas paixões ocasionais e permanentes às últimas conseqüências, notadamente a minha grande paixão pela vida. (Leite, 1983, p. 111)

Ainda que tenha desistido de ser poeta, vejamos aqui algumas das passagens elogiosas que seu livro de poesias recebeu à época de sua publicação: “Guerreiro Ramos [...] dever ser apontado como um dos grandes poetas do Brasil”, publicou o jornal carioca *O Povo*, em sua edição de 09/12/1937; “O Sr. Guerreiro Ramos é um nome a guardar nesse movimento regenerador e forte de nossa poesia”, escreveu Oscar Mendes em sua coluna no jornal mineiro *O Diário*; “Não temos dúvida em saudar, no Sr. Guerreiro, um novo e incontestável valor entre os jovens cristãos que se afirmam”, publicou um periódico de Recife.

No contexto desses comentários críticos, dignas de nota são as análises que fizeram Tasso da Silveira e Nicanor Carvalho. Ambos perceberam os principais estados sentimentais que os poemas guerreirianos traziam à tona. Arriscamo-nos, inclusive, a dizer que eles chegaram a capturar a essência mesma do drama existencial do autor. Tecendo comentários sobre o livro, Tasso da Silveira observou que nele encontravam-se “poemas de sentido religioso”, originados da vivência de “uma profunda crise de alma”, de uma “tremenda luta íntima” para chegar a Deus (Silveira, 1938). Para Silveira, Guerreiro Ramos era da estirpe dos libertários. Embora partisse do “tédio”, de um sentimento de infinita insignificação da vida, de uma crise existencial, nem de longe guardava semelhança com os “entediados”, que “trazem um vazio absoluto no espírito” (Silveira, 1938).

Seria essa “crise de alma” um momento pessoal exclusivo de Guerreiro Ramos? Na visão de Nicanor de Carvalho, não. O que fez Guerreiro Ramos, na opinião do comentarista, foi capturar a “imensa tragédia interior” que estava a acometer a geração de moços brasileiros que vinha surgindo (Carvalho, 1938). Tratava-se de uma “tragédia obscura”, quase imperceptível para a maioria das pessoas, “não obstante a sua expressão rigorosamente humana”, mas que Guerreiro Ramos, a experienciou de modo muito particular, capturou tal obscuridade trágica que rondava a sua geração, expressando-a de forma poética e pessoal (Carvalho, 1938). A propósito, na opinião de Carvalho, o

título do livro já seria uma expressão sintética e muito adequada daquele estado de inquietação trágica que os jovens contemporâneos de Guerreiro Ramos vivenciavam. Esses jovens representavam um característico tipo de indivíduo, marcadamente um ser torturado pela angústia de viver entre extremos, pois “solicitado impiedosamente pelas cousas terrenas e tendo a voz de Deus no interior da consciência, o indivíduo se sente bipartido, com uma espécie de dupla personalidade, passando a ser verdadeiramente dois homens, a ponto de se realizar entre ambos um torneio dialético em que não faltam os argumentos destinados a conhecer a parte adversa” (Carvalho, 1938). Quem quer que estivesse exposto à vivência dessa dualidade, experimentava uma imensa dúvida, “em que as duas noções se confundem como uma região fronteira não demarcada, de sorte que a consciência hesita e experimenta as mais contraditórias impressões”, pois que se depara com dúvidas terríveis, frente à explosão de “escrúpulos inquietantes” (Carvalho, 1938).

É preciso que se diga, uma vez mais, que *O drama de ser dois* representa o relato do processo de personalização de Guerreiro Ramos, no sentido em que nele notamos a confissão poética da perambulação do autor por suas profundezas, onde encontrou a si mesmo e experienciou a presença da pessoa de Deus. Dessa andança por dentro, um novo homem nasceu dentro dele, e o anúncio desse nascimento se fez no poema que abre o livro, *O canto da rebeldia*, onde fica patente o festejo pelo vislumbre de uma nova vida e de um novo homem, revelados após a sua identificação com a ordem divina. Nessa sua festividade percebemos o quanto é forte o ecoar das palavras de Berdyaev, principalmente quando este afirma que “Cristo está no fim, na profundidade do homem” (Berdiaeff, 1944, p. 37), de modo que é somente pela exploração do mistério de suas próprias profundezas que o homem consegue atingir a Deus; que encontra sentido para a sua vida e renasce, readquirindo a crença em si mesmo.

No entanto, antes mesmo que esse renascimento ganhasse a sua expressão poética em *O drama de ser dois*, a sua notícia veio a público no texto *Minha vida começou hontem*, publicado em um jornal local de Salvador (Guerreiro Ramos, 1936b). Tendo como pano de fundo o livro *Ma vie commencé hier*, de Stephen Foot, naquele texto o jovem poeta

expressou seu novo nascimento, sua conversão a Deus, a conquista da liberdade, a vitória sobre o egoísmo e a objetivação, sobre suas oposições, medos e solidão, tudo isso depois de uma torturante experiência pessoal ensejada pelo estado de inquietude que o acometia:

Minha vida – e este é o cântico do “homem novo” – começou hontem porque hontem a vida começou a ter para mim uma significação mais profunda, porque hontem Deus a illuminou com a luz da graça, revelando-me a sua presença em minha alma. Minha vida começou hontem porque hontem eu achei “uma nova liberdade, uma nova Victoria, uma nova alegria, um novo poder, uma nova paz, porque hontem Deus tornou todas as cousas novas para mim”, porque hontem eu comecei a aprender a esquecer-me a mim mesmo, a amar os meus inimigos, porque só hontem eu me abandonei inteiramente a Deus, porque hontem eu vi que era uma creatura pedante e mesquinha, porque só hontem eu conheci a minha miséria. Minha vida começou hontem e a de todos os homens podem começar hoje mesmo, agora assim queira cada homem “escutar”. (Guerreiro Ramos, 1936b)

No poema *O canto de rebeldia* é essa mesma notícia que notamos: um novo homem nasceu e pleiteia a “plenitude da vida, que é a vida em Deus”. Para nascer foi necessário quebrar “os grilhões” que o estavam escravizando a uma vida social ordinária e medíocre, ou, para usarmos os termos berdyaevianos, a uma vida objetivada e sem sentido: sem a ruptura com tudo aquilo que escraviza, o alcance da originalidade, da condição de homem livre, de uma consciência livre, tudo isso seria impossível. Essa era a mesma opinião de Berdyaev (1946), para quem a libertação da escravidão seria um passo fundamental, condição *sine qua non* para que homens e mulheres pudessem encontrar suas respectivas originalidades, o eu primário, a fim de conquistar a liberdade e, deste modo, chegar a Deus. Era exatamente isso que Guerreiro Ramos tanto almejava, conforme podemos notar no poema *A luta contra o anjo*:

*Eu não sou verdadeiro.
No fim de todos os meus atos
Vou encontrar a expressão
De um outro eu*

Que não sou eu mesmo.
Eu sem o que li,
Sem o que aprendi,
Sem o que herdei dos meus pais,
Suprapersonal,
Supraterreno,
Esse eu, original,
Único,
Inconfundível,
*Que é a **imagem** de Deus, em mim,*
.....
Esse eu que me faz sentir-me
Um Cristo autêntico,
Eu quero achá-lo,
Quero vivê-lo.
*Oh! Impossibilidade de ser um **alguém!***
Oh! Impossibilidade de viver o Cristo! (grifos no original)
.....

Apresentando-se como um novo homem, Guerreiro Ramos admite que sente pulsar em si diversas contradições. Latentes nele encontravam-se os sentimentos de rebeldia e o de docilidade (*O canto da rebeldia*); com a necessidade aguda de solidão para poder acessar em si o eu original convivia o desejo angustiante de encontrar uma mulher para que com ela pudesse ser um “nós” indissolúvel e solidário (*Nostalgia da esperada*); em suas profundezas sentia o duelo que entre si travavam o céu e o inferno, Deus e Demônio, o bem e o mal (*O canto da alegria triste*); enquanto a noite lhe fazia sentir fortemente a presença de Deus, o dia o faz trabalhar contra Deus, ser extremamente egoísta (*O canto da noite*). Essas são algumas das contradições que Guerreiro Ramos utilizou para poder definir o seu drama pessoal de ser dois.

A rebeldia e a revolta eram as formas de conduta desse novo homem, no mundo. Assim, segundo o nosso jovem poeta, somente um comportamento revolucionário poderia combater e negar a permanência e a viabilidade de um “mundo desumano e ateu” como aquele em que vivia e que por diversas vezes condenou em seus poemas. De

igual modo, apenas um homem rebelde recusaria os quadros psicológicos e sociais que estavam a forjar, nos homens e nas mulheres, a submissão, o servilismo e a obediência como um modo de ser. Era exatamente contra essa postura passiva que sua rebeldia se colocava. Nesse sentido, o seu canto poético era uma clara atitude de afirmação da insubmissão da sua personalidade: “Deus me tornou insubmisso” a todas as investidas imperiais que o mundo moderno, mundo “decaído”, deflagrava sobre ele. Somente aqueles que atestaram, dentro de si, a presença de Deus, que sentiram, em suas profundezas, “as reservas do eterno”, somente esses podiam assumir, de acordo com o nosso poeta, uma atitude de rebeldia, uma “revolta espiritual” para com o mundo e para com os homens, mas de docilidade, para com Deus. Ser rebelde implicava, portanto, em “sentir, a toda hora e a todo o momento, a presença viva de Deus”; significava “ser perseguido pelo tormento de Deus”, ou como diria Berdyaev, ser perseguido pelo Seu chamado (Berdyaev, 1960, p. 53).

Essa presença viva e insistente de Deus tornava a vida ainda mais trágica, conforme o jovem poeta afirma em outro poema de 1937. Os homens perseguidos por Deus, diz, são “sofredores de uma tragédia cruciante”: por um lado, eles amam o “mundo do pecado”, que a todos solicita e oferece “alívios” em “sua alegria embriagadora”; por outro, para atenderem ao chamado de Deus, têm eles que renunciar a este “mundo tão sedutor” (Guerreiro Ramos, 1937b). Assim, em tons de confissão, sacramenta:

O mundo é o peccado. **Eu aprendi a amar o peccado** –
diz o homem perseguido por Deus. Mas Deus me chama e
eu começo a detestar este mundo. Sinto o peso da minha
miséria apegando-me ao mundo. Mas Deus nasceu para
mim e cada vez mais me vence.

Sinto que vae nascer um novo dia. Cada vez mais resisto
menos.

Deus me persegue...

Tenho medo de Deus...

Porque o mundo ainda me seduz [...] (Guerreiro Ramos,
1937b, grifos nossos)

Dessa tragédia derivava a contradição mesma de sua rebeldia. Sem se esquecer de que o Homem tem suas origens, a um só tempo, em Deus e no *Ungrund*⁶, Guerreiro Ramos também se insurgia contra Deus, deixando transparecer a eterna tragédia existencial a que todo humano estaria condenado a viver. Para Berdyaev (1960, p. 26), a rebelião contra Deus representaria “o retorno ao não-ser”, a “vitória”, no Homem, “do não-ser sobre a luz divina”. Em *Lamentações*, segundo poema de seu livro, o poeta sinaliza sua fraqueza, quando se declara revoltado contra Deus:

Eu tenho vergonha de crer.

Tenho o zelo do que os meus amigos pensam de mim.

Deus me tornou ridículo.

.....

Tua presença me incomoda.

Tua presença me inquieta.

.....

Em torno a mim reina a incompreensão.

E não te posso amar porque os homens não te amam.

Os homens vivem sem ti.

Não sentem a necessidade da tua graça.

E, por isso, não te quero amar.

Porque amo mais aos homens do que a ti.

Os homens te expulsaram do coração.

Tu não existes, neste mundo.

.....

Também em *Lamentações* encontramos a expressão de sentimentos outros, como desejo da entrega e do amor, dúvidas, conflitos, certezas, abandono, alegria e nostalgia. Esses sentimentos apontam para as profundas contradições, paradoxos e dualidades imanentes ao Homem, mas que estavam sendo sentidas de modo mais agudo em razão da solidão que nosso poeta experienciava. Em *Lamentações* ele confessa, em tom de súplica, a sua solidão: “estou só, meu Deus”. A solidão o fazia sentir-se um estrangeiro no mundo, um homem sem par, sem um tu, sem “o consolo da comunhão”, deixando claro o quão distante

estava de uma “existência autêntica”, para dizermos com Berdyaev (1938, p. 92). Além de só, dizia-se, como o fez no poema *Nostalgia Angélica*, um “anjo” na terra, “perdido”, “exilado”, ou na linguagem de Berdyaev (1960, p. 46), “[...] um ser terreno com lembranças do paraíso e reflexos da luz divina”. Vejamos o poema:

*Eu estou só,
Sentindo-me inseguro.
.....
Eu sou um peregrino do Absoluto,
Estrangeiro que passa
No meio da balbúrdia da cidade.
Minha pátria não é esta.
Eu a deixei há muito tempo.
Eu sinto a nostalgia de minha pátria.
Eu tenho saudade de minha pátria.
Minha pátria é o céu.
Eu sou um anjo
Perdido
Exilado,
.....
O anjo que habita
Que se exilou em mim,
Tem saudades do Criador.
Eu tenho a experiência viva
De que sou anjo.
E sofro a incompreensão.
.....
As vozes da cidade
Me fazem sentir
A nostalgia da pátria
De onde eu rolei,
Pecando...*

Há um outro poema que não integra o livro, mas que explora a mesma ideia de homem desterrado. Em *Exílio* (1936a), tanto quanto em *Nostalgia Angélica*, a descrição que o poeta faz de si guarda aquelas

observações feitas por Berdyaev (1960, p. 284) sobre o homem como um ser exilado e que carrega consigo lembranças de sua pátria natal, o paraíso. É exatamente assim que Guerreiro Ramos se apresenta quando fala da sua condição humana no mundo, de sua relação com os seus, com o mundo e com Deus. Assume-se na posição de poeta e, a partir dela, depõe sobre o seu estado e a sua sentimentalidade. A solidão é a sua companheira: entre os homens, diz ele, “estou só”; frente ao Eterno, também. Exilado dos homens e de Deus, detém consigo a recordação, a lembrança de “uma paisagem longínqua”, “paisagem da pátria inenarrável”, lembrança esta que não se faz presente nos seus próximos, pois que a perderam em suas ambulações “pelo pecado”.

Mas o anjo que sente em si, no entanto, a ele não se impõe de modo absoluto. Em *A luta contra o anjo*, o autor afirma que a sua faceta angélica não apenas lhe fornece o sentimento profundo de proximidade com o divino, mas também lhe provoca repugnância e ódio, pois obstaculiza o seu processo de autodeterminação e criação. Por isso é que ele “luta contra o anjo” que dentro de si “chora” com “saudades do Eterno”, atormentando-o no íntimo e provocando um desejo “titanico” de acabar, definitivamente, com o anjo que há dentro de si: “quero matá-lo, em mim, /.../ E fazer-me um super-homem.”

No poema *O canto da alegria triste* os sentimentos são expressos de modo intenso, e “o drama de ser dois” insurge de maneira mais explícita. O título, como podemos notar, já denuncia o dualismo sentimental guerreiriano. A “alegria triste” era resultante dilaceração que o acometia, das “contradições interiores” que se dizia vítima, da sua inadequação “aos quadros” do mundo; em suma, a sua alegria era triste porque constatava em si o drama originário da “enigmática e contraditória natureza do homem”, cujas raízes estariam fincadas, como disse Berdyaev (1960, p. 46), em Deus e nas profundezas do Absoluto. A tragédia humana, o drama de ser dois, de pertencer a dois mundos, como vimos, resultava exatamente dessa dupla origem humana. O sofrimento de nosso poeta agravava-se, sobremaneira, pelo fato de ele reconhecer em si essa dualidade originária do homem e o tormento que ela lhe provocava. Era esse fato que fazia a sua alegria triste, humilde, dolorosa, nostálgica, saudosa...

*A minha alegria é uma alegria triste,
Uma alegria humilde,
Uma alegria dolorosa,
Uma alegria santa,
Uma alegria nostálgica,
É uma saudade longínqua
De um céu
Que eu entrevi
Nos grotões de mim mesmo.
A minha alegria é uma alegria inquietadora
Que me traz sempre
Sob o tormento de Deus.
**A minha alegria é triste
Porque me faz viver
Entre a saudade do céu
E a saudade do mundo.
E eu vivo dilacerado
Pelas contradições interiores
De que sou vítima.**
.....
**E, dentro de mim,
Se trava
O duelo entre o céu e a terra,
E sinto a nostalgia do céu,
Quando estou na terra.
E sinto a nostalgia da terra,
Quando estou no céu.**
Mas eu sou um estranho.
Eu estou sozinho. (grifos nossos)
.....*

Um homem desses, que pelos caminhos tortuosos da peregrinação pessoal sentiu o sopro divino originário, regressa para a vida cotidiana transformado, sedoso por comunhão, por amor e pelo compartilhamento de sua alegria. Tendo Deus o tornado um homem famélico de “sentido” de vida, “de um mais além”, ele acredita, ele sonha com a

possibilidade, senão de saciar-se no mundo comunitário, pelo menos de nele transbordar, compartilhando a sua alegria e amor. Vejamos o que diz Guerreiro Ramos em *Nostalgia da esperada*:

Sonho
Com a alma complementar
Da minha.
Sonho e espero.
.....
Procuro-te,
.....
Quando souber,
E ver,
E sentir
Quem és,
Terei compreendido
O teu mistério,
Vivendo-o,
Sentindo-o.
Então formaremos
Esta síntese humana
*Que é um **NÓS***
Indissolúvel,
Solidário,
No qual
Estaremos,
Eu em ti,
Tu em mim.
Tão idênticos
Haveremos de ser
Que seremos
***UM** só.*
Então,
Olharemos para o céu,
Para todo o universo,
E sentiremos
E Unidade

*Misteriosa
De toda a Creação.
E seremos
Irmãos
Das estrelas,
Das pedras,
De todos os seres,
De todas as coisas,
Porque formaremos
UM
Com o universo inteiro.
E haverá paz
Em nós.*

.....
*E a nossa felicidade
Será eterna,
Inesgotável.*

.....
*Até que **A MORTE**
Nos devolva
O Paraíso
Que perdemos... (destaques no original)*

No entanto, percebe ele a decadência do mundo e dos homens, e com ela, de modo consequente, a impossibilidade da comunhão, elemento fundamental da personalidade, da pessoa humana. Desse modo, não conseguindo a sua total e plena realização em Deus – somente os Santos isso conseguem –, tampouco no mundo, vive a percorrer o seu eterno trajeto: dos grotões de si mesmo para o mundo, do mundo para suas profundezas.

.....
*E não consigo ser feliz
Como os outros homens
Porque Deus me persegue,
Porque Deus me tornou faminto
De um *sentido*,*

De um *mais além*
Que não encontro no mundo.
Deus me fez provar a alegria dolorosa
De lhe ser escravo,
De lhe ser fiel.
E sou infeliz
Porque Deus não me deixa,
Porque Deus empreendeu, contra min,
Uma perseguição de todos os dias,
De todos os momentos
De minha vida.
E a alegria que Deus me deu
Não cabe em mim mesmo
E transborda.
E procuro amar,
Por meio de um amor transfigurado,
Santificado,
Afim de repartir a minha alegria,
E não encontro a quem dá-la,
E não encontro
Os famintos,
Os sedentos
Desta alegria.
A alegria que embriaga o mundo
É uma alegria sem Deus
É uma alegria satânica,
É uma alegria inteiramente dos homens.
E eu sou um estranho
Porque Deus me persegue. (destaques no original)

.....

De modo sintético, podemos afirmar que o pequeno livro de poesias de Guerreiro Ramos significava para ele a narração de sua odisseia para escapar do mal que o atormentava. E, como escreveu o nosso jovem poeta em um outro artigo, para o homem, vencer o mal somente seria possível, caso ele sáísse do seu anonimato e passasse a

se afirmar como pessoa, ou seja, como um “ALGUÉM com um DESTINO a cumprir” (Guerreiro Ramos, 1937b, grifos do autor). Desse modo, era imperativo ao homem dizer “NÃO” a todas as formas de subjugação e anulação que sobre ele o mundo tenta impor, e isso implicava em assumir a tragédia como a melhor maneira de lograr êxito em sua humanização:

Onde, então, buscar as energias para impedir a vitória do mal? Eu creio que só por um aprofundamento da noção de pessoa. [...] É necessário colocar a vida na ordem do trágico e do grave. O mal dos tempos modernos não é mais do que a dissolução do homem nas massas. A vida moderna exige do homem uma atividade artificial. O homem não pode estar sozinho. Porque o seu silêncio é invadido pelas vozes que o distraem de si mesmo. O homem não tem tempo para encontrar-se consigo mesmo. Ele é assim tiranizado pelo ON-DIT, pelo terrível e mediocrizante ON, pelo DIZEM. E se determina segundo as palavras de ordem deste ON anônimo, sem ter a coragem de comprometer-se, agindo responsabilmente. No mundo moderno, dada a vitória da quantidade sobre a qualidade, para que o homem viva como pessoa é preciso ser um forte, expor-se contra a onda apavorante do ON, é preciso ser anarquista, trazer a revolução no sangue, criar-se para si o seu próprio mundo, fazer o seu lar, os seus amigos e a si mesmo. (Guerreiro Ramos, 1937b grifos do autor)

3 A Releitura do Drama Poético

Essa definição de si mesmo como um homem que vivenciava sua existência de maneira dramaticamente tensionada entre dualidades foi feita por volta dos 22 anos de idade. Aos 67, pouco antes de sua morte, ele ainda admitia ser este um traço fundamental de sua pessoa. Pertencer a dois mundos significava, na verdade, não pertencer a nenhum deles, mas estar, sempre, **entre**. Em suas próprias palavras:

Ainda hoje eu acho que esse é um traço fundamental do meu perfil: eu não pertença a nada. Não pertença a instituições, não tenho fidelidades a coisas sociais; tudo

o que é social, para mim é instrumento. Eu não sou de nada, estou sempre à procura de alguma coisa que não é materializada em instituição, em linha de conduta. Ninguém pode confiar em mim em termos de socialidade, de institucionalidade, porque isso não é para mim; não são funções para mim. O meu negócio é outro. (Guerreiro Ramos, 1985, p. 4)

Sem abandonar de todo o sentido que a expressão “drama de ser dois” possuía como definição de sua personalidade, e já sendo considerado como um dos maiores sociólogos brasileiros, Guerreiro Ramos adotou a expressão inglesa *in-between*, tomada emprestada de Eric Voegelin, por quem nutria muita admiração, para explicar tal condição existencial. Voegelin recuperou a noção platônica de *metaxy* para poder afirmar que a existência humana contempla uma estrutura intermediária (*in-between structure*), na qual a consciência humana se desenvolve. As pessoas experienciam essa estrutura intermediária da existência como um campo de tensão entre polos contrários, tais como vida e morte, perfeição e imperfeição, tempo e eternidade, mortalidade e imortalidade, etc. Para Voegelin, nós não “existimos” em nenhum dos polos dessa tensão, mas, na realidade, entre eles. Seria um erro, adverte o autor, considerar tais polos objetivamente. Trata-se de sentidos ou índices, entre os quais nos movemos, existencialmente.

Assim, associando as expressões *drama de ser dois* e *in-between*, disse ele certa vez: aquele pequeno livro de poesias “[...] é realmente uma expressão do que eu sempre fui. Em inglês existe uma expressão: *in-betweeners*. Estou *in-between*. Nunca estou incluído em nada. As minhas metas são a única coisa em que estou incluído; não há pessoas que me incluam.” (Guerreiro Ramos, 1985, p. 4). Em outra passagem de seu último livro, diz: “a verdadeira existência, individual tanto quanto social, nunca é um fato – uma simples manifestação externa evidente por si mesma”, mas “alguma coisa intermediária – *in-between*”, quer dizer, “uma tensão entre o potencial e o real” (Guerreiro Ramos, 1981, p. 126-128).

Por fim, queremos dar destaque a um aspecto também interessante. Como dito, a expressão “drama de ser dois” procurava definir uma vivência singular, no caso a experienciada pelo jovem poeta Guerreiro

Ramos. No entanto, posteriormente apropriações dessa expressão fizeram com que o seu significado extrapolasse a particularidade daquela vida a que ela se referia, convertendo-se mesmo em uma espécie de categoria sociológica para definir a situação do mulato brasileiro. Darcy Ribeiro, por exemplo, fez uso da expressão para se referir à condição dramática a que estava exposto o mulato brasileiro, o qual, segundo o antropólogo, experimentava “dois mundos conflitantes”: por um lado, o mulato participava do mundo do negro, mas era por este rechaçado; de outro lado, ele também vivenciava o mundo do branco, que também o rejeitava. Assim, concluía o autor, era exatamente nessa condição dual de existir que o mulato humanizava-se, quer dizer, tornava-se humano “no *drama de ser dois*, que é o de ser ninguém.” (Ribeiro, 1995, p. 223, grifos nossos).

Costa Pinto, bem antes do antropólogo e ex-senador, ao abordar as elites negras no Brasil dos anos de 1950, deu destaque à mudança em seu comportamento e modalidade de ação social. Haveria, até aproximadamente a primeira metade do século XX, uma “antiga elite negra”, que teria no poeta catarinense Cruz e Souza o seu tipo paradigmático. Essa elite, procurando “esquecer” que era negra, assumia uma estratégia de inserção social que prezava e assimilava o padrão de gosto, estilo e forma do homem branco europeu, fato que levava seus membros a vivenciar aquele drama da dualidade. Na opinião de Costa Pinto, essa estratégia estaria, em seus dias, fadada ao fracasso, porque o negro, “quando já está quase convencido disso [de seu embranquecimento], uma querela insignificante, um bate-boca na rua, um fato qualquer [...] gera um comentário, um apelido, um riso, um olhar às vezes, que rasga de chofre a realidade diante dele, coloca-o de novo no seu lugar e ele sente, então, com extrema intensidade, o *drama de ser dois*”. No entanto, uma “nova elite negra” vinha se configurando na sociedade brasileira a partir dos anos de 1950., designada como as “novas elites negras”. Seus membros, porque procuravam ascender socialmente assumindo a “negritude”, não mais estariam expostos ao drama da dualidade – agora eram alguém (Costa Pinto, 1998, p. 241, grifos do autor). Nessa nova elite negra, Alberto Guerreiro Ramos ocupava lugar de destaque

Notas

- ¹ Ao Professor José Francisco Salm, com quem muito aprendemos sobre Guerreiro Ramos.
- ² Precisamente no campo sociológico, o pioneirismo analítico se deve a Lúcia Lippi Oliveira com seu clássico livro *A sociologia do Guerreiro*.
- ³ Há textos bem esclarecedores e introdutórios sobre a filosofia de Nicolas Berdyaev, entre os quais: Vallon (1960), Seaver (1950), O'Sullivan (1998), McLachlan (1992), Davy (1967) e Clarke (1950).
- ⁴ Alguns desses poemas já haviam sido publicados anteriormente na revista *A Ordem*, como no caso de "O canto da rebeldia" e "Lamentações", que aparece na revista como "Lamentações de um místico".
- ⁵ Bar carioca onde se reuniam com frequência os integralistas nos anos de 1930.
- ⁶ Em seu significado literal, *Ungrund* quer dizer "não-fundamento". Berdyaev recuperou do pensamento do místico alemão Jacob Boehme essa noção, que quer significar uma espécie de abismo preexistencial, onde tudo se encontra em situação de pura potencialidade e liberdade. O *Ungrund* não é nada e a sua noção não é um conceito, mas um mito, ou melhor, um símbolo que expressa a verdade fundamental sobre uma existência que é incapaz de ser anunciada em um arranjo conceitual objetivo (Berdyaev, 1945, p. 54). Nele coexistem todas as oposições, antíteses e antinomias em um estado de irrealização e, ao mesmo tempo, de pura potencialidade, de tal modo que elas somente emergem do *Ungrund* uma com a outra, e suas identidades se relevam exclusivamente por intermédio de seu outro (Berdyaev, 1930). Por considerar que toda realidade e possibilidade estão contidas em uma unidade primeira, que é o *Ungrund*, não há, na metafísica berdyaeviana, uma distinção ontológica entre seres humanos e Deus, entre Ser e consciência, tal como se percebe nas metafísicas tradicionais. Na verdade, o *Ungrund* é anterior à pessoa de Deus, sendo para Ele um eterno mistério, pois que precede à própria consciência que Deus vem a adquirir de Si, o que não quer dizer que o não-fundamento seja o criador pessoal de Deus, mas somente o absoluto em si mesmo, o *locus* principiante da vida divina e do processo de autocriação e revelação do Ser e do Divino. Deus, portanto, origina-se do *Ungrund*, emerge como Pessoa, harmonizando em Si todas as bipolaridades. Tal como Deus, os seres humanos também se originam do *Groundlessness* (sinônimo de Berdyaev para *Ungrund*), mas estes não conseguem, de modo constante, aquela harmonização. É no *Ungrund* que Deus e os seres humanos "exercitam uma liberdade infinita." (Clarke, 1950, p. 88).

Referências

ANTELO, Raul. Ensaio críticos, vanguarda e intelectualidade. Guerreiro Ramos, o não-contemporizador. Conferência de abertura. In: SEMINÁRIO “GUERREIRO RAMOS, INTÉRPRETE DO BRASIL”. Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER), Universidade Federal de Santa Catarina, 11 de setembro de 2015. **Anais ... UFSC**, Santa Catarina, 2015. p. 1-15.

ANTELO, Raúl. **Literatura em Revista**. São Paulo: Editora Ática, 1984.

BERDYAEV, Nicolas. **Studies concerning Jacob Boehme**. Etude I. The teaching about the Ungrund and Freedom. Tranlated from Russian by Fr. S. Janos, 1930. Disponível em: <http://www.berdyaev.com/berdyaev/berd_lib/1930_349.html>. Acesso em: 16 out. 2002.

BERDYAEV, Nicolas. **Solitude and society**. Translated from Russian by George Reavey. London: Geoffrey Bles, 1938.

BERDYAEV, Nicolas. **O espírito de Dostoievski**. Tradução de Otto Scheider. Rio de Janeiro: Editora Panamericana, 1944.

BERDYAEV, Nicolas. **The meaning of history**. Translated by George Reavy. London: Goeffrey Bles, 1945.

BERDYAEV, Nicolas. **De l'esclavage et de la liberté de l'homme**. Traduit du russe par S. Janklevitch. Paris: Aubier, 1946.

BERDYAEV, Nicolas. **The destiny of man**. Translated from the Russian by Natalie Duddington. New York: Harper Torchbook, 1960.

BERDYAEV, Nicolas. **Dream and reality**: an essay in autobiography. Translated from the Russian by Katharine Lampert. New York: Collier Books, 1962.

CARVALHO, Nicanor de. O drama de ser dois. **O Imparcial**, Salvador, 8 fev. 1938.

CLARKE, Oliver Fielding. **Introduction to Berdyaev**. London: Geofrey Bles, 1950. 192p.

COMPAGNON, Olivier. **Jacques Maritain et l'Amérique du Sud** – Le modèle malgré lui. Paris: Presses Universitaire du Septentrion, 2003. 400 p.

COSTA PINTO, Luis de Aguiar. **O negro no Rio de Janeiro**. Relações de raça numa sociedade em mudança. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

DAVY, M. M. **Nicolas Berdyaev**: man of the eighth day. Translated from French by Leonora Siepman. London: Geoffrey Bles, 1967. 149 p.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Exílio. **A Ordem**, Rio de Janeiro, v. XVI, p. 83, 1936a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Minha vida começou ontem.

O Imparcial, Salvador, dez. 1936b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **O drama de ser dois**. Salvador, 1937a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Não. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XVII, v. XVII, p. 164-169, ago. 1937b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Sentido da poesia contemporânea.

Cadernos da hora Presente, Rio de Janeiro, p. 86-103, maio, 1939a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução à cultura** (ensaios).

Rio de Janeiro: Cruzada da Boa Imprensa, 1939b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Presença de Maritain. **A Ordem**, Rio de Janeiro, ano XXVI, n. 5 e 6, p. 145, maio/jun. 1946.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1981.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Alberto Guerreiro Ramos** (depoimento, 1981). Rio de Janeiro, FGV/CPDOC – História Oral. 1985. 64 p. dat.

LEITE, Júlio César do Prado. Debate à exposição de Ubiratan Simões Rezende. **Revista de Administração Pública**, Simpósio Guerreiro Ramos: resgatando uma obra, Rio de Janeiro: FGV, v. 17, n. 2, p. 111-114, abr.-jun. 1983.

MATTA, João Eurico. Debate à exposição de Ubiratan Simões Rezende.

Revista de Administração Pública. Simpósio Guerreiro Ramos: resgatando uma obra. Rio de Janeiro: FGV, v. 17, n. 2, p. 106-110, abr.-jun. 1983.

McLACHLAN, James Morse. **The desire to be God**: freedom and the other in Sartre and Berdyaev. New York: Peter Lang Publishing, 1992. 215 p.

MOURÃO, Gerardo Mello. **A invenção do saber**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. p. 160-162.

MOURÃO, Gerardo Mello. **Entrevista pessoal**. Gravada em 9 de julho de 2004.

O'SULLIVAN, Noël. The tragic vision in the political philosophy of Nikolai Berdyaev (1874-1948). **History of Political Thought**, [S.l.], v. XIX, n. 1, p. 79-99, spring 1998.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. **A sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

PIZZA Jr., Wilson. **Entrevista pessoal**. Gravada em 8 de julho de 2004.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1995.

RILKE, Rainer Maria. **Cartas a um jovem poeta e A canção de amor e de morte do porta-estandarte Cristóvão Rilke**. Tradução de Paulo Rónai e Cecília Meireles. São Paulo: Editora Globo, 2001.

SEAYER, George. **Nicolas Berdyaev**: an introduction to his thought. London: James Clarke, 1950. 122p.

SILVEIRA, Tasso da. **Os poetas procuram Deus**. [s.n.]: [S.l.], 1938.

VALLON, Michel Alexander. **An Apostle of Freedom**: life and Teachings of Nicholas Berdyaev. New York: Philosophical Library, 1960.

Recebido em 18/04/2016

Aceito em 19/04/2016

Guerreiro Ramos na UFSC: memórias de Sinésio Ostroski e a noção de homem parentético

Sérgio Luís Boeira

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: sbsergio267@hotmail.com

André Luiz Kopelke

Instituto Federal Catarinense, Florianópolis, Brasil
E-mail: andre.kopelke@ibirama.ifc.edu.br

Nadja Aires

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: airesnadja@gmail.com

Ilane Frank Dias

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: ilanefrank@gmail.com

Resumo

Este artigo examina parte da herança intelectual de Guerreiro Ramos na UFSC, destacando dois aspectos: a) as memórias de Sinésio Ostroski como um dos seus interlocutores, a partir de uma entrevista com o método da história oral temática; e b) o conceito de “homem parentético” como uma ideia seminal na obra de Guerreiro Ramos. Nós propomos uma interpretação segundo a qual há três fases na elaboração do conceito, como parte de uma reflexão interdisciplinar sobre a natureza humana.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos. Homem Parentético. História Oral Temática.

Abstract

This article examines part of the intellectual heritage of Guerreiro Ramos at UFSC, highlighting two aspects: a) the memories of Sinésio Ostroski as one of their interlocutors, from an interview with the method of oral history; b) on the other hand, we emphasize the concept of “parentetical man” with as seminal idea in the work of Guerreiro Ramos. We propose an interpretation that there are three phases in the development of the concept, as part of an interdisciplinary reflection on human nature.

Keywords: *Guerreiro Ramos. The Parentetical Man. Oral History Tematic.*

1 Introdução

Esse capítulo é resultante de um projeto de pesquisa aprovado no Colegiado do Departamento de Ciências da Administração da UFSC, em 2013, que tem como objetivo geral investigar a herança intelectual de Guerreiro Ramos em Santa Catarina, tanto em termos de produção escrita quanto em termos de memórias e de reflexões de alguns de seus principais interlocutores. Os objetivos específicos são: a) identificar as ideias centrais de Guerreiro Ramos como professor da UFSC, por meio da análise de Cadernos do Curso de Pós-Graduação em Administração, entre outros documentos e bibliografia disponível no Núcleo Organizações, Racionalidade e Desenvolvimento (ORD); b) descrever as memórias e reflexões de alguns de seus interlocutores, observando especialmente em que aspectos a herança intelectual de Guerreiro Ramos influenciou suas trajetórias socioprofissionais e existenciais. Além da análise documental/bibliográfica, utilizamos a estratégia de pesquisa denominada história oral temática.

Justifica-se a iniciativa de tal pesquisa na medida em que se constata que Guerreiro Ramos ainda é muito pouco conhecido entre estudantes e professores de cursos de Ciências Sociais e de Administração da UFSC e em Santa Catarina, embora tenha sido reconhecido internacionalmente. Uma mostra de seu reconhecimento ocorre em 2014, quando a Fundação Getúlio Vargas (FGV) e a University of Southern Califórnia (USC) decidiram criar a Cátedra Internacional Guerreiro Ramos (Cavalcanti; Duzert; Marques, 2014).

No presente capítulo optamos por focalizar dois tópicos: uma síntese da entrevista com um de seus interlocutores, Sinésio Ostroski, com meio século de dedicação à UFSC, e um tópico no qual buscamos

interpretar o desenvolvimento da noção de homem parentético na obra de Guerreiro Ramos, demarcando três momentos, em três décadas, cobrindo um período que vai de 1963 a 1981.

2 Memórias de um Interlocutor de Guerreiro Ramos: Sinésio Ostroski

Em entrevista aberta, ao estilo da história oral temática, com Sinésio Stefano Dubiela Ostroski, em sua sala Departamento de Ciências da Administração (CAD) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no dia 10 de novembro de 2014, conhecemos um pouco de sua personalidade e de sua trajetória singulares. Nosso propósito era justamente conhecer o lado humano de Guerreiro Ramos e de pessoas que com ele conviveram na UFSC.

Sinésio nasceu em 1945 na cidade de Canoinhas, interior de Santa Catarina, mas se mudou ainda jovem para a capital do Estado (1958), motivo pelo qual ele adquiriu o típico sotaque local. No ano de 1965, Sinésio iniciou suas atividades na UFSC na condição de servidor técnico. Em 2015, ele completou 50 anos de serviços prestados à UFSC e, atualmente, continua colaborando como voluntário para esta instituição.

A partir de 1970, Sinésio passou a lecionar em turmas de segundo grau e em 1975 fez concurso para docente do curso de Administração do CAD, e foi admitido para o cargo. Em 1977 foi designado Chefe de Departamento.

Nesse período começou a ser gestado um projeto para a implementação de um Programa de Mestrado em Administração na UFSC. Segundo o relato de Sinésio, a UFSC estava, na época, em pleno processo de implantação da reforma universitária, contando com a colaboração de Rudolph Atcon, assessor da UNESCO nos anos de 1970, na América Latina.

Sinésio recorda que o Reitor da UFSC até o início dos anos 1970 foi João David Ferreira Lima. Ele conta que esse reitor tinha uma grande habilidade política e um ótimo trânsito no Ministério da Educação na época. Nesse período foi criado o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, e João David Ferreira Lima passou a exercer a

presidência da entidade. Essas relações estreitas com o poder central e o fato de a UFSC já adotar um modelo de gestão universitária ajustado às orientações da UNESCO fizeram com que a estrutura organizacional e a forma de gestão fossem consideradas modernas para a época.

A reforma universitária gerou uma necessidade de profissionais qualificados para a gestão desse novo modelo de organização de educação superior, não apenas na UFSC mas em todo o Brasil. Diante da necessidade de formação desses novos profissionais, crescia no CAD o interesse em desenvolver um Mestrado em Administração voltado para a área de Gestão Universitária, de forma a aproveitar o conhecimento de vários profissionais que já atuavam na UFSC, num modelo considerado exemplar para o ensino superior brasileiro.

A perspectiva de criação de um Mestrado em Administração produzia a necessidade de aprimorar o corpo docente. A UFSC começou a fazer isso atraindo docentes do exterior (Robert Wayne Samohyl, entre outros), além de incentivar docentes do quadro a desenvolverem seus mestrados e doutorados no exterior. É nesse contexto que professores do CAD – Ubiratan Simões Rezende, João Benjamim da Cruz, José Francisco Salm e Francisco Heidemann – ingressaram no programa de Administração Pública da University of Southern California (USC). Lá conheceram e frequentaram as disciplinas do sociólogo brasileiro Alberto Guerreiro Ramos. Alguns são também orientados por ele na elaboração de suas teses.

A experiência dos professores do CAD na Califórnia, quando considerada no contexto da UFSC, gerou um impacto significativo. O contato com Guerreiro Ramos e outros docentes da USC permitiu, aos quatro professores da UFSC, uma ampliação de seu quadro de referências epistemológicas no campo da administração. As novas perspectivas desses professores nem sempre eram adequadamente interpretadas pelos demais docentes e servidores da UFSC que permaneceram no Brasil. O professor Sinésio relata, com bom humor, que muitos julgavam que os professores voltavam “malucos” do exterior.

Apesar dessa resistência, a necessidade de reforço do quadro de docentes com profissionais devidamente titulados era fundamental. Nesse contexto, os quatro docentes da UFSC que realizaram seus

doutorados na USC deram início a uma série de articulações que permitiram o retorno de Alberto Guerreiro Ramos ao Brasil no início da década de 1980. Era a primeira vez que ele retornava ao Brasil depois de ter seus direitos políticos cassados pelo Regime Militar em 1964.

O retorno de Guerreiro Ramos foi viabilizado com a criação de um curso especial de mestrado, em parceria com a Fundação de Economia e Planejamento do Governo do Estado de Santa Catarina, na época presidida por Ubiratan Simões Rezende. Além de Guerreiro Ramos, o curso contava com outros docentes da USC que se deslocavam dos Estados Unidos para lecionar em Florianópolis. O curso foi estruturado em torno das disciplinas lecionadas por Guerreiro Ramos nos EUA e adaptadas para o contexto brasileiro.

Foi uma iniciativa de vanguarda para a época. Nesse período, os demais docentes do CAD tiveram contato com Guerreiro Ramos. Sinésio relata que muitos dos docentes do CAD não conseguiram absorver a visão de mundo e as perspectivas epistemológicas diferenciadas de Guerreiro Ramos. Ele não foi adequadamente compreendido. Não havia, na UFSC de então, um corpo docente suficientemente maduro, em termos acadêmicos, para que as ideias de Guerreiro Ramos pudessem reverberar e frutificar. No entanto, algumas de suas ideias permaneceram e foram incorporadas pelos docentes do CAD nas suas atividades em sala de aula.

Sinésio recorda que, dentre os conceitos apresentados por Guerreiro Ramos, o que mais o impactou, e o que teve influência mais profunda e duradoura em sua prática docente foi o conceito de homem parentético. Para Sinésio, o conceito de homem parentético é tão distante da realidade organizacional que “chega a assustar”. Quando menciona uma suposta distância da realidade organizacional, ele não quer dizer que o conceito em si esteja errado ou que não reflita o que de fato ocorre nas organizações. Sinésio faz referência à distância que a concepção parentética de natureza humana está das concepções utilitárias e reativas de natureza humana, típicas da análise organizacional praticada nos anos de 1980 e, em grande medida, até os dias atuais.

Sinésio lamenta que o conceito não tenha sido mais explorado e elaborado em função da morte prematura de Guerreiro Ramos. Nosso

entrevistado também relata certa falta de receptividade da noção de homem parentético entre os estudantes do curso de administração na medida em que estes não conseguem vincular o conceito desenvolvido por Guerreiro Ramos à realidade organizacional.

É difícil para um estudante de graduação compreender que dentro de um ambiente burocrático, submetido a pressões de uma racionalidade instrumental, dificilmente um ser humano terá condições de desenvolver e exercitar uma habilidade parentética. Nas organizações burocráticas tradicionais, orientadas por uma lógica funcionalista, as pessoas são estimuladas a utilizar apenas suas dimensões reativas e operacionais. Segundo os preceitos do utilitarismo na gestão tradicional, Sinésio diz que “os inúteis viram sabão”.

Sinésio recorda que Guerreiro Ramos tinha um carisma (como um “guru oriental”) que atraía muitas pessoas. Ele lembra-se de certa ocasião em que, numa confraternização entre professores do CAD, em jantar (churrasco) na casa de um deles, Guerreiro Ramos era o centro das atenções. Mesmo em momentos de descontração, o sociólogo baiano falava de suas concepções de mundo e a conversa atraía os que estavam em torno dele. Como não baseava suas ideias em nenhum dos autores tradicionais utilizados pelos demais docentes em suas aulas, Guerreiro Ramos cativava os ouvintes, pois trazia algo novo e relevante que gerava um misto de impacto e curiosidade entre os ouvintes.

Também em sala de aula a sua postura era singular. Se eventualmente um aluno não matriculado quisesse assistir a sua aula, ele não se opunha. Porém exigia que os que quisessem assistir suas aulas tivessem algum conhecimento prévio dos temas tratados, pois esperava que houvesse debate. Guerreiro Ramos era muito crítico da postura passiva de muitos estudantes que se colocavam na posição de meros receptores de conteúdo. Para ele, essa postura passiva deveria ser superada.

Sinésio considera que Guerreiro Ramos tenha sentido certa frustração na sua passagem pela UFSC. Esse descontentamento foi decorrente, em grande parte, pela falta de compreensão adequada sobre o que ele tinha para dizer. Suas ideias não tiveram reflexo esperado na UFSC. Ele relata que Guerreiro Ramos queria dar prosseguimento

aos seus estudos e pesquisas, mas percebeu que isso não seria possível em Santa Catarina. O sociólogo já contava com uma ampla rede de pesquisadores que o apoiavam em seus estudos na University of Southern California (USC) e percebeu que só poderia dar continuidade à sua carreira acadêmica se voltasse para lá.

Por fim, Sinésio lamenta que quase todos os registros da passagem de Guerreiro Ramos pela UFSC tenham desaparecido. Praticamente nada se fez para preservar a memória da passagem pela UFSC desse intelectual internacionalmente renomado. Como consequência disso, na UFSC de hoje são poucos os que sabem quem foi Guerreiro Ramos. E um número ainda muito restrito de pessoas sabe que no início dos anos de 1980 ele deu uma contribuição para a construção da história dessa universidade com sua participação no Programa de Mestrado em Planejamento Governamental, desde sua aula inaugural, em de maio de 1980, no Salão de Conferências da UFSC, conforme será visto mais adiante.

3 Homem Parentético: uma visão da natureza humana e seus desdobramentos

Nesse tópico, vamos destacar três momentos da obra de Guerreiro Ramos em que o autor desenvolve sua concepção de natureza humana vinculando-a a noções de homem parentético e a outros conceitos afins. Os três momentos que destacamos ocorrem no início da década de 1960, no início da década de 1970 e de 1980.

Guerreiro Ramos começa a explicitar conceitualmente sua concepção de natureza humana – com as noções de homem parentético e atitude parentética – em um capítulo de *Mito e verdade da revolução brasileira*, livro publicado em 1963, portanto, às vésperas da intervenção militar que passou a dominar o Brasil, a partir de março de 1964. Nessa obra, o autor revisita conceitos como revolução e atitude revolucionária, socialismo, marxismo-leninismo, internacionalismo proletário, revisionismo e outros, antes de abordar as noções de organização e patologia da normalidade, atitude parentética, vontade orgânica e vontade refletida, pensamento planificado e imaginação sociológica. A partir desse conjunto de noções ele tece críticas não somente a ideias

dominantes nos Estados Unidos como também na ex-União Soviética. Segundo ele o Brasil deveria repelir o condicionamento externo da vida política e econômica. A intelectualidade brasileira precisava libertar-se da servidão conceitual.

Para Guerreiro Ramos, o fato de se ter tornado a noção de organização um objeto de reflexão sistemática no campo da ciência social e da filosofia assinalaria um novo momento na evolução do saber e um novo poder do ser humano sobre si mesmo e sobre as circunstâncias. Com a noção de atitude parentética seria então possível

[...] ajustar-se ativamente à sociedade e ao universo. Sem ela, é matéria bruta dos acontecimentos, unidade indiferenciada de um rebanho, coisa entre outras coisas. A atitude parentética, na medida em que se democratize, fundará, por fim, o período da história consciente do homem. De humanização da natureza. De naturalização do homem. (Guerreiro Ramos, 1963, p. 145, 146)

Nesse primeiro momento, Guerreiro Ramos (1963, p. 147) concebe a organização como o “[...] segredo da servidão humana. É para os seres humanos o que a espécie é para os animais inferiores [...]”, porque “[...] uniformiza as condutas, subordinando-as mecânica e dogmaticamente” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 147). A organização é vista como um veneno cotidiano cujos efeitos lesivos frequentemente passam despercebidos. Também é concebida como um paradoxo que tem duas faces, uma boa e outra má: “[...] sem ela, a vida é impossível; com ela, a vida se desnatura” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 156). Para o autor, um ideal de justiça só pode encarnar-se historicamente por intermédio da organização institucional, mas a partir de sua implantação a tendência é de uma distorção pela qual alguns se beneficiam com privilégios. “Só a organização corrige os malefícios de uma organização ilegítima ou caduca. O homem está condenado à organização” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 157). A atitude parentética é concebida como o antídoto para os malefícios da organização. O autor a vincula à noção de “redução sociológica”, como um “novo modo de pensar”, que serviria “[...] não somente para transpor conhecimentos de um contexto para outro, como também para o exame de qualquer fato social” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 153). Também associa a atitude

parentética e a redução sociológica à noção de “imaginação sociológica” de Wright Mills (1959), que combate as limitações da hiperespecialização com um saber liberador acessível ao cidadão comum, defendendo o artesanato intelectual para os pesquisadores.

Cerca de uma década depois, conforme assinalam Azevedo e Albernaz (2006), Guerreiro Ramos planejava escrever um livro sobre a noção de homem parentético, reunindo diversos estudos, de vários autores. Para Guerreiro Ramos (1971, p. 472), a noção de homem parentético teria como correspondente uma visão de sociedade pós-institucional e consideraria “[...] os códigos de ética institucionalizados como truques ou fachadas, portanto, abertos a questionamentos [...]”, o que implicava uma visão da sociedade como “um estágio precário no qual papéis são jogados de acordo com regras cuja legitimidade é para ser avaliada segundo o ponto de vista de desenvolvimento humano” (Guerreiro Ramos, 1971, p. 473).

No início da década de 1970, ele afirmava que na teoria administrativa o homem operacional equivaleria ao *homo economicus* da economia clássica, ao *homo sociologicus* admitido pelo modelo acadêmico da sociologia e ao *homo politicus* predominante na ciência política estabelecida. Guerreiro Ramos dizia que as características psicológicas comuns a esses tipos de homem eram inerentes ao sistema social industrial, tendendo, portanto, à manutenção deste.

O homem operacional, taylorista, é um recurso organizacional a ser maximizado em termos de resultado físico mensurável. O trabalhador é tomado como um ser passivo a ser programado por especialistas para funcionar na organização; é treinado para maximizar a produção; é concebido como calculista, motivado por recompensas materiais e econômicas; a administração é concebida como neutra; há uma indiferença sistemática às noções de ética; a noção de liberdade pessoal é estranha ao esquema da organização e o trabalho implica essencialmente num adiamento da satisfação.

Uma segunda concepção dominante no âmbito da teoria organizacional surgia com a chamada escola das relações humanas, que tinha uma visão mais sofisticada da natureza da motivação do homem e não negligenciava o ambiente social externo à organização, conce-

bendo esta como um sistema aberto, sem omitir o papel dos valores, dos sentimentos e atitudes no processo produtivo. Guerreiro Ramos denominou este tipo de homem como “reativo”. Os humanistas também concebiam a empresa e o sistema industrial como variáveis independentes. Nada mudou essencialmente. Procedimentos para a cooptação de grupos informais e para o manejo de relações humanas foram desenvolvidos para estimular reações positivas do trabalhador, visando os propósitos da empresa. O propósito final, além de aumentar a produção, era transformar o trabalhador no que W. H. Whyte Jr. chamou de homem organizacional.

Guerreiro Ramos (1998, p. 133) afirmou que a integração do indivíduo e da organização omite

[...] o caráter duplo básico da racionalidade. Na verdade, existe uma racionalidade cujos padrões não têm nada a ver com o comportamento administrativo. Essa racionalidade chamada substantiva e noética por Karl Mannheim e Eric Voegelin, respectivamente, é um atributo do indivíduo como criatura de razão e jamais pode ser compreendida como pertencendo à organização.

A racionalidade substantiva ou noética existe, segundo o autor, em permanente tensão com a racionalidade instrumental, não estando sistematicamente relacionada à coordenação de meios e fins visando à eficiência. É derivada dos imperativos imanentes da razão propriamente dita, que é independente de obediência às exigências da eficiência. O autor, como se pode deduzir, estende sua compreensão de homem parentético para conceber e interpretar a racionalidade humana com uma dupla face, uma delas vinculada à organização e outra com potencialidade de transcender a organização. O surgimento do homem parentético é também o reconhecimento de uma forma de racionalidade que tende a ser ofuscada na modernidade pela industrialização e pelas organizações formais, burocráticas. A noção de homem parentético é vinculada por Guerreiro Ramos às ideias de Husserl de suspensão e parêntese, assim como às ideias de atitude natural/habitual e crítica. A natural/habitual corresponderia ao ser ajustado, indiferente e fechada à racionalidade noética. “A atitude crítica suspende ou põe entre parênteses a crença no mundo habitual, permitindo ao indivíduo

alcançar um nível de pensamento conceitual e, portanto, a liberdade” (Guerreiro Ramos, 1998, p. 135; 1984).

Ainda no início da década de 1970, Guerreiro Ramos apresentou outra face da sua compreensão da natureza humana, vinculando essa face à crítica da modernização e ultrapassando a noção de desenvolvimento nacional para conceber uma sociedade mundial, um homem planetário. Isso ocorre por intermédio de seu artigo intitulado *A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade*.¹ Basicamente, o que Guerreiro Ramos faz é uma distinção entre dois tipos ideais para a análise do problema da modernização: a teoria N, ou enfoque sinótico, e a teoria P, ou contextualismo dialético. No primeiro modelo, há o pressuposto de que existe uma só e melhor maneira de desenvolvimento e modernização. Já no segundo modelo abre-se um leque de possibilidades, não havendo causas absolutamente necessárias. Nesse segundo modelo, estão implícitas a atitude parentética e a racionalidade substantiva, agora em contexto amplo, no conjunto das nações em contexto mundial. Guerreiro Ramos afirma que os termos “desenvolvido”, “subdesenvolvido” ou “em desenvolvimento” têm forte conteúdo ideológico, um pressuposto linear e serialista, característico de sociedades industrializadas dominantes no contexto mundial. Ele entende que é mais realístico distinguir entre nações hegemônicas e periféricas. O autor afirma que, segundo o modelo do contextualismo dialético, todas as sociedades são, em diferentes graus, ao mesmo tempo atrasadas e modernas, e que só podem existir indicadores *ad hoc* de modernização. Tais sociedades podem conceber a natureza humana como sendo aberta a muitas possibilidades, assim como a concepção de homem parentético é aberta a uma compreensão da dupla face da racionalidade e às potencialidades de desenvolvimento humano dentro e fora das organizações (Guerreiro Ramos, 2009).

Por fim, no início da década de 1980, mais precisamente em 12 de maio de 1980, em sua aula inaugural no Programa de Mestrado em Planejamento Governamental, na UFSC, Guerreiro Ramos situou o curso na “[...] crise do sistema econômico mundial e do impasse econômico e político do País” (Guerreiro Ramos, 1980, p. 28). Fez uma breve retrospectiva dos trabalhos da Comissão Econômica para a América Latina (CEPAL) e em seguida afirmou que a metáfora do desenvolvimento

já não tinha mais validade histórica. A história emergente do Brasil, segundo ele, “tende a ser caracterizada pela consciência de limites, que se destina a tornar-se a categoria configuradora do processo de alocação de recursos” (Guerreiro Ramos, 1980, p. 29). Afirmou que o curso de Planejamento Governamental era uma inovação, em vários sentidos, incluindo especialistas que trabalhavam em Florianópolis e em Los Angeles. Todas as atividades de ensino no curso seriam

[...] coerentemente empreendidas do ponto de vista da teoria da delimitação dos sistemas sociais. Essencialmente, tal teoria é uma nova concepção da alocação de recursos, fundamentalmente permeada pela consciência de limites. O mundo e o Brasil, como parte dele, chegam hoje em dia à era dos limites. (Guerreiro Ramos, 1980, p. 29, 30)

Guerreiro Ramos deteve-se na caracterização da era dos limites, acentuando que no Brasil novas modalidades de políticas públicas deveriam ser formuladas a fim de se prover o Governo Federal e os Governos Estaduais da capacidade de reorientar o processo de criação de riquezas. Salientou que o processo convencional de desenvolvimento desde meados do século XX no Brasil tem confrontado principalmente duas espécies de limites: a decorrente da escassez absoluta de recursos finitos, como o petróleo, e a decorrente da incapacidade do ambiente de processar os poluentes produzidos pelo modelo econômico atual. Finalizou sua aula inaugural salientando as características singulares da história econômica de Santa Catarina, representadas, por exemplo, pelo equilíbrio entre agricultura e indústria, a distribuição entre pequena, média e grande empresa, com sensibilidade aos parâmetros ecológicos do processo de produção. Por tais características, a UFSC seria o lugar ideal para iniciar no Brasil um Curso de Planejamento Governamental, em nível de mestrado, segundo as características teóricas e metodológicas sugeridas.

Guerreiro Ramos exemplificava, assim, sua noção atualizada de homem parentético, apresentando sua teoria da delimitação de sistemas como base do referido curso como uma inovação para a UFSC, para Santa Catarina e para o Brasil. Suas palavras, pode-se deduzir, carregavam implicitamente as noções de redução sociológica, de racionalidade substantiva e o enfoque do contextualismo dialético.

Sua compreensão da humanização da natureza e da naturalização do homem alargava-se para incluir uma concepção de limites ecológicos ao setor produtivo.

Em 1981, sua última e principal obra traz no prefácio a afirmação de que “[...] o modelo de alocação de mão-de-obra e de recursos, implícito na teoria dominante de organização, não leva em conta as exigências ecológicas e não se vincula, portanto, ao estágio contemporâneo das capacidades de produção” (Guerreiro Ramos, 1981, p. xi). Dois conceitos se destacam nessa obra por sua forte vinculação com a noção de homem parentético: fenonomia e isonomia. Esses tipos ideais referem-se a enclaves ou sistemas sociais com relações sociais autogratificantes, frequentemente subordinadas a ambientes formais, econômicos, burocráticos. Enquanto nos primeiros, de maneira distinta ou em formas híbridas, é possível desenvolver-se a racionalidade substantiva ou noética, permitindo ao ser humano uma forma de autoatualização, autorrealização e compreensão da atitude parentética, nos ambientais formais predomina, em princípio, a racionalidade instrumental. No conjunto de sua obra, Guerreiro Ramos desenvolveu uma noção de natureza humana inconformista e pluralista e uma concepção multicêntrica, aberta e ecológica da sociedade.

4 Considerações Finais

Nossa intenção de recuperar, por intermédio de entrevista com Sinésio Ostroski, uma visão do ser humano Guerreiro Ramos, a partir de sua convivência com este intelectual, resultou na compreensão da centralidade do conceito de homem parentético. Além das recordações de Sinésio, dedicamos uma seção do texto exclusivamente para tratar deste conceito e de seus desdobramentos, o que fizemos distinguindo três momentos que consideramos fundamentais. O primeiro deles, no início dos anos de 1960, pouco antes de ser expulso do Brasil pelo regime militar, quando Guerreiro Ramos enfatizava uma redução sociológica no tratamento da literatura socialista e organizacional. Poderíamos concluir que tal momento é centrado na sociologia, ainda que tenha traços transdisciplinares com a filosofia e com a ciência política. No segundo momento, no início dos anos de 1970, o autor aprofunda

sua análise destacando aspectos antropológicos e filosóficos, além de sociológicos e administrativos. Por fim, no início da década de 1980, já na UFSC, Guerreiro Ramos inovou antecipando aspectos de sua última obra, que seria publicada no Brasil em 1981. Na sua aula inaugural no Curso de Planejamento Governamental, ele atualizou sua concepção de homem parentético por meio de uma abordagem voltada para a ecologia; sua compreensão da natureza humana ultrapassava as ciências sociais para dialogar com as ciências da natureza. Todas as ciências consideradas por Guerreiro Ramos, a sociologia, a administração, a psicologia, a antropologia fundamental, a ciência econômica, a ciência política, a ecologia, são permeadas pela filosofia e pela consideração da ética, base de sua compreensão da natureza humana.

Por fim, ressaltamos que essa interpretação é apenas uma entre muitas outras possíveis que contribui para o debate sobre a relevância da obra de Guerreiro Ramos.

Notas

- ¹ Heidemann observa que este artigo teve mais de uma versão, sendo a primeira de 1967 e a última de 1970, com algumas reformulações (Heidemann; Salm, 2009).

Referências

AZEVEDO, A.; ALBERNAZ, R. A antropologia do Guerreiro: a história do conceito de homem parentético. **Cadernos EBAPE.BR**, [S.l.], v. IV, n. 3, p. 1-19, out. 2006.

CAVALCANTI, B.; DUZERT, Y.; MARQUES, E. (Org.). **Guerreiro Ramos**. Coletânea de depoimentos; collection of testimonials. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

GUERREIRO RAMOS, A. The parenthetical man. **Journal of Human Relations**, [S.l.], v. 19, n. 4, p. 463-87, 1971.

GUERREIRO RAMOS, A. A modernização em nova perspectiva: em busca do modelo da possibilidade. In: HEIDEMANN, F. G.; SALM, J. F. (Org.). **Políticas públicas e desenvolvimento**: bases epistemológicas e modelos de análise. Brasília, DF: Editora da UnB, 2009. p. 41-79.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro: FGV, 1981.

GUERREIRO RAMOS, A. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.

GUERREIRO RAMOS, A. Modelos de homem e teoria administrativa. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 3-12, abr.-jun., 1984.

GUERREIRO RAMOS, A. Os modelos de homem e a teoria administrativa. *In*: CARAVANTES, G. R. **Teoria geral da administração: pensando & fazendo**. 2. ed. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 128-141.

GUERREIRO RAMOS, A. Programa acadêmico e de pesquisa em planejamento governamental. **Cadernos do Curso de Pós-Graduação em Administração**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1980. 54 p.

MILLS, C. W. **The sociological imagination**. Nova York: Oxford University Press, 1959.

Recebido em 16/12/2015

Aceito em 17/12/2015

Cristo Epistêmico

Elisa Larkin Nascimento¹

IPEAFRO, Rio de Janeiro, Brasil

E-mail: pesquisa@ipeafro.org.br

Resumo

Guerreiro Ramos exerceu sua “sociologia militante” no Teatro Experimental do Negro. Desde jovem, ele vinha elaborando sua ideia do “sujeito epistêmico”. Seu legado teórico dialoga com o pensamento sociológico contemporâneo internacional. A autora propõe uma leitura de Guerreiro Ramos em diálogo com autores como Agnes Heller, W. E. B. Du Bois e Manuel Castells, enfocando paradigmas como redução sociológica, vida cotidiana, carecimentos radicais, identidades de resistência e de projeto. Neste artigo examina-se o papel de Guerreiro Ramos na idealização do Concurso Cristo de Cor, iniciativa do Teatro Experimental do Negro em 1955, realçando o TEN como exemplo do “sujeito epistêmico”. São apreciados textos de Guerreiro Ramos sobre a pintura de Abdias Nascimento, escritos durante o período de exílio dos dois nos EUA, concluindo que a abordagem da estética negra nesse período dá continuidade ao enfoque sobre esse tema desenvolvido nos trabalhos anteriores de Guerreiro Ramos no TEN.

Palavras-chave: Sociologia Brasileira. Negros – Brasil. Pensamento Pós-moderno. Arte Negra. Movimento Negro.

Abstract

Guerreiro Ramos practiced his “militant sociology” in the Black Experimental Theater (TEN). As a young man, he had already been refining his idea of the “epistemic actor”. His theoretical legacy converses with contemporary international sociology. The author proposes a reading of Guerreiro Ramos in dialogue with authors like W. E. B. Du Bois, Agnes Heller, and Manuel Castells, focusing on paradigms like sociological reduction, everyday life, radical privations, identities of resistance and project. She examines Guerreiro Ramos’s role as idealizer of the TEN’s Arts Contest on the theme of the Black Christ (1955), emphasizing TEN’s role as an “epistemic actor”. She looks at Ramos’s texts on the painting of Abdias Nascimento, written during their period of exile in the USA, understanding his approach to black aesthetics in this period as a continuum with his treatment of this theme in his earlier work with TEN.

Keywords: *Brazilian Sociology. Blacks in Brazil. Post-Modern Thought. Black Art. Black Movements.*

I Introdução

O Seminário “Guerreiro Ramos, Intérprete do Brasil”, organizado pelo Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas (NUER), da Universidade Federal de Santa Catarina, promoveu um momento único de reflexão sobre a vida e obra desse humanista brasileiro. Pela envergadura e sensibilidade do homenageado, tal exercício significa considerarmos a história do pensamento crítico no país. A contribuição do professor Raul Antelo, que abriu o seminário mostrando um Guerreiro Ramos “não-contemporizador” ao traçar o desenvolvimento de suas ideias desde jovem, confirma a grandeza e originalidade desse pensador “[...] muito singular da cultura como um todo e do pensamento nacional, em particular.” (Antelo, 2015, p. 1).

Epígrafe do ensaio, a frase do jovem Guerreiro “Sou rebelde porque humano” ecoaria bem mais tarde – quase quatro décadas após a sua enunciação em artigo de 1937 – nos trabalhos de um seminário realizado pelo Centro das Humanidades da Universidade Wesleyan, nos Estados Unidos, em 1969-70, sobre o tema “A Humanidade em Revolta”. Com duração de um ano, o seminário reuniu destacados intelectuais e artistas como Herbert Marcuse, Buckminster Fuller, Norman O. Brown, Leslie Fiedler, John Cage e outros. Guerreiro não participou diretamente, mas seu testemunho sobre a obra artística do colega e amigo Abdias Nascimento, então professor e Fellow da Wesleyan – este, sim, participante do seminário – se insere perfeitamente no objetivo do certame. A exposição das pinturas de Abdias, atividade cultural complementar ao seminário, se abrigou na Casa Malcolm X, centro cultural daquela prestigiosa instituição acadêmica (Nascimento, A., 1969).

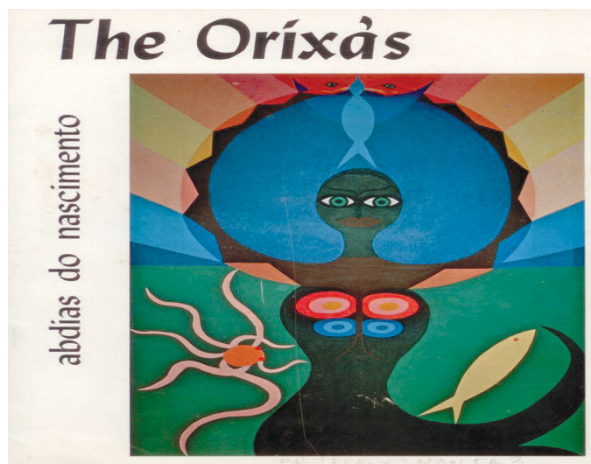


Foto 1: Capa do catálogo, exposição de Abdias Nascimento, Malcolm X House (Middletown, CN, EUA: Center for the Humanities, Wesleyan University, 1969)

Fonte: IPEAFRO (1956)

Criador do Teatro Experimental do Negro (TEN) em 1944, Abdias havia recebido o rebelde Guerreiro no TEN por volta de 1947, depois da comemoração do segundo aniversário de sua fundação. Ali o sociólogo desenvolveu, entre outras atividades, seu trabalho de sociodrama inspirado no psicodrama de Jacob Levy Moreno (Guerreiro Ramos, 1950a, 1950b). Além disso, Abdias e Guerreiro participaram juntos dos trabalhos do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), do qual Abdias foi o primeiro diplomado (IPEAFRO, 1956).

Guerreiro Ramos cita sua participação no TEN como práxis que fundamentou o desenvolvimento de sua abordagem sociológica (Guerreiro Ramos, 1995, p. 260). Ao arregaçar as mangas e mergulhar no ativismo cultural, sociorracial e intelectual do TEN, Guerreiro vivia a “ação do intelectual novo” que ele cedo preconizara: “[...] ao jovem novo, incumbe o papel de afirmar-se, de comprometer-se no que diz e no que escreve” (Guerreiro Ramos, 1937). Mais tarde, ele identificou o TEN como a mais destacada manifestação da nova fase dos estudos das relações raciais no Brasil, “[...] caracterizada pelo fato de que, no presente, o negro se recusa a servir de mero tema de dissertações ‘antropológicas’, e passa a agir no sentido de desmascarar os preconceitos de cor” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 205). Ou seja, o TEN incorporava exemplo vivo do “sujeito epistêmico” cuja categoria o jovem Guerreiro

começara a elaborar desde cedo (Antelo, 2015, p. 5). A crônica desse exemplo não cabe no presente trabalho, mas certamente constatará o fato quem estudar a história, as iniciativas e as atividades do TEN, algo que já tive a honra e oportunidade de ensaiar (Nascimento, E., 2003, p. 245-380).

O legado sociológico de Guerreiro Ramos extrapola o contexto brasileiro, compondo um elo matricial no encadeamento da “rica tradição do pensamento crítico que une o ubíquo ao utópico, o local ao global”, conforme Clóvis Brigagão (1995, p. 11). No intuito de contribuir para o diálogo promovido pelo NUER, pretende-se aqui tecer algumas considerações sobre o pensamento e a atuação de Guerreiro Ramos, lembrando, de início, uma leitura dialógica de sua obra e a da filósofa húngara Agnes Heller e os sociólogos W. E. B. Du Bois e Manuel Castells que ajuda a pontuar implicações da noção e ação do “sujeito epistêmico” em nível mundial. Também me refiro a uma instância da atuação de Guerreiro Ramos no TEN: a proposta e realização do Concurso de Artes Plásticas sobre o Tema do Cristo Negro em 1955. Ele retoma o tema da estética negra mais tarde, no período de exílio nos Estados Unidos, em seus ensaios críticos sobre a pintura de Adias Nascimento.

2 Diálogo Dialético

Tanto no plano brasileiro como no internacional, a obra de Guerreiro Ramos contribuiu para as “revisões e rearticulações dos mapas cognitivos” que seu tempo exigia (Brigagão, 1995, p. 11) ao criar categorias e paradigmas como a redução sociológica, a teoria da vida humana associativa, a postura parentética do homem em relação às organizações e a globalidade dos recursos e dos sistemas econômicos e ecológicos. Seu singular enfoque sobre a questão racial apontava caminhos para a ciência e a transformação social, antecipando discussões e propostas políticas hoje relevantes. Nesse particular, a visão de Guerreiro coincide com aquela do sociólogo negro norte-americano W. E. B. Du Bois (1868-1963), quando anunciou em 1903 que “o problema do século XX será o problema da linha de cor” (Du Bois, 1980, p. 372). Pensador e ativista pan-africano, Du Bois figura entre os

intelectuais que mais contribuíram para a sociologia e a transformação social naquele século.

A filósofa húngara Agnes Heller (1929), discípula de Lukács, desenvolve desde dentro uma crítica ao pensamento marxista a partir de problemas postos pelos rumos da sociedade moderna e pós-moderna, trabalho que a levou também a construir paradigmas e instrumentos analíticos e conceituais como os da vida cotidiana, carecimentos radicais, microanálise social e objetivações em si mesmas (Heller, 1982; 1987). Seu pensamento dialoga de forma instigante com o de Guerreiro Ramos. Sua crítica à tese segundo a qual as leis econômicas do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade capitalista conduzem necessariamente à revolução e à construção da sociedade sem classes, por exemplo, lembra Guerreiro Ramos (1995, p. 261), quando afirma, em entrevista dada ao jornal carioca *Última Hora* em 1956, que a ciência social do século XX

[...] (a) não admite o primado sistemático de nenhum critério operatório de dialetização, nem tampouco se admite como um monismo determinista dialético; (b) não admite a conclusão do processo histórico-dialético, nem sabe de antemão aonde conduz este processo; (c) dialetiza as relações entre a teoria e a prática.

Assim como Guerreiro, Agnes Heller propõe ampliar o enfoque sobre a realidade social, introduzindo como de significação primária atividades e fatos próprios a diversas esferas. A primazia do enfoque econômico cede lugar à centralidade de fenômenos como linguagem e estética, em alguns casos até “[...] negligenciando mesmo os seus aspectos econômicos. O que nos interessa aqui é focalizar a questão do ângulo psicológico, enquanto socialmente condicionado” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 196-197). Os dois autores buscam aquilo que Guerreiro queria no seu conceito ampliado de redução sociológica: uma “[...] leitura inteligente do real em suas múltiplas expressões” (Guerreiro Ramos, 1996, p. 11).

Num ensaio sobre a hermenêutica nas ciências sociais, Agnes Heller fala da “prisão da contemporaneidade” em que se encontra o homem moderno após o iluminismo: o paradoxo de buscar um “verdadeiro conhecimento do mundo” quando se reconhece esse

conhecimento limitado por situar-se dentro de seu tempo e de seu espaço (Heller, 1989, p. 291). Para superar esse paradoxo, seria preciso encontrar um “ponto de Arquimedes” fora desse tempo e espaço, o que permitiria ver nitidamente a sua natureza. Heller (1989, p. 292) propõe o seguinte:

Suponhamos que sejamos capazes de conversar com os atores de épocas passadas ou com membros de culturas alheias; suponhamos ainda que possamos ler a mente desses povos (ou seus textos) e vir a saber o que realmente significavam (ou significam). Finalmente, vamos supor que devido a tudo isso podemos nos olhar de volta a nós mesmos, com esses próprios olhos alheios, desde o contexto cultural desse “outro”. Se pudéssemos fazer esses “outros” levantar as suas questões, e avaliar e julgar nossa história e nossas instituições desde a sua perspectiva, em outras palavras sua consciência histórica, teremos estabelecido um ponto de Arquimedes fora de nossa própria cultura.

W. E. B. Du Bois e Guerreiro Ramos estão entre os atores autorais de um processo parecido, ocorrido ao longo do século XX e que continua no presente. Os olhares “de fora” articulam suas críticas às posturas e teorias ocidentais, influenciando profundamente a sua evolução, quando não as substituindo por outras propostas teóricas próprias às suas experiências específicas. Grande parte dessa literatura enfoca “o problema da linha de cor”, conforme previa Du Bois. A literatura é vasta e inclui autores como Cheikh Anta Diop, fundador do Instituto Fundamental da África Negra, que rebateu as teses da inferioridade africana e iniciou uma nova tradição e novos paradigmas de pesquisa (Diop, 1955; 1959).

Assim, a ideia do ponto de Arquimedes chama a atenção para o mesmo fenômeno que constitui o objeto motivador da redução sociológica proposta por Guerreiro Ramos: o questionamento crítico do olhar ocidental imposto como mediador universal de uma realidade humana tida como globalmente uniforme em acordo com o modelo europeu.

Consideremos de início, a noção de centro. O eurocentrismo traduz a acepção weberiana de centro como região ou localidade desde a qual um grupo dominante faz incidir sobre o restante da coletividade

os padrões dominantes por ele definidos (Guerreiro Ramos, 1995, p. 65). No contexto de teorias contemporâneas como a afrocentricidade, o centro se refere ao ponto de vista ou localização do sujeito: desde que posição ele observa, analisa e compreende o mundo (Asante, 2009). O conceito antropológico de etnocentrismo, por sua vez, generaliza a tendência de cada grupo étnico a elaborar seu centro e valorizar sua própria cultura. Há uma tendência, alimentada por essa etimologia, de se fazer equivaler o eurocentrismo a um etnocentrismo específico. Sendo o etnocentrismo um fenômeno universal, atributo tanto dos europeus quanto dos nativos dos territórios colonizados, os europeus, ao exercê-lo, estariam agindo como todos os seres humanos, inclusive os próprios colonizados.

O primeiro equívoco desse raciocínio está no fato de que o eurocentrismo não corresponde a uma etnia, já que existem inúmeros grupos étnicos europeus; a ideologia eurocentrista abstrai as etnicidades e cultiva referências das civilizações grega e romana. Mais grave, entretanto, é a minimização do eurocentrismo como sistema de dominação. Sua identificação como “mais um etnocentrismo” o isenta de suas implicações nos processos de subjugação e de falsificação histórica, utilizados para impor um “etnocentrismo” específico como universal a todos os povos. O aparato bélico repressivo do sistema colonialista constitui exemplo extremo dessa violência, perpetrada e complementada por formas violentas mais sutis de natureza psicológica, estética, emotiva e intelectual. Guerreiro Ramos (1995) e Abdias Nascimento (2002) apontavam esse fenômeno ao lado de contemporâneos como Aimé Césaire (1955), Albert Memmi (1967); Frantz Fanon (1979, 1983), W. E. B. Du Bois (1986) e tantos outros.

Essa análise das múltiplas facetas do sistema de dominação colonial e a construção de métodos e propostas para sua superação marcaram de forma fundamental a evolução do pensamento e das formas sociais dos séculos XX-XXI. Vozes e atores sociais articularam seus “olhares de fora”, um “ponto de Arquimedes” para a sociedade ocidental.

Ao pensar em provocar a produção de tais expressões, como se não já existissem, o subjuntivo de Agnes Heller (1989, p. 292: “se pudessemos fazer esses ‘outros’ levantarem as suas questões”) não deixa

de apontar a relativa invisibilidade dessa literatura, a ponto de teóricos da sociedade ocidental deixar de tomar conhecimento da mesma ou, no máximo, atribuir-lhe reduzida importância.

Mesmo assim, além de assinalar o valor deste fenômeno para as ciências sociais, Heller estabelece pontes com os porta-vozes do “olhar de fora”. Suas críticas à construção filosófica do proletariado como sujeito da revolução e à manipulação do destinatário da teoria (Heller, 1982, p. 13-14; Heller, 1989, p. 297) coincidem com a insistência de Guerreiro Ramos (1995; 1996) sobre a relação dialética entre prática e teoria e a necessidade de induzir a teoria sociológica a partir dos fatos concretos de uma realidade específica. Para Guerreiro Ramos, a prática de uma “sociologia militante” permite ao cientista instruir-se a partir da observação engajada ou do engajamento direto na ação do “destinatário” de sua teoria enquanto protagonista e não objeto da elaboração teórica. Assim ele explica vários momentos de sua participação no Teatro Experimental do Negro (TEN) (Guerreiro Ramos, 1995, p. 57, 205-209, 249-251, 260-261) e resume (Guerreiro Ramos, 1995, p. 260-261):

O Teatro Experimental do Negro me possibilitou a práxis do ‘problema’ e depois dela é que cheguei à teoria. O mesmo aconteceu com os meus estudos sobre mortalidade infantil e sobre problemas administrativos, econômicos e políticos do país. Quem não age, quem não participa do processo societário não compreende a sociedade.

Aliás, essa prática engajada está no cerne de sua metodologia indutiva, pois afirma (Guerreiro Ramos, 1995, p. 52) que “[...] a indução dos critérios de pensamento a partir da realidade é trabalho coletivo e não uma façanha individual, fruto de ‘inspiração’”.

Aqui surge o “sujeito epistêmico”, o ator coletivo que levanta questões e demandas em direção à transformação social. Novamente a ideia dialoga com Agnes Heller, desta vez a sua teoria dos carecimentos radicais, necessidades ou anseios nascidos “[...] em consequência do desenvolvimento da sociedade civil, mas que não podem ser satisfeitos dentro dos limites dessa sociedade” (Heller, 1982, p. 133). Todo grupo social que expressa carecimentos radicais pode tornar-se sujeito

da transformação revolucionária (Heller, 1982, p. 133). Ao articular o condicionamento específico dos segmentos sociais portadores dos carecimentos radicais, no intuito de desenvolver respostas eficazes para sua solução, os atores sociais transformam o carecimento como “ausência” em carecimento como “projeto” (Heller, 1982, p. 137). Num movimento análogo àquele dos olhares sobre a teoria das ciências sociais, ao darem voz às suas visões próprias da sociedade civil, desde a perspectiva de sua vivência do cotidiano e das estruturas sociais, eles possibilitam a formulação de estratégias de ação social e de políticas sociais relevantes aos seus carecimentos radicais.

É esse o procedimento de Guerreiro Ramos e do TEN ao analisar e agir diante do “problema do negro” no Brasil. Sua crítica do tratamento convencionalmente dispensado ao tema se conclui assim (Guerreiro Ramos, 1995, p. 236):

[...] o que se tem chamado no Brasil de “problema do negro” é reflexo da patologia social do “branco brasileiro, de sua dependência psicológica. Foi uma minoria de “brancos” letrados que criou esse “problema”, adotando critérios de trabalho intelectual não induzidos de suas circunstâncias naturais diretas. Nestas condições, reconhece-se hoje a necessidade de reexaminar o tema das relações de raça no Brasil, dentro de uma posição de autenticidade étnica.

Quanto ao método formulado para a compreensão do problema nas suas verdadeiras dimensões, o autor indaga (Guerreiro Ramos, 1995, p. 198-199):

Qual será a situação vital a partir de que seria melhor propiciada para o estudioso a compreensão objetiva do tema em tela? Ao autor, parece aquela da qual o homem de pele escura seja, ele próprio, um ingrediente, contanto que este sujeito se afirme de modo autêntico como negro. Quero dizer, começa-se a melhor compreender o problema quando se parte da afirmação – níger sum. Esta experiência do níger sum, inicialmente, é, pelo seu significado dialético, na conjuntura brasileira em que todos querem ser brancos, um procedimento de alta rentabilidade científica, pois introduz o investigador em perspectiva que o habilita a ver nuances que, de outro modo, passariam despercebidas.

O Teatro Experimental do Negro tinha essa postura como centro de sua análise e ação social. Além de realizar apresentações teatrais, eventos culturais e encontros voltados à pesquisa, discussão e atuação política de combate ao racismo, o TEN registrava suas ideias e iniciativas em publicações capazes de difundir suas ideias e propostas (Nascimento, A., 1961, 1966, 1968a). O sociólogo e o TEN atuavam no sentido de aprofundar a identidade do negro como protagonista de uma transformação social necessária para a construção de um Brasil democrático e desenvolvido econômica, social e culturalmente.

Essa postura do níger sum antecipa em décadas a formulação do perspectivismo africano e do centro como localização que sustenta o paradigma da afrocentricidade (Asante, 2009, p. 96-97). Ademais, ao desafiar e inverter a relação pesquisador/objeto de pesquisa, se lançando ao estudo do “branco” e da brancura a partir do níger sum – seu lugar e sua perspectiva como negros –, eles anteciparam a teoria crítica racial (Delgado, 1997) e os estudos da branquitude (Bento, 2014; Cardoso; Schucman, 2014).

O Teatro Experimental do Negro exerceu um papel pioneiro ao engajar-se, enquanto entidade da sociedade civil, em ações e discussões de pesquisa e estudos, área então reservada à academia. Nesse particular, o TEN pode ser visto como precursor do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, ISEB, outra instituição civil a se engajar na produção intelectual. Observa Guerreiro Ramos (1995, p. 205):

O TEN foi, no Brasil, o primeiro a denunciar a alienação da antropologia e da sociologia nacional, focalizando a gente de cor à luz do pitoresco ou do histórico puramente, como se se tratasse de elemento estático ou mumificado. Essa denúncia é o leitmotiv de todas as realizações do TEN, entre as quais o seu jornal Quilombo, a Conferência Nacional do Negro (1949) e o I Congresso do Negro Brasileiro, realizado em 1950.

Afirma Abdias Nascimento (1950a, p. 1) que o TEN trabalha “[...] aliando à face acadêmica do conclave o senso dinâmico e normativo que conduz a resultados práticos”. Dessa forma, conclui ele (1950b, p. 1), o negro passa “[...] da condição de matéria-prima de estudiosos para a de modelador da sua própria conduta, do seu próprio destino”.

Tal postura não deixou de incomodar estudiosos que costumavam ver o negro como matéria prima ou objeto de pesquisa. Quando o TEN se posicionou publicamente sobre distorções a seu respeito presentes no trabalho do sociólogo Luiz Aguiar da Costa Pinto, este respondeu (Pinto, 1954, p. 2): “Duvido que haja biologista que depois de estudar, digamos, um micróbio, tenha visto esse micróbio tomar da pena e vir a público escrever sandices a respeito do estudo do qual ele participou como material de laboratório”. A querela, bastante reveladora do quadro das relações raciais na época, compõe uma história fascinante que já tive oportunidade de relatar (Nascimento, E., 2003, p. 262-280; 350-368).



Foto 2: Guerreiro Ramos com obras do Concurso do Cristo de Cor organizado pelo Teatro Experimental do Negro. Rio de Janeiro, 1955

Fonte: IPEAFRO (1955)

3 Sujeito Epistêmico: o Teatro Experimental do Negro (TEN) e o Cristo de Cor

No ano seguinte, 1955, o Rio de Janeiro se preparava para receber delegações da Igreja Católica de todo o mundo no XXXVI Congresso Eucarístico Internacional. Em maio, o TEN realizava sua Semana de Estudos sobre Relações de Raça, cuja declaração de princípios reconhecia “[...] o recente incremento da importância dos povos de cor, politicamente independentes, como fatores ponderáveis na configuração

das relações internacionais [...]” e conclama o Brasil a “[...] participar da liderança das forças internacionais interessadas na liquidação do colonialismo” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 250-251).

O trabalho do TEN já vinha unindo a estética à atuação política. Além das apresentações teatrais, realizava concursos de beleza para mulheres negras como instrumento pedagógico e “terapêutica de desrecalcamento em massa”, pois

[...] as classes ditas superiores mantinham o nosso povo obnubilado pelos padrões estéticos alienados e alienantes da brancura, esta constituindo uma ideologia corruptora e perversa, ao negar a beleza negra no contexto vivo da estética brasileira. (Nascimento, A., 1968b, p. 41)

No I Congresso do Negro Brasileiro, em 1950, houve acalorada discussão da necessidade de se criar um museu de arte negra.

Em outubro de 1954, sai na revista *Forma* o artigo “O negro desde dentro”, de Guerreiro Ramos (1995, p. 241-248), em que o autor afirma que a beleza negra

[...] não é, porventura, criação cerebrina dos que as circunstâncias vestiram de pele escura, espécie de racionalização ou justificação, mas um valor eterno, que vale ainda que não seja descoberto. Não é uma reivindicação racial o que confere positividade à negrura: é uma verificação objetiva. É assim, objetivamente, que pedimos para a beleza negra o seu lugar no plano egrégio. (Guerreiro Ramos, 1995, p. 244)

Essa afirmação resume uma dimensão importante do discurso e ação da luta anticolonialista pan-africana protagonizada por poetas como Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, de cujos textos Guerreiro transcreve trechos. O TEN se mantinha ligado e solidário à luta independentista e ao movimento da Negritude, presente nas páginas do seu *jornal Quilombo*.

A realização do Congresso Eucarístico Mundial no Rio de Janeiro apresentou-se a Guerreiro Ramos e aos artistas e intelectuais do TEN como uma oportunidade sem igual para a afirmação dessa estética: propuseram e realizaram, em parceria com a *Revista Forma*, um concurso de pintura sobre o tema do Cristo Negro. Com apoio de artistas

e intelectuais como Quirino Campofiorito, Dinah Silveira de Queiroz e Augusto Frederico Schmidt, além do então arcebispo auxiliar Dom Helder Câmara, a iniciativa foi motivo de grande polêmica na imprensa (IPEAFRO, 1955). “Está prestes a ser aberta ao público uma exposição de pintura que reúne em si a blasfêmia e o sacrilégio, aliados ao mau gosto”, dizia uma crítica no *Jornal do Brasil* (Uruguay, 1955):

É a do Cristo Negro. [...] Essa exposição que se anuncia deveria ser proibida como altamente subversiva. Tal acontecimento realizado às vésperas do Congresso Eucarístico, foi preparado adrede para servir de pedra de escândalo e motivo de repulsa. O nosso descontrole moral, a nossa grande falta de respeito e de bom gosto, o nosso triste estado d’alma, não podem ser dados em espetáculo aos que nos visitam. Damos aqui o brado de alarma. As autoridades eclesiásticas devem, quanto antes, tomar providências para impedir a realização desse atentado feito à Religião e às Artes.

Outras matérias e reportagens, quase sem exceção, levantam a questão do racismo às avessas.



Foto 4: Cléoo, Cristo Negro. Óleo sobre madeira, 76 x 112 cm. Rio de Janeiro, 1955
Fonte: IPEAFRO (1955)

Na *Tribuna da Imprensa*, a legenda que acompanha a imagem do quadro da pintora negra Cleo Novarro afirma: “Eis como Cleo Novarro concebe um Cristo de cor. Não é racismo, é homenagem ao Congresso Eucarístico”. O texto esclarece: “Ao contrário do que muita gente pensou (e ainda pensa), explicam-nos os organizadores da mostra que o objetivo pretendido não foi testemunhar um incipiente racismo

do negro brasileiro” (Se Cristo fosse preto, 1955). Outra matéria traz como subtítulos “Continuará a Polêmica Em Torno das Pinturas do Concurso Forma – Teatro Experimental do Negro” e “Não se estará criando um racismo ‘Às avessas’?” (Bastos, 1955, p. 5). Abdias Nascimento responde nesta mesma reportagem:

Na contemplação da beleza negra, nesta exaltação explícita e subjacente dos valores negros, a negrura não é anti-branca, não é agressiva e nem separatista. Ao contrário, pacífica e integrativa, ela oferece o que de mais universal, de mais ecumênico, e, pois, de mais excelso e católico existe na sua substância negra como é exemplo, feliz e atual, o concurso do “Cristo de Côr”, idealizado pelo sociólogo Guerreiro Ramos e promovido conjuntamente pelo T. E. N. e pela revista “Forma”.

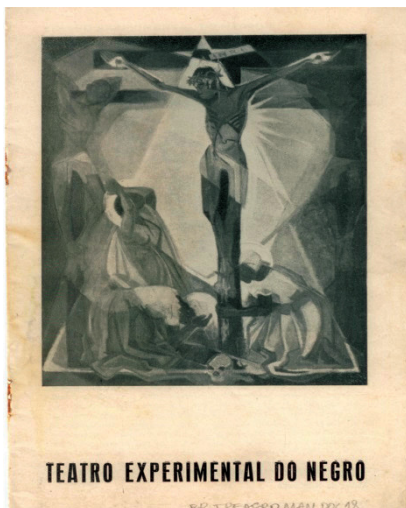


Foto 3: Capa do programa do Concurso Cristo de Cor e da peça *O filho pródigo*. Teatro Experimental do Negro, 1955
Fonte: IPEAFRO (1955)

Quirino Campofiorito (1966, p. 143) comenta o sucesso do concurso:

[...] encerrada a inscrição, e às vésperas do julgamento, verificamos que o sucesso ultrapassou mesmo a expectativa mais otimista daqueles que já nos garantiam uma concorrência apreciável. Bem oitenta trabalhos de pintura, em técnicas e sentidos estéticos os mais diversos,

darão uma ótima impressão da arte interessada num tema palpitante, que é a concepção do Cristo de côr. Palpitante, audaciosa e mesmo temerária, dado que não será fácil vencer a convicção sôbre o Messias branco.

Desse conjunto, foram selecionadas 52 quadros, expostos no salão do Ministério da Educação (Palácio Gustavo Capanema) de 17 a 24 de julho, listados por autor no catálogo ao lado de informações sobre a apresentação pelo TEN da peça *O filho pródigo*, de Lúcio Cardoso, no Teatro Carlos Gomes nos dias 18 a 25 de julho (Nascimento, A., 1955, p. 10-11). Dom Helder Câmara, Secretário Geral do 36º Congresso Eucarístico Internacional, assina o texto de contracapa do catálogo apresentando o concurso e a peça teatral ao público e afirmando que o TEN, “[...] uma das maiores realizações do teatro brasileiro, é a mais feliz das afirmações das possibilidades do negro no campo da cultura”.

Vencedora do concurso, a artista Djanira criou um “Cristo na coluna”, mostrando o martírio de um Jesus escravizado no Pelourinho de Salvador (Nascimento, A., 1955, p. 7), semelhante à de Otávio Araújo, pintor negro que concebeu um “Cristo na favela”

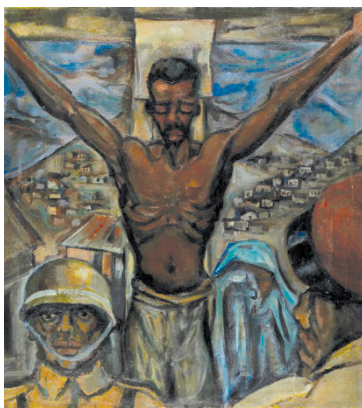


Foto 5: Otávio Araújo, Cristo Favelado. Óleo sobre tela, 53 x 64 cm. Rio de Janeiro, 1955

Fonte: IPEAFRO (1955)

Essa ideia orientou também o segundo colocado, Marques de Sá, e outros artistas, sendo bem recebida pela crítica (Bastos, 1955, p. 5):

Colocaram Cristo nos dias atuais, crucificado ou flagelado em bairros pobres, entre mulheres do povo, famintas e sofredoras. Essa concepção realista mereceu a aprovação da maioria do júri e foi realmente a nota mais autêntica da exposição. O Cristo negro seria, pois, um homem contemporâneo, explorado e sofredor.

O teor didático da iniciativa expressou-o o seu idealizador, Guerreiro Ramos (1955, p. 2, 4), ao relatá-la, em texto bem didático, como “consequência de um incidente familiar”:

De fato, por ocasião das festas natalinas do ano passado, minha filha de cinco anos, que se educa em colégio católico, entre outras cantigas, aprendeu uma em que havia estes versos:

“Cabelos loiros
Olhos azuis
És meu tesouro
Nosso Jesus”

Ouvindo-a cantar reiteradamente estes versos fui levado a refletir que debaixo daquela manifestação natalina havia uma insinuação preconceituosa. E minha convicção foi reforçada ao testemunhar o espanto da criança quando lhe disse que nosso Senhor Jesus Cristo, em sua vida terrena, não fora louro, nem tivera olhos azuis. Ao contrário, fora provavelmente um homem trigueiro, de tonalidade muito próxima da do mulato brasileiro. [...] A nossa corrente idealização de Nosso Senhor, como homem louro e de olhos azuis, reflete uma alienação estética, um autodesprezo, uma atitude de subserviência, na qual renunciamos a um critério comunitário e imediato do belo e do excelso em favor de um critério estranho à vida nacional. Jesus Cristo, em sua representação natural no Brasil, não poderia nunca ser louro e nem de olhos azuis, se desejamos ser autênticos.

A fundamentação histórica da identidade “trigueira” de Jesus Cristo não figura como enfoque principal dos organizadores, mas está presente nos textos (Nascimento, A., 1955, p. 6, 8; Ramos, 1955, p. 2, 4).

No seu conjunto, a iniciativa do Concurso do Cristo de Cor complementado pela apresentação da peça teatral *O filho pródigo* se caracteriza como um belo exemplo da ação do “sujeito epistêmico”

idealizado por Guerreiro Ramos em sua juventude (Antelo, 2015, p. 5) e caracterizado por Agnes Heller (1982, p. 137) como transformador de carecimento como ausência em carecimento como projeto. Já o sociólogo Manuel Castells (1999, p. 24-26) tipifica as identidades de resistência e projeto, conceitos que dialogam com os de Heller e Guerreiro e Ramos. Em sua concepção, a identidade de projeto entra em cena quando os atores sociais criam uma nova identidade capaz de reformular sua inserção na sociedade. Assim, a identidade de projeto produz sujeitos – indivíduos e atores sociais coletivos – que procuram transformar a estrutura social. É exatamente essa a proposta de Guerreiro Ramos e do TEN com o conjunto de suas iniciativas. “Reivindicar uma identidade”, diz Castells (1999, p. 235), “é construir poder”. Entretanto, esse autor (Castells, 1999, p. 79) minimiza a identidade racial ou étnica como fator importante: “difícilmente se pode dizer que seja ainda capaz de construir significados”. Neste particular, ele difere dos intelectuais do TEN e também de Agnes Heller, para quem “todos os estratos sociais que expressam carecimentos radicais podem tornar-se sujeitos da transformação revolucionária” (Heller, 1982, p. 133). Em minha opinião, o Teatro Experimental desempenhou esse papel, tendo continuidade nos movimentos negros que o sucederam. Construíram significados em diversos fronts, resultando, a partir do limiar do século XXI, na implantação de políticas de ação afirmativa na cultura, na educação, no mercado de trabalho e na sociedade civil cujos efeitos a sociedade ainda sente hoje. Em nível internacional, o TEN se enquadra no conjunto de atores sociais e intelectuais que conquistaram a independência dos países colonizados e protagonizaram mudanças importantes na academia, na produção intelectual e nas sociedades civis, construindo os novos paradigmas do mundo pós-moderno.

4 Orixás e Estética Epistêmica

O Concurso do Cristo de Cor integra o contexto das iniciativas do TEN unindo estética e política, que teriam maior expressão no projeto Museu de Arte Negra (MAN) idealizado no *I Congresso do Negro Brasileiro*. Em 1968, Abdias Nascimento abre a exposição inaugural do MAN no Museu da Imagem e do Som. Logo em seguida, ele

segue para os Estados Unidos, de onde é impedido de voltar, alvo da repressão intensificada pelo Ato Institucional n. 5. Sua participação nos movimentos da Arte Negra e do Poder Negro e seu diálogo com organizações e intelectuais negros na África, no Caribe e nos Estados Unidos são fatos pouco conhecidos que tive a oportunidade de registrar na biografia que escrevi a pedido do Senado Federal (Nascimento, E., 2014, p. 197-234).

Durante sua jornada no exterior, Abdias desenvolveu a pintura que havia iniciado antes de sair do Brasil, incentivado pela convivência com o pintor Sebastião Januário. À exposição “Os Orixás”, mencionada no início deste ensaio, seguiram-se dezenas mais. Guerreiro Ramos, cujo trabalho na Universidade da Califórnia do Sul (USC) voltava-se para a administração pública, se afastando, aparentemente, do enfoque sobre estética e negritude, acompanhava e não se furtava a testemunhar a trajetória de Abdias. Dessa forma, Guerreiro deu continuidade a seu engajamento com a questão racial.

Bem no seu estilo de leveza incisiva, escrevendo em inglês, Guerreiro Ramos (1971, p. 2) observa que, na sociedade contemporânea,

O melhor do nosso ser fica reprimido enquanto somos coagidos a sermos criaturas capazes de enfrentar as vicissitudes de nossa vida cotidiana. No atual mundo fragmentado, vivemos sob a lei marcial, compelidos a dividir-nos em papéis separados e constrangedores. Essa condição humana nos faz voltar para latentes realidades tonificantes. Presos à moldura convencional da vida em sociedade, normalmente estamos pervertidos.

Diante dessa situação, “[...] os quadros de Abdias do Nascimento implicam nada menos que numa revolução! Falam-nos sobre a integridade, unidade e autorrealização humanas”.

Há nas telas, de acordo com Guerreiro Ramos (1974, p. 3), “[...] um sentido restaurativo relativo ao significado contemporâneo da cultura negra no Brasil e em todo lugar”. Veem-se os símbolos religiosos africanos numa perspectiva evolucionista, como se hoje fossem arcaicos ou primitivos. Abdias confronta essa premissa, mostrando que os símbolos religiosos “[...] podem diferir no tempo e no espaço, mas a experiência humana que eles exprimem é basicamente a mesma.

Assim, a verdade dos símbolos religiosos africanos não é menos válida que aquela dos símbolos religiosos ocidentais.” (Guerreiro Ramos, 1974, p. 3).

“Atores intrigantes” das telas, os orixás nos contam que a água, o céu e a terra “são feitos do mesmo nada, que é o divino”. Guerreiro Ramos (1974, p. 3) afirma que esse aspecto da arte de Abdias tem um significado profundo: “todas as coisas e criaturas haverão de se unir”. As telas nos conduzem a um mundo tribal onde “[...] a natureza fala às mulheres, homens e deuses, e eles respondem” (Guerreiro Ramos, 1995a, p. 95). Esse tribalismo, longe de representar uma volta ao passado congelado, enriquece a experiência contemporânea. “Sua visão é tribal, não por ser exclusivista e segregacionista, mas por ser inclusiva e compatível com as propensidades do homem global de Marshall McLuhan – um verdadeiro cidadão deste mundo nosso.” (Guerreiro Ramos, 1995a, p. 95).

A arte de Abdias se impõe como “característica autêntica da revolução negra de hoje”, diz Guerreiro Ramos (1995a, p. 95, 97). “Como negro, ele se identifica com todos os esforços de libertação desatados por aqueles prejudicados pela escuridão de sua pele”.

A alienação ainda pesa muito como carga da condição humana em toda a parte. Entretanto, o negro se encontra peculiarmente alienado em comparação a outros indivíduos. Essa peculiaridade é o que a arte de Abdias tenta exprimir, embora não se limite somente a isto. Ele traz os motivos e temas negros para a corrente principal dos ideais humanistas do século vinte. Tais ideais são certamente factíveis, mas não inevitáveis, e beneficiariam toda a humanidade independentemente da cor. O mundo atual, no rumo em que está, se dirige a um final terrível e trágico. Não realizaremos suas possibilidades positivas e esperançosas sem as lutas e os empenhos que a vida de Abdias testemunha. (Guerreiro Ramos, 1995a, p. 95, 97)

5 Conclusão

A vida e obra de Guerreiro Ramos nos instigam a reflexões em diversos campos de atuação e investigação. Neste pequeno ensaio, tentei focalizar o alcance mais amplo de seu trabalho pioneiro com a questão racial, que dialoga com paradigmas sociológicos, tendências e debates intelectuais, movimentos sociais e a evolução da sociedade civil no mundo. Sua conceituação do “sujeito epistêmico” emerge como caracterização de sua própria vivência da questão racial e da militância sociológica no interior do Teatro Experimental do Negro. A convivência com Abdias Nascimento, numa amizade tecida num caminho de construção conjunta de ação e pensamento, dificilmente se separa da trajetória intelectual de Guerreiro. Aliás, em entrevista concedida à *Revista Marco* (n. 4, 1954), ele declarou (Guerreiro Ramos, 1995, p. 267) que um de seus “mais amáveis projetos para quando dispuser de mais tempo” era escrever “a história secreta de Abdias Nascimento”. Certamente, ele se aproximou à concretização desse desejo com os testemunhos que deixou nos catálogos das exposições do amigo em diversas instituições culturais. Em minha opinião, esses textos estão à altura do gênio de Guerreiro Ramos em todos os campos em que agiu.

Agradecimentos

Agradeço o convite do Núcleo de Estudos de Identidade e Relações Interétnicas (NUER) da Universidade Federal de Santa Catarina, para participar do Seminário “Guerreiro Ramos, intérprete do Brasil”, que me propiciou a oportunidade de conviver e interagir com um conjunto diverso e fascinante de estudiosos da obra do homenageado, e que promove a publicação desta coletânea.

Notas

- ¹ M.A. J. D., Universidade do Estado de Nova York, EUA; Ph.D., Universidade de São Paulo. Diretora, Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros (IPEAFRO), rua Benjamin Constant, 55/1101, Rio de Janeiro, RJ, 20241-150.

Referências

ANTELO, Raul. Ensaios críticos, vanguarda e intelectualidade. Guerreiro Ramos, o não-contemporizador. Conferência de abertura. *In*: SEMINÁRIO “GUERREIRO RAMOS, INTÉRPRETE DO BRASIL”. Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas (NUER), Universidade Federal de Santa Catarina, 11 de setembro de 2015. **Anais...** UFSC, Santa Catarina, 2015.

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. *In*: NASCIMENTO, Elisa Larkin. (Org.). **Afrocentricidade, uma abordagem epistemológica inovadora**. São Paulo: Selo Negro, 2009.

BASTOS, Clemente de Magalhães. Cristo de Cor, Ideia que Suscitou Debates Artísticos e Sociológicos. **Diário de Notícias**, [S.l.], Suplemento Literário. 31 jul. 1955, p. 5. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-documentos/cristo-de-cor-2/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

BENTO, Maria Aparecida da Silva. Branqueamento e branquitude no Brasil, 2014. **Racismo Institucional**, [S.l.], UFMG: Fórum de debates – educação e saúde. Disponível em: <<http://www.cehmob.org.br/wp-content/uploads/2014/08/Caderno-Racismo.pdf#page=5>>. Acesso em: 9 mar. 2016.

BRIGAGÃO, Clóvis. Da sociologia em mangas de camisa à túnica inconsútil do saber. *In*: RAMOS, Alberto Guerreiro. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. p. 9-18.

CARDOSO, Lourenço; SCHUCMAN, Lia Vainer. (Org.). Dossiê Branquitude. **Revista da ABPN**, [S.l.], v. 6, n. 13, mar.-jun. 2014.

CAMPOFIORITO, Quirino. Cristo de cor. *In*: NASCIMENTO, Abdias. (Org.). **TEN: Testemunhos**. Rio de Janeiro: GRD, 1966. p. 143-145. [O Jornal, 26 jun. 1955]

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**: a era da informação – economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 1999. v. 2.

CÉSAIRE, Aimé. **Discours sur le colonialism**. Paris: Présence Africaine, 1955.

DELGADO, Richard (Org.). **Critical race theory**. Filadélfia: Temple University Press, 1997.

DIOP, Cheikh Anta. **Nations nègres et culture**. Paris: Présence Africaine, 1955.

DIOP, Cheikh Anta. **Anteriorité des civilizations négres: mythe ou vérité historique?** Paris: Présence Africaine, 1959.

DU BOIS, William Edward Burghardt. **Writings: The suppression of the African slave-trade, The souls of black folk, Dusk of dawn, essays and articles**, org. Nathan Huggins. Nova York: The Library of America, 1986. 1.334p.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Não. **A Ordem**, [s.l.], v. 17, n. 81, 1937.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Teoria e prática do psicodrama. **Quilombo: Problemas e aspirações do negro brasileiro**, [S.l.], v. 2, n. 6, p. 6-7, fev. 1950a.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Teoria e prática do sócio-drama (notas). **Quilombo: Problemas e aspirações do negro brasileiro**, [S.l.], v. 2, n. 7/8, p. 9, mar.-abr. 1950b.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Nosso senhor Jesus Cristo trigueiro. **Diário de Notícias**, [S.l.], p. 2, 4, 10 de abril de 1955. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-documentos/cristo-de-cor-2/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Abdias do Nascimento's tribal world. In: NASCIMENTO, Abdias do. **A Brazilian Brother**. Catálogo de exposição. Dorchester, MA, EUA: Museum of the National Center of Afro-American Artists, 1971. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-exposicoes-de-abdias/museum-of-national/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. Nascimento's Artistic Faith. In: NASCIMENTO, Abdias. **Catálogo de exposição**. Langston Hughes Center for the Visual and Performing Arts, Buffalo, NY, EUA, 21 April – 12 May 1974, p. 2, 3 e 8. Tradução de Elisa Larkin Nascimento. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-exposicoes-de-abdias/langston-hughes/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1996.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscara branca**. Salvador: Fator, 1983.

HELLER, Agnes. **Para mudar a vida: Felicidade, liberdade e democracia**. Entrevista a Ferdinando Adornato. São Paulo: Brasiliense, 1982.

HELLER, Agnes. **Everyday life**. Londres: Routledge Kegan & Paul, 1987.

HELLER, Agnes. From Hermeneutics in Social Science toward a Hermeneutics of Social Science. **Theory and Society**, [S.l.], v. 18, n. 3, 1989, p. 291-322.

IPEAFRO. **Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros**. Seção Museu de Arte Negra, Série Documentos do MAN, 1955. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-documentos/cristo-de-cor-1/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

IPEAFRO. **Acervo Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros**. Seção Biografia e Produção Intelectual de Abdias Nascimento, Dossiê Diplomas e Honrarias, item 6. (Diploma Pós-Universitário expedido pelo Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) em 20 de dezembro de 1956. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/ba-biografia/diplomas-e-honrarias>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

MEMMI, Albert. **The colonizer and the colonized**. Trad. Howard Greenfield. Boston: Beacon Press, 1967.

NASCIMENTO, Abdias. (Org.). **Dramas para negros e prólogo para brancos**. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

NASCIMENTO, Abdias. (Org.). **O negro revoltado**. Rio de Janeiro: GRD, 1968a.

NASCIMENTO, Abdias. (Org.). **Teatro Experimental do Negro**. Catálogo da exposição do concurso Cristo de Cor e da apresentação da peça “O filho pródigo”, de Lúcio Cardoso. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1955a.

NASCIMENTO, Abdias. (Org.). **TEN: testemunhos**. Rio de Janeiro: GRD, 1966.

NASCIMENTO, Abdias. 1º Congresso do Negro Brasileiro. Editorial. **Quilombo**, [S.l.], v. 2 n. 5, p. 1, jan. 1950a.

NASCIMENTO, Abdias. A arte negra – Museu voltado para o futuro. **Revista Galeria de Arte Moderna**, [S.l.], n. 15, p. 41, 44, 1968b.

NASCIMENTO, Abdias. Inaugurando o Congresso do Negro. Editorial. **Quilombo**, [S.l.], v. 2, n. 10, p. 1, jun.-jul. 1950b.

NASCIMENTO, Abdias. **O quilombismo**. 2. ed. Brasília, DF: Fundação Palmares, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. **Orixás: os Deuses Vivos da África/Orishas: the Living Gods of Africa in Brazil**. Tradução e coorganização de Elisa Larkin Nascimento. Rio de Janeiro: IPEAFRO, 1995b. p. 93-97.

NASCIMENTO, Abdias. **The Orixás**. Middletown, EUA: Center for the Humanities, Wesleyan University, 1969. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-exposicoes-de-abdias/malcolm-x-house/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **Abdias Nascimento**. Coleção Grandes Vultos que Honraram o Senado. Brasília, DF: Senado Federal, 2014.

NASCIMENTO, Elisa Larkin. **O sortilégio da cor**: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo: Selo Negro, 2003.

PINTO, L. A. da Costa. Ciência social e ideologia racial – Esclarecendo intencionais obscuridades. **O Jornal**, Rio de Janeiro, p. 2, 10 jul. 1954.

SE CRISTO FOSSE PRETO. **Tribuna da Imprensa**, [S.l.], 22 de julho de 1955. Acervo IPEAFRO. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-documentos/cristo-de-cor-2/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

URUGUAY, Alice Linhares. Cristo negro. Seção Artes Plásticas, **Jornal do Brasil**, [S.l.], 26 de junho de 1955. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/documentos/man-documentos/cristo-de-cor-2/>>. Acesso em: 2 jun. 2016.

Recebido em 15/04/2016

Aceito em 19/04/2016

Pan-Africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro

Kabengele Munanga

Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, Brasil
E-mail: kabe@usp.br

Resumo

Pretende-se neste texto, que integra o conjunto de trabalhos em homenagem ao intelectual negro Guerreiro Ramos, analisar de modo sintético três temas interligados que fizeram parte do pensamento e da linha de ação em busca da libertação do negro. Trata-se do Pan-africanismo, da Negritude e do Teatro Experimental do Negro brasileiro. O primeiro nasceu nos Estados Unidos e nas Antilhas Britânicas, em 1900; o segundo nasceu em Paris, no Quartier Latin por volta de 1935; e o terceiro, no Brasil, em 1944. Apesar de terem nascido em épocas e em espaços geográficos diferentes, os três movimentos convergem como discursos e atitudes intelectuais e políticos em defesa da libertação política do negro da diáspora e do continente africano; do reconhecimento de sua história, de sua cultura, de sua identidade; de sua plena humanidade e de suas contribuições na história da humanidade, assim como nos países das Américas, onde os negros foram deportados e escravizados. Guerreiro Ramos participou da construção do Teatro Experimental do Negro em companhia de Abdias de Nascimento, juntando suas vozes às dos intelectuais negros do Pan-africanismo e da negritude num movimento de ação em busca da inclusão do Negro no Brasil.

Palavras-chave: Pan-africanismo. Negritude. Teatro Experimental. Identidade. Cultura. Liberdade.

Abstract

I intend in this paper, which is part of the group of works in honor of the black intellectual Guerreiro Ramos, to analyze synthetically three interconnected themes that were part of the thinking and course of action in pursuit of the liberation of black population. It is about the Pan-Africanism, from the Negritude and the Brazilian Experimental Theater of the Black. The first was born in the United States and in the British West Indies in 1900; the second was born in Paris, in the Latin Quarter around 1935 and the third in Brazil in 1944. Although they were born in different times and geographical areas, the three movements converge as speeches and intellectual and political attitudes in defense of political liberation the black diaspora and the African continent; recognition of their history, their culture, their identity; of their full humanity and its contributions in the history of mankind, as well as in the Americas, where the blacks were deported and enslaved. Guerreiro Ramos participated in the construction of the Black Experimental Theater in Abdias Nascimento company, adding their voices to the black intellectuals of Pan-Africanism and negritude in an action movement, seeking the inclusion of the Black in Brazil.

Keywords: Pan-Africanism. Blackness. Experimental theater. Identity. Culture. Freedom.

Pan-africanismo, Negritude e Teatro Experimental do Negro são três movimentos diaspórico-africanos que nasceram em épocas e contextos históricos diferentes, porém têm algumas convergências em termos político-ideológicos e linhas de ação que pretende-se demonstrar no exercício da presente comunicação. No entanto, um breve histórico de cada um se faz necessário antes de especular sobre suas linhas de divergência e convergência. Cronologicamente começarei minha divagação pelo mais antigo, ou seja, o pan-africanismo e terminarei pelo mais recente, o teatro experimental do negro.

O pan-africanismo nasceu no início do século XX entre os negros de língua inglesa, particularmente dos Estados Unidos e das Antilhas Britânicas. A primeira conferência pan-africana foi organizada em Londres em 1900 por um advogado de Trinidad, Henry S. Williams. Depois da primeira Guerra Mundial, ela se amplificou sob a iniciativa de Georges Padmore e W. E. B. Dubois. Em sua ótica, a luta de um povo para sua independência nacional reforçava a luta dos outros e vice-versa e era reforçada pela luta desses outros. Ou seja, o regime colonial deveria ser combatido em conjunto e não isoladamente. A negritude, posição intelectual e o pan-africanismo, posição política, convergiam ao afirmar respectivamente que todos os africanos tinham uma civilização comum e que todos os africanos deviam lutar juntos. Nesse sentido, o movimento da negritude e o movimento do pan-africanismo pertencem à africanidade no plano da ação (Maquet, 1967, p. 7-15)

A questão que se colocava na literatura americana antes do movimento pan-africanista era saber se os negros dos Estados Unidos tinham preservado alguma coisa da herança africana. Mais grave do que isso, colocaram em dúvida a identidade cultural das minorias negras americanas ao fazer delas coletividades sem passado ou envergonhadas

de suas origens africanas. Comparados aos outros grupos étnicos que compõem a população americana, os negros apareciam desprovidos de um patrimônio cultural próprio, porque seus antepassados trazidos da África chegaram “nus”, sem poder carregar nada com eles, até porque eram “oriundos de um continente povoado de tribos selvagens e sanguinárias”. Embora os especialistas considerassem com reserva e nuances essa visão simples, o conjunto dos americanos brancos a considerava evidente. Aceitavam que seus compatriotas negros, pelo fato de não possuírem nenhuma bagagem cultural legada por seus ancestrais, não tinham consequentemente um passado criador de valores. Os escravizados eram evidentemente descendentes de inúmeras gerações africanas, mas como no mundo animal essas gerações só transmitiram o único bem preciso: a vida. O “resto”, isto é, as técnicas de produção dos bens, as organizações sociais como a família, as crenças religiosas e mágicas, etc. era pobre, rudimentar, viciado e sem progresso. Essas “hordas e tribos” viviam fora do circuito da história que produziu pouco a pouco as brilhantes civilizações cujas aquisições foram se enriquecendo na medida em que passava o tempo. Os negros americanos não tinham o passado africano e o que eles transmitiam para seus filhos era: a língua inglesa, a religião cristã, a polidez que convém aos domésticos das grandes fazendas do Sul, tudo isso foi aprendido dos brancos (Herskovits, 1962, p. 58-78).

Após séculos de imitação cega, alguns escritores negros tomaram consciências de que, de todos os grupos étnicos povoando os Estados Unidos – anglo-saxões, italianos, alemães, poloneses, judeus, etc. eles são os únicos a sofrer uma lavagem cerebral. Levando-os até a acreditar que são naturalmente inferiores e não têm história. Mas essa visão alienante foi interrompida pelo Movimento Pan-Africanista cujos escritores preocupavam-se em estabelecer a verdade e exorcizar entre seus irmãos de raça os sentimentos de profunda rejeição inculcados durante séculos. Limitemo-nos apenas aos dois mais conhecidos: O Dr. Du Bois e Langston Hughes, respectivamente considerados como pai da negritude e representante do movimento conhecido como de Renascimento Negro.

W. E. D. Du Bois (nascido em 1863) fez seus estudos nas Universidades de Friburgo, Harvard e Berlim, onde se doutorou em Filosofia. Seus trabalhos como historiadores revelaram aos companheiros negros um passado africano do qual eles não devem se envergonhar:

Sou negro e me glorifico deste nome; sou orgulhoso do sangue negro que corre em minhas veias.

Declarou ele, sem hesitação (Du Bois, 1977, p. 14 *apud* MUNANGA, 2009, p. 46). Em 1900, foi secretário do Primeiro Congresso Pan-Africano, convocado em Londres por um advogado de Trindade, Henry Sylvester Williams, movimento do qual se tornou presidente depois da morte deste último. É considerado o pai do pan-africanismo contemporânea que antes dos africanos, protestou contra a política imperialista na África, em favor da independência, na perspectiva de uma associação de todos os territórios para defender e promover sua integridade. Sem pregar a volta para África dos negros americanos, defendia os direitos deles enquanto cidadãos da América e exortava os africanos a se libertarem em sua própria terra. Por ter defendido também a volta às origens, Du Bois merece também o nome de Pai da Negritude. (Munanga, 2012, p. 30-45, grifo do autor)

Sua influência foi considerável sobre personalidades africanas de primeiro plano, como Asikiwe Nandi, primeiro presidente da Nigéria, Kwame N´Krumah, primeiro presidente da República de Gana, cujo defesa do pan-africanismo foi uma de suas ideias-forças; Jomo Kenyatta, primeiro presidente da República do Quênia (Munanga, 2012, p. 46)

Du Bois exercerá também profunda ascendência sobre os escritores negros americanos. Seu livro *Almas negras* tornou-se uma verdadeira bíblia para os intelectuais do movimento Renascimento Negro (entre 1920 e 1940). Reagindo, por sua vez, contra os estereótipos e preconceitos inveterados que circulavam a respeito do negro, longe de lamentar-se de sua cor, como acontecia com alguns no passado, o movimento reivindica-a, encontrando nela fonte de glória. Tratava-se de ter a liberdade de se expressar como se é, e sempre se foi; de defender o direito ao emprego, ao amor, à igualdade, ao respeito; de assumir a cultura, o passado de sofrimento. A origem africana.

Todo esse programa é revelado de forma concisa e sem arrogância num parágrafo célebre de um artigo da revista *The Nation*, de 23 de junho de 1926 (*apud* Munanga, 2009, p. 47), considerado o manifesto do movimento ou, ainda, a declaração de independência do artista negro:

Nós, criadores da nova geração negra, queremos exprimir nossa personalidade sem vergonha nem medo. Se isso agrada aos brancos, ficamos felizes. Se não, pouco importa. Sabemos que somos bonitos. E feios também. O tantã chora, o tantã ri. Se isso agrada à gente de cor, ficamos muitos felizes. Se não, tanto faz. É para o amanhã que construímos nossos sólidos templos, pois sabemos edificá-los, e estamos erguidos no topo da montanha, livres dentro de nós.

Langston Hughes (nascido em 1902, de pai branco e mãe negra) foi também muito prestigiado pelos iniciadores da Negritude. Quando foi a Paris, tornou-se amigo pessoal de Leon Damas e de Senghor. Não à vontade na civilização ocidental, segundo ele, dura, forte e fria, seu coração bate nos tantãs africanos e contempla a sarabanda das luas selvagens. “Todos os tantãs do mato batem no meu sangue. Toda as luas selvagens e ferventes do mato brilham na mina alma” (Munanga, 2009, p. 47).

No entanto, ele não procurou fugir do combate cotidiano do seu povo. É na América que ele ficará, pois escreverá: Eu também sou a América.

A Negritude, filha do pan-africanismo, nasce nas décadas de 1930 no “quartier Latim”, em Paris, entre os estudantes negros da diáspora, especificamente das Antilhas franceses e da África colonizada. Quando esses estudantes começaram a povoar as universidades francesas, logo começaram a perceber pouco a pouco, as flagrantes contradições entre as políticas de assimilação. O mito da civilização ocidental como modelo absoluto, tal como lhes era ensinado nas colônias, começou a se desfazer.

Estávamos orgulhosos de sermos franceses, apesar de negros africanos, declarou Senghor: Revoltamo-nos, às vezes, por sermos considerados apenas consumidores de civilizações. As contradições da Europa: a ideia não ligada ao ato, a palavra ao gesto, a razão ao coração e

daí à arte. Estávamos preparados para gritar: hipocrisia!
(Munanga, 2009, p. 48)

As circunstâncias em que o conteúdo da negritude foi elaborado nos meios intelectuais negros de Paris por volta de 1935 são essenciais para sua compreensão. Naqueles tempos em que a colonização de conquista terminava e a Europa começava a instalar-se tranquilamente na África para ali ficar indefinitivamente, os estudantes negros duvidavam ainda de suas próprias culturas. Os coloniais exportavam na África a civilização ocidental. Mas para o uso dos africanos essa civilização era filtrada e censurada, porque tudo que vinha da Europa não convinha para essas crianças grandes que eram os negros e para que eles pudessem respeitar os brancos achava-se melhor não deixá-los ver certas coisas. Aos olhares dos coloniais, a civilização europeia, simplesmente chamada civilização, estava para se estabelecer numa espécie de deserto cultural. O direito europeu não encontrava outro direito, mas sim costumes bárbaros; o casamento monogâmico não se substituía a uma outra forma de casamento, mas sim a uma concubinação imoral; as religiões cristãs não se opunham a outras religiões, mas sim às superstições ridículas (Adotevi, 1972, p. 118-121).

A potência material branca que se difundia na Europa e na África, a pressão psicológica considerável exercida pela administração colonial e pelos missionários abalaram profundamente a visão que certos africanos tinham de suas heranças sociais e culturais. Eles as julgaram do ponto de vista europeu e as consideravam inferiores e vergonhosas (Munanga, 1986). Para se curar desse sofrimento, muitos intelectuais tornaram-se assimilados, isto é: ocidentais de pele negra (Fanon, 2008). Mas como eles tinham justamente a pele negra, esta fazia da assimilação plenamente alcançada no plano cultural um engano no plano da vida social. O médico negro continuava a ser tratado por “tu” por um lojista branco.

A negritude é um conceito de síntese. Mas, antes de tudo, ela é uma atitude total de resposta a uma situação. Aimé Césaire, com Léopold Sedar Senghor, Léon Damas e outros, cria o termo *negritude* e o define como “consciência de ser negro, simples reconhecimento de um fato que implica aceitação – assumir sua negritude, sua história e sua

cultura”. E Senhor escreve: “É antes de mais nada uma negação, mais precisamente a afirmação de uma negação”. É o momento necessário de um movimento histórico: o recuso de assimilar-se, de se perder no outro. Mas como este movimento é histórico, ele é ao mesmo tempo dialético, pois a recusa do outro é a afirmação de si. Essa afirmação de si diante da civilização ocidental conduziu esses intelectuais negros vivendo na Europa a tomar consciência de uma civilização africana, apesar das diferenças entre suas diversas heranças sociais. Assim, o conceito de negritude transcende as particularidades étnicas e nacionais. É, segundo as palavras de Senghor, “o patrimônio cultural, os valores e, sobretudo o espírito da civilização negro-africana”.

A negritude criticava a relação de dependência cultural que o colonizador tentava restabelecer e dava fundamento à luta para a reconquista da independência africana.

O exame da produção discursiva dos escritores da negritude permite levantar três objetivos principais: buscar o desafio cultural do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma civilização não universal como a extensão de uma regional imposta pela força – mas uma civilização do universal, encontro de todas as outras, concretas e particulares. Entre os três desafios que acabamos de levantar, o que impressiona imediatamente por sua amplitude e pela variedade das disciplinas mobilizadas à sua compreensão é a afirmação e a reabilitação da identidade cultural, da personalidade própria dos povos negros. Poetas, romancistas, etnólogos, filósofos, historiadores, etc. quiseram restituir à África o orgulho do seu passado, afirmar o valor de suas culturas, rejeitar uma assimilação que teria sufocado a sua personalidade. Por Césaire, a negritude é o simples reconhecimento do fato de ser negro, a aceitação de seu destino, de sua história e de sua cultura. Mais tarde, Césaire a definiu em três palavras: identidade, fidelidade, solidariedade. A identidade consiste em assumir plenamente, com orgulho, a condição de negro, em dizer, cabeça erguida: sou negro. A palavra foi despojada de tudo o que carregou no passado, como desprezo, transformando este último numa fonte de orgulho

para o negro. A fidelidade repousa numa ligação com a terra-mãe, cuja herança deve, custe o que custar, demandar prioridade. A solidariedade é o sentimento que nos liga secretamente a todos os irmãos negros do mundo. Césaire rejeita todas as máscaras brancas que o negro usava e faziam dele uma personalidade emprestada (Munanga, 2009).

O Teatro Experimental do Negro (TEN) foi fundado em 1944 na liderança de Abdias de Nascimento com a participação do intelectual Guerreiro Ramos. Apesar das denúncias e da luta da Frente Negra Brasileira, naquela época a discriminação racial reinava absoluta. No teatro brasileiro, conta Abdias, o negro não entrava nem para assistir espetáculo e muito menos para atuar no palco. Ele só entrava no teatro vazio para limpar a sujeira deixada pelo elenco e pela plateia, exclusivamente composta de brancos. O Teatro Experimental Negro nasceu para contestar essa discriminação, formar atores e dramaturgos negros, e resgatar uma tradição cultural cujo valor foi sempre negado ou relegado aos ridículos padrões culturais brasileiros: a herança africana em sua expressão brasileira, ou seja, a africanidade brasileira. Assim, o TEN continuava a tradição de protesto legada pela Frente Negra, não no sentido de assimilação, mas integrava a essa dimensão a reivindicação da diferença, ou seja, reivindicava o reconhecimento do valor civilizatório da herança africana e da personalidade afro-brasileira. Assumia e trabalhava sua identidade específica, exigindo para que a diferenças deixasse de ser degradada em desigualdade. Essa dupla dimensão do TEN é claramente explicitada na seguinte frase atribuída ao seu idealizador fundador, Abdias de Nascimento:

Fundando o Teatro Experimental do Negro em 1944, pretendi organizar um tipo de ação que a um tempo tivesse significado cultural, valor artístico e função social [...]. De início, havia a necessidade do resgate da cultura negra e seus valores violentados, negados, oprimidos e desfigurados [...]. O negro não desejava ajuda isolada e paternalista, como um favor especial. Ele deseja e reclama um *status* elevado na sociedade, na forma de oportunidade coletiva para todos, a um povo com irrevogáveis direitos históricos [...] a abertura de oportunidades reais de ascensão econômica, política, cultural, social, para o negro, respeitando-se sua origem africana (Abdias *apud* Guimarães; Hunteley, 2000, p. 206-210)

Diz Abdias que ele concebeu o TEN durante uma viagem em Lima, no Peru, quando assistia à peça O Imperador Jones. De Eugene O'Neil, estrelada por Hugo D'Evieiri, um argentino branco pintado de preto. Refleti: no Brasil fatalmente acontece o mesmo. Em primeiro lugar, no teatro não existia uma peça com protagonista negro de densidade dramática; só estereótipo do moleque bobo de riso fácil, a mãe preta abnegada ou o pai João submisso. Talvez uma peça norte-americana com protagonista negro até se poderia montar, mas um autor negro no papel principal, nunca. Sempre cultura discriminatória exigiria o pixe, pois no seu conceito, um ser inferior não seria capaz de desempenhar um papel de tal envergadura.

De volta ao Brasil, consegui reunir um grupo pequeno de resolutos e de convictos para iniciar os trabalhos do Teatro Experimental do Negro, então, resolvemos estreiar com uma produção do mesmo O Imperador Jones. Unanimemente, todos aconselharam uma estreia mais modesta, uma peça que não exigisse tanto empenho, expressão dramática e sofisticação de elenco de novatos, ainda por cima negros!

Em seguida, ele mostra reações muito diferentes. Na África, no plano intelectual e artístico e no plano político, há a tomada da consciência do passado africano, a reivindicação da africanidade e da independência. É o movimento da Negritude que começou por volta de 1935 no meio de estudantes africanos em Paris; é o processo de descolonização que começa em 1956 (República do Sudão) e 1957 (Gana) e atingiu seu apogeu em 1960 (27 independências). Nos Estados Unidos é a luta para o reconhecimento da igualdade jurídica no Sul, da igualdade social no Norte, e por toda parte contra o obstáculo econômico que representa a cor da pele. Parece que os negros americanos naquela época, salvo alguns grupos como o Black Muslims ou o Black Power, reclamavam a integração a mais completa na sociedade americana. Mais do que a africanidade, eles preferiam a americanidade.

Os negros africanos, embora formassem uma minoria sociológica nas colônias, representavam uma considerável maioria demográfica enquanto os negros americanos representavam uma minoria ao mesmo tempo sociológica e demográfica. No Sul do Saara, a situação dos contatos entre brancos e colonizados foi comparativamente curta, se-

tenta e cinco anos em média; nas Américas ela durou muitos séculos. Na África, a força econômica e social das castas coloniais brancas foi relativamente menos considerável que a exercida pelas comunidades brancas nos Estados Unidos. Em muitos domínios da vida coletiva africana, as instituições e as normas tradicionais permaneceram dominantes durante todo o período colonial (por exemplo, organizações familiares, técnicas de agricultura, de caça e criação de gado, línguas, crenças religiosas, etc.), enquanto nos Estados Unidos os africanismos foram menos numerosos, comparativamente ao Brasil, que recebeu cerca de 40% de todos os africanos deportados nas Américas.

Evoca-se frequentemente a desintegração das culturas africanas sob as influências que não existiam na África pré-colonial: os livros, as técnicas industriais, as administrações complexas, as intensas relações internacionais. O fato de que os fragmentos culturais africanos trazidos no Novo Mundo pelos escravizados tenham permitido às comunidades negras das Américas reconstruir em parte o tecido original e mantê-lo é uma prova de extraordinária resistência da africanidade na diáspora.

Evidentemente, as sociedades africanas de hoje não vivem da mesma herança cultural do fim do século XIX quando começou a colonização. Mas qual é a comunidade cultural que possui hoje o patrimônio cultural de antigamente? Todas as civilizações se enriqueceram incrivelmente em contato umas com as outras. No entanto, elas não perderam sua identidade, que se enraíza em seu passado (Thomas, 1982, p. 304).

Africanidades brasileiras (plural), na minha interpretação, poderia ter o mesmo sentido que os africanismos de Herskovits para designar os elementos da herança africana que sobreviveu na diáspora. Todas as comunidades de matrizes africanas na diáspora reivindicam hoje duas coisas complementares: a inclusão nas sociedades que escravizaram seus antepassados africanos e seus descendentes não no sentido assimilacionista, mas reconhecendo ao mesmo tempo sua identidade ancorada por um lado na continuidade africana, daí a importância de ensinar a história e a cultura africana e, por outro lado, nas culturas de resistência que elas criaram no novo mundo em defesa de sua dignidade e liberdade humanas, daí a importância de ensinar também

a história e a cultura negra na diáspora. A nova equação é: queremos ser incluídos sim, mas reconhecendo e respeitando ao mesmo tempo nossa identidade que passa pelas nossas diferenças corporais, culturais e históricas. Não é sem fundamento que os negros americanos rejeitaram politicamente a identidade de afro-americanos (Afro-Americans) que corresponderia à nossa de afro-brasileiros, para adotar a identidade de africanos americanos (Africans Americans), para reafirmar sua herança africana que por muito tempo lhes foi negada.

Na esfera da ação, a unidade africana foi também reconhecida no plano intelectual pelo movimento da negritude e na ação política pelo movimento do pan-africanismo. As circunstâncias em que o conteúdo da negritude foi elaborado nos meios intelectuais negros de Paris por volta de 1935 são essenciais para sua compreensão. Naqueles tempos em que a colonização de conquista terminava e a Europa começava a instalar-se tranquilamente na África para ali ficar indefinitivamente, os estudantes negros duvidavam ainda de suas próprias culturas. Os coloniais exportavam na África a civilização ocidental. Mas para o uso dos africanos essa civilização era filtrada e censurada, porque tudo que vinha da Europa não convinha para essas crianças grandes que eram os negros e para que eles pudessem respeitar os brancos achava-se melhor não deixá-los ver certas coisas. Aos olhares dos coloniais, a civilização europeia, simplesmente chamada civilização, estava para se estabelecer numa espécie de deserto cultural. O direito europeu não encontrava outro direito, mas sim costumes bárbaros; o casamento monogâmico não se substituíra a uma outra forma de casamento, mas sim a uma concubinação imoral; as religiões cristãs não se opunham a outras religiões, mas sim às superstições ridículas.

A potência material branca que se difundia na Europa e na África, a pressão psicológica considerável exercida pela administração colonial e pelos missionários abalaram profundamente a visão que certos africanos tinham de suas heranças sociais e culturais. Eles as julgaram do ponto de vista europeu e as consideravam inferiores e vergonhosas (Munanga, 1986). Para se curar desse sofrimento, muitos intelectuais tornaram-se assimilados, isto é: ocidentais de pele negra. Mas como eles tinham justamente a pele negra, esta fazia da assimi-

lação plenamente alcançada no plano cultural um engano no plano da vida social. O médico negro continuava a ser tratado por “tu” por um lojista branco.

A negritude é um conceito de síntese. Mas, antes de tudo, ela é uma atitude total de resposta a uma situação. Aimé Césaire, com Léopold Sedar Senghor, Léon Damas e outros, cria o termo *negritude* e o define como “consciência de ser negro, simples reconhecimento de um fato que implica aceitação – assumir sua negritude, sua história e sua cultura”. E Senghor escreve: “É antes de mais nada uma negação, mais precisamente a afirmação de uma negação”. É o momento necessário de um movimento histórico: o recuso de assimilar-se, de se perder no outro. Mas como este movimento é histórico, ele é ao mesmo tempo dialético, pois a recusa do outro é a afirmação de si. Essa afirmação de si diante da civilização ocidental conduziu esses intelectuais negros vivendo na Europa a tomar consciência de uma civilização africana, apesar das diferenças entre suas diversas heranças sociais. Assim, o conceito de negritude transcende as particularidades étnicas e nacionais. É, segundo as palavras de Senghor, “[...] o patrimônio cultural, os valores e, sobretudo o espírito da civilização negro-africana.” (Munanga, 1986, p. 53).

A negritude justificava a relação de dependência cultural que o colonizador tentava restabelecer e dava fundamento à luta para a reconquista da independência africana. Arma ideológica, a negritude reencontra outro movimento anterior de origem diferente (disporia), o pan-africanismo. Movimento que nasceu no início do século XX entre os negros de língua inglesa, particularmente dos Estados Unidos e das Antilhas Britânicas. A primeira conferência pan-africana foi organizada em Londres, em 1900, por um advogado de Trinidad, Henry S. Williams. Depois da primeira Guerra Mundial, ela se amplificou sob a iniciativa de Georges Padre e W.E.B. Dúbios. Em sua ótica, a luta de um povo para sua independência nacional reforçava a luta dos outros e vice-versa e era reforçada pela luta desses outros. Ou seja, o regime colonial deveria ser combatido em conjunto e não isoladamente. A negritude, posição intelectual e o pan-africanismo, posição política, convergiam ao afirmar respectivamente que todos os africanos tinham uma civilização comum e que todos os africanos deviam lutar

juntos. Neste sentido, o movimento da negritude e o movimento do pan-africanismo pertencem à africanidade no plano da ação (Maquet, 1967, p. 14-15).

Referências

ADOTEVI, Stanislav. **Négritude et négrologues**. Paris: Union générale d'éditions, 1972.

FANON, Franz. **Pele negras máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

HERSKOVITS, J. Melville. **L'Héritage du Noir**. Paris: Présence Africaine, 1962.

MAQUET, Jacques. **Africanité Traditionnelle et Moderne**. Paris: Présence Africaine, 1967.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. O conceito de africanidade nos contextos africano e brasileiro. In: OLIVEIRA, Jurema (Org.). **Africanidades e Brasilidades: culturas e territorialidades**. Rio de Janeiro: Dialogart, 2015. p. 9-25.

NASCIMENTO, Abdias do; NASCIMENTO, Elisa Larkin. Reflexões sobre o Movimento Negro no Brasil, 1938-1997. In: GUIMARÃES, Antônio Sergio Alfredo; HUNTLEY, Lynn (Org.). **Tirando a máscara: ensaios sobre o racismo no Brasil**. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 203-235.

THOMAS, L. Vincent. **Les idéologies negro-africaines d'aujourd'hui**. Paris: Librairie A. G. Nizet, 1982.

Recebido em 18/04/2016

Aceito em 19/04/2016

Inventário de Questões Instigantes sobre Raça e Cor e a Atualidade de Guerreiro Ramos

Marcelo Henrique Romano Tragtenberg¹

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

E-mail: marcelotragtenberg@gmail.com

Resumo

Guerreiro Ramos abordou vários aspectos da condição do negro no Brasil. Seus estudos trouxeram um conjunto de questões teóricas ligadas à prática política e social, que poderiam, segundo seu ponto de vista, conduzir o Brasil para uma situação de maior igualdade racial e para a diminuição do racismo e da discriminação racial. Alguns deles serão analisados neste artigo.

Palavras-chave: Raça. Racismo. Desigualdades Raciais. Brancura. Ações Afirmativas.

Abstract

Guerreiro Ramos studied many aspects of the Black condition in Brazil. He raised a set of theoretical questions related to the social and political practices that might contribute to promote racial equality and reduce racism and racial discrimination in Brazil. Some of them will be analyzed in this article.

Keywords: Race. Racism. Racial Inequalities. Whiteness. Affirmative Action.

1 Introdução

Esta breve reflexão tem origem devido ao convite da Professora Ilka Boaventura Leite e da coordenação do Seminário em homenagem aos 100 anos de nascimento de Alberto Guerreiro Ramos para que eu coordenasse a mesa *Pensamento social sobre Raça e Cor*, e sou muito grato por esse convite. Inicialmente, estava prevista a participação de dois palestrantes, os professores João Baptista Borges Pereira (Universidade de São Paulo) e Marcos Chor Maio (Fundação Oswaldo Cruz). Somente o segundo compareceu, pois o primeiro teve problemas de saúde. O fato de estar na coordenação da mesa me instigou a tomar contato com o artigo do professor Marcos sobre Guerreiro Ramos (Maio, 1997), base de sua contribuição, e contrastá-lo com parte da produção do ilustre sociólogo negro. Por que lembrar a raça desse pensador? Espero responder a essa questão ao longo deste artigo.

Busca-se aqui levantar um repertório original de temas polêmicos sobre a questão racial que ainda mantém grande atualidade, por vários motivos: (a) a situação de desigualdade racial entre negros e brancos não avançou significativamente desde 1950 até hoje; (b) esse tema atualmente ocupa um lugar de destaque na sociedade brasileira; e (c) estão começando a ser adotadas políticas de igualdade racial com algum impacto, há cerca de 15 anos. No entanto, este artigo está longe de esgotar o conjunto de questões teóricas e metodológicas e suas atualizações, que surgem a partir da obra de Guerreiro Ramos no tocante à questão racial no Brasil. A atualização desses temas também é uma reflexão concisa e inicial sobre como os temas guerreireanos podem contribuir para o entendimento e a superação das profundas desigualdades raciais brasileiras.

A próxima seção deste artigo tratará desse inventário de uma série de temas abordados por Guerreiro Ramos em relação à raça e cor no Brasil. A segunda seção tratará da atualidade desses temas de relações raciais no Brasil.

2 Inventário de Temas Relevantes sobre Relações Raciais na Obra de Guerreiro Ramos

1) Em ciência, parte-se da colocação de um problema, geralmente sobre a forma de uma questão. A pesquisa busca então respostas a essa questão. Guerreiro Ramos (1995, p. 190) ressaltou que:

Em princípio, o negro, no domínio da sociologia brasileira, foi problema porque seria portador de traços culturais vinculados a culturas africanas [...] Hoje continua a ser assunto ou problema, porque tende a confundir-se pela cultura com as camadas mais claras da população brasileira [...] Que é que, no domínio de nossas ciências sociais, faz do negro um problema, ou um assunto? A partir de que norma, de que padrão, de que valor, se define como problemático ou se considera tema o negro no Brasil?

E vai além:

Determinada condição humana é erigida à categoria de problema quando, entre outras coisas, não se coaduna com uma ideia, um valor ou uma norma.

[...] Nessas condições, o que parece justificar a insistência com que se considera como problemática a situação do negro no Brasil é o fato de que ele é portador de pele escura. A cor da pele do negro parece constituir o obstáculo, a anormalidade a sanar. (Guerreiro Ramos, 1995, p. 190 e 192)

Em outras palavras, o **problema do negro** era um problema relevante da sociologia. O negro era visto como *um problema a ser resolvido*, algo que atrapalhava a normalidade das relações sociais. Guerreiro Ramos (GR) mostrou o lado discriminatório e racista desse tipo de colocação dentro do âmbito sociológico e social. Interessante que mesmo quando o negro adquiria a mesma cultura e nível socioeconômico

dos grupos sociais de pele mais clara, ele continuava a ser problema. O marcador dessa “anormalidade” seria a cor da pele, segundo GR. Isso era totalmente coerente com a abordagem de Oracy Nogueira (2006), segundo a qual o preconceito que gera o problema do negro, no Brasil, é de marca e não de origem. Atualmente, como veremos mais à frente, o enfoque e a própria formulação do problema mudou totalmente e seria inconcebível colocá-lo dessa forma sem sofrer uma acusação (justificada) de racismo.

2) Outro aspecto bastante interessante e que vai se refletir em outros temas ligados a raça e cor em Guerreiro Ramos é a necessidade de analisar o comportamento dos brancos frente aos negros, ou como ele se refere à ideologia da branquidão. Como a centralidade do branco seja no valor estético ou no econômico é vista a partir de uma construção ideológica e psicossocial? Veremos que isso é assunto bastante atual. Particularmente, o Teatro Experimental do Negro, movimento do qual Guerreiro Ramos participou, estimulava concursos de beleza, onde a beleza negra era valorizada, como “Rainha das Mulatas” e “Bonecas de Pixe”. Ressalta-se que hoje essa terminologia talvez fosse considerada hoje inadequada, até ofensiva, por alguns. No entanto, vistos em perspectiva histórica, a partir da época em que ocorreram, esses concursos de beleza eram instrumentos de valorização da beleza das mulheres negras.

[...] Na verdade, utilizando observação de Sartre, pode-se dizer que, no Brasil, o branco tem desfrutado do privilégio de ver o negro, sem por este ser visto [...] O que nos interessa aqui é focalizar a questão do ângulo psicológico, enquanto socialmente condicionado, é atingir a sociologia funcional e científica do negro, inteiramente por fazer até agora, desde que os estudos da questão que se rotulam de sociológicos e antropológicos não são mais do que documentos ilustrativos da ideologia da branquidão ou claridade. (Nogueira, 2006, p. 196-196-202)

Além do privilégio socioeconômico e estético da branquidão, Guerreiro Ramos aponta a necessidade dos brancos serem analisados do ponto de vista dos negros. Sabemos que uma análise pode depender do ponto de vista do analista, levando em conta uma série

de características, histórias de vida, metodologia e até ideologia do autor. Um fator possível é a raça. Isso não significa que a raça, ou qualquer outro fator, determine a posição do autor, mas que pode influenciar nela.

3) Os desequilíbrios sociais entre negros e brancos apareceram em vários momentos da obra de GR. Particularmente, as suas noções de integração e ascensão social do negro na sociedade brasileira se opunham ao conceito de aculturação do negro. Por exemplo, as religiões de matriz africana não eram exclusividade da população negra, tornando anacrônico o conceito de aculturação. No entanto, o pensador via a necessidade de uma longa formação do homem de cor, pois ele “[...] não estaria habilitado às funções de mando, as quais, como é sabido, supõe uma longa aprendizagem [...]” (Guerreiro Ramos, 1950a).

Além disso, ele integra-se ao Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado em 1944 por Abdias do Nascimento, que tinha, sob seu ponto de vista, “[...] três objetivos fundamentais: 1) formular categorias, métodos e processos científicos destinados ao tratamento do problema racial no Brasil; 2) reeducar os “brancos” brasileiros, libertando-os de critérios exógenos de comportamento; 3) “[...] descomplexificar os negros e mulatos, adestrando-os em estilos superiores de comportamento, de modo que possam tirar vantagem das franquias democráticas, em funcionamento no país.” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 206).

Abdias do Nascimento, na Conferência Nacional do Negro, patrocinada pelo TEN em 1949, teria dito: “A mentalidade de nossa população de cor é ainda pré-letrada e pré-lógica. As técnicas sociais letradas ou lógicas, os conceitos, as ideias, não a atingem” (Maio, 1997, p. 6)

A condição jurídica de cidadão livre dada ao negro (pela Abolição) foi um avanço sem dúvida. Mas um avanço puramente simbólico, abstrato. Socioculturalmente, aquela condição não se configurou; de um lado, porque a estrutura de dominação da sociedade brasileira não se alterou; de outro lado, porque a massa juridicamente libertada estava psicologicamente despreparada para assumir as funções de cidadania. Assim, para que o processo de libertação dessa massa se positive, é necessário reeducá-la e criar condições sociais para que esta reeducação se efetive. A simples reeducação desta

massa desacompanhada de correlata transformação da realidade sociocultural representa a criação de situações marginais dentro da sociedade. É necessário instalarem-se na sociedade brasileira mecanismos integrativos de capilaridade social capazes de dar função e posição aos elementos da massa de cor que se adestrarem nos estilos das classes dominantes. (Guerreiro Ramos, 1995, p. 207)

Muitas vezes, como no livro de Clóvis Moura (1983) ou em Maio (1997), essa visão da população negra poderia parecer elitista ou ambígua, respectivamente. Elitista por considerar pré-letrado, pré-lógico e “inatingidos” por ideias ou conceitos, na formulação de Abdias, do TEN, organização à qual Guerreiro Ramos pertenceu. Ambígua porque

[...] oscilou entre o reconhecimento dos legítimos direitos do povo negro à cidadania plena e o diagnóstico da incapacidade temporária dos negros de exercer a política por terem uma mentalidade pré-lógica, pré-letrada. (Maio, 1997, p. 6)

Inicialmente, não se vê qualquer ambiguidade entre visualizar direitos e simultaneamente encarar a realidade da falta de acesso de negros aos instrumentos necessários à política, como por exemplo, a educação formal. O percentual de analfabetos entre pretos e pardos era bem superior ao de brancos, ao redor de 1950. Segundo Rosemberg e Piza (1995/1996), o percentual de analfabetos pretos e pardos era de aproximadamente 75% e de brancos era de 47%. Porém, José Luís Petrucelli (*apud* Senkevics, 2015) apresenta os percentuais de 40% e 62%, respectivamente. Essa brutal desigualdade de acesso às letras poderia justificar o qualificativo pré-letrado. Como não há estatísticas de analfabetismo funcional por cor/raça em 1950, não é possível ir além com relação ao argumento da grande distância entre as letras e os negros. Além disso, o acesso percentual ao ensino superior da população negra em 1960 era de 0,16%, (Telles, 2003)! Dez anos depois havia pouquíssimos quadros negros com ensino superior no Brasil, contra 2,5% da população branca (Telles, 2003), aproximadamente 16 vezes mais. Extrapolando para 1950, a situação devia ser muito pior.

Na crítica ao elitismo, creio ser possível outra interpretação, mais condescendente com as palavras de Guerreiro Ramos e Abdias.

O elitismo, segundo Moura (1983) e Maio (1997), seria conceber que a população negra de baixa renda não teria condições de formular reivindicações e lutar por elas. A incipiência do Movimento Negro enquanto movimento por igualdade racial na época aponta exatamente nesse sentido. Por outro lado, a dificuldade da formulação de uma teoria antirracista que elaborasse uma pauta de reivindicações de igualdade racial (com poucos intelectuais e militantes diretamente envolvidos) e a prevalência da ideologia da democracia racial eram grandes aliados da permanência das desigualdades raciais.

É preciso ressaltar que Guerreiro Ramos chama a atenção em três campos de combate pela igualdade racial: a internalização da situação inferior como complexo – presente também em Fanon (2008) – a reeducação (formal e cultural) e a criação de mecanismos sociais de integração de elementos da massa de cor em posições de prestígio (criação de modelos sociais).

Ele não crê num movimento social organizado e de massas destinado a mudar estruturas sociais e políticas públicas e privadas.

4) Talvez uma das questões mais atuais, colocada por Guerreiro Ramos a partir da década de 1950, foi sobre os estudos sobre o negro no Brasil. Ele opunha duas posições: uma “Caracterizava-se pelo propósito antes de transformar a condição humana do negro na sociedade brasileira do que de descrever ou interpretar os aspectos pitorescos e particularíssimos da situação da gente de cor.” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 169).

Nessa polêmica apareceram duas dimensões de contradição: descrição dinâmica x estática da condição do negro no Brasil e o propósito transformador da condição humana do negro x a descrição academicista sem compromisso com a transformação. A visão dinâmica e comprometida objetiva a superação de uma situação herdada da escravidão e reatualizada pelo racismo e a discriminação racial. A outra, ao contentar-se com a descrição e a espetacularização da posição social do negro concorre para a reprodução da posição subalterna desse grupo social.

Talvez seja essa a questão que mais coloque o compromisso social de quem estuda a condição do negro no Brasil. Quanto o estudo da situação está voltado para superação dessa condição subalterna?

Esse tema é atualíssimo, particularmente na questão das cotas para negros, cotas raciais ou cotas para pretos e pardos. Mas isso é assunto para a atualização.

5) Talvez uma das questões que têm dado origem a opiniões apaixonadas, tanto na sociedade quanto no ambiente acadêmico, seja o conceito de negro. Como o conceito de negro implica na necessidade de conceituar o branco, Guerreiro Ramos construiu o conceito de patologia social do “branco” brasileiro. Ele parte do fato de que em nossa sociedade é considerado normal associar a cor negra ao feio e degradante este conceito, por meio de um processo complexo comandado pela minoria socialmente dominante de origem europeia. No entanto, pessoas de pigmentação mais clara que tiveram ancestrais negros ao mesmo tempo podem ter um sentimento negativo em relação a si, pois negam suas origens, particularmente no Norte e Nordeste. Essa seria a patologia social do “branco” brasileiro. Várias pessoas negras também manifestam esse sentimento, ligado à introjeção da desvalorização social do negro. “[...] o nosso branco é, do ponto de vista antropológico, um mestiço, sendo, entre nós, pequena minoria o *branco* não portador de sangue negro” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 225). Essa patologia psicossocial se superporia ao passado colonial, seja como colônia explícita de Portugal, seja como neocolônia da Inglaterra e Estados Unidos. A superposição dessas situações inferiorizadoras pode ser uma das origens ao chamado complexo de vira-lata (Rodrigues, 1993), um sentimento disseminado nacionalmente, que nos coloca como inferiores aos chamados países desenvolvidos. A afirmação guerreireana parece ter uma contradição entre o ponto de vista antropológico e o ponto de vista da ascendência. Oracy Nogueira detectou dois tipos básicos de preconceito racial: o preconceito de marca e o de origem (Nogueira, 2006). A definição de negro no Brasil estaria ligada à forma com que se dá a discriminação racial, ou seja, pela marca, e não pela origem. Mas Guerreiro Ramos mostra outro aspecto: apesar do negro e do branco ser definido pelas marcas raciais, ou seu fenótipo, há um aspecto que mereceu sua atenção, que é como um grupo social repudia a sua ancestralidade biológica e como esse estado patológico de autonegação pode gerar consequências em nível social nacional e

de relação internacional. Uma dessas consequências já foi enunciada na ideologia da brancura, a outra é o complexo de vira-latas e uma terceira é a discriminação racial contra negros, como negação do outro que está dentro de si. Nesse ponto, Guerreiro Ramos menciona a “reeducação de brancos e brancóides” (Guerreiro Ramos, 1950b) para minimizar o racismo, particularmente entre as camadas mais altas.

6) Uma questão teórica fundamental para explicar os mecanismos de geração de desigualdade na sociedade brasileira, e as formas de superá-los é se o conceito de raça tem determinação independente de desigualdade, ou se ele é redutível ao conceito de classe. Essa é uma questão extremamente relevante tanto na sociologia quanto nas políticas públicas para a igualdade racial. Luiz Costa Pinto, polemista com Guerreiro Ramos (Maio, 1997) projeta a superação do racismo condicionada à transformação da raça em classe, sendo o motor da transformação redentora o proletariado (Costa Pinto, 1953, p. 338). Na mesma linha, Florestan Fernandes (1965) e Octavio Ianni (1988; 2004), mesmo entendendo que o preconceito racial não se reduz ao preconceito de classe, alegam que a superação da estrutura de classes sociais que deve trazer o fim do racismo.

Guerreiro Ramos aponta uma dimensão interessante da integração do negro em Maio (1997), sua trajetória pessoal como negro melhorando de vida continua sem ser aceito socialmente. Não basta ter a cultura, ensino superior e o traquejo das regras sociais dos brancos, que sempre será negro. Isso já é indicação de que mesmo uma revolução social não traria o fim do racismo e das desigualdades raciais

7) Guerreiro Ramos buscava originalidade na formulação sociológica (sociologia enlatada 78, primeira edição de Introdução à Sociologia Brasileira) contra comportamento enlatado, importado de outros países. Isso se aplicava particularmente às relações raciais.

8) Uma perspectiva auxiliar na libertação dos negros, segundo GR, era a superação psicológica dos ressentimentos e das ansiedades, criados pelo racismo e pela discriminação racial. A grande política das relações raciais se materializava num ataque psíquico ao negro. A libertação passava por trabalhar esses sentimentos e buscar resolvê-los. Propostas para isso foram levadas a cabo no TEN, por Guerreiro Ramos.

9) Valorizar a herança africana como forma de valorizar o negro brasileiro não era uma estratégia valorizada por GR, mas vista como apartamento da sociedade nacional brasileira, com características mais urbanas e industriais. A postura do Movimento Negro hoje é muito diferente.

10) Guerreiro Ramos não teve acesso a um cargo efetivo numa universidade brasileira, sua posição mais longa foi numa estadunidense. Não foi aprovado em duas tentativas de concursos na Universidade Federal do Rio de Janeiro e foi professor visitante da Universidade Federal de Santa Catarina, na Pós-Graduação em Administração. Maio (1997) comenta que o sociólogo atribuiu a seu pertencimento integralista a dificuldade de ingresso na UFRJ. No entanto, esse aspecto de sua vida coloca questões sobre igualdade racial na academia e problematiza essa questão como a possibilidade de racismo institucional (Figueiredo; Grosfoguel, 2007).

3 Atualidade de Temas sobre Relações Raciais na Obra de Guerreiro Ramos

Neste artigo foram listados dez temas não necessariamente excludentes colocados a partir da obra e atuação de Guerreiro Ramos. Esta seção objetiva mostrar a atualidade desses temas e como algumas proposições guerreireanas podem contribuir para uma reflexão e uma ação transformadora da realidade.

1) No Brasil atual, continuam as desigualdades raciais, entre brancos e negros (Henriques, 2001). No entanto, nenhum estudioso do assunto se referiria a isso como o “problema do negro”. Essa expressão denota que o problema é o negro e não a discriminação racial e o racismo, que em conjunto com a herança escravocrata, constroem as desigualdades raciais. Os conceitos atualmente utilizados são desigualdades raciais e relações raciais, a ênfase é no conceito social de raça e na injustiça construída a partir de relações entre raças. Assim, na sequência, surge naturalmente a questão que o problema do negro na sociedade brasileira é a existência de um padrão: vamos para o item 2, a brancura hoje é a branquitude e o a estética valorizada ainda é a branca.

2) Recentemente, o estudo de relações raciais tem ido além do foco na discriminação racial no Brasil. Um aspecto evocado por Guerreiro Ramos é o estudo da identificação racial branca e de seus privilégios associados. A elaboração do conceito de branquitude (*whiteness* em inglês), no Brasil, aparece no artigo de Carone e Bento (2002). O estudo do branco é recente. Manifestações públicas de discriminação estética mostram os bolsões de brancos que cultivam a estética da brancura ou da branquitude. O caso das agressões em redes virtuais à moça do tempo do Jornal Nacional da TV Globo, Maria Júlia Coutinho; à atriz Tais Araújo e à atriz e modelo Cris Vianna, todas elas muito bonitas mostram o repúdio de setores sociais para a valorização da estética negra. O caso recente da chamada Mulata Globeleza preta, Nayara Justino, que foi demitida durante um processo de divulgação do carnaval, por ser muito escura, mostra o longo caminho de desconstrução da branquitude e seus privilégios, que prejudicam a negros e brancos.

3) Os desequilíbrios entre brancos e negros persistem na década de 2010, mas as estratégias para superá-los conjugam políticas universalistas e de ação afirmativa, ambas dentro da ordem e buscando aperfeiçoamento e minimização das desigualdades raciais. Quanto mais se estuda o tema, mas parece que a igualdade racial está muito distante, talvez em escala de séculos.

4) Talvez uma das posturas de Guerreiro Ramos que tenha mais relevância atualmente seja a conexão do estudo da situação dos negros e brancos no Brasil com a elaboração de políticas. A sociologia militante de Guerreiro Ramos buscava levantar propostas que efetivamente pudessem melhorar a vida da população negra, em direção à igualdade racial. A política de cotas com recorte racial, no acesso às universidades públicas (Lei n. 12.711/2012), privadas (PROUNI), ao serviço Público Federal (Lei n. 12.990/2013) e aos serviços públicos estaduais e municipais, são exemplos disso. Alguns exemplos de áreas em que os estudos poderiam contribuir enormemente para a igualdade racial é no acesso de negros às ciências exatas e engenharia, ao ensino de matemática, à tecnologia digital e à língua inglesa, que serão gargalos de igualdade racial num futuro próximo. A reação de uma intelectualidade e uma mídia contra as políticas de ação afirmativa com recorte racial sem

propor alternativa de políticas para igualdade racial demonstra como parcelas da sociologia e a antropologia brasileira se afastam do ideal militante de Guerreiro Ramos.

5) O conceito de negro atualmente tem definição jurídica pelo fenótipo (Nogueira, 2006), dada pelo parecer do Ministro Ricardo Lewandowski, do Supremo Tribunal Federal, aprovado por unanimidade, e admite verificação de pertencimento a raça, para evitar fraudes em políticas de ação afirmativa (Lewandowski, 2012). No entanto, a abordagem guerreireana da patologia social do “branco” brasileiro introduz uma riqueza de elaboração do preconceito do branco com sua própria ascendência negra, que o inferioriza e merece atenção na luta contra o racismo. Pena e Bortolini (2004) mostrou que cerca de 80% dos brasileiros têm ascendência africana, por meio de estudos de marcadores genéticos. Talvez esse argumento objetivo ajude a desmontar subjetividades preconceituosas com suas ascendências.

6) O tema da independência ou não do racismo como gerador de desigualdades em relação à diferença de classe ou renda continua atual. Essa matéria não pode ser avaliada de forma genérica, independente da área da sociedade. O aumento do salário mínimo e o programa Bolsa Família tiveram grande impacto na população negra, mesmo sendo políticas universalistas. Por outro lado, simulações sobre a adoção de cotas para egressos de escolas públicas na UFSC, mostraram que cotas para escola pública não inclui negros (Tragtenberg *et al.*, 2006). Há várias indicações que em muitos campos da sociedade brasileira políticas universalistas são insuficientes para superar desigualdades raciais. (Telles, 2003). No plano internacional, a revolução cubana foi também insuficiente para superar as diferenças entre brancos e negros (Castro, 2000).

7) O pensamento original calcado na realidade e na tradição histórica brasileira, como indica metodologicamente GR, inspirou, por exemplo, uma das mais importantes ferramentas jurídicas para ação afirmativa para negros no Brasil. O parecer do ministro Lewandowski (2012) valida a política de reserva percentual de vagas (cotas) ou bônus para negros, ao contrário da Suprema Corte dos EUA. Tanto cotas como bônus são inconstitucionais nos EUA desde 1974 e 2001, respectiva-

mente. Além disso, como a forma de discriminação no Brasil é pela aparência, isso ficou consignado no parecer, bem como a possibilidade de proceder à fiscalização do beneficiário das cotas para negros.

8) Atualmente, e vou me deter somente a um tópico de pressão psíquica, negros e membros de minoria sentem a ameaça pelo estereótipo (Steele, 1995). Além de outras disfunções por discriminação, o sentimento que vai falhar porque seu grupo social falha em determinados desafios leva efetivamente a uma falha. A pesquisa sobre como o racismo pode influenciar na performance de negros em testes é muito importante para minimizar a desigualdade racial.

9) No Brasil atual, o Movimento Negro vem construindo a valorização da herança africana, em oposição a posições guerreireanas. A Lei n. 10.639/2003 e a Lei n. 11.645/2008 seguem o sentido da valorização da história africana, afro-brasileira e dos negros no Brasil.

10) Recentemente, a ação afirmativa para o ingresso de negros na academia foi regulamentada através da Lei n. 12.990/2014, que reserva 20% para negros em concursos públicos federais. No entanto, há gargalos a serem vencidos: há poucos doutores negros; o percentual de 20% é preenchido em muitas áreas, mas será eficaz em áreas muito seletivas, embora se encontre ainda longe do quantitativo para igualdade racial e, por fim, universidades tentam burlar a cota confundindo a reserva percentual no conjunto das vagas com a reserva percentual por área de conhecimento de concurso. Como em geral se abrem poucas vagas por área, em muitos editais as cotas para negros são inócuas, poucas vagas são reservadas.

4 Conclusões e Perspectivas

Guerreiro Ramos foi um sociólogo com várias elaborações originais sobre as relações raciais no Brasil. Vários temas por ele abordados continuam atuais e outros originaram novas políticas de igualdade racial. Rer Guerreiro Ramos é repensar sempre de um ponto de vista criativo as várias facetas dos efeitos da discriminação racial no Brasil. Sua trajetória se encaixa nisso. Ele é uma inspiração para pensar de forma própria as soluções para as desigualdades raciais brasileiras, que abrangem tantos domínios como as ciências exatas, a engenharia,

a tecnologia e o acesso a tudo isso, a educação básica, o mundo do trabalho, a estética valorizada socialmente e o impacto psíquico do preconceito racial, entre outros.

Notas

- ¹ Departamento de Física da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Presidente da Comissão Institucional de Acompanhamento e Avaliação da Política de Ações Afirmativas da UFSC. Diretor Administrativo da Secretaria de Ações Afirmativas e Diversidades da UFSC. Pesquisador do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (INCTI/CNPq).

Referências

CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. Branqueamento e Branquitude no Brasil. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva. (Org.). **Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 25-58.

CASTRO, F. **Discurso na Igreja da Marginal do Rio do Harlem**. 2000. Disponível em: <<http://www.afrocubaweb.com/fidelcastroriversidespeech.htm>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

COSTA PINTO, L. **O Negro no Rio de Janeiro: relações de raças numa sociedade em mudança**. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1953.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes: o legado da “raça branca**. São Paulo: Globo, 2008. v. 1.

FIGUEIREDO, A.; GROSFUGUEL, R. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras.

Ciência e Cultura, São Paulo, v. 59, n. 2, Apr.-June, 2007.

GUERREIRO RAMOS, A. (Org.). O Negro no Brasil e um Exame de Consciência. **Relações de Raça no Brasil**. Rio de Janeiro, Edições Quilombo, 1950a.

_____. Sobre as relações de raças. **Sociologia**, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 3-21, 1950b.

_____. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

HENRIQUES, R. **Desigualdade racial no Brasil**: evolução das condições de vida na década de 90. Texto para discussão n. 807. IPEA. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em <<http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/1968>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

IANNI, Octavio. **Escravidão e racismo**. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1988.

IANNI, Octavio. O preconceito racial no Brasil. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, jan.-abr. 2004. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142004000100002>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

LEWANDOWSKI, R. **Parecer sobre ação de descumprimento de Preceito Fundamental 186** (DEM contra Cotas da UnB), 2012. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=205890>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

MAIO, M. C. Uma polêmica esquecida: Costa Pinto, Guerreiro Ramos e o tema das relações raciais. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581997000100006&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 15 fev. 2016.

MOURA, C. Ideologia do branqueamento das elites brasileiras e dilemas da negritude. *In*: BRASIL. **Raízes do protesto negro**. São Paulo: Global, 1983, p. 40-46 e 100-105.

NOGUEIRA, O. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem: Sugestão de um quadro de referência para a interpretação do material sobre relações raciais no Brasil. **Tempo Social, Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ts/v19n1/a15v19n1.pdf>>. Acesso em: 16 jun. 2016.

PENA, S. D. J.; Bortolini, M. C. Pode a genética definir quem deve se beneficiar das cotas universitárias e demais ações afirmativas? **Estudos Avançados**, [S.l.], v. 18, n. 50, p. 31, 2004.

RODRIGUES, N. Complexo de vira-latas. *In*: Castro, R. **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de chutava. São Paulo, Companhia das Letras, 1993.

ROSEMBERG, F.; PIZA, E. Analfabetismo, gênero e raça no Brasil. **Revista USP**, São Paulo, v. 28, n. 110-121, dez.-fev. 1995/1996.

SENKEVICS, A. **A cor e a raça nos censos demográficos nacionais**. [2015]. Disponível em: <<https://ensaiosdegenero.wordpress.com/2015/02/13/a-cor-e-a-raca-nos-censos-demograficos-nacionais/>>. Acesso em: 13 fev. 2015.

STEELE, Claude M.; ARONSON, Joshua. **Journal of Personality and Social Psychology**, [S.l.], v. 69, n. 5, p. 797-811, nov. 1995. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1037/0022-3514.69.5.797>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

TELLES, Edward. **Racismo à brasileira**: uma nova perspectiva sociológica. Rio de Janeiro: Relume-Dumará: Fundação Ford, 2003.

TRAGTENBERG, M. H. R. *et al.* Como aumentar a proporção de estudantes negros na universidade? **Cadernos de Pesquisa**, [S.l.], v. 36, n. 128, p. 473-495, maio-ago. 2006.

Recebido em 24/01/2016

Aceito em 1º/03/2016

O Centenário de Guerreiro Ramos e sua Atualidade para o Ensino de Ciências Sociais no Brasil

Amurabi Oliveira¹

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil

E-mail: amurabi_cs@hotmail.com

Resumo

Nos últimos anos, a obra de Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) tem sido constantemente revisitada, o que se conecta às transformações vivenciadas nas Ciências Sociais brasileiras nos últimos anos. Porém, um aspecto ainda pouco explorado tem sido sua contribuição para o campo do ensino, mais especificamente do ensino de Ciências Sociais. Nesse artigo, busca-se analisar a contribuição de Guerreiro Ramos para a discussão sobre o ensino de Ciências Sociais, tomando como fio condutor principal suas ideias expostas em *Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo* (1954) destacando a atualidade das questões expostas.

Palavras-chave: Alberto Guerreiro Ramos. Pensamento Social Brasileiro. Ensino de Ciências Sociais.

Abstract

In recent years the work of Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) has been constantly revisited, which is connected to the changes experienced in the Brazilian Social Sciences in recent years. But a little explored aspect has been his contribution to the the field of teaching, specifically the Teaching of Social Sciences. In this article I seek to analyze the contribution of Guerreiro Ramos to the discussion about Teaching Social Sciences, taking as main conductor wire his ideas exposed in the Brazilian Handbook of the Sociologist's Apprentice (1954), highlighting the relevance of the questions posed.

Keywords: Alberto Guerreiro Ramos. Brazilian Social Thought. Teaching of Social Sciences.

1 Introdução

O trabalho do baiano Alberto Guerreiro Ramos (1915-1982) foi marcado por sua originalidade, vigor e pelas polêmicas, especialmente aquelas desdobradas entre as décadas de 1950 e 1960. Sua apreensão tem passado por fases distintas, possuindo nos últimos tempos uma crescente revisita que demarca o lançamento de novas e originais abordagens sobre seu trabalho que apontam para sua atualidade, mas que se relacionam também com as mudanças mais amplas que podem ser observadas no próprio campo das ciências sociais.

Sua cor – era um homem mulato – e sua origem geográfica no meu entender se ligam de forma direta à forma como ele percebeu o mundo e a produção do conhecimento, pois ao migrar ainda jovem em 1939 para o então Distrito Federal, naquele momento Estado da Guanabara, Guerreiro Ramos vivenciou o destino que estava reservado a boa parte da população brasileira, que se deslocava para a região que gravitava em torno do circuito Rio – São Paulo. Guerreiro Ramos vivenciou dessa forma os “dois brasis”, aquele que representara o Brasil arcaico e do atraso, substanciado no Nordeste e no sertanejo, tão descritos em *Os Sertões*, obra publicada por Euclides da Cunha em 1902, e o outro moderno e pulsante representado pelos grandes centros urbanos que passaram a representar o novo eixo político e econômico do país.

A data de sua mudança para o sudeste coincide com o período do Estado Novo que, com a proposta de centralização das decisões na capital federal, punha em xeque o pacto federativo, ao menos no formato que havia se acomodado em relação às oligarquias locais. Esta questão que busco ressaltar brevemente nessa introdução mostra-se relevante para minha compreensão da produção do Guerreiro Ramos,

pois muito tem se chamado a atenção para o fato de seu trabalho poder ser compreendido como inserido dentro do que se tem denominado de pensamento periférico (Maia, 2015), penso que Guerreiro Ramos estava numa posição periférica também a partir da sua cor, e da origem geográfica, sendo esta última uma das questões mais relevantes para o Brasil que emergia no começo do século XX (Albuquerque Junior, 2007).

O que se quer dizer com isso é que as experiências sociais vivenciadas por Guerreiro Ramos foram fundamentais na constituição de seu pensamento, e que possibilitaram o desenvolvimento da percepção dos limites das teorias existentes para a apreensão do social em dadas realidades.

Neste breve trabalho busca-se pensar a atualidade das discussões de Guerreiro Ramos para o ensino de Sociologia no Brasil hoje, tema que tem ganhado relevância com a reintrodução desta ciência no currículo escolar a partir de 2008. Para tanto, as atenções estarão voltadas para o exame do livro *Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo* (1954), dialogando, portanto, não apenas com o ensino de Sociologia no sentido mais estrito, mas também com a formação dos cientistas sociais no Brasil.

Na primeira parte foi realizada uma breve apresentação de algumas ideias que considero centrais para a compreensão do tipo de pensamento social que este autor produziu, ainda que não caiba aqui realizar um exame minucioso de seu trabalho devido aos limites e ao foco desse artigo. Na segunda seção desse trabalho é que me voltarei de forma mais incisiva para sua discussão sobre o ensino de sociologia, o que será realizado em diálogo com a produção da comunidade acadêmica contemporânea que discute tal questão.

2 O Pensamento de Guerreiro Ramos

Se numa interpretação a origem geográfica mostra-se relevante para a compreensão do pensamento do autor aqui analisado, assim como o fato de ser mulato e migrante, considera-se que não menos relevante para essa questão foi a formação intelectual que ele recebeu, especialmente no que diz respeito àquela da Faculdade Nacional de Filosofia.

O curso de Ciências Sociais da Faculdade Nacional de Filosofia, que integrava a Universidade do Brasil (criada pela Lei n. 452 de 5 de julho de 1937) demarcava uma continuidade em relação àquele que existiu na Universidade do Distrito Federal (UDF), criado em 1935, tendo sido o primeiro nessa área fora de São Paulo.

Não se pode olvidar que a UDF foi em grande medida um projeto do também baiano Anísio Teixeira (1900-1971), que se distava substancialmente daquele existente na Universidade de São Paulo, ou ainda na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, nas quais foram criados os primeiros cursos de Ciências Sociais, em 1934 e 1933 respectivamente. Como assinala Meucci (2015, p. 128):

[...] o desenvolvimento da ciência estava essencialmente ligado à democratização do acesso à cultura. Trata-se à princípio, de um projeto universitário muito distinto da Universidade de São Paulo (USP), cujo *leitmotiv* foi essencialmente a formulação de elites intelectuais e políticas capazes de orientar o povo.

Claro que parte desse projeto já havia se esvaído quando Guerreiro Ramos chegou ao curso de Ciências Sociais, Anísio Teixeira já não estava mais a frente dele, e em 1939 a UDF já havia sido incorporada à Universidade do Brasil. Porém, creio que a formação em um curso que se originou num projeto distinto daquele existente em São Paulo é relevante nesse caso. Em termos cronológicos não é menos importante destacar que Guerreiro Ramos constitui essa primeira geração de sociólogos profissionais formados no Brasil, pois até então os docentes da área das Ciências Sociais, via de regra, eram intelectuais autodidatas. Finalizado seu curso em 1942 no ano seguinte ele tentou ingressar como docente nessa Faculdade, pois surgiram algumas vagas com o retorno de alguns professores para a Europa.

Foi indicado para assumir duas delas, a de sociologia e a de ciência política, mas foi preterido, na primeira, por L.A. Costa Pinto e, na segunda, por Vítor Nunes Leal. Como forma de compensá-lo, San Tiago Dantas, seu amigo pessoal, e à época no exercício do cargo de Diretor da faculdade, ofereceu-lhe trabalho no Departamento Nacional da Criança (DNCr), onde lecionou cursos sobre puericultura, tendo também sido nomeado,

interinamente, para o Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), quanto então a temática administrativa passou a lhe atrair com maior força. (Azevedo, 2006, p. 180)

A partir dessa inserção profissional, não apenas a ideia de administração como também de planificação passa a lhe atrair, não à toa, Villas Boas (2006) compreende que ele acabou por integrar o que ela denomina de “geração mannheimiana” de sociólogos brasileiros, para a qual *fazer ciência é fazer história*.

Se para Miceli (1989) a proximidade com “instituições não acadêmicas” constituiu um problema na formação das ciências sociais no Rio de Janeiro, o que incluiria o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) do qual Guerreiro Ramos fazia parte. Penso que, por outro lado, tal aproximação possibilitou a elaboração de uma percepção muito particular sobre os problemas brasileiros, que por sua vez impactou na construção de uma perspectiva engajada de produção do conhecimento científico².

Sem embargo, é importante frisar que não se acredita com isso que houvesse uma defesa por parte de Guerreiro Ramos de que o engajamento se opusesse à construção do conhecimento científico no campo das Ciências Sociais; pois parece que o que estava em questão era qual a finalidade desse conhecimento. Em países como o Brasil, as ciências sociais teriam finalidades muito próprias: a) a elaboração de teorias, conceitos e ideias que possibilitassem a nação a compreender-se a si mesma; b) decifrar seus problemas (Guerreiro Ramos, 1954).

Atingir essas finalidades perpassaria, necessariamente, a discussão sobre o Ensino de Sociologia no Brasil, especialmente no âmbito da formação das próximas gerações de sociólogos. O que demandaria a superação de uma situação que ele percebia como crítica na sociologia brasileira, na qual os sociólogos estariam mais preocupados em se informar da produção estrangeira que em compreender sua própria realidade. Segundo ele:

[...] a formação do sociólogo brasileiro ou latino-americano consiste, via de regra, num adestramento para o conformismo, para a disponibilidade da inteligência em face das teorias. Ele aprende a receber prontas as

soluções, e quando se defronta com um problema de seu ambiente, tenta resolvê-lo confrontando textos, apelando para as receitas de que se abeberou nos compêndios. Adestrado para pensar por pensamentos feitos, torna-se frequentemente, quanto aos sentimentos e à volição, um *répétiteur*, isto é, sente por sentimentos feitos, quer por vontades feitas, como diria Péguy. (Ramos, 1954, p. 19-20)

Com isso não se quer dizer que a ciência não devesse ter um caráter universal, porém, isso não deveria impedir que ela se diferenciase nacionalmente (Ramos, 1957). O que ele estava combatendo seria o que denominou de “sociologia enlatada”. Tal combate perpassaria necessariamente, nos termos da redução sociológica, uma postura conscientemente engajada dos cientistas sociais com seus contextos. Para Ramos (1958, p. 46):

A redução sociológica não implica em isolacionismo, nem exaltação romântica do local, regional ou nacional. É ao contrario dirigida a uma aspiração ao universal mediatizado, porém, pelo local, regional ou nacional. Não se pretende opor-se à prática das transplantações mas se quer submetê-las a apurados critérios de seletividade. Uma sociedade onde se desenvolve a capacidade de autoarticular-se tornar-se conscientemente seletiva.

As considerações sobre o Ensino de Sociologia presentes no pensamento desse intelectual tocam, portanto, a questão do combate a uma sociologia inautêntica. Nesse sentido, podemos relacionar as questões postas por Guerreiros Ramos com algumas discussões recentes em torno das Teorias do Sul (Connel, 2007). Como nos indica Maia (2015, p. 53):

Se, por um lado, é antiga a linhagem de pensadores brasileiros que diagnosticara o caráter supostamente artificial e “importado” da vida intelectual brasileira (Brandão, 2005), é forçoso reconhecer que a linguagem e o vocabulário utilizados por Guerreiro Ramos para fazer esse mesmo ponto são novos. Há uma decidida abordagem geopolítica que coloca o problema da colonização e do eurocentrismo em lugar mais central do que, digamos, em Visconde do Uruguai ou em Alberto Torres, dois conhecidos pensadores associados a essa vertente crítica.

Pensadores não europeus estavam praticamente ausentes do horizonte desses homens, ainda fortemente orientados para a tradição cultural europeia.

Considera-se que tais questões ainda não foram superadas na discussão da Sociologia brasileira, pelo contrário, encontram-se mais atuais que nunca dado a crescente relevância e impacto dos estudos pós-coloniais nas ciências sociais (Costa, 2006; Martins, 2013).

Esta breve apresentação do trabalho de Guerreiro Ramos, aqui insuficientemente aprofundada devido aos limites desse trabalho, serve de gancho para a próxima seção desse artigo, pois, para compreendermos sua análise acerca do Ensino de Sociologia no Brasil é necessário ter em mente o papel dessa ciência e do sociólogo na compreensão desse intelectual.

3 O Ensino de Sociologia no Brasil: um olhar crítico e engajado

Quando Guerreiro Ramos publicou *Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo* em 1954 a Sociologia não estava mais presente no currículo escolar de forma obrigatória, pois sua trajetória ascendente que começou com a Reforma Rocha Vaz em 1925 havia sido interrompida com a Reforma Capanema em 1942 (Oliveira, 2013). No mesmo ano, durante o *I Congresso Brasileiro de Sociologia*, Florestan Fernandes havia proferido a palestra *O Ensino de Sociologia na Escola Secundária Brasileira* (Fernandes, 1980), e apesar de os dois textos terem sido veiculados na mesma época e mencionado a mesma temática, problematizando a realidade do ensino de sociologia no Brasil, aquele não teve a mesma circulação e reconhecimento por parte da comunidade de cientistas sociais que vêm debatendo o ensino de sociologia nos últimos anos. É interessante aqui analisar as questões postas por Guerreiro Ramos para então lançar hipóteses sobre as razões que fazem com que seu trabalho não tivesse grande repercussão em meio a essa comunidade de pesquisadores.

É relevante rememorar desde já que a o trabalho aqui analisado constitui uma resposta às críticas que Guerreiros Ramos recebeu durante o *II Congresso Latino-Americano de Sociologia*, realizado no Rio de

Janeiro e em São Paulo em 1953. Nesse evento, ele presidiu a Comissão de Estruturas Nacionais e Regionais, tendo realizado sete propostas que foram rechaçadas. Destaca-se aqui a segunda delas:

A organização do ensino de sociologia nos países latino-americanos deve obedecer ao propósito fundamental de contribuir para a emancipação cultural dos discentes, equipando-os de instrumentos intelectuais que os capacitem a interpretar, de modo autêntico, os problemas das estruturas nacionais e regionais a que se vinculam. (Ramos, 1954, p. 16)

Essas, assim como as outras seis proposições, foram refutadas por 22 votos contra 9, e segundo o autor ele ainda foi agredido com demonstração de ódio e despreço por parte de alguns de seus opositores. Interessante notar que no capítulo da *Cartilha* dedicado a este assunto o título mostra-se bastante provocativo “O Ensino de Sociologia no Brasil, um caso de Geração Espontânea?”, com isso ele anuncia prontamente o tom crítico que assume sobre a questão, querendo dizer com isso que a sociologia surge através de um processo cooperativo e cumulativo.

Porém, ele ressalta que reconhece o mérito de várias agências brasileiras de ensino e prática sociológica, destacando-se em São Paulo a Escola de Sociologia e Política, o Departamento de Sociologia e Antropologia na Faculdade de Filosofia, o Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas e no Rio, a Escola de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, os cursos do DASP, além de experiências com a cadeira de sociologia no Rio Grande do Sul e no Paraná, e de Antropologia na Bahia. Tais exemplos servem para confirma sua perspectiva de que no Brasil, assim como em muitos países da América – Latina, a proliferação de cátedras de sociologia constituiria um perigo, na medida em que ele estava convencido de que não havia condições de haver uma prática de ensino dessa matéria de boa qualidade a não ser em pequena escala.

Na literatura mais recente sobre ensino de sociologia há inúmeras referências ao texto de Florestan Fernandes supracitado, porém, esse trabalho seminal de Guerreiro Ramos é solenemente ignorado, o que pode ser compreendido a partir de uma gama de fatores. Primeiramente

é válido considerar o lugar da enunciação desses diversos discursos, dentro da complexa geopolítica acadêmica o paradigma uspiano de ciências sociais veio a prevalecer em outras universidades do Brasil; segundo, a apropriação de Guerreiro Ramos nas ciências sociais brasileiras deve ser considerada aí, pois como nos indica Maia (2012), ao passo que nas pesquisas realizadas no âmbito dos programas de administração ele perdura como um relevante referencial teórico, no caso das ciências sociais ele tende a surgir como objeto de estudos, normalmente sob o difuso conceito de pensamento social brasileiro, que como nos aponta Botelho (2010), marca-se por uma profunda heterogeneidade, sendo essa classificação mais um exercício de atribuição que de inferência; por fim, e acredita-se que esse é o argumento principal para o raciocínio que se pretende desenvolver aqui, a postura crítica que o ator assume com relação ao ensino de sociologia realizado especialmente entre as décadas de 1930 e 1940 não conflui para os interesses as entidades científicas e associações profissionais que passaram a se engajar pelo retorno da sociologia no currículo escolar, tratava-se de uma análise que era bem-vinda, pois não confluiu com os interesses dos agentes naquele momento.

Em sua análise sobre o ensino de sociologia naquele período, Guerreiro Ramos chama de desastrosa e imprevidente a política educacional que possibilitou um verdadeiro “surto de catedráticos da referida disciplina” no Brasil, que não estando preparados para tal feito tiveram que improvisar.

Sua crítica perpassa ainda a produção dos manuais de sociologia que eram utilizados na prática escolar, que como é bem sabido teve uma rápida expansão entre as décadas de 1920 e 1940, tendo em vista que a sociologia estava presente tanto nos cursos preparatórios para o acesso aos cursos superiores³, quanto na formação docente nas escolas normais. Segundo Ramos (1954, p. 46-47):

[...] nossos autores de compêndios não têm, salvo raríssimas exceções, uma experiência vivida dos problemas e assuntos de que tratam. Seus textos escolares não são propriamente fruto de meditação dos assuntos. Resultam, com frequência, de glosas, paralelos, pastiches e transcrições de obras estrangeiras. Julgo que

essa deficiência da maioria de nossos livros escolares se explicam pelas próprias condições objetivas do País.

Os professores brasileiros de sociologia, em grande parte, têm exercido a cátedra por acaso. Ordinariamente, tem sido um fator aleatório em suas vidas o que os leva a ser professor de sociologia. Não se prepararam para tal. Aqui as cátedras de sociologia não surgiram para consagrar uma tradição militante de trabalho pedagógico, como é a regra em todos os países avançados. As cátedras aparecem de modo intempestivo e foram providas, inicialmente, mais ou menos, por pessoas que, no momento, ou eram diletantes, quanto muito; ou desconheciam completamente os estudos de sociologia. Muitos foram estudar a matéria depois de nomeados professores; durante algum tempo, ao menos, foram nos seus postos verdadeiros simuladores, aparentando um saber que realmente não possuíam.

Essas assertivas em parte são confirmadas pela pesquisa de Meucci (2011), que ao examinar a formação dos autores de manuais de sociologia entre as décadas de 1920 e 1940 no Brasil, aponta para o perfil autodidata como recorrente. Porém, apesar disso, em muitos manuais, a autora encontrou sugestões de atividades diversas que incluíam consulta bibliográfica, trabalho de campo, aplicação de questionário e inquéritos sociais etc., o que dista da perspectiva de Guerreiro Ramos que aponta para um ensino apartado dos problemas reais que permeavam a sociedade nacional.

Ele reconhece ainda as mudanças em curso com o advento de uma nova geração de professores de sociologia, agora versados nas ciências sociais, com formação universitária para tanto, o próprio Guerreiro Ramos estaria incluído nesse grupo.

Percebe-se ainda que sua crítica aos manuais escolares de sociologia só pode ser compreendida em sua plenitude ante sua compreensão de que há uma “sociologia enlatada”, portanto inautêntica. Para ele:

Há, hoje, no Brasil, duas sociologias: uma *enlatada*, que se faz, via de regra, nos quadros escolares e no âmbito confinado de reuniões e entidades particularistas de caráter acadêmico; e outra que se exprime predominantemente em comportamentos e que se *pensa*, por assim dizer, *com as mãos*, no exercício de atividades executivas e de

aconselhamento nos quadros dos negócios privados e governamentais. A primeira, em larga escala, tem sido uma percepção ilusória da realidade do país; a segunda, espécie de crisálida, emerge da vida comunitária nacional e se encaminha no sentido de tornar-se uma autoconsciência das leis particulares da sociedade brasileira (Ramos, 1957, p. 120 grifo do autor)

A presença dessa “sociologia enlatada” nos diversos manuais refletiria o próprio ensino das ciências sociais no ensino universitário, uma vez que quando os cursos de ciências sociais foram criados, na perspectiva do autor, apenas dois brasileiros poderiam ser considerados sociólogos sistemáticos originais: Oliveira Viana (1883-1951) e Pontes de Miranda (1892-1979), mas que teriam tido uma influência nula sobre o ensino de sociologia no momento de institucionalização do ensino de sociologia no Brasil.

Para reforçar seus argumentos, Guerreiro Ramos compara ainda o processo de institucionalização do ensino de sociologia no Brasil com aquele que teria ocorrido em outros países, como Estados Unidos, Rússia e Índia, realizando um exercício comparativo de caráter mais amplo até hoje ainda incipiente no debate sociológico brasileiro, o que demonstra o vigor e a originalidade de seu pensamento.

Acaba por fim por se deter um pouco mais no caso americano, apontando como o ensino de sociologia naquele país representou certo estado de amadurecimento do debate intelectual nessa área. Penso que nesse ponto podemos questionar os argumentos utilizados pelo autor tendo por base o debate que tem se instaurado nos Estados Unidos acerca do ensino de sociologia, pois, autores como DeCesare (2014), num movimento de revisita da própria história do ensino de sociologia nos Estados Unidos, aponta para a fragilidade da prática pedagógica dessa disciplina nas escolas americanas no momento de sua institucionalização, aproximando-se mais de uma “educação cidadã” que de um ensino de uma disciplina científica.

Acredita-se, portanto, que haja mais pontos em comum em termos de desafios que se colocaram no processo de institucionalização do ensino de sociologia, especialmente no nível escolar, entre o Brasil e os “países avançados”, ainda que não se possa negar a existência de

condições objetivas distintas em termos de produção do conhecimento, especialmente no que tange às universidades.

Apesar das duras e intensas críticas ao ensino de sociologia, considera-se que Guerreiro Ramos via a sociologia escolar como um campo de possibilidades em aberto, compreendendo que

[...] o ensino escolar de sociologia, a despeito desta ainda não ter se depurado da alienação em relação à realidade do país e ainda não possuir profissionais capazes, seria uma forma de tornar acessível esse saber ao senso comum, tornar-se efetivamente um 'saber de salvação. (Bariani Junior, 2003, p. 17)

Acredita-se que parte da atualidade de seu pensamento se deva à não superação de certos dilemas no âmbito da própria formação dos professores de sociologia, sem contar aqui a predominância atual de profissionais com outras formações acadêmicas atuando no ensino desta ciência. Como indica Maio (2012, p. 265):

Um estudante de graduação em Ciências Sociais em qualquer universidade brasileira dificilmente deixará seu curso sem ter lido algo de Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim. Em geral, estes autores são estudados nas primeiras disciplinas de formação, nas quais se aprende que tal trindade forma os clássicos da disciplina. Entretanto, pouquíssimos formandos refletirão, em algum momento, sobre as razões que presidiram a construção de tal cânone. Em boa parte das vezes, a nossa compreensão ordinária da história da sociologia limita-se a registrar a narrativa consagrada de tal literatura, pouco se perguntando sobre os motivos que possam explicar o jogo de seleções/rejeições que governa a escolha dos clássicos.

Não estando esse cenário superado, ainda que sejam inegáveis os avanços vivenciados pelas ciências sociais brasileiras nas últimas décadas, acredita-se que as questões lançadas por Ramos ainda se fazem pertinentes, o que inclui sua perspectiva acerca da finalidade do ensino da sociologia.

O que se pede ao ensino de sociologia é que ele desenvolva no educando a capacidade de autonomia e

assenhoramento das forças particulares da sociedade em que vive. O ensino da sociologia não deve distrair o educando da tarefa essencial de promoção da autarquia social do seu país.

É necessário que o trabalho de campo, complementar da instrução teórica, se encaminhe para o adestramento dos aprendizes para a realização dos trabalhos mais necessários ao desenvolvimento das estruturas nacionais e regionais. (Guerreiro Ramos, 1954, p. 56-57)

Dada a tarefa hercúlea que Guerreiro Ramos atribui ao ensino de sociologia, penso que sua distância com relação à geração de professores que atuou nas escolas brasileiras nas décadas de 1930 e 1940 – o autor destaca especialmente o período entre 1936 e 1942 – é menor do que a imaginada.

A volta da sociologia ao currículo escolar nos anos 2000 em grande medida aventa uma aproximação, no meu entender, com o tipo de ensino criticado por Ramos, ao menos ao nível dos documentos oficiais e dos manuais (livros didáticos) existentes. De tal modo que a crítica elaborada por esse grande pensador social se mostra não apenas atual como também necessária.

4 Considerações Finais

Dentre as várias possibilidades de se abordar o pensamento multifacetado de Guerreiro Ramos, optou-se por uma ainda pouco explorada, que remete suas contribuições para o campo do ensino, especialmente do ensino das Ciências Sociais. Ainda que essa temática não tenha sido o alvo preferencial de sua produção acadêmica, é possível compreender que todas as suas análises e críticas acerca das Ciências Sociais podem ser incorporadas na discussão mais ampla sobre o ensino de tais ciências, especialmente no caso brasileiro.

Se por um lado, suas contribuições ainda não se encontram amplamente difundida na comunidade que tem se formado de cientistas sociais dedicados à discussão sobre o ensino, por outro, as mudanças vivenciadas nas ciências humanas e sociais têm possibilidade a elaboração de novos olhares sobre o legado intelectual de Guerreiro Ramos,

com destaque para um amplo diálogo com os estudos pós-coloniais e subalternos.

Ainda no que tange à atualidade de suas críticas, penso que não superamos completamente o modelo de uma “sociologia enlatada”, especialmente no campo formativo dos cientistas sociais. A replicação de modelos teóricos e explicativos ainda persiste, ainda que seja possível reconhecer as transformações pelas quais tem passado o debate nesse campo, bem como o esforço de diversos intelectuais, que ainda que se coloquem em termos distintos daqueles postos por Ramos têm se engajado na elaboração de uma ciência social nacional, sem com isso perder a pretensão de universalismo.

Também o cenário do próprio ensino das Ciências Sociais na Educação Básica se alterou substancialmente, pois, apesar da persistência da presença de professores que não possuem formação nessa área e que atuam na docência da Sociologia no Ensino Médio, seria leviano afirmar que o grau de imprevisto é o mesmo daquele observado por Ramos em seu tempo. Há uma presença crescente de cientistas sociais com formação na área atuando nas escolas, o que se dá de forma concomitante à expansão do número de cursos de formação inicial nesse campo.

A crítica de Ramos, portanto, mostra-se pulsante e contemporânea, todavia, um exame mais minucioso do conjunto de sua obra, elaborado em conjunto com uma análise aprofundada do cenário atual das Ciências Sociais no Brasil, poderia nos possibilitar uma crítica mais incisiva aos atuais modelos formativos existentes nas ciências sociais brasileiras, um exercício que me parece ser cada vez mais necessário ante a crescente expansão quantitativa de tais cursos e a presença incisiva de tais ciências na Educação Básica.

Notas

¹ Doutor em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Pesquisador do CNPq.

² Numa crítica contundente ao trabalho de Miceli, Reesink e Campos (2014) apontam que esse trabalho mais do que narrar a história das Ciências Sociais no Brasil busca elaborar uma narrativa para legitimar a consolidação e implementação e consolidação da hegemonia paulista, através tanto da *inclusão hierárquica* quanto da *exclusão desqualificadora*.

- ³ Foi com a Reforma Francisco Campos em 1931 que a sociologia passou a figurar de forma obrigatória nesses cursos complementares, que outorgavam àqueles que os concluíam o título de Bacharel em Ciências e Letras.

Referências

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.

AZEVEDO, Ariston. **A Sociologia Antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos**. 2006. 354 f. Tese (Doutorado) – Sociologia Política do Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BARIANI JUNIOR, Edison. **A sociologia no Brasil: uma batalha, duas trajetórias** (Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos). 2003. 111 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2003.

BOTELHO, André. Passado e futuro das interpretações do país. **Tempo Social**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 47-66, 2010.

CONNELL, Raewyn. **Southern theory: the global dynamics of knowledge in social science**. London: Polity Press, 2007.

COSTA, Sergio. Desprovincializando a sociologia: a contribuição pós-colonial. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, [S.l.], v. 21, n. 60, p. 117-134, 2006.

DECESARE, Michael. 95 anos do Ensino de Sociologia no Ensino Médio. **Educação & Realidade**, [S.l.], v. 39, n. 1, p. 113-137, 2014.

FERNANDES, Florestan. **A sociologia no Brasil: contribuição para o estudo de sua formação e desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1980.

MAIA, João Marcelo Ehlert. A sociologia periférica de Guerreiro Ramos. **Caderno CRH**, [S.l.], v. 28, n. 73, p. 47-58, 2015.

_____. Reputações à brasileira: o caso de Guerreiro Ramos. **Sociologia & Antropologia**, [S.l.], v. 2, n. 4, p. 265-291, 2012.

MARTINS, Paulo Henrique. La Sociología y el espejo de la colonialidad en América Latina. **Revista Horizontes Sociológicos**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 33-46, 2013.

MEUCCI, Simone. **Artesania da sociologia no Brasil: contribuições e interpretações de Gilberto Freyre**. Curitiba: Appris, 2015.

_____. **Institucionalização da Sociologia no Brasil: primeiros manuais e cursos**. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2011.

MICELI, Sergio. Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais. *In*: MICELI, Sergio. (Org.). **História das ciências sociais no Brasil**. São Paulo: Editora Vértice/Idesp/Finep, 1989. p. 72-110.

OLIVEIRA, Amurabi. Revisitando a história do ensino de Sociologia na Educação Básica. **Acta Scientiarum. Education**, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 179-189, 2013.

RAMOS, Alberto Guerreiro. **Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo**. Rio de Janeiro: Est. De Artes Gráficas C. Mendes Jr., 1954.

_____. **Introdução Crítica à Sociologia Brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

_____. **A Redução Sociológica**: introdução ao estudo da razão sociológica. Rio de Janeiro: Iseb, 1958.

REESINK, Misia L.; CAMPOS, Roberta B. C. A Geopolítica da Antropologia no Brasil: ou como a província vem se submetendo ao Leito de Procusto. *In*: SCOTT, Parry; CAMPOS, Roberta Bivar; PEREIRA, Fabiana. (Org.). **Rumos da Antropologia no Brasil e no Mundo**: geopolíticas disciplinares. Recife-PE: Editora UFPE-ABA, 2014.

VILLAS BÔAS, Glaucia. **Mudança provocada**: passado e presente no pensamento sociológico brasileiro. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

Recebido em 16/02/2016

Aceito em 1º/03/2016

O Mito da Revolução, Guerreiro Ramos e o Golpe de 1964

João Carlos Nogueira¹

Reafro Brasil, Estado, Brasil
E-mail: jcnogueira13@gmail.com

Resumo

Neste artigo, vamos perseguir a hipótese em algumas dimensões já exploradas no campo da Sociologia e da Ciência Política, sobre o político Guerreiro Ramos. Essa hipótese consiste no fato de que o sociólogo acreditava numa revolução social e política, mas era cético quanto aos seus atores: os partidos (PCB e PTB), por um lado; por outro, não verificava consistência na sociedade civil organizada, expressa pelos intelectuais reunidos no ISEB, por exemplo, sindicatos e movimentos urbanos e rurais. Esse paradoxo persegue as posições críticas de Guerreiro Ramos até o momento em que foi cassado pelo golpe militar, em abril de 1964. Outro propósito subsidiário de nossa hipótese é verificar também a contribuição do sociólogo e político para a Sociologia e a Ciência Política brasileira, considerando os projetos em disputa sobre o desenvolvimento em curso no país nos anos de 1950 e 1960, na esteira do golpe militar de 1964.

Palavras-chave: Sociologia. Ciência Política. Guerreiro Ramos. Desenvolvementismo. Pensamento Brasileiro e Golpe Militar de 1964.

Abstract

In this article, we will pursue the hypothesis, in some dimensions already explored in the field of Sociology and Political Science, about the political Guerreiro Ramos. It consists in the fact that the sociologist believed in a social and political revolution, but was skeptical of its actors: political parties (PCB and PTB) on the one hand; and on the other, he didn't felt consistency in organized civil society, expressed by intellectuals gathered in the ISEB, for example, trade unions and urban and rural movements. This paradox permeates the criticism from Guerreiro Ramos positions until the time that his term was revoked by the military coup in April 1964. Another subsidiary purpose of our hypothesis is to verify the contribution of the sociologist and politician to Sociology and Brazilian Political Science, considering the projects in dispute on the development underway in the country in the 50s and 60s of the twentieth century in the wake of the 1964 military coup.

Keywords: Sociology. Political Science. Guerreiro Ramos. Developmentalism. Brazilian Social Thought and 1964 Military Coup.

1 Contexto

O Brasil das décadas de 1950 e 1960 do século XX viveu um de seus momentos históricos mais conturbados e efervescentes no plano político, econômico e social. Por um lado, a esperança de tornar-se uma potência em desenvolvimento, portanto, industrializada, ancorada nas concepções desenvolvimentistas no plano da economia e da política, laureados pelo pensamento nacional-popular². Por outro, a “vocação” autoritária do pensamento político brasileiro³ habitava as ideologias desenvolvimentistas e liberais sobre as visões da realidade nacional. A primeira admite a participação popular e fomenta o debate público. A segunda, pressionada justamente pelas manifestações populares, as insurgências políticas internas e expansão internacional dos movimentos comunistas, aposta no golpe militar.

No plano político, o suicídio do presidente Getúlio Vargas, no dia 24 de agosto de 1954, e as eleições presidenciais de 1955 estabelecem a segunda cena do confronto udenista de Carlos Lacerda com a aliança PSD e PTB, em que Juscelino Kubitschek, candidato a presidente da República, e João Goulart, a vice, saíram vitoriosos, embora Juscelino tenha obtido uma margem apertada, 36% dos votos válidos, contra 30% de Juarez Távora, general do Exército. As eleições para vice-presidente eram independentes e João Goulart arrasou seus adversários, superando a votação de Juscelino: 3.591.409 contra 3.077.411 eleitores (Schwarcz; Starling, 2015), que o legitimou a vice na candidatura de Jânio Quadros, em 1960.

Nos âmbitos econômico e social, o Plano de Metas bem sucedido impulsionou o crescimento econômico, fortaleceu a indústria e o consumo, alavancou a infraestrutura e colocou no horizonte a inauguração

da nova capital, Brasília. Era ainda beneficiado com as políticas de proteção social da era getulista.

O sociólogo, político e deputado federal, meses antes do golpe militar, é ator privilegiado desses acontecimentos históricos. Fez parte do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), órgão ligado à Casa Civil da Presidência da República, como diretor do Departamento de Sociologia, desde 1955, quando o instituto foi criado. Em 1958, afastou-se por divergências com Álvaro Vieira Pinto e Hélio Jaguaribe. A partir de então, ingressou na política partidária. Em 1959, foi eleito para o Diretório Nacional do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e, em 1962, candidatou-se a deputado federal pelo partido.

2 A Sociologia e a Ciência Política em Guerreiro Ramos

A sociologia e a política ocuparam a vida e a obra de Guerreiro Ramos. Na Sociologia, a questão nacional, os paradigmas sobre o desenvolvimento brasileiro e seus limites, o “problema do negro”, como assim denominou, a teoria das organizações e suas estruturas, são matriciais no seu pensamento sociológico. Na Ciência Política, seu campo de interesse tem foco privilegiado nas relações de poder, onde explora as relações partidárias, governos e sociedade. Sua visão crítica em particular, no texto sobre os processos da revolução brasileira, seja como mito ou verdade, nos anos 1960, é singular nos estudos da ciência política brasileira.

Nesta primeira parte do artigo, será apresentada uma breve síntese do pensamento de Guerreiro Ramos, no campo da Sociologia e da Ciência Política. Vamos nos valer em grande medida do artigo produzido para a Revista Esboço (Revista Esboço, n. 15, 2006), em que está concentrada a apresentação de Guerreiro Ramos, a partir de uma série de depoimentos de cientistas políticos, sociólogos, antropólogos, economistas que conviveram, divergiram, disputaram suas ideias e o reconheceram como um dos mais importantes pensadores e combatentes nos horizontes da sociologia e das ciências políticas no Brasil. Do mesmo modo, continuaremos explorando suas teorias e práticas sobre o “Mito da revolução brasileira” (Guerreiro Ramos, 1963), concebida por ele como “cena histórica” do “povo brasileiro”, não como

processo histórico descontínuo, o qual criticava. Sua originalidade reside no método⁴ pelo qual desenvolveu suas teorias, sobretudo como interpretou a realidade política, social, econômica e cultural brasileira.

Guerreiro Ramos é de enorme atualidade. Sua notoriedade pública e reconhecimento acadêmico nas ciências sociais no Brasil são expressos nos depoimentos de cientistas sociais, escritores e intelectuais com reconhecida trajetória na academia. Para o sociólogo Wanderley Guilherme dos Santos,

Alberto Guerreiro Ramos pertence a um grupo sociológico especial – o daqueles intelectuais destinados ao martírio. Intelectuais que se distribuem pela literatura, música, artes plásticas, ciências sociais e têm em comum a total, completa e absoluta falta de respeito pelas convenções que asseguram glória, fama e tédio. São, por isso, condenados ao ostracismo, à quarentena tácita e, às vezes, no limite, a tormentos pessoais. Ainda assim, fossem de fato rufiões das letras, charlatões dos palcos, exibicionistas das esculturas, tintas e cores, bufos da reflexão social, ainda assim, e o amanhã, depois deles, transforma-se em perene invenção. Fim da rotina. Guerreiro Ramos, recado aos distraídos, destroçou a “sociologia sorriso da sociedade”, desmoralizou a sua linguagem, exumou sua natureza gélida e, feito maior, revelou que a sociologia oficial era menos um retrato ou reflexão sobre a sociedade do que ingrediente teorizante indispensável para que a sociedade continuasse a mesma. Por exemplo, uma sociedade constituída majoritariamente por negros, discriminados e oprimidos, necessitava, para permanecer idêntica a si própria, de um credo científico que afirmasse justamente o oposto. Essa é a “Sociologia sorriso da sociedade” (Guerreiro Ramos, 1995, contracapa)

Abdias do Nascimento, amigo e companheiro de Guerreiro Ramos (militaram juntos no Teatro Experimental do Negro, na década de 1940), seguramente personagem e militante das mais importantes do movimento negro contemporâneo, ao comentar uma de suas obras afirmou que

[...] a redução sociológica é referência básica para todos os que pensam com autonomia a fundação de uma sociologia brasileira com identidade própria. Esse é o caminho da

nossa cultura, descolonizada, capaz de se afirmar e se diferenciar no nível da universalidade. (Guerreiro Ramos, 1996, contracapa)

Para o economista Celso Furtado, a mesma obra, *A Redução Sociológica*,

[...] sobressai como uma das mais inovadoras das ciências sociais brasileiras, marcadas então por contribuições repetitivas e de escassa originalidade, o que faz ainda mais singular, abrindo horizontes sobre os nossos problemas sociais. (Guerreiro Ramos, 1996, contracapa)

Clóvis Brigagão, cientista político e escritor, aluno do professor Guerreiro Ramos na Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV), quando se tornaram amigos, profundo conhecedor da obra de Guerreiro, escreveu no prefácio à terceira edição da *A Redução Sociológica*, em 1996:

Passadas quase quatro décadas desde que Guerreiro Ramos publicou, em 1958, a primeira edição da *Redução Sociológica*, sua veemência se faz ouvir. Ali, o mestre Guerreiro sustentava teses com alta dose de coragem intelectual, inspiradas no método crítico sobre hábitos, racionalizações e usurpações teóricas que habitavam (e ainda habitam) o pensar e o fazer sobre os destinos de nossa sociedade. É marca inconfundível desse clássico da sociologia o rasgar das ilusões que embotavam os fatos sociais, suas considerações e pressupostos teóricos sobre o desenvolvimento brasileiro. (Guerreiro Ramos, 1996, Prefácio)

Em *A Redução Sociológica*, Guerreiro tratava, com sucesso, de dois embates: a liquidação da mentalidade colonial, bem como suas decorrências no plano das ideias e da política, e a exposição, com toda a sua inequívoca radicalidade e clarividência, das razões sobre a nova consciência crítica da realidade, por meio do exame metódico e filosófico que ele esgrimia sem parcimônias e gratuidades. Brigagão, neste mesmo prefácio, faz a pergunta acerca da atualidade do pensamento e da obra de Guerreiro Ramos: “Seria a *Redução* ainda atual, atuante e explicativa sobre o desenvolvimento brasileiro?”, e afirma, “[...]”

continua sendo instrumental válido e insuperável da postura crítica e criativa das mais originais já produzidas em nosso país.” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 13).

Eduardo Portela e Darcy Ribeiro também comentaram a obra de Guerreiro Ramos. Para Eduardo Portela, Guerreiro Ramos era um cientista social que pensava. Pensava para além dos limites de sua possível especialização. Era igualmente o escritor que se distinguiu pelo modo singular de levar adiante a trama da linguagem. Daí a elegância, a transparência, a vida que conseguiu infundir a seus textos. Guerreiro Ramos tinha como horizonte o saber universal, e como solo, como preocupação de todos os minutos, a cena histórica de sua gente –vezes esparsa, vezes constante. A Redução Sociológica vem a ser isto: o nosso diálogo áspero e criativo entre conhecimento e interesse. Foi seu autor o ator instigante, o protagonista inconfundível da nossa contemporaneidade intelectual.

Para Darcy Ribeiro, antropólogo e escritor que registrou o seu depoimento no livro *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, Guerreiro foi um dos melhores nas ciências sociais:

Fui amigo e até compadre de Guerreiro Ramos. Depois brigamos. Ele queria liberar todo pesquisador social de países atrasados como o nosso das prescrições metodológicas formais. Nós todos reagimos num Congresso de 52, no Rio, a que ele respondeu com a sua excelente Cartilha. Eu era, então, um etnólogo bisonho, metido com os índios, querendo estudá-los como fósseis vivos. Florestan queria ser Merton. Guerreiro tinha toda a razão de propor uma ciência social nossa, eficaz e socialmente responsável. Exacerbou, é claro, como todo pioneiro. Mas era, sem dúvida, o melhor de nós. (Guerreiro Ramos, 1995, contracapa)

Os depoimentos acima registrados elucidam a importância de Guerreiro Ramos nas ciências sociais e nas humanidades, sua contribuição inegável para a construção de um projeto de nação tão sonhado e almejado nos anos 1930 até o início da década de 1960 para o Brasil e os brasileiros.

Guerreiro Ramos pensava o projeto de desenvolvimento como instrumento de inclusão social, onde negros e todos os excluídos não

fossem objeto de uso nos estudos e pesquisas nas ciências sociais, ou mão de obra barata nos processos de produção, mas sim sujeitos de direitos no desenvolvimento das políticas públicas. Infelizmente, essa perspectiva não foi a predominante. O Brasil tornou-se uma das nações com a maior concentração de renda do mundo em longo do século XX, com pequenas transformações substantivas e, como consequência, carregamos os indicadores mais brutais de desigualdades sociais neste início do século XXI, com a predominância desse estado de injustiça na população negra e nas mulheres de modo geral, uma combinação de exclusão e dominação focados no tripé: gênero, raça e classe social.

3 A Régua e o Compasso de Guerreiro: Bahia e Rio de Janeiro

Alberto Guerreiro Ramos nasceu na cidade de Santo Amaro da Purificação, na Bahia, em 1915, e morreu em Los Angeles, na Califórnia (Estados Unidos), em 1982, aos 67 anos. As informações sobre a sua chegada à capital baiana ainda são uma lacuna na biografia do sociólogo. Sua participação no meio acadêmico e intelectual, no entanto, ganhou destaque quando Guerreiro Ramos ainda era muito jovem. Aos 18 anos, nomeado assistente na Secretaria da Educação da Bahia, já escrevia frequentemente artigos e críticas literárias para publicações de Salvador, como *O Imparcial*, jornal bastante influenciado pelas ideias europeias, especialmente as veiculadas pelas revistas francesas *L'Esprit* e *L'Ordre Nouveau*.

Foi nesta época também que Guerreiro Ramos escreveu o livro de poemas *O drama de ser dois* (1937). Dedicada ao teólogo russo Nicolau Berdiaff, a obra é, para Guerreiro, essencial para encontrar um sentido para a sua existência, disse, em entrevista concedida a Alzira Alves de Abreu e Lucia Lippi Oliveira, nove meses antes de morrer.

Nesse poema eu me descrevia como uma espécie de pessoa entre dois mundos que eu não sabia definir. E ainda hoje acho que esse é um traço fundamental do meu perfil: eu não pertencço a nada. Não pertencço a instituições, não tenho fidelidade a coisas sociais; tudo o que é social, para mim, é instrumento. Eu não sou de nada, estou sempre

à procura de alguma coisa que não é materializada em instituição, em linha de conduta. (Oliveira, 1995, p. 134)

Por sua capacidade, Guerreiro Ramos foi escolhido para integrar o grupo de fundadores da Faculdade de Filosofia da Bahia. Também militou sob a inspiração da linha católica de Jacques Maritain, fundou o Centro de Cultura Católica e publicou o livro de ensaios *Introdução à Cultura* (1939), pela Cruzada da Boa Imprensa.

Ao lado de Afrânio Coutinho, com quem mantinha amizade, publicou a revista *Norte*. Mas a fama que ele alcançou na capital baiana foi apenas um incentivo para buscar novos horizontes de amadurecimento intelectual. Aos 24 anos, foi agraciado com uma bolsa de estudos do governo do estado da Bahia para estudar Ciências Sociais na Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, então Universidade do Brasil. Ele terminou o curso em 1942 e, um ano depois, obteve o diploma em Direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro.

O efervescente clima político e intelectual na então capital federal influenciou, em muito, a produção de Guerreiro Ramos. Colaborou com a revista *Cultura Política* com seus artigos de análise literária; traduziu os poemas do alemão Rainer Maria Rilke; influenciado por Murilo Mendes, contribuiu com a revista cultural *Tentativa*, de Minas Gerais; leu Tasso da Silveira, Adalgisa Nery, Platão, Hölderlin, Novallis, Gerard de Nerval, Émile Durkheim, Karl Mannheim, Karl Marx e Max Weber, este último, segundo Guerreiro Ramos, “[...] a influência mais poderosa desde os anos 40 até hoje (década de 80), em termos da minha profissão de homem de ciência social [...]” (Oliveira, 1995, p. 144), conforme Alzira Alves de Abreu e Lucia Lippi Oliveira registraram.

Apesar da formação e do reconhecimento acadêmico, Guerreiro Ramos passou um ano desempregado, após finalizar os cursos universitários. Depois deste período de crise, considerado importante pela dedicação e bondade que os amigos dispensaram, ele foi convidado a ingressar no serviço público. Um serviço burocrático para um intelectual de seu nível, mas uma chance também para continuar produzindo, fazer circular suas ideias e entender a realidade política do Brasil. Nesse período, colabora para a *Revista do Serviço Público*, escrevendo artigos sobre Max Weber.

Em 1952, ministrou a primeira aula na Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) e, mais tarde, tornou-se professor de Sociologia da Escola de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV). Guerreiro Ramos trabalhou diretamente no governo Vargas, especialmente na assessoria econômica, fazendo a elaboração de projetos. Nesse período, ele fundou, ao lado de outros intelectuais, o Grupo de Itatiaia, com o objetivo de compreender os problemas brasileiros e elaborar relatórios sobre economia e política do país.

O livro *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, lançado em 1957, é, para Guerreiro Ramos, o primeiro trabalho e para ele o mais lúcido, onde aborda criticamente a dependência metodológica da sociologia brasileira, seu descolamento da realidade nacional, que denominou de “sociologia enlatada”, “sociologia consular”. No mesmo texto, aborda criticamente a questão racial no país, no texto “O Problema do Negro na Sociologia Brasileira” onde contextualiza naquele período, as relações raciais no Brasil. O sociólogo identificava três grandes correntes no desenvolvimento dos estudos afro-brasileiros (Oliveira, 1995, p. 163): a primeira, defendida por Sylvio Romero (1851-1914), Euclides da Cunha (1866-1909), Alberto Torres (1865-1917), e Oliveira Viana (1883-1951), que se caracteriza pela atitude “crítico-assimilativa”, concluía que,

[...] apesar das diferentes orientações teóricas desses autores, todos eles estavam interessados antes na formulação de uma teoria do tipo étnico brasileiro do que extremar as características peculiares de cada um dos contingentes formadores da nação. No que diz respeito ao elemento negro, embora ressaltem a sua importância, contribuíram para arrefecer qualquer tendência para ser ele considerado do ângulo do exótico, ou como algo estranho na comunidade. (Oliveira, 1995, p. 168)

Identificava uma segunda corrente, que denominou de “monográfica”, cujos expoentes eram Nina Rodrigues (1862-1906), Arthur Ramos e Gilberto Freyre. Afirmava que o negro nesta corrente tornou-se “assunto”, tema de especialistas,

[...] cujos estudos pormenorizados promoveram, entre nós, movimento de atenção de uma parcela de cidadãos

para os chamados afro-brasileiros. Interessava-lhes o passado da gente de cor ou as sobrevivências daquele no presente. (Oliveira, 1995, p. 169)

A terceira corrente, que chamou de Nova Fase, iniciava-se em 1944, com o Teatro Experimental do Negro (TEN), liderado por Abdias do Nascimento: “É, no Brasil, a manifestação mais consciente e espetacular da nova fase, caracterizada pelo fato de que, no presente, o negro se recusa a servir de mero tema de dissertações antropológicas e passa a agir no sentido de desmascarar os preconceitos de cor” (Guerreiro Ramos, 1993, p. 205). Guerreiro Ramos não desenvolveu estudos e pesquisas sistemáticos sobre as relações raciais no Brasil, mas compreendia os negros como “povo” e, portanto, estratégico para o desenvolvimento nacional.

A vivência como intelectual negro e militante, como foi no Teatro Experimental do Negro, rendeu-lhe a seguinte inscrição no Conselho de Segurança Nacional: “Alberto Guerreiro Ramos, mulato, metido a sociólogo”. Na entrevista a Alzira Alves de Abreu e Lucia Lippi Oliveira, Guerreiro Ramos disse que nunca viveu racismo maior do que no Brasil, nem mesmo nos Estados Unidos, onde estava radicado à época. Na Califórnia, em entrevista concedida no ano de 1981, afirmou que “[...] o Brasil é o país mais racista do mundo” (Oliveira, 1995, p. 174).

Outro momento importante como intelectual e político. Em 1961, foi convidado pelo Partido Comunista Brasileiro e pela Academia de Ciências de Moscou a conhecer a então União Soviética. No retorno ao Brasil, teceu longas críticas aos comunistas, pela visão estreita que eles tinham das questões sociais e da política internacional.

Para ele, a vida fora do país aguçou a sua percepção para entender o Brasil. A história do Brasil é muito mal contada, é preciso reescrevê-la. A base da narração da história brasileira está na capitulação de quem a escreve, que é o não reconhecimento de que a existência do Brasil transcorreu até agora dentro do ciclo da decadência, comentou o sociólogo, que também registrou passagem pela Comissão Econômica para a América Latina e Caribe (Cepal).

Guerreiro Ramos escreveu dezenas de livros e artigos. Entre eles, *O processo da sociologia no Brasil – Esquema de uma história das idéias* (1953),

A Redução sociológica (1958) e *O problema nacional do Brasil* (1960). Em *A crise do poder no Brasil* (1961), o autor mostra como o processo de industrialização tirou do mapa algumas das principais oligarquias brasileiras. Também publicou *A Sociologia da Mortalidade Infantil* (1955), em espanhol, no México. Na época de sua morte, lecionava na Escola de Administração Pública da Universidade do Sul da Califórnia.

4 A Crítica e o Método

A sociologia a ciência política e, em grande medida a filosofia, são áreas do conhecimento que orientam a vasta obra do cientista social Alberto Guerreiro Ramos, sua sociologia crítica, marcada desde a primeira edição da Cartilha Brasileira de Aprendiz de Sociólogo (1ª edição em 1954, depois reeditada como Introdução crítica à sociologia brasileira, em 1957) até a publicação do texto *A Nova Ciência das Organizações*, sua última obra, no conjunto indicam o método e a inquietude crítica frente aos desafios das ciências e da política que produziu. Repousa neste espectro sua validade quando testada na atualidade, seus conceitos sociológicos desenvolvidos.

Para Clóvis Brigagão, pela primeira vez a sociologia no Brasil, inaugurada por Guerreiro Ramos, é colocada em seu devido lugar, quer pela sua instrumentalidade teórica, quer pela sua inserção no contexto da sociedade brasileira. Para Brigagão, sua atualidade deve-se ao fato de que os atributos científicos do autor, sobre a sociologia e a sociedade, continuam como arcabouços que influenciam comportamentos, atitudes e hábitos até os nossos dias (Guerreiro Ramos, 1995).

Para a socióloga Lucia Lippi Oliveira, “[...] a maioria dos cientistas sociais do país reconhece a importância do nome de Guerreiro Ramos. Saudado como um dos pais da sociologia brasileira contemporânea [...], abriu as portas para uma ciência social que, apesar de aceitar a objetividade e a universalidade, recusa a neutralidade”. Para Guerreiro Ramos, “A essência de toda a sociologia autêntica é, direta ou indiretamente, um propósito salvador e de reconstrução nacional”. Guerreiro Ramos foi um pensador que encantou e assustou uma academia branca, eurocêntrica e elitista, pouco disposta a enfrentar os

“problemas nacionais” (Guerreiro Ramos, 1958).

As ciências sociais viviam um momento de forte processo de institucionalização iniciado nos anos 30, com a criação da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, em 1933, e pela fundação da Universidade de São Paulo (USP). O clima, intelectual e político, ainda abrigava as polêmicas das recentes Abolição da Escravatura, em 1888, e Proclamação da República, em 1889 (menos de 50 anos separavam estes momentos). Juntava-se a isso a longa tradição das faculdades de Direito e Medicina, como a de Direito inaugurada em Olinda (PE), no ano de 1828. Do mesmo modo, em Salvador (BA), duas escolas influentes, com nomes do porte de Gilberto Freyre, em Pernambuco, e Nina Rodrigues, na Bahia.

Estavam na ordem do dia, no mundo das relações raciais, os debates em torno da teoria do branqueamento e da democracia racial. A primeira preconizava o futuro da sociedade brasileira não como negra ou mestiça, fortemente marcada pelas ascendências indígenas e negras, mas sim predominantemente europeia, branca se não na cor, pelo menos na alma – parafraseando Silvio Romero (1888-1949), que afirmava que somos um país mestiço: “Somos mestiços se não no sangue ao menos na alma” dizia o crítico literário e respeitado intelectual, ao comentar a composição étnica da população brasileira (Schwartz, 1993).

A perspectiva da tese do branqueamento foi apresentada como “ciência” no I Congresso Internacional das Raças, realizado em Londres, em 1911. Na ocasião, o representante do governo brasileiro, João Batista Lacerda, então diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro, afirmou sem nenhuma dúvida impressionista que “[...] o Brasil mestiço de hoje tem no branqueamento em um século sua perspectiva, saída e solução” (Schwartz, 1993).

A segunda, a democracia racial, ancorada no binômio Gilberto Freyre e sua principal obra, *Casa Grande e Senzala*, lançada em 1933, tornou-se referência absoluta no pensamento sociocultural e político dos anos de 1930 aos anos de 1950. *Casa Grande e Senzala* foi aclamado como uma ruptura nos estudos históricos e sociais tanto pelo tema – a formação de uma sociedade agrária, escravocrata e híbrida – quanto

pelas ideias, como a valorização do escravo negro e da cultura afro-brasileira. Da degeneração étnica decantada por tantos, o Brasil se converteu em paraíso tropical e mestiço, em que se daria a confraternização de raças e culturas oriundas da Europa com os imigrantes, África com os negros e a América. A ideia de uma história em que os conflitos se harmonizam passou a fazer parte do senso comum brasileiro e da cultura política do país, tendo sido veiculada pelos sucessivos governos a partir dos anos de 1940. O mito da democracia racial se tornou um obstáculo para o enfrentamento das questões étnico-raciais e sociais, na medida em que os negros, os povos indígenas e as mulheres, sobretudo, ficaram submetidos e restritos ao conceito de classe social. Com isso não foram considerados sujeitos ativos nas transformações em curso, isolados como mera mão de obra no processo do desenvolvimento nacional.

O Brasil das últimas três décadas do século XIX até os anos de 1960, viveu, sem dúvida, os seus maiores desafios e as suas mais profundas contradições culturais, econômicas, políticas e sociais. As relações fortemente racializadas, as crises econômicas internas (transição da mão de obra do trabalho escravo, crise da economia cafeeira, deslocamento do centro dinâmico, processos de urbanização etc.) e externas (impacto dos processos da Primeira Revolução Industrial, as consequências da Primeira Guerra Mundial com um novo realinhamento e polarização dos blocos econômicos), forçam os países em desenvolvimento a enormes dificuldades.

É nesse ambiente que o Brasil vai sendo construído como Estado-Nação, no final do século XIX e início do século XX, e quando o projeto de desenvolvimento econômico, com seus contornos e perspectivas nas áreas da educação, do trabalho, saúde, desenvolvimento industrial e urbanização, vai sendo processado, na esteira das concepções nacionalistas, desenvolvimentistas e populistas.

Guerreiro Ramos está no centro deste momento histórico do Brasil, sendo um dos principais intelectuais integrante do ISEB, junto com Nelson Werneck Sodré, Álvaro Vieira Pinto, Hélio Jaguaribe, Ignácio M. Rangel e outros. Suas principais obras datam deste período. Ele próprio a definia como construção de uma atitude crítica da ciência e

da cultura importadas, como forma de habilitar o sujeito a resistir à massificação de sua conduta e às pressões sociais organizadas.

No livro *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*, de 1957, Guerreiro Ramos constrói a “árvore genealógica” do pensamento mais original da sociologia brasileira, tece o fio condutor das raízes do pensamento sociológico nacional. Alguns textos merecem destaque na *Introdução Crítica: Crítica da Sociologia Brasileira, Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo e Documento de uma Sociologia Militante*. Importante neste último texto a construção teórica que faz sobre a “patologia social do branco brasileiro”, debate que reaparece no final do século XX, nas principais universidades brasileiras, nas áreas do conhecimento da psicologia social.

Outra importante produção do sociólogo é o livro *Redução Sociológica*, de 1958, para muitos estudiosos a principal obra de Guerreiro Ramos, considerada a mais original contribuição do pensador para a formulação de um desenvolvimento nacional, despertando novas atitudes e métodos políticos e administrativos no panorama brasileiro. A obra tem como um dos propósitos combater as tentativas de tornar a sociologia uma ciência elitista, apontando para a necessidade de democratizar o saber sociológico como instrumento substancial para as transformações sociais. Na nota introdutória à segunda edição, o autor afirma que a redução sociológica é um método destinado a habilitar o estudioso a praticar as transposições de conhecimentos e de experiências de uma perspectiva para outra. O que inspira é a consciência sistemática de que existe uma consciência brasileira. Toda cultura nacional é uma particularidade. Eis porque a redução sociológica é, apenas, modalidade restrita de atitude geral que deve ser assumida por qualquer cultura em processo de fundação (Guerreiro Ramos, 1993).

Destaca-se também nesta obra o que Guerreiro Ramos chamou de “Consciência Crítica da Realidade Nacional”. Analisava-a como um dado objetivo da realidade social brasileira. Para ele, não se tratava de anelo de uns poucos, preocupados em modelar um caráter nacional mediante processos, por assim dizer, paretianos, ou seja, pela manipulação de resíduos emocionais populares. O fenômeno tem suporte na massa. Um estado de espírito generalizado não surge arbitrariamente.

Reflete sempre condições objetivas que variam de coletividade para coletividade.

Outro tema que o sociólogo perseguiu de maneira obstinada com lucidez e precisão foi o desenvolvimento, que chamou no texto de “Critérios de Avaliação do Desenvolvimento”. A preocupação do sociólogo neste campo de conhecimento em buscar construir instrumental de análise para compreender e impulsionar o projeto de desenvolvimento, a partir da realidade nacional, portanto, combater a mentalidade colonial, os eurocentrismos como fonte única de reflexão e conhecimento, era um dos apetites filosóficos e sociológicos de Guerreiro Ramos. Nesse universo de investigação e ação política, teve a oportunidade de, em 1961, como delegado representando o Brasil na XVI Assembleia Geral das Nações Unidas, analisar e apresentar o Relatório do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social das Nações Unidas sobre a Situação Social do Mundo. Fez na ocasião um pronunciamento contundente, principalmente porque o documento tratava superficialmente “fatores políticos ligados à abolição do regime colonial”, e chamava a atenção do Conselho de Desenvolvimento Econômico da ONU para a necessidade de maior equilíbrio entre os países desenvolvidos e os que estavam em processo de desenvolvimento e descolonização nos continentes africano, asiático e americano.

No decorrer dos anos de 1960, Guerreiro Ramos produziu três obras importantes no campo da ciência política e da sociologia política. São textos que marcaram o debate público sobre os destinos do país, mas também estavam marcados pela conjuntura política dos anos de 1960 no Brasil. Na primeira obra, o Problema nacional do Brasil, de 1960, o autor produziu uma reflexão inovadora sobre vários temas da realidade nacional, abrangendo ideologia e segurança nacional; relações sociais e poder, os grandes temas que estavam diretamente interligados com a vida da população e os destinos do país.

A segunda importante obra, *A crise do poder no Brasil*, de 1961, é considerada um clássico na área de análise da política e dos elementos que formam as contradições, as conjunturas e as lutas do poder social e de Estado. É uma das mais importantes contribuições para compreendermos as determinações da ordem política conservadora e

a ordem reformista e popular no Brasil. Neste livro, o sociólogo analisa com precisão o clima político que ia se formando na antessala do golpe de 1964.

Guerreiro Ramos, como parlamentar (deputado federal representando o estado do Rio de Janeiro) no período de agosto de 1963 a abril de 1964, fez cerca de 30 pronunciamentos sobre temas políticos nacionais e internacionais, sendo o seu último discurso no dia 16 de abril, quando perdeu seus direitos políticos e foi cassado pelo Governo Militar. Parece ironia, mas a sua obra mais polêmica no campo da ciência política, *Mito e Verdade da Revolução Brasileira*, publicado em julho de 1963, aponta os graves “erros” que estariam sendo cometidos por setores e organizações sociais, sindicais e partidárias que queriam, justamente, a garantia da institucionalidade, da legalidade, da democracia e das transformações necessárias para o desenvolvimento do Brasil.

Esta terceira obra, *Mito e Verdade da Revolução Brasileira*, é considerada por muitos cientistas sociais, historiadores e intelectuais (Brigagão, Ianni, Cardoso, Ramos, Campos), como a mais inquietante produzida por Guerreiro Ramos. Para Clovis Brigagão,

O mais fascinante livro de Guerreiro Ramos, polêmico, visionário, escrito no contexto do pré-Golpe Militar: e uma contundente e arrasadora crítica teórica e política sobre as forças e grupos intelectuais e de políticos da esquerda brasileira, especialmente sobre o Partido Comunista Brasileiro. Parafraseando a famosa peça teatral de Eugène Ionesco, *O Rinoceronte*, Guerreiro Ramos passa a limpo (em especial no cap. VII – *Revolução Brasileira ou Jornada de Otários*), com fina ironia e clareza de análise, as tendências e os sintomas do processo político às portas do golpe militar de 31 de março de 1964.

Nesta obra, Guerreiro Ramos volta a questões teóricas e de análise, centrais, que se apresentavam na *Redução Sociológica* (1958) e na *Cartilha Brasileira de Aprendiz de Sociólogo* (1954). Como o conceito de “redução sociológica”, compreendido como método de assimilação crítica da produção sociológica estrangeira; como atitude parentética, isto é, transcender no limite do possível, os condicionamentos cir-

cunstanciais que conspiram contra a sua expressão livre e autônoma; a sociologia como ciência do fazer.

Ciência e política, a sociologia da ação, militante, foram combinações no campo da teoria e da prática, que fizeram de Guerreiro Ramos um homem público, combatente a favor das grandes causas nacionais, mas, sobretudo, um cientista social, que acreditava numa perspectiva de revolução brasileira.

5 O Sociólogo e o Golpe de 1964

No prefácio do livro *Mito e Verdade da Revolução Brasileira*, Guerreiro Ramos escreveu o que, em grande medida, sintetiza toda a sua reflexão e crítica ao processo em curso que se teve da perspectiva da “necessária” revolução brasileira, a partir da década de 1960. Debatida e construída por seus protagonistas, a menos de um ano do golpe militar, afirmava ele que

[...] o movimento emancipador do Brasil está ameaçado de grave desnaturação por duas debilidades que o acometem; uma, de ordem cultural; outra, de natureza organizacional. Vivem largamente os que pretendem liderá-lo de teorias de empréstimo e de ficções literárias e conceptuais, que não traduzem, com o mínimo de exatidão requerida, as tendências concretas do processo brasileiro, em sua presente etapa. (Guerreiro Ramos, 1963, p. 9)

No Capítulo 1, no qual escreve o que chamou de *Pequeno Tratado Brasileiro da Revolução*, desenvolve sua compreensão sociológica e política da revolução brasileira:

Revolução é categoria viva da história contemporânea do Brasil. Por isso, encontra-se o sociólogo brasileiro numa situação privilegiada, que não deve malbaratar, mas aproveitar, em sua riqueza conceptual, na promoção do progresso científico. Assim sendo, o estudo do processo revolucionário envolve mais do que um teste de preparo profissional ou de competência acadêmica. Envolve, sobretudo, um teste de sensibilidade humanística. (Guerreiro Ramos, 1963, p. 17)

Para Guerreiro Ramos, era necessário compreender e desenvolver o conceito da revolução em processo no país. Reconhecia em Blanqui, Marx e Lênin, referências importantes para o que chamou de “enfocamento da tarefa revolucionária”, mas acreditava que era da maior urgência, considerar com profundidade os elementos objetivos e subjetivos das classes ou coalizão de classes nos processos de mudanças e de luta pelo poder. Considerava, no conceito de revolução, alguns princípios fundamentais: o da práxis, o de limites, o da classe social e o de totalidade (Guerreiro Ramos, 1963).

O princípio da práxis, para Guerreiro, é a combinação dos elementos objetivos e subjetivos, que não são questões abstratas no processo revolucionário: “A prática é criação simultânea do homem e de seu mundo exterior. O homem se faz a si mesmo na medida e enquanto participa da elaboração da sua circunstância externa, que, assim, equivale à materialização do seu trabalho” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 31).

O princípio dos limites são circunstâncias objetivas que se impõem e que exigem de imediato apurado esforço de análise e, neste momento contraditório, portanto dialético, é que a teoria revolucionária e sua compreensão passam a ter validade real. Guerreiro Ramos explica estas variáveis da seguinte forma: uma posição que, em dado momento da luta de classes, figura-se viável ou oportuna, em outro, pode tornar-se o contrário. Não há regras fixas, receitas uniformes nesse domínio. Em toda situação revolucionária há um número limitado de possibilidades. A revolução é uma transformação consciente da sociedade e, portanto, em certo sentido, uma questão de consciência. Mas de uma consciência portadora de qualificações específicas que a distinguem da consciência ingênua, da consciência vulgar, da falsa consciência – a teoria objetiva da consciência de classe e a teoria de sua possibilidade objetiva. Os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem como querem, não a fazem sob as circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que defrontam diretamente, ligadas e transmitidas pelo passado (Guerreiro Ramos, 1963, p. 33). Guerreiro Ramos ancorava a teoria do princípio dos limites em clássicos da literatura revolucionária como Georg Lukács (*História e Consciência de Classe*), Karl Marx (*O 18 Brumário de Luis Bonaparte*), e Lênin (*Estado e Re-*

volução), principalmente. Mas assentava a sua análise, e concepções, nos fatos históricos institucionais e populares da sociedade brasileira.

Dois exemplos se destacam: a análise que faz do golpe de 1937, e o Plano Cohen, que serviu para criar clima de ameaça comunista com a qual se justificou o golpe de 10 de novembro de 1937; do mesmo modo, a leitura singular que fez a respeito da renúncia do presidente Jânio Quadros, em agosto de 1961, seguida da resistência capitaneada pelo governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, para garantir a posse do vice-presidente João Goulart.

O princípio da classe social, conceito para ele carregado de controvérsias, mas entendido como um conceito chave e definidor no processo revolucionário. Anunciava com este princípio o sujeito coletivo destinatário do processo revolucionário: toda revolução tem destinatários – uma verdadeira revolução só se realiza quando o seu destinatário é uma classe ou uma coalizão de classes representativa de avanço no nível das forças produtivas – para o quadro revolucionário estar situado concretamente na luta de classes equivale a contar com uma organização mediante a qual garante permanente contato com as camadas sociais que representa. Sem essa espécie de organização, jamais se consegue promover transformação de envergadura, no domínio econômico, político e social, e a própria estabilidade de poder (Guerreiro Ramos, 1963, p. 37).

O princípio da totalidade – totalidade compreendida aqui como o conjunto de fatores endógenos e exógenos que envolve um processo revolucionário, como conceito autoabrangente – toma o ser como totalidade concreta e também plenamente intensiva. Para o sociólogo Guerreiro Ramos (1963, p. 37),

O princípio da totalidade não concerne apenas aos assuntos de tática e estratégia. É princípio metódico, de análise científica da realidade social. A revolução é movimento consciente que visa efetivar uma possibilidade objetiva e esta só pode ser conhecida concreta e objetivamente enquanto situada numa totalidade. Por isso, não há modelos uniformes de revolução.

É no Pequeno Tratado Brasileiro da Revolução e na descrição dos princípios já referidos que Guerreiro Ramos desenvolve os aspectos teóricos e críticos dos processos revolucionários.

Os grandes temas políticos que desenvolveu no Tratado foram: internacionalismo e a revolução, decisão política e determinismo econômico, o ineditismo da época contemporânea, a atitude revolucionária, a situação revolucionária, modelos da revolução, circulação de elites, a derrocada e revolução assumida. Todos os temas giram em torno da realidade brasileira e suas contradições históricas, que emergem nas reconfigurações das classes operárias urbanas e nos conflitos e lutas dos trabalhadores no campo nas décadas de 1950 e 1960 no Brasil. Do mesmo modo, com estilo, desenvoltura e clareza, confronta a situação à luz de teóricos e protagonistas dos processos revolucionários no plano internacional, como Lênin, Marx, Lukács, Che Guevara, Trotsky, Mao Tsé Tung, articulando a partir desses personagens os desafios e limites, principalmente as mais importantes revoluções em curso, a Cubana, a Chinesa e a Soviética. Constrói aspectos situacionais das elites e o poder, frente aos processos revolucionários; o significado dos modelos de revolução. Faz uma distinção entre “derrocada” e “revolução assumida”: “A derrocada é fruto da extrema rigidez nas relações entre a classe dominante e as outras classes e, por consequência, da inviabilidade de acomodação pela circulação de elites, de interesses em luta, seja em virtude do esgotamento das possibilidades reais do sistema”. (Guerreiro Ramos, 1963, p. 56, 57).

[...] revolução assumida é aquela que um círculo dominante realiza atendendo a reivindicações de camadas sociais radicalizadas, mas no interesse do desenvolvimento de possibilidades contidas ainda no vigente sistema econômico-social (Guerreiro Ramos, 1963, p. 59)

Como já mencionamos, a obra *Mito e Verdade da Revolução Brasileira* foi publicada em 14 de julho de 1963, portanto, a oito meses do golpe militar de 1964. Guerreiro assumiu o mandato de deputado na Câmara em agosto de 1963 e, no mês de abril de 1964, foi cassado pelo regime militar, instaurado em 31 de março de 1964. O clima político

social, cultural e econômico era nutrido pelas disputas de classes e interesses, guiados pelo populismo desenvolvimentista, para Jacob Gorender (1987, p. 15):

Desde os anos 30, industrialização e populismo caminharam juntos, potenciando-se reciprocamente. Sua atuação combinada mudou a face do país, porém chegava o momento em que as contradições acumuladas em trinta anos não tinham saída viável nos quadros do regime político inaugurado pela Constituição de 46. Aqui, o conceito de populismo não se reduz à demagogia e manipulação, aspectos secundários no contexto. O populismo inaugurado por Getúlio Vargas se definiu pela associação íntima entre trabalhismo e projeto de industrialização.

Guerreiro Ramos, no Capítulo VII do *Mito e Verdade da Revolução Brasileira*, escreveu a “Revolução Brasileira ou Jornada de Otários!”, reconhecido como um de seus textos mais polêmicos. Ele faz fortes críticas à esquerda brasileira daquele período, críticas essas que levaram a reflexões e acalorados debates. Criticou as teorias e práticas do marxismo-leninismo, seja na versão soviética, chinesa ou cubana. Afirmava que “[...] temos interpretações do problema brasileiro acomodado à visão soviética, à visão chinesa, à visão cubana. A crise brasileira é também crise de cultura política.” (Guerreiro Ramos, 1963, p. 176).

A política externa, do ponto de vista de Guerreiro Ramos, deveria estar diretamente relacionada aos valores da soberania e da realidade nacional. Ao mesmo tempo, deveria estimular novos conhecimentos que pudessem liberar a intelectualidade da servidão conceitual em que o pensamento brasileiro se encontrava. Compreender o Brasil e o mundo contemporâneo na perspectiva própria da história nacional não é imperativo acadêmico, é requisito da existência independente. Guerreiro Ramos (1963, p. 176) tinha profunda convicção da conjuntura: “[...] nenhum intelectual isolado será capaz de formular esse diagnóstico requerido pelas circunstâncias. Só poderá resultar do esforço integrado e cooperativo de muitos”.

Ao analisar a crise brasileira naquele período (início da década de 1960), escreveu que

[...] a atual crise brasileira, malgrado os seus efeitos deteriorantes no domínio econômico, financeiro e social, até agora não gerou polarizações agudas que permitam surgir um movimento revolucionário adulto do ponto de vista da organização, da ideologia e da liderança. Até esta data o que caracteriza esse movimento é a imaturidade, que o tem exposto invariavelmente à frustração. A vigente estrutura social tem assimilado as crises nas relações de classe. (Guerreiro Ramos, 1963, p. 191)

Foi enfático ao afirmar que

[...] a revolução brasileira será mistificada, se e enquanto os que pretendem representá-la e servi-la não se desvencilharem de fetiches verbais. A revolução brasileira hoje está diante do dilema: mito ou verdade. Aos otários, – o mito. Façamos a revolução – segundo a verdade da história nacional. (Guerreiro Ramos, 1963, p. 191)

O golpe militar de 1964 aconteceu no dia 31 de março, quando o presidente João Goulart foi impedido de exercer seu governo constitucional e forçado a deixar o país por uma Junta Militar que tomou o poder. O pano de fundo que leva à indispensável avaliação da conspiração civil e militar está marcado pelo desenvolvimento dependente e os interesses específicos do capital internacional e nacional. Outra forte “razão” para o golpe foi o aumento significativo das mobilizações de setores anteriormente marginalizados da população, que não participavam do processo ativo da cidadania brasileira. Sindicatos rurais e ligas camponesas formaram-se em regiões agrícolas, trabalhadores urbanos organizaram-se no interior da estrutura sindical oficial ou em movimentos paralelos que estenderam sua coordenação por diferentes categorias; o governo Goulart buscava o apoio dos trabalhadores, permitia o desenvolvimento de formas de organização mais profundas e efetivas; a descentralização do sistema econômico e político deu aos estados real autonomia decisória. Os exemplos com Miguel Arraes, no estado de Pernambuco, e Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul, refletem a construção de um possível desenho de pacto federativo.

Essa “totalidade” dos acontecimentos que institucionalmente vieram sendo marcados desde a Constituição de 1946, de um lado, por

ser mais democrática que as anteriores, permitiu avanços organizativos da sociedade, e por outro, o desenvolvimento das forças produtivas e o acirramento das contradições de um capitalismo dependente, que mobiliza diversos setores da burguesia que protagonizam o golpe em 1964.

6 A Sociologia “em mangas de camisa” – o Mandato Parlamentar

O curto mandato de Deputado Federal do sociólogo Guerreiro Ramos (agosto de 1963/ abril de 1964), se caracterizou pela crença no projeto “popular e nacional”, síntese da interpretação política do seu profundo conhecimento sobre a realidade brasileira, dos mais de setenta pronunciamentos (Azevedo; Albernaz, 2013) que fez na Câmara. Seu destino principal era a organização do partido, PTB, críticas ao Partido Comunista Brasileiro e os temas nacionais, acentuando as críticas aos “entreguistas do projeto nacional”, “pelegos do nacionalismo” estes, “inimigos” do “projeto emancipador” (Ramos, 1960). No parlamento, expressava a agudeza das suas convicções de sociólogo existencialista e humanista. Estava convencido de que a esquerda comunista (PCB) desenvolvia uma interpretação equivocada da realidade nacional e o trabalhismo apresentava esgotamentos no projeto transformador, caracterizados pelo populismo e o personalismo político.

Na sua campanha, em 1962, chama atenção a três compromissos de campanha, coerentes com o que formulou e defendia como projeto para o desenvolvimento nacional: a participação dos trabalhadores na programação e nos resultados do desenvolvimento econômico, “nacionalização imediata das concessionárias estrangeiras de serviço público” e a realização da reforma agrária (Azevedo; Albernaz, 2013)

Fica evidente nos seus pronunciamentos o que melhor fazia como sociólogo e polemizador acerca dos problemas nacionais. O político, agora com um mandato, estava por melhor se manifestar. Não foi possível, cassado pelo governo militar com a publicação do Ato Institucional n. 1 (AI 1, publicado em 4 de abril de 1964)⁵. Impedido de continuar o mandato popular, ele se exilou, embarcando para os EUA

(Los Angeles, Califórnia) (Lupi, 1995). O Brasil e os brasileiros vivem por vinte anos sob o domínio da ditadura militar.

7 Conclusão

Guerreiro Ramos foi sempre muito crítico ao que chamava de “sociologia importada”. Referia-se aos padrões e concepções que as ciências sociais assumiam no Brasil. Do mesmo modo e com igual intensidade, criticava a “antropologia da negritude” do seu tempo, culturalista, temerosa em enfrentar a questão das relações de poder (Maio; Santos, 1996). Para ele, se não há raças, o que é verdade, há relações raciais. “O negro é povo no Brasil”, afirmava Guerreiro Ramos (1995). Teorias e a verificação da realidade possibilitaram às gerações subsequentes saírem da pantanosa situação das visões culturalistas, anômicas e dos falsos caminhos da democracia racial. Alberto Guerreiro Ramos enfrentou, como poucos no seu tempo, temas que estão na pauta da sociedade contemporânea, dos governos, da política e das ciências sociais: o desenvolvimento, as relações raciais, a economia política, o papel do Estado e das instituições, as transformações sociais, seus conflitos e contradições. Foi um autêntico cientista social, polêmico, criativo, audacioso. Por isso, intérprete singular da realidade social brasileira.

Nesse aspecto, Mito e Verdade da Revolução Brasileira, foi produzido com requinte de análise sobre a “ossatura” do processo revolucionário em curso na década de 1960, capaz de provocar polêmicas diante do que parecia ser fato. A partir do seu ponto de vista, não conseguia enxergar um caminho vitorioso, tendo à frente lideranças que conduziam os processos, dados os “vícios” teóricos e o pouco conhecimento da realidade social brasileira. Escreveu: “Sob o signo do drama de Ionesco, escrevi este livro. Nele trato da metafísica da revolução. No Brasil, a revolução corre o risco de tornar-se façanha rinocerôntica. Reajamos enquanto não é tarde” (Ramos, 1963, p. 13). A metáfora dos anos de 1960 ilumina a realidade brasileira do século XXI.

Notas

- ¹ Sociólogo – Núcleo de Estudos Negros (NEN)
- ² No livro *Mito e Verdade da Revolução Brasileira*, Guerreiro Ramos desenvolve o que denominou de grupo e lideranças (IBESP e ISEB) intelectuais do movimento nacionalista, que conseguia “empolgar a juventude universitária e a intelectualidade mais válida do País, tornando marginais os círculos pecebistas.” (Ramos, 1963, p. 10).
- ³ Sobre o pensamento político autoritário, ver Simon Schartzman (2007).
- ⁴ A concepção de método (crítico-assimilativo, consciência crítica) estão fortemente caracterizados nos escritos da Cartilha Brasileira do Aprendiz de Sociólogo (1954), republicada em *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira* (1957) e no livro *A Redução Sociológica* (1958), onde descreve sete pressupostos para elucidar a sua compreensão sobre as definições de redução sociológica: a atitude metódica; a não admissão a existência na realidade social de objetos sem pressupostos; postula a noção de mundo; e perspectivista; seus suportes são coletivos e não individuais; é um procedimento crítico assimilativo da experiência, redução sociológica é atitude altamente elaborada (Guerreiro Ramos, 1996, p. 72-73).
- ⁵ O Ato Institucional n. 1, que cassa o mandato do Deputado Federal Alberto Guerreiro Ramos, publicado no Diário Oficial da União (DO), em 14 de abril de 1964 (página 3.313), informava que a partir daquela data estavam “suspensos os direitos políticos do professor e servidor público” Guerreiro Ramos (Azevedo; Rabat, 2012).

Referências

- AZEVEDO, Ariston; ALBERNAZ, Renata. **Estado, Organização e Pensamento Social Brasileiro**. [S.l.]: EdUFF, 2013.
- FERREIRA, Jorge. **O Imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2005.
- GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas, a esquerda brasileira: das ilusões perdidas à luta armada**. 3. ed. [S.l.]: Ática, 1987.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A redução sociológica**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.
- _____. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.
- _____. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1963.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **História geral da civilização brasileira: o Brasil Republicano, economia e cultura (1930/1964)**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1980.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura. (Org.). **Raça, Ciência E Sociedade**. [S.l.]: Editora Fiocruz; Centro Cultural Banco do Brasil, 1996.

OLIVEIRA, LUCIA LIPPI, **A Sociologia do Guerreiro**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

SHAWARTZMAN, Simon. Contribuição de Guerreiro Ramos para a Sociologia Brasileira. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, p. 30-34, junho, 1983.

SCHWARCZ, Lilia M.; STALING, Heloisa M. **Brasil**: uma biografia. [S.l.]: Companhia das Letras, 2015.

Recebido em 22/03/2016

Aceito em 19/04/2016

Formas de Alocação de Recursos no Brasil: elementos analíticos inescusáveis, segundo Guerreiro Ramos

Francisco Gabriel Heidemann¹

Universidade Federal de Santa Catarina (aposentado), Santa Catarina, Brasil
E-mail: heidex0@gmail.com

Resumo

Nos anos de 1978, 1979 e 1981, o professor Alberto Guerreiro Ramos, que até então vivia exilado nos EUA, escreveu 24 artigos, publicados no *Jornal do Brasil*, do Rio, numa primeira iniciativa de reproximação com a sociedade brasileira. A temática central dos artigos versou sobre as formas ou arranjos brasileiros de alocação de recursos, que se baseavam então exclusivamente no modelo de livre mercado (economia política) e, assim, ignoravam os elementos institucionais que marcaram as formas históricas de alocação vigentes em toda a história anterior à assim chamada revolução industrial. Nos artigos, Guerreiro Ramos resgatou elementos essenciais para a discussão sobre o tema da alocação, inclusive criticando a visão tacanha dos *policy makers* e governantes brasileiros atuantes, que acreditavam de forma pia e ingênua que o mercado era um modelo superior, exclusivo e único a orientar o governo em suas políticas de desenvolvimento do país. No presente texto, tangenciam-se os artigos de Ramos, para destacar os elementos analíticos que ele julgava ineludíveis e indispensáveis a um debate correto, profícuo e honesto sobre as formas alternativas de alocação de recursos e as relações de complementaridade entre elas numa sociedade como a brasileira, valendo-se sempre do mercado como sistema de referência.

Palavras-chave: Sistemas de Alocação de Recursos. Elementos para Análise da Alocação. Alberto Guerreiro Ramos. Brasil.

Abstract

In a first attempt to warm up again his ties with the Brazilian society, after almost 15 years living in exile in the US, Prof. Ramos has published a series of 24 texts in the Brazilian newspaper Jornal do Brasil (from 1978 through 1981). In these articles, he dealt with the Brazilian arrangements or systems of resource allocation that were at the time based exclusively on the market model (political economy) and thus ignored the full range of institutional elements prevailing in those historical forms of resource allocation preceding the so-called industrial revolution. In those papers, Ramos has also rescued the elements that are essential to the debate involving institutional resource allocation and criticized the narrow views held by those policymakers and government agents in power who mostly believed that the market model was a superior and exclusive form to inspire government in its national development policies. In the present paper, his articles are overviewed with the intent of pointing out the elements that Ramos deemed inescapable to a fair, inclusive and effective debate about the alternative forms or arrangements of resource allocation and the complementary relations among them in a society like the Brazilian one, having the market system as a permanent pattern of reference.

Keywords: Resource Allocation Arrangements. Elements for Allocati ve Analysis. Alberto Guerreiro Ramos. Brazil.

1 Introdução

Durante os aproximadamente 15 anos em que viveu exilado nos Estados Unidos, Guerreiro Ramos produziu uma obra em especial que é por muitos considerada a mais importante em sua vasta produção acadêmica. Trata-se do livro *A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza da nações*, publicado no Brasil pela Fundação Getúlio Vargas, em 1981. A versão original, em inglês, saiu no mesmo ano pela editora universitária da Toronto University, no Canadá. É nesse livro que Ramos expõe de forma integrada sua **teoria da delimitação dos sistemas sociais** e o respectivo modelo paraeconômico de organização do espaço institucional multicêntrico e essencial à plena realização do ser humano em sociedade.

Com o advento da abertura política, em fins da década de 1970, Ramos passou a refazer as pontes de ligação com a sociedade brasileira. Entre as iniciativas empreendidas está a série de 24 artigos que publicou no *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, nos anos de 1978, 1979 e 1981. É provável que um deles, porém, o não identificado aqui, tenha sido publicado em novembro de 1979, quando Ramos estava em trânsito para Florianópolis, em seu primeiro retorno ao Brasil, depois do exílio². Era seu primeiro contato com a UFSC, a instituição brasileira que lhe abriria as portas para regressar ao Brasil em definitivo. Entre as temáticas abordadas nos artigos, a mais frequente, elaborada e visionária é a questão das formas ou sistemas alternativos de alocação de recursos no Brasil, que foi em parte trabalhada por ele na obra seminal mencionada.

Guerreiro Ramos sempre se moveu por um senso de urgência diante do tamanho da missão que se impusera de contribuir para a

construção de um Brasil com predestinação histórica. Para ele, um destino histórico de grandeza não era apenas um sonho, mas uma possibilidade objetiva, dependente apenas de um momento oportuno e, sobretudo, da vontade política de um povo e de estadistas para articulá-la.

Suas análises se alternam entre proposições criativas e inovadoras para o futuro e críticas às práticas vigentes na condução da política de alocação de recursos levada a termo nos governos presentes ou passados. Suas posições se alicerçam em fontes científicas de centros avançados de pesquisa com os quais interagiu como membro ativo e mantinha diálogo permanente. Mesmo que suas fontes de dados empíricos sobre o Brasil fossem parciais, já que vivia longe do país e das fontes de informação mais adequadas, pontuais e pertinentes às suas necessidades, ainda assim sua visão de fora com certeza lhe dava certa vantagem frente ao observador interno. O sistema de mercado, como forma privilegiada de alocação de recursos por parte dos *policy makers* e dos estudiosos da economia brasileira, tem servido nos artigos abordados na presente análise como ponto de referência para suas especulações, proposições e posicionamentos críticos.

Considerando que esses artigos foram publicados em periódico diário (*Jornal do Brasil*), sua circulação se restringiu a uma mídia comercial passageira e “efêmera”, por assim dizer, e por isso o conteúdo de suas mensagens não foi devidamente acolhido e considerado ou trabalhado na comunidade acadêmica, o que é lamentável, sobretudo quando se observa a profunda relevância, significado e potencial de suas contribuições. As ideias que Ramos expressou nestes artigos continuam essencialmente atuais, válidas e tão relevantes para o Brasil de hoje quanto o eram para o país há 35 anos.

Neste *paper* me proponho a apenas tangenciar alguns dos elementos ou pontos associados às formas de alocação de recursos pelas quais Ramos se bateu com tanta determinação nesse esforço de voltar a conversar com a sociedade brasileira e seu governo. Seguirei mais ou menos a ordem cronológica em que ele as abordou em seus textos.

2 “Momento Maquiavélico” Propício à Inovação

Logo no primeiro artigo, “O momento maquiavélico brasileiro”, Guerreiro Ramos dá destaque para duas questões pertinentes ao tema das formas de alocação de recursos na economia brasileira. Antes de mais nada, ele se preocupa com a oportunidade histórica de “criação... de uma forma política original”, em termos amplos, para o Brasil, depois de 15 anos de regime militar. Inspirado na obra de J. G. A. Pocock, *The machiavelian moment* (Princeton Univ. Press, 1975), Ramos assim resumiu a categoria de história política criada por esse autor, inglês de nascimento, mas cidadão da Nova Zelândia: “Momentos maquiavélicos se configuram quando uma sociedade, no curso de sua trajetória temporal, gera [...] necessidades inéditas de articulação interna, que só podem ser satisfeitas pela criação e implementação de uma forma política original [...]”, à semelhança do que teve lugar na renascença italiana ou na revolução americana, por exemplo.

Para Ramos a qualidade da vida brasileira não se mede pelo tamanho de seu PIB nem se explica pelas políticas calcadas ou calçadas no pressuposto de que o mercado é a única agência determinativa de alocação de recursos. Na verdade, segundo ele, o Brasil precisa reformular suas prioridades de produção e consumo e para isso necessita de um modelo alternativo de alocação interna de recursos.

Pelo menos cinco ingredientes deveriam ser contemplados nessa nova configuração, segundo elenca Ramos nesse artigo de estreia: (1) novos critérios alocativos; (2) utilização máxima de fontes de energia e recursos renováveis; (3) invenção e aplicação de tecnologias tropicais com baixa intensidade de capital; (4) mobilização da capacidade produtiva ociosa; e (5) uma combinação integrada do mercado com a produção autônoma de bens e serviços, via administração racional de *grants* (recursos públicos), aliada a financiamentos típicos do sistema de mercado.

3 Recursos Finitos e não Renováveis

Três meses mais tarde, no artigo “Poder militar, militares no poder”, Ramos declara, estupefato, que o governo brasileiro não parecia ter consciência de que os critérios alocativos dos fatores de produção tinham uma nova natureza conceitual, por duas fortes razões: (1) a escassez absoluta dos recursos não renováveis era ponto pacífico e inquestionável entre os estudiosos; e (2) já era secular a tendência de politização dos preços desses recursos no mercado internacional. Guerreiro Ramos não podia entender por que, no novo contexto internacional, nossos *policy makers* continuavam a admitir que os preços desses recursos críticos deveriam ser regulados pela lei da oferta e da procura e não por critérios eminentemente políticos.

4 Ideologia Modernizante e Industrialização

No artigo “Novo governo” (do presidente Figueiredo), ele usa a linguagem da modernização para se referir ao insatisfatório processo de industrialização seguido no país desde os tempos de JK. Tal industrialização estaria a provocar distorções demográficas na medida em que agravava o problema social nos centros urbanos, por induzir mais gente a migrar do campo para a cidade do que o setor industrial era capaz de absorver. Além disso, essa industrialização estava acarretando relações disfuncionais entre o setor agrícola e o setor industrial, por contribuir para o aumento da inflação. Para Ramos, já desde o final do Governo JK se fazia necessário um modelo alternativo ao que ele chamou de anglo-saxônico, ou modernizante, mas o regime militar, equivocadamente, enveredou pela política monetária...

No entanto, é no artigo “O ‘milagre’ e a sociedade” que Ramos expõe o que entendia por modelo modernizante, ao qual teria negligentemente sucumbido o governo brasileiro. Conforme argumenta aqui, é com Adam Smith, na segunda metade do século XVIII, que ser “moderno” passou a significar e a implicar a implantação e a contínua expansão do mercado como agência exclusiva do processo de alocação de recursos. Por decorrência dessa “visão de modernidade”, nossos

economistas políticos passaram a propor que o modelo de mercado se tornasse a forma ubíqua e exclusiva de alocar recursos e promover a melhoria e o desenvolvimento do país! Antes de Adam Smith, o mercado sempre fora regulado pelas instituições da sociedade; ele não tinha independência.

Nascia assim a disciplina da *economia política*, em lugar da política econômica, a qual persistiria até os dias atuais como manifestação dessa ideologia modernizante. Smith e Marx acreditavam que a expansão imanente do mercado levaria a humanidade necessariamente a uma forma histórica superior.

5 Transferências Bilaterais e Unilaterais

Mas Ramos logo se apressou a advertir, ainda neste, mas também no artigo seguinte, “Problemas alocativos da economia brasileira”, que a função do mercado como forma de promover a melhoria das condições de vida de uma população se depara com o princípio dos limites. Afinal de contas, a economia de mercado ou de trocas (*exchange economy*) organiza o processo de produção de bens e serviços exclusivamente com base em transferências bilaterais para troca no mercado, criando assim as categorias distintas de produtores e consumidores, em que os trabalhadores irão usufruir de sua produção tão-somente pela via da intermediação do comércio. Em caso de prevalecer o recurso exclusivo a transferências bilaterais de mercado, serão ignorados aspectos normativos responsáveis pela viabilidade social.

A viabilidade social é assegurada pela produção de bens e serviços para uso direto de produtores e associados, isto é, por meio de transferências unilaterais. Essas são o fundamento da economia de viabilidade social (*grants economy*), que, aliás, tem objetivos específicos, distintos e não subordináveis aos objetivos da economia de mercado, embora não necessariamente opostos a eles. Ramos lamenta que seja ainda e apenas incipiente o estudo necessário sobre a complementaridade entre esses dois tipos de transferências de recursos.

6 Dualidade de Sistemas Produtivos (Formal e Informal)

Ao abordar, em texto mais elaborado e longo (“Modernização e declínio da economia brasileira”), a distinção entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, Ramos garante que são falsos pelo menos dois pressupostos invocados e aduzidos para dar-lhe suporte. São eles: [a] o pressuposto de que “o mundo atual constitui um sistema integrado de partes complementares no qual cada nação, através do comércio internacional, regulado pela lei da oferta e da procura, logra obter os recursos de que necessita; e o de que [b] em cada nação a melhoria das condições de vida da população necessariamente resulta da expansão do mercado interno”.

Seja na condição de estruturalistas ou de monetaristas, os economistas brasileiros são, na expressão de Ramos, “cativos do modelo ocidental modernizante”, quando admitem que “o desenvolvimento da economia brasileira é um processo de integração das atividades produtivas no mercado” e consideram uma anomalia o mercado doméstico não ter ainda dominado de forma plena a alocação de seus recursos. Para esses economistas, a dualidade de sistemas produtivos está fadada a desaparecer no momento em que “o mercado interno se tornar a forma ubíqua, onipresente e exclusiva de organizar todas as atividades produtivas do país”.

Para Ramos, é sintomático o fato de o cálculo do PIB no Brasil ignorar simplesmente a produção e o consumo que ocorrem nos sistemas ditos naturais, isto é, na economia de autossubsistência, informal. Nesse sentido, aliás, era coerente a política do governo de não prover apoio técnico e financeiro e de não defender esses sistemas de autossuficiência contra a penetração desintegradora do mercado. Para um governo despreparado e sem visão apropriada da realidade, a produção de soja, por exemplo, trazia vantagens pelos recursos financeiros que lhe rendia no mercado internacional, mesmo que para isso se transformassem ‘nossos hábeis produtores rurais’, deslocados de seus territórios e contextos comunitários e conviviais, em um exército de boias-frias a perambular pelas ruas das cidades brasileiras.

7 Bens Primaciais e Demonstrativos

Ainda no artigo em apreço, Ramos introduz a dupla noção de *economia primacial* e *economia demonstrativa*. Conforme argumenta o pensador que hoje homenageamos, o unidimensionalismo ou o unilateralismo de nossas políticas econômicas, orientadas que são quase sempre ou exclusivamente pelo modelo de mercado, em seu intento de promover a alocação de recursos, têm efeitos disfuncionais lamentáveis para a sorte dos cidadãos. A política energética do país, por exemplo, é modernizante, no sentido de que nossa energia é tratada como *input* para operar o sistema de trocas mercantis, que é largamente “estruturado para garantir a produção e o consumo de bens demonstrativos e, assim, minorar a síndrome psicológica de privação relativa da pequena minoria privilegiada de brasileiros”. Guerreiro concluiu então que o automóvel de uso pessoal, mais do que qualquer imperativo de nossa *economia primacial*, determinava o modo pelo qual se planeja, implementa e mantém nosso sistema de transportes.

Mas no artigo “Limites da modernização”, nosso autor retoma e torna mais explícita a discussão em torno da distinção entre *bens primaciais*, *primários* e *bens demonstrativos*. Os *bens primaciais* são primeiros em importância e suficientes para manter a vida física do homem. Como aponta Ramos em outro artigo da série, essa noção corresponde à ideia aristotélica da riqueza natural, aquela riqueza cuja produção é necessária para assegurar a vida física (o viver físico), mas que é apenas meio para o exercício da vida cívica (o bem viver, a ‘boa vida’). Esses bens são função do princípio dos limites da produção e do consumo.

Já os *bens demonstrativos* são aqueles cuja produção e consumo são ilimitados e, por isso, dependentes de artifícios como obsolescência planejada, invenção de necessidades artificiais e consumismo de exibição ou por vício (oneomania), para manterem em funcionamento o sistema do qual dependem. Além disso, as ideias convencionais de modernização e desenvolvimento operadas pelo mercado são noções indissociáveis de práticas predatórias e nocivas à vida humana e à auto-restauração do meio-ambiente natural.

Como argumenta Ramos, as sociedades industriais de hoje têm capacidade técnica adequada para proporcionar em grau ou volume

suficiente os bens e serviços que são necessários ao pleno exercício da vida cívica de todos os seus membros. Mas o que se observa, na vida prática dessas sociedades, é que a vida cívica é marginal, pois a produção da riqueza material é ilimitada, tornando-se um fim em si mesma. Nessas sociedades o objetivo de *civilizar* é substituído pelo objetivo de *consumir*, disfarçado sob o manto de modernização. O conselho final do Presidente G. Bush aos cidadãos reunidos em torno dos escombros das Torres Gêmeas, em setembro de 2001, não poderia ser mais emblemático da natureza de uma sociedade de mercado: “Agora, às compras, senhores”!

Diante do imperativo dos limites da produção e do consumo, Ramos insiste, mais uma vez, por um modelo alternativo de alocação de recursos, mas admite e assegura que o maior obstáculo ao encaminhamento desse debate é a mentalidade modernizante (predatória) e linearista de uma minoria privilegiada.

8 Mercado Subordinado a Instituições Políticas

No artigo “Um modelo corretivo do impasse econômico”, Guerreiro Ramos se valeu do genial economista húngaro Karl Polanyi para, entre vários outros pontos importantes, ressaltar que, antes do advento da sociedade gerida pelo mercado, as relações entre os seres humanos, inclusive as econômicas, em todas as sociedades, jamais haviam deixado de ser reguladas politicamente. Com efeito, até a segunda metade do século XVIII, o mercado sempre fora um lugar delimitado (um *market place*, *Markt Platz*, uma *praça de mercado*), fisicamente demarcado e, inclusive, mantido fora do alcance das crianças e mulheres, sobretudo na Europa pré-moderna.

A assim chamada revolução industrial transformou o mercado em um sistema autônomo de relações, ao qual a sociedade se tornou progressivamente subordinada, um lugar sem fronteiras, presente em toda parte. Ela produziu as condições necessárias para que o mercado assumisse o papel de regulador da política e a economia se tornasse uma ciência, a ciência da *economia política*. Com efeito, para Polanyi, essa designação acabaria prevalecendo sobre outra que também era proposta na época, com o propósito de traduzir etimologicamente sua

noção de troca, *viz., catalática*. É essa a ‘grande transformação’ a que se referia Polanyi em seu livro intitulado exatamente com essas palavras, *A grande transformação*, publicado pela primeira vez, em 1944, nos EUA.

Outro revisionista de peso do modelo de mercado invocado por Ramos no texto em tela foi Georgescu-Roegen, figura central no debate sobre a ecologia do processo econômico. De acordo com Roegen, porém, seus colegas defensores do processo econômico estacionário (*steady-state economics*) não se deram plena conta da lei da entropia, segundo a qual, em sua condição de *input* de produção, a quantidade de energia declina irreversivelmente, impossibilitando assim a existência de sistemas estacionários; por força da segunda lei da termodinâmica (lei da entropia), a escassez de recursos finitos é absoluta, pois qualquer quantidade, uma vez consumida, de tais recursos desaparecerá para sempre. É por isso que o uso de recursos finitos deve ser alvo de decisões políticas e jamais subordinável à corrente lei de mercado da oferta e da procura.

9 Valor de Troca *versus* Valor de Uso

Um terceiro ponto destacado por Ramos no artigo em apreço refere-se ao valor de troca e ao valor de uso dos bens. Conforme a cartilha da economia política, somente bens com valor de troca constituem ingredientes de produção; para ela, valor de uso é categoria secundária. Na realidade, porém, boa parte daquilo que define a qualidade do convívio civil e social entre as pessoas são as coisas que não se trocam e têm apenas valor de uso ou fruição.

Para o economista tradicional, só os indivíduos formalmente empregados produzem, realizam efetiva produção. Mas a verdade é que todos os brasileiros sem emprego no mercado formal trabalham, produzem e contribuem para a riqueza nacional, mesmo que as estatísticas oficiais não retratem este fenômeno tão real quanto evidente para tantas gerações de cidadãos que nasceram, fizeram suas vidas ou pelo menos as iniciaram, no interior do Brasil, quase sem acesso a relações típicas de mercado. Aliás, nas sociedades pré-mercantis, a população de indivíduos formalmente empregados sempre foi insignificante.

A propósito ainda desse ponto, o paradigma paraeconômico de Ramos postula um conceito multidimensional de produção que incorpora itens com valor de uso (nos enclaves isonômicos e fenonômicos) e itens com valor de troca (no espaço ou enclave das economias), visando sempre a sustentação adequada da plena convivência civil, social e cultural entre os indivíduos. A extensão da produção caracterizada pelo modelo paraeconômico é representada não apenas pelo setor da economia formal, mas também pelo setor informal das isonomias e das fenonomias, onde a fruição importa mais que a troca.

10 Lei da Oferta e da Procura

No artigo *Comércio, desenvolvimento e protecionismo*, é possível perceber que os criadores da economia política se empenharam em elaborar uma ‘lei de oferta e demanda’ com veleidades de ciência, para regular o comércio entre as nações. Para eles, tal comércio se orientaria por dois princípios: ele seria produto da divisão internacional do trabalho e seria regulado pela lei da ‘oferta e da procura’, na suposição de que, ao praticarem comércio entre si, as nações transferem, umas às outras, coisas que lhes são equivalentes e de interesse mútuo. Segundo Ramos, porém, essas ‘harmonias conceituais’ mal levam em conta a variável do poder e ignoram por completo o elemento de impostura, pirataria ou engodo, que sempre foi intrínseco ao comércio.

Em nosso tempo, por força da expansão das sociedades de mercado, é fato que todos os povos estão sob o domínio de um único sistema econômico. Mas também é verdade que o poder de decisão das grandes corporações, dos Estados-nações e das entidades transnacionais é desigual; em função de mecanismos do comércio internacional, umas poucas corporações têm o poder de determinar em termos decisivos a alocação dos recursos no mundo, restando às nações menos desenvolvidas um papel de decisão relativamente pequeno.

Ao contrário do que afirmavam, em fins da década de 1970, as grandes potências mundiais (capitalistas ou socialistas), as estratégias convencionais de desenvolvimento por elas patrocinadas tendiam mais a perpetuar do que a superar o estado de dependência das nações periféricas e a vencer as precárias condições de vida das suas populações.

No mundo ocidental, em particular, a falácia do desenvolvimento se revelou, de forma incontestada, por uma série de distorções sociais da vida humana e de consequências ecológicas desastrosas. Tais distorções e consequências teriam sido o legado de uma longa e crônica primazia do mercado na condução do processo de organizar as atividades produtivas dentro e entre as nações.

A “história industrial” de pouco mais de 200 anos nos legou capacidades produtivas sem precedentes e tecnologias de transportes e comunicação que nos permitiriam construir uma nova ordem mundial. Infelizmente, por longas décadas do século XX, esses meios logísticos estiveram encapsulados dentro de dois tipos de processos perniciosos em termos culturais e debilitantes em termos psicológicos: o ordenamento socialista da existência humana (comandado por representantes de governos agindo como mediadores das leis da história), e a subordinação do mundo ocidental ao culto deísta da ‘mão invisível’ do mercado, uma condição já conhecida por seus efeitos ‘pandorísticos’.

Para articular uma visão alternativa, que permita salvar o mercado e ao mesmo tempo desenvolver uma abordagem multidimensional para os projetos ou planos de sistemas sociais, cabe à sociedade atual e seus articuladores políticos e acadêmicos, segundo Ramos, enfrentar a ambiguidade decorrente do mercado e suas tensões. Mesmo que o comércio não se livre da pirataria, que lhe é inerente, a sociedade não deve se resignar a dar-lhe permissão irrevogável para governar o mundo; cabe-lhe, sim, tornar o mundo capaz de comandar o seu comércio.

Para Ramos, o mercado não é necessariamente um sistema nocivo ao bom ordenamento da vida humana associada. No entanto, conforme argumenta ele, sua expansão desenfreada já ultrapassou [a] os limites da tolerância psicológica humana e [b] a capacidade da natureza de proporcionar recursos não renováveis e manejar os poluentes em termos compatíveis com os atuais níveis e modos de crescimento econômico. Preconiza, pois, que se deva delimitá-lo.

11 Nova Teoria Econômica

Karl Polanyi é, mais uma vez, o autor-chave a que Ramos recorreu, agora no artigo “Notícia sobre a nova teoria econômica”, para descrever

a recente transfiguração histórico-social que assumiu o processo de alocação de recursos mundo afora. Segundo o revisionista econômico húngaro (ver livro *A grande transformação*), as leis do mercado são inadequadas para explicar as relações de produção e troca em sociedades pré-capitalistas. Tais leis não são universais; elas têm validade restrita nas sociedades surgidas após a “grande transformação”, da qual resultou o moderno sistema capitalista.

Sempre de acordo com o economista judeu húngaro, o sistema capitalista moderno é uma configuração histórico-social excepcional em que o mercado se tornou a agência determinativa da alocação de recursos. Anteriormente à ‘grande transformação’, o mercado sempre existiu, mas como parte imersa ou engastada (*embedded*) no tecido institucional e por ele regulado. O advento da sociedade regulada e gerida pelo mercado é uma deformação da vida humana associada. Ao interpretar os termos de Polanyi, Ramos diz *literatim*: “a fraqueza de origem da sociedade do século XIX não é que ela foi industrial, mas que foi uma sociedade regulada pelo mercado”.

Segundo argumentos de Polanyi, é possível um industrialismo diferente, mais consentâneo com os requisitos permanentes da existência humana. Ele e outros revisionistas da economia política fazem distinção entre ‘mercado formal’ e ‘mercado informal’, para ressaltar que ambos são espaços legítimos e permanentes de produção a requerer tratamento governamental sistemático e específico como instrumentos normais de ocupação de mão de obra e geração de riqueza. A dualidade de sistemas é um fenômeno normal e persistente tanto em países periféricos quanto em países cêntricos. Ela não é um obstáculo ao desenvolvimento, como advogam economistas marxistas e liberais.

Polanyi teve discípulos que se tornaram *scholars* de grande expressão na academia e levaram adiante suas ideias. Segundo um deles, citado por Ramos, S. V. Sethuraman (The urban informal sector: concept, measurement and policy, *International Labor Review*, v. 114, n. 1, 1976), por exemplo, o sistema informal cria empregos e contribui para a distribuição equitativa de renda, como também é, às vezes, mais eficiente que o mercado formal em seu papel de alocador de recursos. Outro autor lembrado é Scott Burns (*The household economy*, 1976,

p. 14), para quem ocorria em seu tempo uma produção considerável à revelia do mercado formal; o valor do trabalho doméstico nos Estados Unidos, por exemplo, equivalia então a 1/3 do PIB e à metade da renda disponível do consumidor. Mas mesmo antes de Karl Polanyi, grandes vozes se fizeram ouvir em favor de um mercado politicamente regulado, como revelam os nomes de Robert Owen, John Stuart Mill, do poeta John Ruskin, entre outros tantos luminares da ciência, das artes e do engenho humano.

12 Sistemas de Produção no Brasil

No artigo “Problemas alocativos da economia brasileira”, Guerreiro Ramos advoga uma teoria alocativa sensível à heterogeneidade dos sistemas de produção como instrumentos para assegurar a eficiência das políticas alocativas do governo e para avaliar o seu impacto no desenvolvimento econômico e social do país. A classificação que faz de tais sistemas se pauta pelos seguintes norteamentos: [a] os diferentes sistemas se distinguem em graus variados do modelo de mercado em função de várias condições (por exemplo, tamanho); [b] nenhum sistema deve ser exclusivo ou único para determinar o processo alocativo; e [c] a classificação implica institucionalização de mecanismos de transferência unidirecional e de transferência bidirecional de recursos e sua prática de acordo com o fundamento típico de cada sistema.

Apesar da mentalidade modernizante que governa a cabeça de nossos economistas, pode-se encontrar na prática econômica brasileira, além do sistema de mercado, vários outros arranjos organizativos de produção. Em sua pesquisa, Guerreiro Ramos identificou e caracterizou os cinco sistemas seguintes:

- a) No **sistema oligopolizado de produção** se observa que há “soberania do produtor” (expressão de Galbraith); empresas se dedicam à produção de bens e serviços de alta sofisticação técnica ou mercadológica; dominam amplamente o mercado e são cosmopolitas (com vinculações nos centros mais desenvolvidos do planeta); têm capacidade para criar ou alterar significativamente padrões de comportamento e de consumo;

e podem contribuir para agravar a periferação da economia nacional, se não forem adequadamente reguladas no âmbito de cada país.

- b) O **sistema de produção de relativa competitividade** (que tem certa semelhança com os modelos clássicos da economia de mercado) é representado por empresas médias ou pequenas; e em seu “espaço” se exerce em escala considerável a “soberania do consumidor”.
- c) O **sistema fronteiroço** compreende empreendimentos situados em uma das duas situações extremas: ou são empresas com características que as aproximam dos oligopólios, como as regionais que têm domínio sobre seus mercados; ou são empresas aliadas do mercado por fatores tecnológicos ou mercadológicos, por enfrentarem os efeitos de uma exposição à internacionalização da economia nacional.
- d) Ao **sistema quase formal de microprodução** se aplicam certos aspectos da lógica de mercado, mas de forma flexível, instável e episódica; entre os empreendedores que representam essa categoria de produção se encontram, por exemplo, o artesão, o profissional liberal, o “empreiteiro” de construção civil ou de reparos, o intermediário de negócios que atua eventualmente, o biscoiteiro.
- e) Os **sistemas conviviais ou comunitários de produção** se referem e compreendem a associação de pequenos grupos humanos, como, por exemplo, família, para a produção de serviços, como ilustram os seguintes arranjos organizativos: a comunidade social religiosa; a vizinhança que organiza pequenas creches; a prestação de serviços comunitários; certos tipos de cooperativas; a pequena agricultura de hortifrutigranjeiros; o armazém familiar de regiões isoladas; essas organizações vinculam-se de maneira restrita e errática aos mecanismos formais de mercado, e suas operações com frequência não são tocadas a dinheiro.

Na conclusão do texto, Guerreiro Ramos insiste que todos os diversos sistemas de produção devem integrar o modelo alocativo de

recursos do país e que este modelo supõe uma metodologia de alocação de recursos. Também argumenta que se é verdade, por um lado, que a transferência de recursos públicos para estímulo, amparo, subsídio e incremento da produção econômica tem uma longa tradição em nossa história administrativa e política, por outro também é fato que o aparato institucional de “fomento econômico” no Brasil tem favorecido as primeiras duas categorias mencionadas de sistemas de produção, deu assistência à terceira apenas em termos eventuais e ignorou totalmente as categorias 4 e 5. Sua recomendação aos *policy makers* brasileiros é que experimentem e sistematizem mecanismos institucionais distintos por meio dos quais o Estado possa extrair e lograr a máxima vantagem de todas as formas de organização social da produção.

13 Economia Política em Questionamento

No artigo “Economia política reconsiderada”, Guerreiro Ramos argumenta que, em termos do senso comum, a disciplina da economia política é um incidente do pensamento em desordem, do pensamento fora dos trilhos. Propõe que é preciso restaurar a proposição clássica sobre o processo natural da alocação de recursos. São palavras textuais suas: “Antes do advento da *economia política*, sempre existiu uma teoria alocativa que predicava o primado das deliberações políticas sobre o processo de criação e distribuição de riqueza”. Dito de outra maneira, de acordo com os pensadores gregos clássicos, em particular com Aristóteles, até o advento da revolução industrial, o processo alocativo foi sempre política e institucionalmente determinado, nunca determinativo em qualquer grau e sentido.

Mas a *economia política* calçada em Adam Smith inverteu o pressuposto clássico, pois foi dominada pela ideia de que a intencionalidade de maximizar vantagens nas trocas sociais é o princípio sistemático regulador do processo alocativo e também da ordenação política e institucional das comunidades. E as circunstâncias históricas do final do século XVIII precipitaram a conversão desta ideia em fato normal da vida humana associada. Mas desde o momento em que se tornou irreversível, até recentemente, quando sua real história se revelou sob

a forma do industrialismo, foi possível perceber e discernir o caráter sinistro desta conversão.

Em Adam Smith e seus sucessores, a *economia política* implicava a condenação da *política econômica*, ou seja, o intento de conferir ao processo de produção o caráter de um movimento autopropulsionado, sob a alegação de que era dotado de leis próprias, objeto de estudo da nova disciplina. Em Adam Smith cumpriu-se o dito de Montesquieu: “o interesse próprio é o maior monarca do mundo”.

Entre os críticos da nova disciplina, o francês Sismonde de Sismondi (1773-1842) atribuiu-lhe um caráter especulativo e falso, na medida em que ela propõe o aumento ilimitado de bens econômicos como fim da sociedade e postula uma elasticidade de necessidades incompatível com a estrutura psicológica e fisiológica do ser humano. Para John Stuart Mill (1806, p. 73), “[...] o aumento da riqueza não é ilimitado”. O poeta John Ruskin chamou a economia política de “ciência bastarda”, acusando-a de negligenciar a distinção entre os bens necessários à arte de viver e os que contribuíam para a degradação humana.

14 Industrialismo Orgânico

Ramos argumenta que nas posições críticas de J.S.Mill e John Ruskin já se acha implícito o princípio dos limites inerente à teoria normativa do processo alocativo. E, segundo ele, é hora de se reler com interesse as obras mais refinadas sobre o assunto dos autores ingleses J. A. Hobson (1858-1940) e R. A. Tawney (1880-1962), pois só nesse momento tardio aparecia **a oportunidade de se difundir, propagar o industrialismo orgânico, em contraposição ao industrialismo predatório**, que está a ameaçar o mundo com um colapso social e ecológico.

Na continuidade ao tópico, em seu artigo final (“As confusões em torno do industrialismo”), nosso autor centenário advoga que o grande problema de reconstrução de nosso tempo consiste em preservar os ganhos resultantes do industrialismo convencional e incorporá-los num tipo de industrialismo menos prejudicial ao ser humano

e à natureza. O industrialismo orgânico é uma forma de produção e consumo, constituída e reproduzida essencialmente pela utilização de recursos renováveis e, assim, minimamente nociva aos processos restaurativos da natureza.

O renascimento do industrialismo orgânico torna claro o caráter pré-analítico da história política e econômica do Brasil. Até hoje o enfoque de nossa historiografia econômica aceitou, como dado permanente, que o país é cativo do industrialismo convencional. Em estreita consonância com a ênfase favorável de José da Silva Lisboa (o visconde de Cairu) à ‘abertura dos portos’ brasileiros e adoção da doutrina de Adam Smith como modelo de referência para nossa política econômica, nossas autoridades se empenharam em extrair o máximo de proveito das virtudes do comércio internacional, como também descuidaram de desacoplar a economia brasileira do industrialismo tradicional.

15 Conclusão

Se a comunidade política (*polis*) é “o ser humano em escala ampliada”, como a definiram os gregos clássicos, fica evidente que a sociedade de mercado é muito simplista para representar o homem em suas múltiplas dimensões. É por isso que Ramos propôs e defendeu um sistema multicêntrico que contemple todas as dimensões do ser humano e possibilite assim a efetiva autorrealização de cada um. E o mercado deve estar confinado ou restrito a uma parte desse espaço sociopolítico. Foi justamente no modelo paraeconômico proposto no livro *A nova ciência das organizações*, que ele representou este espaço pelo enclave das *economias*, ao lado dos outros enclaves que representam as possibilidades do ser humano em suas outras dimensões. A esses últimos enclaves Ramos deu os nomes de *fenonomias* e *isonomias*.

Eis aí uma breve síntese da tentativa feita por Ramos de traduzir em parte para o público brasileiro e seus governantes o conteúdo de sua proposta teórica. Como se viu, a construção de um arcabouço de vida humana associada não é uma empreitada simples e, muito menos, reducionista, como o modelo de livre mercado faz pressupor. Para sua elaboração, se fazem necessários muitos elementos de história, filoso-

fia, cultura e valores que animam um povo. Os pontos levantados por Ramos dão ideia da complexidade dos elementos essenciais e incluíveis a um sistema que seja próprio e adequado para a boa gestão da alocação eficiente e justa dos recursos de uma comunidade política.

Notas

- 1 Professor aposentado da UFSC e UDESC.
- 2 A lista dos artigos de Guerreiro Ramos no *Jornal do Brasil* está organizada em três blocos, de acordo com os anos em que foram publicados, a saber: **Cinco publicados em 1978**: 1. O momento maquiavélico brasileiro (22/10); 2. O Brasil e a instituição militar (04/11); 3. Abertura política (14/11); 4. Hora dos articuladores (05/12); 5. Linguagem de abertura (30/12). **Onze publicados em 1979**: 6. Irã e Brasil (17/01); 7. Poder militar, militares no poder (28/01); 8. O novo governo (15/03); 9. O “milagre” e a sociedade (13/05); 10. Modernização e declínio econômico do Brasil (10/06); 11. Limites da modernização (22/06); 12. Um modelo corretivo do impasse econômico (08/07); 13. Comércio, desenvolvimento e protecionismo (23/09); 14. O governo não pode continuar isolado dos cientistas (25/11); 15. *Não identificado* (?/11); 16. Atualidade e falácia do Brasil (26/12). **E oito publicados em 1981**: 17. Um conceito impopular em ciência social (18/01); 18. Platão e a conversa das gerações (08/03); 19. Aristóteles, Whitehead e a bifurcação da natureza (05/04); 20. O governo Reagan ou o fim da compaixão (07/06); 21. Notícia sobre a nova teoria econômica (11/10); 22. Problemas alocativos da economia brasileira (02/08); 23. Economia política reconsiderada (11/10); 24. As confusões em torno do industrialismo (27/12).

Referências

GUERREIRO RAMOS, Alberto [1915-1982]. **A nova ciência das organizações**: uma reconceituação da riqueza das nações. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1981.

Recebido em 07/12/2015

Aceito em 1º/03/2016

Guerreiro Ramos in the United States: his life through the lens of political exile

Diana de Groat Brown

Bard College, New York, USA

E-mail: dbrown@bard.edu

Abstract

I explore Guerreiro Ramos's years of exile in the United States (1966-1982) asking how a leftist Brazilian intellectual of African descent dealt with the social and political climate of the U.S. during this period. I focus on two issues: his career at the University of Southern California's School of Public Administration, where he remained until his death; and his relationship as a Brazilian of color to the radical racial politics in the U.S. during this period. I argue that at USC, Guerreiro Ramos's pragmatism and ability to create success within adverse circumstances, learned during his career in Brazil, enabled him to do the same at USC – to turn the adversity of exile into similarly creative success. His brilliance and charisma as an intellectual and as a teacher won him admiration, respect, popularity and a secure academic career. His creativity and openness to new ideas enabled him to embrace the field of American sociology even as he continued to oppose American imperialism, and to bring sociology to the critique of American public administration. As to his relationship to American racial politics of this period, even in Brazil he had already moved away from his former engagement with racial issues, and this continued in the U.S. I speculate that his identity as an exotic foreigner protected him from experiencing directly the racial discrimination directed at African Americans. Finally, his exile heightened his sense of being an outsider, a 'parenthetical man' in Brazil as well as in the U.S.

Keywords: Guerreiro Ramos. Exile. Public Administration. Race.

Resumo

Neste artigo são explorados os anos de exílio de Guerreiro Ramos nos Estados Unidos (1966-1982), questionando como um intelectual esquerdista brasileiro, de ascendência africana, lidou com o clima social e político dos Estados Unidos nesse período. O foco está em duas questões: sua carreira na Escola de Administração Pública da University of Southern California (USC), onde ele permaneceu até sua morte, e sua relação, como um brasileiro de cor, com a política racial radical nos Estados Unidos nesse período. Argumenta-se que, na USC, o pragmatismo e a habilidade de Guerreiro Ramos de produzir sucesso em circunstâncias adversas, aprendidos durante sua carreira no Brasil, possibilitaram-lhe fazer o mesmo na USC – transformar a adversidade do exílio em um sucesso criativo equiparável. Seu brilho e carisma como intelectual e como professor granjearam-lhe admiração, respeito, popularidade e uma carreira acadêmica segura. Sua criatividade e abertura a novas ideias permitiram-lhe abraçar o campo da sociologia americana, mesmo quando continuava a se opor ao imperialismo americano e a trazer a sociologia para a crítica da administração pública americana. Quanto a sua relação com a política racial americana desse período, mesmo no Brasil, ele já havia se afastado do engajamento anterior com as questões raciais e isso continuou nos Estados Unidos. A especulação aqui é que sua identidade como um estrangeiro exótico o protegeu de sofrer, diretamente, a discriminação racial direcionada aos afro-americanos. Finalmente, seu exílio aumentou seu senso de ser um “de fora”, um “homem entre parêntesis” tanto no Brasil como nos Estados Unidos.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos. Exílio. Administração Pública, Raça.

1 Introduction

In this paper I offer some reflections on Alberto Guerreiro Ramos's years of exile in the U.S., from 1966 when he left Brazil, to 1982, when he died in California. I will focus on the social and political dimensions of his life in the US: the circumstances of his exile, how he dealt with them; his reception by his new colleagues and his own activities at the University of Southern California (USC); and his relationship as a Brazilian of color to the broader political environment in California and the U.S. in which he now lived.

I know very little about Guerreiro Ramos's own view of his life as an exile, since his plan to write a memoir was tragically interrupted by his death, and his personal archive was not accessible to me. My comments here are based on published accounts of their impressions furnished by those who knew him at USC, both Brazilians and Americans who were his colleagues and students, an interview he gave in Brazil in 1981, somewhat ambiguous in tone, and his daughter's book (Guerreiro Ramos, E. 2003), through whose pages we obtain brief glimpses of her father.

In reading the available literature two things have stood out for me as particularly striking. The first is Guerreiro Ramos's extraordinary degree of success in adapting to his new environment at USC; and the second is his reticence on issues of race, and the ambiguity of his remarks on his experience of being a Black Brazilian in the U.S., given the racial ferment and conflicts taking place in his new surroundings. I have chosen to focus on these issues in my discussion here.

2 Moving to the U.S.

At the time of the military coup, on April 1, 1964, Guerreiro Ramos was serving as a federal deputy for the leftist party, the PTB, and was a close colleague and advisor to President João Goulart. He was in one of the first groups of politicians to be cassado, and lost his seat in Congress, his pension from the years during which he had worked at DASP, and faced threats to his academic position at the Escola Brasileira de Administração Pública (EBAP) at the Fundação Getúlio Vargas (FGV). Thus he faced the loss of his entire means of economic support for himself, his wife and 2 children. He remained at EBAP for the following two years. Then, in 1966, as the military government was pressuring the FGV to fire him, he left for the U.S with the offer of a one year position as a visiting professor at the School of Public Administration of the University of Southern California, in Los Angeles.

The circumstances of his hiring are important because they significantly eased the initial impact of his exile. In 1959, with funding from USAID, The School of Public Administration at the University of Southern California (USC) had established a convênio with Public Administration programs in four Brazilian cities, including EBAP in Rio. This led to an exchange of personnel and training between the two institutions, and in 1962-1963 an American USC team of four professors from the School of Public Administration was administering a technical assistance project at EBAP. Guerreiro Ramos was teaching there at this time, and Frank Sherwood, a professor of public Administration with a PhD in Political Science, and leader of the team, recounts that he became aware of him because he was always surrounded by students and was reportedly “by far the most popular professor at the school”. He was curious to meet him, but a mutual friend refused to introduce them because Guerreiro Ramos was “ideologically [...] seen as far to the left” and the friend feared that a meeting between the two would result in an ideological confrontation in the polarized political situation of the time (Sherwood, 2010, p. 120).

When Sherwood returned to EBAP in 1964 after the coup, he was “shocked” to find that Guerreiro Ramos, having been removed

from political office by a U.S. Government supported military coup, had been awarded a substantial portion of a Ford Foundation grant to the FGV by its president to support research on Public Administration in Brazil. He was to write a book on this subject. Sherwood could not believe that they had given the grant to someone the U.S. embassy identified as a communist (Sherwood, 2010, p. 121), “[...] who was regarded as an enemy of the U.S.” (Sherwood, 2014, p. 181).

But when Sherwood returned in 1966, he was again astonished, this time to discover that in a single year, Guerreiro Ramos had researched, written and published the book, *Administração e Estratégia do Desenvolvimento: Elementos de uma Sociologia Especial da Administração* (FGV, 1966). Wilson Pizza Junior, his typist and student assistant for the project, describes the intensity of this process (Pizza, 2014). Sherwood marveled that “[...] in one year Ramos had done a prodigious amount of Brazil-centric research, had written a manuscript of several hundred pages, and had seen his effort through various stages to the production of a book, and gotten it published” (Sherwood, 2010, p. 121). After reading it, he declared: “it was certainly the best thing I had ever read on administrative reform in Brazil, and very possibly the best of the world’s literature....The whole world needed to become aware of this unique scholarly resource” (Sherwood, 2010, p. 122). The book was read and widely admired by the other USC professors on the technical team, and was crucial in convincing trustees at USC of his importance as a scholar, and of the advantages of hiring him as a Visiting Professor.

Thus Guerreiro Ramos arrived in Los Angeles, in July of 1966. An American doctoral student recalls meeting him at a dinner party the night he arrived, tired and haggard from the trip (Kirkhart, 2014, p. 191). From all accounts, he was traumatized and deeply saddened by having to leave his beloved Brazil, a national political career and prominence as a leading scholar. He was going to a country he had visited only once in 1961, as a Brazilian delegate to the UN General Assembly appointed by Goulart. The U.S. had been instrumental in the 1964 coup that led to his exile, and he deeply opposed its economic and political policies. Few people at the university knew who he was.

And he brought with him an intellectual orientation toward the social sciences and Public Administration embedded in French and German thought which was quite foreign to the dominant American empirical tradition in the U.S.

In this situation, the convênio between EBAP and the School of Public Administration at USC, and the presence of American professors there who already knew Guerreiro Ramos and admired his work was crucial. They knew something of his world, his reputation and his circumstances: they had lived in Brazil, and read and spoke Portuguese. And several Brazilian students had come to USC to study at the undergraduate, Masters and PhD levels. They could ease his transition and speak to his talents. Thus from the very beginning he had colleagues who to some degree understood and shared in his Brazilian world. Throughout his time at USC these remained his closest colleagues and friends.

These contacts were also important because his arrival was viewed by many of his new American colleagues as very problematic. He had no doctorate, no one knew the extent of his fluency in English, and he was viewed as a political radical. How would he fare in a fairly small but ambitious Public Administration program at a rather conservative private American university? The University of Southern California had begun in 1880 as a small Methodist college serving mainly the local community (Sample, 2005). Its School of Public Administration, the next to oldest in the nation, had begun in 1929. By 1980 it was the largest and one of the best programs in the nation (Sherwood, 2010, p. 94). At the time of Guerreiro Ramos's arrival in 1966 it was in the middle of a drive to expand and gain recognition, and he himself came to figure importantly in this process.

The public record by USC administrators and colleagues at the School of Public Administration reads like a love affair: "Little did we anticipate that Ramos would take USC by storm...and there was no way we would let him go back to Brazil, even if he could have (Sherwood, 2010, p. 122). "He had a tremendous effect on students", especially on more intellectually alive students...Doctoral students were flocking to his classes and quoting him regularly." (Sherwood,

2010, p. 123-124). He was “[...] a special capture for the School of Public Administration – I don’t believe any other program in the country could boast a professor of similar breadth and perspective (Sherwood, 2010, p. 119).

He was quickly granted tenure, and “[...] the leftist leader at EBAP became the provocative, stimulating, liberal professor at a fairly conservative university [...]” (Sherwood, 2010, p. 123). Frank Sherwood remained his enthusiastic mentor, but he didn’t seem to need any special treatment: the praises poured in, the students flocked to his classes, and he won the respect, admiration, and even the awe of his colleagues for the breadth of his knowledge of the European as well as American literature in the social sciences.

In 2010, when a celebratory volume commemorating the School of Public Administration’s (now renamed the School of Policy, Planning and Development) more than 80 years of success (Clayton *et al.*, 2010) Kim Nelson, its former dean, noted in his introduction to the volume that this school had now become “the premier institution of its kind in the nation” (Nelson, 2010, p. 12) and that he considered Alberto Guerreiro Ramos to be one of two faculty members who had contributed most to its success: “two faculty members who were ‘transformative figures’ in this process [...]” “transformative because of their influence on the trajectory of life in the school [...] Ramos through his powerful intellectual and substantive contributions” (Sherwood, 2010, p. 19). “Ramos appeared in the USC world as a powerful and singular intellectual presence, a deeply probing and cross-cultural conceptualizer of organizational life. Demanding of students, yet tender-hearted and empathetic, his influence soon became widespread [...]” (Sherwood, 2010, p. 20), in other academic departments as well as in the School of Public Administration.

It was clear that Guerreiro Ramos had adapted very successfully to life at USC. In Sherwood’s words, he “[...] fitted in beautifully; it seemed as if he had always been with us” (Sherwood, 2014, p. 185). Initial worries were forgotten: he was fluent in English, though he spoke with a heavy Brazilian accent, and he did not engage in radical politics. Though he had been a leftist politician in Brazil, he had never

supported violence; American assumptions of his radicalism seem to have rested largely on his anti-Americanism. And even here there was disagreement: one Brazilian colleague commented: “I was surprised that the US had welcomed him. After all, he contested the dominant American capitalist position in the world [...]” (Vieira 2014, p. 106), but another insisted that “Guerreiro was never anti-American, as some American scholars believed. He just loved his country [...]” (Almeida, 2014, p. 71).

One big surprise was the feeling he developed for the U.S. Instead of bringing his Communist sympathies with him, his loyalty was completely to the U.S. My feeling is that he found a psychological security in the U.S. he had never known in Brazil. It wasn't so much about money, though that was a factor, as it was about intellectual freedom. Guerreiro was an independent, free spirit, and he needed the opportunity to express himself...What he told me he valued about the U.S. was his personal freedom. He said he had never been so able to write and say what he wanted. (Sherwood, 2010, p. 123)

And Guerreiro Ramos himself repeated these same sentiments to various colleagues. At USC he was no longer, as he had been in Brazil, the embattled Bahian mulato who had grown up poor and always felt himself fighting for recognition in a very largely white academic world, fighting for employment, fighting academic battles for recognition of his intellectual positions, fighting for his political ideals. He was a respected and extremely productive scholar, with secure employment, he had a comfortable house, where he and his wife were constantly entertaining people for dinner, and he was always surrounded by admiring students: in comparative terms of the global conditions of exile, he had found a safe haven and become a “most privileged exile”, able to escape the everyday concerns with asylum, livelihood, isolation (Kettler, 2011, p. 41).

Certainly it had been extremely wrenching to leave Brazil. His daughter reports that he accepted the invitation to USC “with a heavy heart” and showed deep sadness whenever he referred to leaving (Guerreiro Ramos, E. 2003, p. 5). But he had had a lot of practice in

Brazil in confronting adversity with a confident public image. And he was a deeply practical man, as he had shown himself to be on many occasions in Brazil, when he had accepted less desirable positions than he aspired to and felt he deserved, because they were the only ones offered, and had carried them out with creativity and aplomb. He reports, for example, in his 1981 interview that when he was passed over for the position he coveted and had been recommended for as professor of sociology at the Faculdade Nacional de Filosofia in Rio, accused of supporting integralism by his rival for the job, he accepted a position as a Técnico de Administração in the Departamento de Administração e Serviço Público (DASP) (Guerreiro Ramos, 1995, p. 139-143). He was assigned to the Departamento Nacional da Criança to teach a course for medical interns on pediatrics, infant mortality and popular medicine. Certainly these were topics far from his interests, but he took this as an opportunity to conduct an empirical, survey based study of the causes of infant mortality which won critical acclaim for its innovative use of methodology and its critical stance on the use of Euro-American models of infant mortality as inappropriate for use in Brazil (*Sociologia de Mortalidade Infantil*, 1951).

Similarly, after his cassação, when he accepted the Ford Foundation grant to write the book on public administration in Brazil, *Administração e Estratégia do Desenvolvimento: Elementos de uma Sociologia Especial da Administração* (1966), he told Wilson Pizza, his student assistant and close friend, that he felt he had become a “mercenary”. “I didn’t want to write that book [...]. I wrote it because it was the only way to survive”. But as Pizza (2014, p. 115) comments, “He also realized it was ‘a rare professional opportunity’”. Guerreiro Ramos was a survivor, a pragmatic man who accepted adversities and made the best of them.

And it is clear that he did the same thing again in confronting his exile. His daughter comments: “My father grew to greatly admire this country, separating what the American government had done in our country from the vitality and strength of the American people” (Guerreiro Ramos, E. 2003, p. 9). He had bitterly criticized the US for its role in the 1964 coup, so the ironies of his new situation did not

escape him or his daughter, who comments: “We came here – invited by the U.S. Government, bearing diplomatic visas. Our goal: to make what we knew would be a positive contribution to this society, even after they had destroyed ours” (Guerreiro Ramos, E. 2003, p. 9): “We came as immigrants to the very country that had participated in the destruction of our own.” (Guerreiro Ramos, E. 2003, p. 6).

At USC, he remained “obsessed” with Brazil, publishing articles on Brazil in Brazilian newspapers, lecturing about it, giving talks, discussing it with friends and colleagues, claiming that “I am someone who thinks about Brazil 24 hours a day” (Azevedo, 2014, p. 89). Yet at the same time he threw himself wholeheartedly into the new situation in which he found himself in the U.S. He devoured the U.S. literature on the social sciences and public administration. A colleague recalls that

One of the things our group...was responsible for was for ordering books for the library.... When the books came in, we unpacked and shelved them for a week or two in our offices. This was to give our USC faculty a chance to keep up with the latest literature in the field. When Guerreiro found out about this, he would stop by and borrow some. I can still see him leaving our offices with 6 or 7 books strung out on his left forearm. In a discussion that I had had with him he had told me that the European writers were dominant in the field of sociology. Some weeks later he had come for his third or fourth borrowing session from our office library. As he returned the books, he went for the door, paused, turned to me, and said, “David, do you know that only Americans are writing good sociology? (Mars, 2014, p. 179)

And he participated actively in the intellectual and social life of the university, engaging in discussions and socializing with his new American colleagues and students, giving talks there, and presentations around the country at academic conferences on Sociology and Public Administration. During his sabbatical in 1972-73 he held positions as Visiting Professor at Wesleyan and Visiting Fellow in the Department of Political Science at Yale. He traveled often to Washington for long weekends to teach in the Public Affairs Center that USC’s School of Public Administration had established there for American government

personnel. USC recognized his intellectual presence, his teaching and his writing with four different awards: he won three Teaching Excellence Awards from the School of Public Administration, and two university-wide awards: a University Associates Award in recognition of his excellence in teaching, and shortly before his death, the Phi Kappa Phi Book Award for his book *The New Science of Organizations* (Cavalcanti *et al.*, 2014, p. 217).

His colleagues and students found him “brilliant”, “charismatic”, “provocative”, “inspiring”, “a genius”, “delightful”, “fun loving”, “highly social”, “amazing”, “charming”, “engaging”, though also “egotistical” and “thin-skinned”. Wilson Pizza, who followed him to USC as a doctoral student, commented that “[...] other professors were very afraid of him because he had an encyclopedic mind and he would say whatever he wanted to say. He was not polite. But he was also very generous when he realized that people were interested, intelligent and had ideas of their own.” (Pizza, 2014, p. 115).

His exile in the U.S. created a double commitment for Guerreiro Ramos, to the U.S. as well as to Brazil. His American colleagues emphasized his success and integration into life in the U.S., while his Brazilian colleagues emphasized his continuing passion and commitment to Brazil. With his prodigious energies he seemed able to balance both of these commitments, although after 1978 when he was free to return to Brazil, the renewed intensity of his activities there suggests that this balance was shifting.

3 A Black Brazilian in the U.S.

Guerreiro Ramos came to the U.S. as a Brazilian intellectual of African descent who had been deeply involved in leftist politics and racial politics. He arrived in the U.S. at a time of major racial turmoil, and California was a hotbed of this turmoil. The Civil Rights Movement and its leader, Martin Luther King, were national news, challenging racial segregation and advocating for equal rights for African-Americans. The sit-ins and the violent clashes with the police had begun in the eastern part of the country: the more radical Malcolm

X had begun his career in New York and was assassinated there in 1965, followed by Martin Luther King, assassinated in 1968.

But racial violence had spread quickly throughout the country and by the early 1960s had reached California. In 1965, the year before Guerreiro Ramos arrived in California, Watts, a black ghetto with high rates of poverty and unemployment, located only a few blocks from the USC campus, was the scene of violence and rioting. After police arrested a black motorist, crowds threw rocks at the police, who called out 4000 members of the National Guard, and when it was over, there were 34 dead, 1000 injured, 3,500 arrested. Looting and arson had destroyed 1,000 white-owned businesses and caused 40 million dollars in property damages. In 1966 the Black Panthers formed in Oakland, in Northern California and formed branches throughout California cities and elsewhere in the U.S. They were viewed as the most violent of Black activists because they went armed, vowing to defend black communities against the police violence they had suffered. In 1967 the FBI launched an assassination campaign against them. Police killed Panther members in various cities and jailed the Black Panther leadership. Black Nationalism, with Malcolm X at its center, posed white and black interests as intrinsically opposed and urged racial separatism (Dawson, 2001). The Black Power Movement, which furnished the ideological backdrop for these activities from the mid 1960s to the mid 1970s, provided a loose linking of the different orientations among the groups it embraced. Broadly, it stood for racial pride, black unity and self-determination, and a central role for Black Culture. (Van Deberg, 1992, p. 5)

At USC, faculty and students were less involved in these activities than in the large public universities such as neighboring UCLA and especially Berkeley to the North, where student radicalism which had begun with the Free Speech Movement and protest against the Vietnam War merged gradually with issues of civil rights. USC was a private, elite, and very largely white institution which had cultivated an international student body and faculty, but remained relatively conservative.

Guerreiro Ramos, with his history of racial activism and concerns with racial pride and racial justice, must certainly have been deeply sympathetic to these U.S. black struggles for equality. The ideals

espoused by the Black Power Movement in the U.S. had been close to his heart in his own work in Brazil, though he had opposed the use of violence. That he generally approved of these open confrontations with racism in the U.S. (though perhaps not with its violence) is suggested in his favorable comparisons of the open acknowledgment of racism in the U.S. with its denial and concealment in Brazil, and his own far greater racial comfort in the U.S., even in the midst of the violence.

Yet he appears to have chosen to remain publicly detached from and largely silent about these events. I found no evidence that he spoke about, participated in, or reached out to any of these local black movements or groups. None of his many colleagues and students, Brazilian or American, in discussing Guerreiro Ramos's career at USC and his views, mentions his expressing his views on racial events in the U.S., and one American colleague, asked directly by an interviewer if Guerreiro Ramos had ever mentioned civil rights in the U.S. replies, "Not that I recall [...] I don't recall him making a mention of that, but we knew that was part of his background." (Cooper, 2014, p. 209).

The only evidence I found of Guerreiro Ramos's participation in the activities of the black community in Los Angeles during his stay in the U.S. was his participation in 1975 in a ten day event entitled "Black Brazil: A Festival of the Arts", which was held in the Inner City Cultural Center, and organized by his daughter, Eliana Guerreiro Ramos. The program for the Festival included his introduction to an exposition of Abdias do Nascimento's paintings, which celebrated Afro-Brazilian themes, and he participated with Abdias on a panel on "Brazilian Racism". The festival also included performances of *Sortilégio*, Abdias's best known play which dealt with "black peoples' struggle to retain their cultural values rather than become Europeanized" (Inner City Cultural Center 1975). Abdias, a fellow Brazilian exile in the U.S. living on the east coast in Buffalo, NY, was his closest friend, and someone whom he greatly admired. They had met in Rio in 1939. Abdias founded the Teatro Experimental do Negro (TEN) and the African-Brazilian liberation movement in Brazil in the 1940s and Guerreiro Ramos collaborated with him in supporting Afro-Brazilian arts and cultural events, advocating for racial pride, denouncing racism and challenging the myth of racial democracy (Maio, 2005).

Abdias continued to actively pursue African diasporic activities in the U.S., promoting the African cultural heritage and supporting Black liberation activities while holding a chair in African Cultures as a professor at the U. of Buffalo. He continued to be a racial activist in his professional and personal life in the U.S., continuing his deep involvement with racial issues and the world of the African diaspora.

Guerreiro Ramos's career in the U.S. took a very different direction. Even in Brazil, by the early 1950s, he had already moved away from an identification with racial issues. As he had told his wife, Clélia, he wanted to be seen as Brazilian rather than Afro-Brazilian and was reluctant to be restricted to directly race-related issues (Ventriss; Candler, 2005, p. 357, n. 7). He had "[...] shifted his energies away from the narrow field of race relations to mainstream scholarship and became increasingly interested in organizational theory and public administration". (Ventriss; Candler, 2005, p. 350). He continued to pursue these interests in his career in the U.S. His appointment was in a school of public administration, and sociology and public administration were now at the center of his interests, his teaching, and his writing. His last book, *The New Science of Organizations*, made no mention of race (Candler, 2015, p. 556, n. 5).

He was the only professor of color in the Public Administration Program in a university whose professors were almost exclusively white: The whiteness of USC professors is implied by a Brazilian colleague's suggestion that Guerreiro Ramos "[...] could provide USC with a contribution from the perspective of a black man [...]" (Vieira, 2014, p. 107). This was a time in the U.S. when outside of black colleges and Black Studies or other minority programs, there were very few professors of color. It was very difficult for black scholars to be hired. Thus neither Guerreiro Ramos's areas of teaching and research, nor his situation at USC encouraged the pursuit of diasporic activities or participation in racial activism. He may have felt that connections to the Black movement would compromise his interests and opportunities as an intellectual and as a scholar. As he had remarked in his 1981 interview, he had been told that his career in Brazil had been hurt by his involvement with racial politics (Guerreiro Ramos, 1995, p. 175).

Such involvement might even have threatened his position at USC. It seemed very secure, but it had the underlying fragility of a refugee professor from a racial minority with a reputedly radical background.

Thus, although Guerreiro Ramos was known to be very proud of his African ancestry (Bjur, 2010, p. 28), he seems to have distanced himself from the American racial scene and from his former African diasporic concerns, unlike his friend Abdias. His public silence on racial issues contrasts with his vocal opposition to the Hippie movement, also centered in California, of which he was an outspoken critic (Kirkhart, 2014, p. 195).

Another question concerns Guerreiro Ramos's racial identity in the U.S. In his 1981 interview, speaking comparatively about the U.S. and Brazil, he stated flatly that "Brazil is the most racist country in the world [...] It is paradoxical, because I don't have any problems in the U.S.. I am black and in the U.S. I am never aware of my color. On the first day of class, I sometimes say [to my students], 'As you can see, I am black.' They are shocked...no one notices". "I am 'incolor', I have no color, unless I say so, and then the person exclaims, 'Porra, you really are black'. But in Brazil I am black" (Guerreiro Ramos, 1995, p. 174). In these statements he seems to be claiming that in the U.S. he is not discriminated against, his color is not an issue and is not even noticed unless he makes an issue of it himself.

Given his open acknowledgment that there is racism in the U.S., and the fact that it was an especially public matter at this time, these comments are puzzling. I believe that they may be clarified by reference to a revealing discussion his daughter Eliana had with her close friend Angela Gilliam, an African-American anthropologist, specialist in comparative race relations in Brazil and the U.S., whom she refers as "Dr. Reality". Eliana, while teaching at a college in New Jersey commented to her that "everyone likes me here", to which Gilliam responded, "You have to understand that for white academics, you are ideal. They can claim ethnic and gender integration without having to deal with a black American colleague. They see you as an exotic foreigner." (Guerreiro Ramos, E. 2003, p. 78). Again, when Eliana extolled the "integrated" multi-ethnic community she lived in

in Greensboro NC, Gilliam responded that these were mainly “foreign-born families of color rather than African Americans” (Guerreiro Ramos, E., 2003, p. 79).

These comments highlight an important distinction between “skin color” and “racial identity”, and the special discrimination reserved for African Americans in the U.S. in contrast to other groups and individuals of color living there. In Los Angeles, African Americans have been the most stigmatized of the many minority groups there (Rawls; Bean, 2003, p. 546), and this situation was certainly exacerbated at the time Guerreiro Ramos was at USC by the racial conflict and violence. Gilliam was telling Eliana that although she was “black”, through her Brazilian identity she was escaping the racism directed against African Americans.

Gilliam’s remarks also point to the importance of being known: in order to avoid being seen as an African American in the U.S., it is crucial that details of your personal identity be known or recognizable. Otherwise, if they are not, in an anonymous situation in a city with a substantial African American population, then you are likely to be treated, or mistreated accordingly, as an African American. Eliana, while identifying herself as a Brazilian, herself experienced racial discrimination in situations where she was not known.

Similarly, her father, Guerreiro Ramos, was known and recognized within the University as a university professor, a foreigner, or a Brazilian. Even in surroundings where he was not known, he might have been identified as a foreigner by the peculiarities of his dress, or by his heavy Brazilian accent, and exempted from the racism leveled at African Americans. At least one colleague while asserting that there was no racism on the USC campus, speculated that Guerreiro Ramos had undoubtedly experienced racial prejudice outside the university (Sherwood, 2014, p. 184). Guerreiro Ramos does not mention it. But thinking of these comments in relation to his situation, the significance of his being identified within the university setting as a Brazilian of color rather than an African American, thus avoiding the racism to which African Americans were exposed, may go some way to explaining why he claims he did not experience racial discrimination.

And it may also be a factor in his choosing not to participate in wider racial events in the city. From accounts by his colleagues, he seems to have lived and moved largely between the university and his home, or other academic settings.

Gilliam also tells Eliana that she escapes much racism because she is seen as an “exotic foreigner”. I believe that this also applies to her father who was also seen as “an exotic foreigner”. Many of his American colleagues and students seem to have seen him this way, and it is an image that he himself may well have cultivated. Consider the memorable description of him by an American colleague at a dinner party in Washington while Guerreiro Ramos was on one of his trips there. It was given by an American diplomat and attended by colleagues and doctoral students. The author describes it as an “unforgettable opportunity to see and hear the mythical professor, whose stories and lectures accompanied me through the four years of my bachelor’s degree at EBAPE and beyond [...]”

Sitting in a comfortable chair, wearing Franciscan sandals, Guerreiro, just like a famous Indian Guru, spoke to the captivated students who surrounded him below, sitting cross-legged on the carpeted floor. With the common, or convenient, nonchalance of an intellectual who is detached from irrelevant matters, he let the ashes from his inseparable cigar fall onto his chest. He was protected by a white t-shirt, over which he wore a simple button-down shirt, with most of the top buttons untidily left open; all of this covered an honest belly. His Bahian figure was undeniably captivating, and it was strengthened by his critical analyses, fueled by penetrating intelligence and densely referenced originality. (Cavalcanti, 2014, p. 14)

Several other descriptions of him suggest this same guru-like image. There was even a group of followers, student interns who were known as “Guerreiro’s boys” (Almeida, 2014, p. 69). I believe, then, that Guerreiro Ramos’s reference to experiencing himself as “incolor” was related to the incorporation of his skin color within other, stronger identities that operated within the university setting: as a professor, a Brazilian, or even more significantly, as an “exotic foreigner”. He thus escaped the brunt of American racism.

4 Exile and “In-Betweenness”

After 1978, when political amnesty was declared in Brazil, Guerreiro Ramos returned there several times to set up a program in Public Administration at UFSC, and resumed his columns in Brazilian newspapers (Soares, 2005). He had said that he would never move back to Brazil, and certainly his USC colleagues thought the same. But his daughter claims that his 1979 trip to Florianópolis was undertaken as an initial step “to prepare his return” (Guerreiro Ramos, E. 2003, p. 7). His death in 1982 made the question moot. The issue of whether his exile was temporary or permanent was never resolved. Even if he had lived longer it seems likely that it still would not have been resolved. His claim in a 1979 interview in Brazil that “mentally he had never left Brazil, and now intended to spend long periods there” (Soares, 2005, p. 18) was a characteristic Guerreiro Ramos solution, which located him “in-between” the two countries.

The theme of “in-betweenness” dated from his first book of poems, *O Drama de Ser Dois* (1937), and the term was often applied to his racial and class situation in Brazil: “as an educated Afro-Brazilian he was a rare educated black man among the largely white intelligentsia” who had risen from poverty but was “not seeking to assimilate seamlessly into the elite by adopting its values” (Ventriss; Candler, 2005, p. 349). He was in between black and white worlds, “in between these two worlds of poverty and power” (Ventriss; Candler, 2005, p. 352). His exile in the U.S. provided another venue for him to develop the sense of his own “in-betweenness”, as suspended between places and identities, fitting in nowhere. He straddled two cultures, and felt that he belonged to neither. According to a colleague, he

felt a tension because here he was in the United States but he wasn't of the United States. He was raising questions that were quite foreign to the intellectual ears of a lot of Americans, yet he wanted to get their attention on the critical issues that he thought the U.S. and others would – and should – face [...] He was clear to me on the point that because of his intellectual stance on certain issues it made him difficult to be understood even with his colleagues at USC. Ramos, I felt, was more comfortable

with others outside the U.S. context, ie Brazilians and others. So I think he always felt the tension of being somewhat intellectually homeless in a way – not finding a place where he was fully appreciated as he grappled with some of the fundamental issues that he tried to articulate in his book, *The New Science of Organizations*, and his other articles. (Ventriss, 2014, p. 172-173).

On his 1981 trip to Brazil, an ex-student visited him, and picking up a copy of his new book [*The New science of Organizations*] commented to him: “You don’t belong to the American community. This book is a book written in English by a Brazilian academic” to which Guerreiro Ramos replied: “You are exactly right. I don’t belong to anything. I am not an American academic [...] and this book has nothing to do with [...] it is against American social sciences. But this I owe to Brazil, because Brazil gave me this amorphousness, this shapeless character. I am not in anything, nothing, I don’t belong to anything. I am me. I am wherever my interests are.” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 159).

Brazil had given him the “amorphousness” to resist identification with particular social categories and places; his exile in the U.S. provided him with new perspectives, a sharper vision, greater analytic perception (Guerreiro Ramos, 1995, p. 175). It helped him to enhance his sense of liminality, of outsidersness, the stance of the “parenthetical man” that he felt was necessary for good social science or public administration: the detachment that favored and was necessary for critical judgment. Living in the U.S. helped him to realize this analytical ideal, to achieve the position of the analyst who gains critical vision to reflect on situations without personal bias”. “The parenthetical man is one who examines social life as a spectator, seeking to refrain from judgments, standing aside from internal and external circumstances in order to better understand his social environment [...]” (Almeida, 2014, p. 77-78). The experience of exile in magnifying Guerreiro Ramos’s outsidersness helped him to turn it into a more powerful analytic tool. But it was a stance created during his exile, and a product of it, and might have been much harder to maintain once he was able to return to his native country.

His exile had hurt his academic and intellectual career. In the U.S., while he had great success at USC, it was a largely local success

that never translated into national prominence, though he lectured at universities and at conferences around the country. His erudition, and his European theoretical orientation in the social sciences were mostly lost on his American audience, especially given the complexity and density of his writing. His final book, *The New Science of Organizations*, published in English in 1981 (U. Toronto Press), which he considered to be his greatest achievement, received very mixed reviews. And returning to Brazil, he discovered that his years of exile had damaged his status there. After 13 years away, except for old colleagues and his many students, his work was largely ignored in the field of sociology, which he always considered his primary intellectual home. Florestan Fernandes, the other major figure in the field of sociology at the time of Guerreiro Ramos's exile and also exiled after the coup, was not forgotten, because his colleagues at USP, Brazil's leading school of sociology, "wouldn't let that happen". These same colleagues, because they were opposed to and highly critical of Guerreiro Ramos's sociological methods and ideas, may even have contributed to his obscurity (Azevedo, 2014, p. 86). Guerreiro Ramos's return to Brazil renewed interest in his work and generated many events honoring his career and his intellectual achievements, and new publications and republications of his books. Hopefully these will restore his place in Brazilian intellectual history and draw social scientists to the originality and importance of his thought.

Acknowledgments

I would first like to thank Ilka Boaventura Leite for her work in organizing the conference on which this volume is based and inviting me to participate. Jane Dougall, Research Librarian at the Bard College Library, worked tirelessly and uncovered much valuable information. Profs. Myra Armstead and Tabettha Ewing, colleagues at Bard, helped me with references to the racial protests in California during the period Guerreiro Ramos was there. Maria Amelia Schmidt Dickie helped with translations, and Mario Bick provided advice, sources and companionship during the process of writing.

References

- ALMEIDA, Adilson de. Interview. *In: CAVALCANTI, B. et al. (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 68-79.
- AZEVEDO, Ariston. Interview. *In: CAVALCANTI, B. et al. (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p.80-91.
- BJUR, Wesley. Personal Memories. *In: CLAYTON, Ross et al. (Ed.). **Futures of the Past**: Collected Papers in Celebration of its More Than 80 Years:* University of Southern California's School of Policy; Planning and Development; iUniverse, 2010.
- CANDLER, Gaylord George. Assimilação crítica and research on the periphery. **Cadernos EBAPE**, [S.l.], v. 13, número especial, p. 560-572, 2015.
- CAVALCANTI, B. et al. (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014.
- CAVALCANTI, Bianor. Introduction. *In: CAVALCANTI, B. et al. (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 12-16.
- CLAYTON, Ross et al. **Futures of the Past**: Collected Papers in Celebration of its More Than 80 Years: University of Southern California's School of Policy; Planning and Development; iUniverse, 2010.
- COOPER, Terry. Interview. *In: CAVALCANTI, B. et al. (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials.* Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 207-215.
- DAWSON, Michael C. **Black Visions**: the Roots of Contemporary African-American Political Ideologies. Chicago: University of Chicago Press, 2001.
- GILLIAM, Angela. Introduction. *In: **The Road from Rio**: Immigrant Essays*, by Eliana Guerreiro Ramos. Tucson AZ: Hats Off Books, 2003. p. 3-7.
- GUERREIRO RAMOS, Alberto. Entrevista com Guerreiro Ramos. **A Sociologia do Guerreiro**. Ed. By Lucia Lippi Oliveira. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995. p. 131-183.
- GUERREIRO RAMOS, Eliana. **The Road from Rio**: Immigrant Essays. Tucson AZ: Hats Off Books, 2003.
- INNER City Cultural Center. **Catalogue for Black Brazil**: a Festival of the Arts. Los Angeles, CA, 1975.

KETTLER, David. **The Study of Intellectual Exile**: a paradigm. In *Liquidation of Exile: Studies in the Intellectual Emigration of the 1930s*. London: Anthem, 2011. p. 1-23.

MAIO, Marcos Chor. Cor, intelectuais e nação na sociologia de Guerreiro Ramos. O Centenário de Guerreiro Ramos. **Cadernos EBAPE.BR**, [S.l.], v. 13, número especial, p. 605-630, 2015.

MARS, David. Interview. In: CAVALCANTI, B. *et al.* (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 178-179.

NELSON, Kim. Introduction to the Book. In: CLAYTON, Ross *et al.* (Ed.). **Futures of the Past**: Collected Papers in Celebration of its More Than 80 Years: University of Southern California's School of Policy, Planning and Development; iUniverse, 2010. p. 11-24. .

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A Sociologia do Guerreiro Ramos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

PIZZA, Wilson Junior. Interview. In: CAVALCANTI, B. *et al.* (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 109-116.

SAMPLE, Steven B. **The University of Southern California at 125**: Inventing the Future Since 1880. Exton PA: The Newcomen Society of the United States. University of Southern California, 2005.

RAWLS, James; WALTON, Bean. **California**: An Interpretive History. 8th Edition. New York: McGraw Hill, 2003.

SOARES, Luiz Antonio Alves. **Guerreiro Ramos**: considerações críticas a respeito da sociedade centrada no mercado. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Administração do RJ, 2005.

SHERWOOD, Frank. Biography of Alberto Guerreiro Ramos. In: CLAYTON, Ross *et al.* **Futures of the Past**: Collected Papers in Celebration of its More than 80 Years: University of Southern California's School of Policy, Planning, and Development; iUniverse, 2010. p. 119-125.

VAN DEBERG, William L. **New Day in Babylon**: the Black Power movement and American Culture 1965-1975. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

VENTRISS, Curtis. Interview. In: CAVALCANTI, B. *et al.* (Ed). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 171-177.

VENTRISS, Curtis; CANDLER, G. G. Alberto Guerreiro Ramos, 20 Years Later: A New Science Still Unrealized in an Era of Public Cynicism and Theoretical Ambivalence. **Public Administration Review**, [S.l.], v. 65, n. 3, p. 347-359, 2005.

VIEIRA, Paulo Reis. Interview. In: CAVALCANTI, B. *et al.* (Ed.). **Guerreiro Ramos**: Coletânea de Depoimentos/Collection of Testimonials. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2014. p. 105-108.

Recebido em 19/04/2016

Aceito em 20/04/2016

Guerreiro Ramos's Intellectual Trajectory in the U.S. as Seen Through his Writing

Mario Bick

Bard College, New York, USA
E-mail: mario.bickilha@gmail.com

Abstract

*Largely overlooked in the extensive recent literature on Guerreiro Ramos are the articles he published in English during his years of exile in the United States. I argue here that these articles demonstrate his impressive ability to adapt to changing intellectual possibilities. In these articles, he shifted from an erudite focus on Brazil and Latin America to a full engagement with the American literature in Sociology and especially in Public Administration, while sustaining his role as a creative critic. These articles, many of which had been anticipated in his Brazilian writings, were incorporated in his book, *The New Science of Organizations*. With the amnesty of 1978, he returned to Brazil and to Brazilian issues, and to publishing in Portuguese. His impact in the U.S. outside of the University of Southern California seems limited, while his rediscovery in Brazil has been dramatic. I suggest possible reasons for this.*

Keywords: *Guerreiro Ramos. Public Administration. Intellectual Trajectory. Parenthetical Man.*

Resumo

Muito negligenciados, na recente e extensa literatura sobre Guerreiro Ramos, são os artigos que ele publicou em inglês durante seu exílio nos Estados Unidos. Argumenta-se aqui que esses artigos demonstram sua impressionante habilidade de se adaptar a possibilidades intelectuais mutantes. Nesses artigos, ele trocou o foco erudito sobre o Brasil e a América Latina por um engajamento total com a literatura americana de sociologia e, especialmente, com a de Administração Pública, ao mesmo tempo em que mantinha seu papel como um crítico criativo. Esses artigos, muitos dos quais tinham sido antecipados em seus escritos brasileiros, foram incorporados em seu livro, *The New Science of Organizations* (A Nova Ciência das Organizações). Com a anistia de 1978, ele retornou ao Brasil e às questões brasileiras, por isso voltou a publicar em português. Seu impacto nos Estados Unidos e fora da University of Southern California parece limitado enquanto seu redescobrimento no Brasil tornou-se dramático. Sugere-se as possíveis razões disso.

Palavras-chave: *Guerreiro Ramos. Exílio. Administração Pública. Raça.*

I Introduction

Alberto Guerreiro Ramos spent about one third of his professional life in the United States. During that time he published at least six articles and one book in English, *The New Science of Organizations* (1981) (published in Portuguese in 1989), which he saw as the major statement of his ideas. While this book has received extensive commentary from Brazilian and American scholars, his articles have been largely ignored (with the exception of Soares, 1995, p. 45-47; Ventriss; Candler; Salm, 2010). The lack of discussion of his articles is understandable since it seems to have been assumed that they were efforts to develop ideas later incorporated into his book. They were published in English (though some, after his death, were translated and published in Brazil (Ventriss; Candler; Salm, 2010, p. 111). These articles preceeded Guerreiro Ramos's return to Brazil, and in a sense, his rediscovery by Brazilian scholars. While most accounts dealing with Guerreiro Ramos in the 1950s and 1960s recognized his importance in Brazil in the development of both sociology and public administration education during this period, his work seems to have been largely forgotten or ignored after he went into exile in 1966. Contrastively, it has been argued that his influence in the United States following his return to Brazil in 1978 and his death in 1982, was never significant beyond the University of Southern California School of Public Administration, and his many students and colleagues, Brazilian and American (Cavalcanti *et al.*, 2014; Ventriss; Candler, 2005).

His return to Brazil after amnesty was proclaimed has led to a revival of interest in his work, republication of early books, with new introductions, and the translation into Portuguese of his book

and some articles, almost all of them appearing after his death. In addition, he produced new introductions to earlier books and a number of newspaper articles presenting his ideas. This was a venue he had used in his youthful Bahian years, and continued to use effectively in his role as a public intellectual during his years in Rio.

The approach I am taking here is to examine Guerreiro Ramos's American publications as revealing a trajectory toward defining himself primarily as a theorist of public administration from a sociological perspective, separating himself from Brazil, and from the issue of racism in Brazil, and embedding himself in public administration and social science disciplinary discourses as opposed to his earlier writings as a cosmopolitan sociologist, social scientist and public intellectual.

First, as has been noted, race and racism as a topic and a cause are totally absent in the American writing. Second, Brazil and Latin America disappear from his publications, with the exception of three early articles published in English (Guerreiro Ramos, 1970; 1971a; 1973) which discuss modernization in Latin America, within which he cites two of his own publications, some publications by Latin American writers, and an impressive number of European and American authors, continuing the erudition which he was well known for in Brazil. The rest of his American publications do not mention Brazil, or cite any Brazilian authors other than himself.

The trajectory I propose begins with his article "Modernization: Toward a Possibility Model" (Guerreiro Ramos, 1970). It was originally presented as a paper sometime between 1968 and 1970 at the 45th session of the Institute of World Affairs, and was published in the proceedings of the Institute in a volume edited by two professors at USC. It is marked by his critiques of existing theory, his originality in discussing development theories, distinguishing between possibilistic theories, 'Theory P', and deterministic theories (laws of historical necessity), 'Theory N' (Guerreiro Ramos, 1970, p. 22-23).

In the same year (1970) he presented a paper "The New Ignorance and the Future of Public Administration in Latin America" (Latin American Research Review, 1970, p. 176) at a conference at the University of Texas, chaired by Lawrence Graham, entitled

"Administering Revolutionary Change in Latin America". This paper was published in Thurber and Graham's edited volume *Development Administration in Latin America* (Guerreiro Ramos, 1973, p. 382-422). This article focuses on public administration and presents themes which are incorporated in later articles and in his book. These themes are reflected in the following quotes: "The 'new public administration' is characterized by the perception of the gap between what we know and what we must know to fulfill the specific duties of our profession" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 384); "action-research oriented practitioners no longer support the idea, as Hegel and Marxians did, of a unilineal social development" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 385), i.e. they must approach the future through a possibilistic approach. "There is a need in our field for a systematic study of the problem of unity of theory and practice" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 385, n. 6). "We have now...the technical capacity to do very nearly anything we want [...] wealth has a new meaning. It is no longer exclusively nature-made. It is essentially man-made [...] The world economy exists [...] it can be managed as a whole, and the notion of a gross world product is becoming an analytical tool" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 388). "Mankind as a whole has already passed the stage of necessity" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 391). He later rejects this optimism in his book. The theme of self actualization appears in a section entitled "Commitment to Human Growth" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 393-402) a major concern of his book. He states here that "The abolition of the fundamental scarcities that have thwarted human development throughout history is now a concrete possibility" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 393).

He claims that "We are reaching a point in history where...the administration of things makes unnecessary the administration of persons" (Guerreiro Ramos, 1973, p. 394). "Dropouts and hippies are today living critics of the modern organization. They express in acute terms the general malaise disguised under the conformity of those who apparently fit the modern organizations. Thus organization theory must be subsumed under a theory of human development with the healthy personality as one of its paramount concerns" (Guerreiro

Ramos, 1973, p. 398). “Without a commitment to humanistic values, social science, and therefore administrative science (emphasis mine) is meaningless” (Guerreiro Ramos, 1973, p. 399). “[...] corruption in Latin American countries may perform the ‘valuable function of a ‘hedge’ and safeguard against the full losses of a bad economic policy” (Guerreiro Ramos, 1973, p. 410).

Finally he turns to Brazil, and especially to EBAP (Guerreiro Ramos, 1973, p. 419-422) which “[...] has given special attention to the study of institution building”. He notes that four of its professors did their Ph.Ds at USC, implicitly under his own supervision (Guerreiro Ramos, 1973, p. 421, n. 96). This article cites a wide range of authors, including many American scholars of Public Administration, and clearly shows Guerreiro Ramos’s identification with public administration, and his familiarity with the American literature.

In his article “Latent Functions of Formalism in Brazil” published in the *Journal of Sociology and Social Research* (1971), Guerreiro Ramos notes that this article “relies heavily upon Chapter 6 of my book *Administração e Estratégias do Desenvolvimento*” (1966). “Formalism”, he states, “can be seen as a situation where the letter of the law is not congruent with the actual practice of the citizens” (Guerreiro Ramos, 1971a, p. 62). Following Robert Merton’s concept of latent functions (1967) he argues that in Brazil “the army and the Church of Brazil have functioned as an exhaust valve of the social system to the extent that they have provided positions for citizens who otherwise would be marginal to the society (Guerreiro Ramos, 1971a, p. 66), thus, “[...] because of the latent function of formalism, many citizens handicapped in fortune and birth have ascended to high positions in the Brazilian social system” (Guerreiro Ramos, 1971a, p. 67). He cites Emilio Willems (1940), who coined the concept of ‘peneiramento’ (screening), and examined “[...] the extralegal and unorthodox processes or channels of social mobility that are collectively accepted as normal” (Guerreiro Ramos, 1971a). These included nepotism, bribery, venality and favoritism (Guerreiro Ramos, 1971a, p. 68).

He then examines an administrative behavior seen as typical of Brazil, "[...] the jeito [...] getting something, in spite of the legal norm (Guerreiro Ramos, 1971a, p. 72), and points to "[...] a marginal figure of the bureaucracy [...] o despachante" (Guerreiro Ramos, 1971a, p. 73). He concludes by arguing that formalism in peripheral nations, when examined from the standpoint of latent function, is, in essence, a strategy of social change, "[...] to cope with social conflict [...] of ascendant social vertical mobility, of nation building and a strategy of articulating the peripheral society with the rest of the world" (Guerreiro Ramos, 1971a, p. 80).

This is his last publication in English that mentions Brazil. It does so drawing on the classical American structural functional analysis of Robert Merton, demonstrating Guerreiro Ramos's utilization of American sociological theory which he had criticized in his Brazilian writings in conjunction with a dismissal of American social science in comparison with the French and German sociological tradition. This impressive analysis signals an increasing accommodation to American social science thought, and a shift from a sociological identity to that of a public administration theorist.

The information available to me indicates that between 1966 and 1972 Guerreiro Ramos lectured or participated in at least 17 conferences:

- a) 1966 California State College (which one unclear);
- b) 1967 Stanford University Faculty Club; joint meeting of Stanford and University of California at Berkeley faculty. Paper: "Toward an Ecumenical Social Science";
- c) 1967 University of California at Santa Barbara;
- d) 1968 University of California Los Angeles (UCLA);
- e) 1968 University of California Riverside, Colloquium on Brazil-Portuguese Africa, Sponsored by UCLA Latin American Research Program, UCLA African Studies Center, and Latin American Research Program, University of California Riverside. Participants included major Brazilian and American scholars, for example Roger Bastide, Rene Ribeiro, Ralph Della

- Cava, Robert Levine, Shepard Forman and Marvin Harris. *Latin American Research Review* (1968, p. 119);
- f) 1968 University of Southern California, "Typology of Nationalism in Brazil: a Case Study of Political Breakdown" (Mimeo);
 - g) 1969 University of Southern California (USC) School of Business Administration;
 - h) 1969 Columbia University;
 - i) 1969 Temple University;
 - j) 1969 Rutgers University;
 - k) 1969 Brigham Young University;
 - l) 1969 San Diego State College, Institute of World Affairs and Dept. of Political Science;
 - m) 1970 University of Texas, Austin, Conference: Administering Revolutionary Change in Latin America. Chairman, Lawrence Graham, Dept. of Government. Paper: "The New Ignorance and the Future of Public Administration in Latin America". (*Latin American Research Review* 1970, p. 176);
 - n) 1971 Denver, Colorado, National Conference of the American Society of Public Administration;
 - o) 1971 Syracuse University (probably at invitation of John Honey of the School of Administration);
 - p) 1972-73 Visiting Fellow, Dept. of Political Science, Yale University (to work with Robert Dahl) Visiting Professor, Wesleyan University;
 - q) 1972 New York University, conference on "Brazil's International Role in the Seventies" Paper on "International prospects of the contemporary Bonapartist regime" (mimeo).
 - r) 1972 Annual Meeting of the American Society for Public Administration, "Misplacement of concepts and administration Theory" (published 1978, location unknown).

It is evident that between 1966 when he arrived at USC, and 1972 Guerreiro Ramos was very active giving lectures and participating in conferences. He also made a number of weekend trips to Washington to teach at the Public Affairs Center established there by USC's School

of Public Administration in 1973. Between 1966 and 1969, to my knowledge, he lectured only at California colleges and universities, which suggests that the USC School of Public Administration may have been involved in generating invitations. His first two published papers also appeared in a book edited by colleagues at USC and in a journal published by USC.

However he soon moved beyond this local venue. His paper at the University of Texas conference in 1970 was later published in a book co-edited by Lawrence Graham, who had discussed Guerreiro Ramos's work in his book, *Civil Service Reform in Brazil* (1968, p. 56-64; 95-98). Guerreiro Ramos's activities during the period 1969-1973, which include his sabbatical year at Wesleyan and Yale, were mostly on the East Coast, and except for the 1972 conference which was on Brazil, his presentations addressed the topic of Public Administration.

While I have found no evidence of other conferences or lectures after 1972, it seems unlikely that during the following 6 years in the U.S. he made no further trips or appearances. His final papers may have been presented first at professional meetings. The information on this aspect of his professional life in the U.S. is based on resumes provided by his son, Alberto Guerreiro Ramos, which seem incomplete for the period 1973-1978. For example, he claims, in his interview with Alves and Lippi that he had also visited Harvard (1995, p. 176).

Guerreiro Ramos's invitations to the East Coast, and his visiting positions at Wesleyan and Yale indicate that his status and reputation in the U.S. had increased. Clearly he had moved beyond the orbit of USC and had become a nationally respected figure in the field of public administration. His ideas were making a national impact, especially on Public Administration theory. In 1971 "The Parenthetical Man" was published in the *Journal of Human Relations*. He described this model as "essentially normative" (1971, p. 465), and described the parenthetical man as "[...] able to estrange himself from the familiar, the quotidian. He deliberately tries to become an outsider in his own social milieu to maximize his understanding of it [...] He is expert in detaching himself" (Guerreiro Ramos, 1971, p. :471). Guerreiro Ramos noted "many similarities between 'protean man' and

‘parenthetical man’” (Guerreiro Ramos, 1971, p. 472) and compared him to the anthropologist who “transacts with a society where he is an outsider engaged in participant observation” (Guerreiro Ramos, 1971, p. 473). He is “basically concerned with the full actualization of his potential.” (Guerreiro Ramos, 1971, p. 475-476). He had already proposed this idea in his *Redução Sociológica* in 1965. It seems to be a further development of his poetic model of ‘in-betweenness’ (*ser dois*), but now as a response to the problems of industrial capitalism, and the possibility of an active distancing from its constraints – the epistemological capacity for independent critical distance. The concept appeared elsewhere in his writing, and has been utilized by other writers, mainly Brazilians. It permeates his book *The New Science of Organizations*, and seems to represent his claim for his own analytical position. With the exception of one reference to Freud, the article draws exclusively on American sources.

In “Models of Man and Administrative Theory” (1975, p. 54, n. 1) Guerreiro Ramos noted that the subtitle of the article was “The Rise of the Parenthetical Man”. This article was a modified version of his earlier paper. Here he specifically used the concept as it might apply to administrative theory. The next three articles originally appeared in Public Administration publications: *Administration and Society* (2) and *Public Administration Review* (2). “The Theory of Social Delimitation: a preliminary statement” (Guerreiro Ramos, 1976, p. 249) examined the possibilistic organizational framework for the parenthetical man. Drawing heavily from the counter cultural, anti capitalism, largely American social science and popular social science critiques of the 1960s and 1970s, he described his argument as opposed to “[...] administration, political science, economic and social science in general” which “[...] largely assume that the market is the cardinal category for ordering personal and social affairs”. He proposed “[...] to delineate a model for social systems analysis and design in which the market is considered a necessary, but limited and regulated social enclave” (Guerreiro Ramos, 1976, p. 249). In such a social world, “[...] there are places for the individual’s actualization free from superimposed prescriptions” “[...] In these

alternative places, true personal choice is possible (Guerreiro Ramos, 1976, p. 251). He introduced the concept of 'isonomy', "settings in which its members are peers" (Guerreiro Ramos, 1976, 262), and of 'phenonomy', "[...] settings for people to release their creativity [...]" in which "[...] its members are engaged only in self-motivated works" (Guerreiro Ramos, 1976, p. 264). While "output of activities...can eventually be marketable, economizing criteria are incidental [...]" (Guerreiro Ramos, 1976, p. 264). He termed the paradigm presented in the article 'Paraeconomy', "[...] an approach to social systems analysis and design in which the scope of economies in the society is delimited, instead of constituting the only social force and criterion" (Guerreiro Ramos, 1976, p. 266). He drew inspiration from Polanyi and his colleagues, in their delineation of non-capitalist substantive economics, i.e. exchange and redistributive economies (Polanyi, 1971; see also Polanyi; Arensberg; Pearson, 1957; Sahlins, 1972).

Part of Guerreiro Ramos's final published article listed above: "Misplacement of Concepts and Administrative Theory", was originally presented on a panel at the annual meeting of the American Society for Public Administration in 1972, and updated for publication in 1978 (Guerreiro Ramos, 1978, p. 555, n. 1). It constituted a critique of administrative theory which, he argued, "[...] will be crippled if it continues to indulge in the practice of unqualified borrowings from other disciplines, theories, models and concepts alien to its specific task" (Guerreiro Ramos, 1976, p. 550). In large part this article examined Public Administration theory from the perspective of the philosophy of science, targeting certain popular uses of theory in sections entitled "the fallacy of corporate authenticity" (Guerreiro Ramos, 1976, p. 551), "the misunderstanding of alienation" (Guerreiro Ramos, 1976), and "organizational death, a misnomer" (Guerreiro Ramos, 1976, p. 553). For the first time, he mentioned that some of his arguments here were included in "The Behavioral Syndrome", and "A Substantive Approach to Organization: epistemological grounds", Chapters 3 and 4 "in my forthcoming book, *The New Science of Organizations*" (Guerreiro Ramos, 1976, p. 57, n. 49), his first reference to his book.

Thus Guerreiro Ramos's intellectual trajectory in the U.S. seems clear. Most of the subjects of his articles were first formulated in his Brazilian publications, especially "A Redução Sociológica" (1965), and most were incorporated in his book "The New Science of Organizations" (1981). Brazil and Latin America dropped out of his writings in two senses: first, as the empirical basis for his theoretical analysis, and second, from his bibliographies, which had no Latin American or Brazilian citations, except for occasional references to his own work (in his book, for example, he cited his own work three times, twice for one article). This U.S. trajectory contrasts with the erudite and cosmopolitan display of references in his early articles and in his Brazilian publications, which are redolent with references to French, German, Latin American and Brazilian literature in his footnotes and bibliographies. Instead, his references in his U.S. writing were unerringly to the American social science and Public Administration literatures, and the articles were published in Public Administration journals.

His book departed from this trajectory and returned to the use of European as well as American authors, and once again reflected his erudition and ability to effectively couch his arguments in others' research and theory, including that of many Americans. His book and some of the articles take him into new analytic spaces: for example, non-market economic models based on the work of Polanyi (1971), and Sahlins (1972) on formal vs. substantive economic models, and a shift in his understanding from that of the human capacity to produce all that is needed, to a strong position that we must accept ecological limits to production and distribution of needs and the implications of ecological limits.

His positions in the book seemed to derive importantly from his extensive knowledge of American critics of American society in the academic and popular writings of 1960s and 1970s, their counter cultural and anti-market arguments and their research supporting these arguments within the fields of sociology, anthropology, political science and social psychology/psychoanalysis. His book is suffused with humanism and the optimistic belief that human societies can, with

the guidance of Public Administration, achieve humane societies and self-actualized individuals. Reading this book, if I didn't know that Guerreiro Ramos was a Brazilian, I would have thought he was an American intellectual, a reformer whose book echoed other writings of the period. In contrast to Brazil where his books were often based on earlier newspaper articles, this book drew on his professional articles. It appears that if the amnesty had not been proclaimed in 1978, he might well have continued this trajectory of increasing adaptation to the American academic scene.

Would his consistent self-identification as a Brazilian have lessened if he had not been able to return to Brazil? It is not clear when he began writing his book, but by 1978, the year of the Amnesty, it was underway, and his articles in English end in that same year. In Brazil, where he always presented himself as a critic of U.S. social science scholarship, he commented in his 1981 interview with Alves and Oliveira (1995) he stated, consistent with his statements before his exile, that his book was for Brazilians, and that “[...] e contra toda a ciência Americana” (Guerreiro Ramos, 1995, p. 159). Yet David Mars, a former student at USC, reports that Guerreiro Ramos had once he told him, “David, do you know that only the Americans are writing good sociology?” (Cavalcanti *et al.*, 2014, p. 179). The evidence of his American publications suggests that his work during this period was heavily influenced by American social scientists. On his return to Brazil to develop a Public Administration masters program at UFSC, and to lecture (I could find no record of to whom or where), he resumed writing and being interviewed for newspaper articles.

Only one article, on Reagan's Política Econômica, drew on Guerreiro Ramos's American experience (Soares, 2005, p. 14-15). He claimed that “jamais se afastava do Brasil e que admitia permanecer longos períodos aqui” (Soares, 2005, p. 13). Soares noted further that Guerreiro Ramos “[...] critica o disciplinarismo dominante [...] abandona a sociologia e rejeita as ciências sociais em sua designação moderna, referindo-se à ciência social, no singular [...]” and stated that “[...] administração fazia parte da ciência social” (Soares, 2005, p. 96-97). Guerreiro Ramos claimed that he “mantinha sua independência

intellectual” in the U.S., seeing it as qualitatively deteriorating, spendthrift, and polluting its resources, and as having an inadequate political economy. On the other hand he also described the U.S. as “[...] o país mais inovador da história contemporânea” (Soares, 2005, p. 99). Ironically in his interview in 1981 he had commented that “Hoje a minha ascensão como teórico nos Estados Unidos é uma beleza [...]”, and that in the U.S. “É uma vida muito gostosa, muita tranquila. Todo dia é um gozo, um *enjoyment*” (Abreu; Oliveira, 1995, p. 176). Later in the interview he also commented that “[...] a cidade do Rio de Janeiro é pura entropia. É impossível viver nessa cidade. Vocês não têm ordem [...]”. “É preciso que você viva numa sociedade normal para saber que tudo é anormal” (Abreu; Oliveira, 1995, p. 178). “Não posso viver no Brasil” (Abreu; Oliveira, 1995, p. 179). Thus on his return to Brazil he expressed contradictory views of both the U.S. and his native country and ambivalence about his relationship to them.

However, it also triggered a revival of interest in his ideas. His book was republished in Portuguese (1989), and at least four of his articles were also translated (Ventriss; Candler; Salm, 2010, p. 111). After his return to Brazil, and especially after his death theses, articles, books and symposia examined his work. But rarely his American writings. This all indicates that having been largely forgotten in Brazil, interest in him has grown, while elsewhere he remains rather marginal, except for his former students at USC (Ventriss, Candler; Salm, 2010, p. 110).

He submitted his book proposal to 14 publishers until the University of Toronto Press accepted it, perhaps encouraged by assistance from UFSC and the publication fund at the University of Toronto Press (Ramos 1981; cataloguing page. They ended their reviews as follows:

– James Fesler, Yale: “The author’s analysis of our present discontents and their roots is powerful. His sketch of distinct enclaves seems unlikely to carry us far toward a new science of organizations”. (The American Political Science Review, 1982, p. 741)

– Andrew Weiss, School of Business, Indiana University, in a generally favorable review notes that “the theory

it presents is not persuasive". (The Academy of Management Review, 1986, p. 217)

– Kenneth Benson, University of Missouri: "As often happens in normative theorizing, however, Ramos failed to connect the proposed forms of organization to real social relations that determine the possibility of realizing them". (American Journal of Sociology, 1984, p. 977)

– Thomas Lewis of McMaster University, most critical of the book: "But the result is mainly argument by citation; a gathering up of snippets of anti-market comments which are flung out against contemporary social theorists. Thus, ideas that should be developed into cogent criticisms of the market mentality shrink instead into platitudes and all too frequent ad hominem. The argument is generally repetitive and undisciplined, and the periodic promise of insightful analysis is too soon followed by polemical exhortation and condemnation". (Canadian Journal of Political Science 1982:837). "It is seldom easy to separate new ideas from old, but I believe it is safe to say that this book contains few ideas that are new, and it obscures much of what we may need to know about ideas that are old". (American Journal of Sociology, 1984, p. 839)

Most reviewers had positive things to say about the book. They noted his breadth of knowledge and ability to synthesize. The critiques tended to pick up on his tendency to over-footnote and to cite sources difficult to relate to organizational theory in public administration. One journal reviewer had rejected an article he submitted, arguing that his scholarship was too sophisticated for an American audience (Ventriss; Candler, 2005, p. 352). Too sophisticated, too complex, too difficult to understand. Some reviewers pointed to the difficulty of operationalizing his ideas. But, lurking within the critiques is also the suggestion that he is often not saying anything new to American scholars.

How to think about the negative American response to his book and the continuing ignoring of his ideas in the U.S. since its publication? My ability to judge this situation is limited by the fact that my discipline is anthropology and that I am largely unfamiliar with the literature in the discipline of Public Administration. But the

discipline he was writing about has been described as pragmatically driven, instrumental and utilitarian in its goals and practice, based on instrumental rationality, provincial and parochial, and relatively unconcerned with its philosophical basis. It has been noted to take a cavalier attitude to the conceptualization of concepts and their appropriate application. Guerreiro Ramos's writings formed a body of systematic critiques of this literature.

His background with government as a researcher, adviser to presidents, black movement activist, sociologist, and one of the first professors of the School of Public Administration in Rio gave him a unique experience and perspective on the nature of organizations and this led him to see the necessary relationship between theory and practice, a background that few if any of his American disciplinary colleagues shared (and many of his students admired). His publications in English provided critiques of current thought and practice, but for the most part served only as warnings, when what he hoped for was a more radical impact on the field, a subjectivist approach to organizations in the interests of human self-realization. But he was not clear about how to achieve these goals, contrary to the clear aims of his market-oriented critical peers, whose goals were far more limited.

Still, why the lukewarm response to those ideas? There is an important point about his citations in the book, which I have not seen discussed, and which speaks to American reviewers' comments that he wasn't saying anything new. The book, and his articles in English, were written in the years after the rise of the counter-culture in the U.S, the Beats, the Hippies and the communal movements, all of them emerging as radical critiques of market capitalism and the triumph of conformity, and all driven as well in the 1960s and 1970s by critiques of the war in Vietnam. These movements drew on a number of active philosophical, economic, psychological, sociological and social psychological writers, including Herbert Marcuse, Dennis Wrong, C. Wright Mills, Robert J. Lifton, David Riesman, Kenneth Burke, Hanna Arendt, John Kenneth Galbraith, R.D. Laing, William H. Whyte, Eric Fromm, Karl Polanyi and Paul Goodman. All of these authors are cited in his book, and had influenced his ideas. Many of these authors

were new to Guerreiro Ramos, but their work and ideas were widely known and discussed in the U.S. in both the academic press and in the broader world. As a graduate student and young professor in New York city and at the University of Massachusetts at Amherst during these years, I was familiar with most of the American literature he cites, except for the specialized literature of Public Administration. I believe that familiarity with these ideas was an important reason that American critics of his book characterized it as containing nothing really new. In contrast, these authors and their ideas were relatively new for Brazilian readers in the 1990s.

Everyone seems to agree that his impact in Brazil was far greater than in the U.S. His discursive style, and his ideas drawn largely from an American social science literature of the 1960s and 1970s were new to many Brazilian readers, which might help to explain his more positive impact on readers in Brazil. The issue of Guerreiro Ramos's greater influence in Brazil has also been assessed through compiling citations to his work in his English and their Portuguese translations (Ventriss; Candler; Salm, 2010, p. 111). Overall, the data show far more citations to the Portuguese versions than to the English versions (the original versions) which is taken by the authors to indicate his greater appeal and importance in Brazil than in the U.S. These data are certainly suggestive, although they are problematic in that we don't know what period is covered in the survey. The fact that many of the Portuguese versions appeared later than the English originals, during the revival of interest in his work following his death, may have significantly affected the count. But the conclusions are suggestive in terms of Guerreiro Ramos's standing in the two countries.

Former students who teach public administration in the United States, reflecting on his importance more than 20 years after his death, agree on his brilliance as a teacher, his charm and erudition, his commitment to a social science, rather than a disciplinary approach to Public Administration. They agree that he shook up Public Administration scholars at USC, as he had in Brazil, by urging more robust theorizing as well as critical distance. But they have also noted that in the U.S. at least, the success of this approach to a very pragmatic and

utilitarian field has been strongest within USC, and limited beyond it (Ventriss; Candler; Salm, 2010), and that outside of his former USC students and colleagues, he has had little impact on American Public Administration theory, practice, and teaching (Ventriss; Candler, 2005; Cavalcanti *et al.*, 2014).

Those who downplay his influence in the U.S. should consider the significance of his many talks and participation in organized associational panels and other by-invitation events, which may speak to more influence than Ventriss, Candler and Salm (2010) concede.

His American writings are important because, as I have shown, they impacted on the work and thinking he was doing before he left Brazil, and on his later publications. His work and interests responded to American research and theory. Despite his statements to the contrary, he became at least partially Americanized, and if the military dictatorship in Brazil had not offered amnesty, he probably would have remained in California for many more years. On his return to Brazil he seemed to re-Brazilianize (note that he published nothing further in English after 1978). I want to argue that this shift was characteristic of the highly adaptive character of his life, first in Bahia, then in Rio, in Los Angeles, and finally back in Brazil. Always seeing himself as an in-betweenner, he functioned as a Protean man, in Lifton's terms. He was the parenthetical man in each context, and he noted this strategy's similarity to the Protean Man, whose ability to take on new identities gave him great adaptive flexibility. Ramos himself states this very directly in his 1981 interview, when he states: "Eu sou eu. Eu estou onde meu interesse está. Onde não está, não existe". (Abreu; Oliveira, 1995, p. 159).

Guerreiro Ramos's years in the United States are remarkable for his ability to dramatically succeed as a teacher, his rapid and productive absorption, engagement and creative utilization of the American explosion of a critical political social science that he transmitted to Brazil. He was remarkable in his control of English and the lucidity of his writings. His contributions to theory in Public Administration are important both for their critique of inadequate conceptualization, and the impact of his philosophical and social science approach on his discipline to which he dedicated the years in the United States, and

in his final years, to the teaching of Public Administration in Brazil is ongoing in Brazil. This in-betweeness left his mark both in the U.S. and in Brazil.

His early articles were in the European style; erudite, cosmopolitan, drawing on literature in at least three languages other than Portuguese. He was an impressive intellectual, not that common among his Public Administration colleagues and exciting to his students and colleagues at USC. In the 1970s he accommodated to the U.S. critical style, and its authors, citing almost exclusively American Public Administration sources. But he reverted in his book to what was for American readers his most difficult form. All the ideas in his book were not original, but they were both original in presentation and worth saying. Certainly Brazilians thought and think this is the case. It is significant that so many years after its publication his work has received such extensive and serious attention, in terms of publications and symposia both in the U.S. (Candler; Ventriss, 2006) and in Brazil. Honoring him now, as we are doing, is to honor and value his ideas as vital and important more than 30 years after their publication. This was made possible, ironically, by the weakening of the very military dictatorship in Brazil which had forced him into exile, and which now in allowing him to return gave him time to reengage with his Brazilian audience which has been very responsive to his work.

2 Postscript

There is so much we don't know about Guerreiro Ramos's American period: did he speak at more venues than those listed in his C. V., after 1972 and especially following the amnesty in 1978? Are there manuscripts that he was working on, or had completed when he died, and did his earlier mimeo lectures survive? With whom did he correspond in the U.S., in Brazil, and elsewhere? Had he begun to write his memoir and his planned rewriting of the history of Brazil, as mentioned in his 1981 interview (Guerreiro Ramos, 1995, p. 177). How did his appointment at UFSC come about, and what was his impact there? What syllabi did he use in his courses at USC and at UFSC? His spoken English was good, but I have seen no information as to whether

he wrote his articles and his book in English; he never acknowledged a translator. Given the rapid expansion of literature about him, some of these questions may have been answered. And much more will undoubtedly be discovered in his archives, some of which are stored at the USC library, but most of which are held by his son, Alberto, at his home in the U.S. It would also be useful to interview Americans currently working in the field of Public Administration as to how they view his work today. Answers to these and other questions will allow for a fuller and more nuanced understanding of this “American period” in his productive life.

Acknowledgments

To Ilka Boaventura Leite for her central role in organizing this conference and its publication. To Elisa Larkin Nascimento, Ariston Azevedo, and Carolina Peçanha in Brazil for their various forms of assistance. To Jeff Katz and Jane Dougall of the Bard Library, and Melissa Germano for providing me with information and publications. And to Diana Brown, whose editorial skills and support contributed much to this article.

References

- BENSON, J. Kenneth. Review of The New Science of Organizations. **American Journal of Sociology**, [S.l.], v. 89, n. 4, p. 926-977, 1984.
- CANDLER, G. G.; VENTRISS, C. Symposium on The destiny of theory: Beyond the New Science of Organizations. **Administrative Theory and Praxis**, [S.l.], v. 28, n. 4, p. 495-500, 2006.
- CAVALCANTI, B.; DUZERT, Yann; MARQUES, Eduardo. (Ed.). **Guerreiro Ramos: Coletânea de depoimentos/Collection of testimonials**. Rio de Janeiro: FGV, 2014.
- FESLER, James W. Review of The New Science of Organizations: a reconceptualization of the wealth of Nations. **The American Political Science Review**, [S.l.], v. 76, n. 3, p. 741, 1982.
- GRAHAM, Lawrence. **Civil Service Reform in Brazil**. Austin TX: University of Texas Press, 1968.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. [1966]. **Administração e Estratégia do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: FGV, 1967a.

_____. A Modernização em Nova Perspectiva: em busca do modelo da possibilidade. **Revista de Administração Pública**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 7-44. 1967b.

_____. Toward an ecumenical social science. **Paper presented to the joint faculties of the University of California, Berkeley and Stanford University**. Stanford: University Faculty Club, May 25, 1968.

_____. Typology of Nationalism in Brazil (a case of political breakdown). Mimeo, USC. 1970 Modernization: toward a possibility model. *In*: BELING, W. A.; TOTTEN, G. O. (Ed.). **Developing Nations: Quest for a Model**, [S.l.], v. 44, Proceedings of the 45th Session of the Institute of World Affairs, p. 21-59, 1971a.

_____. Latent Functions of Formalism in Brazil. **Sociology and Social Research**, [S.l.], v. 56, n. 1, p. 62-82. 1971b.

_____. The Parenthetical Man. **Journal of Human Relations**, [S.l.], v. 19, p. 463-487, p. 1972.

_____. Models of Man and Administrative Theory. **Public Administration Review**, [S.l.], v. 32, n. 3, p. 241-246, 1973.

_____. The New Ignorance and the Future of Public Administration in Latin America. Chapter 15. *In*: THURBER, C. E.; GRAHAM, L. S. (Ed.). **Development Administration in Latin America**. Durham NC: Duke University Press, 1976. p. 382-422.

_____. Theory of Social Systems Delimitation: a preliminary statement. **Administration and Society**, v. 8, n. 2, p. 249-272, 1977.

_____. Endurance and fluidity: a reply. **Administration and Society**, [S.l.], v. 8, n. 4, p. 519-523, 1978.

_____. Misplacement of concepts and administrative theory. **Public Administration Review**, [S.l.], v. 38, n. 6, p. 550-557, 1981.

_____. **The New Science of Organizations**. Toronto: University of Toronto Press, 1989.

_____. **A Nova Ciência das Organizações**. Rio de Janeiro: FGV, 1995.

_____. Entrevista com Guerreiro Ramos. *In*: OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A Sociologia do Guerreiro**. (Ed.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 131-183.

_____. **A Redução Sociológica**. 3rd. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996.

_____. With a new introduction. **Latin American Research Review**, [S.l.], v. 3, n. 4, p. 119, 1968.

_____. With a new introduction. **Latin American Research Review**, [S.l.], v. 5, n. 3, p. 176, 1970.

LEWIS, Thomas J. Review of The New Science of Organizations. **Canadian Journal of Political Science**, [S.l.], v. 15, n. 4, p. 836-837, 1982.

MARS, David. Interview. In: CAVALCANTI, B. *et al.* (Ed.). **Guerreiro Ramos: Coletânea de depoimentos/Collection of testimonials**. Rio de Janeiro: FGV, 2014. p.178-179.

MERTON, Robert. **Social Theory and Social Structure**. NY: The Free Press, 1967.

POLANYI, Karl. **The Great Transformation**. Boston MA: Beacon Press, 1971.

POLANYI, Karl; ARENSBERG, Conrad; PEARSON, Harry (Ed.) **Trade and Market in the Early Empires**. NY: The Free Press, 1957.

SAHLINS, Marshall. **Stone Age Economics**. Chicago IL: Aldine, 1972.

SOARES, Luiz Antônio Alves. Guerreiro Ramos: a trajetória de um pensamento. **Revista de Administração Pública**, [S.l.], v. 29, n. 2, p. 32-50, 1995.

_____. **Guerreiro Ramos: considerações críticas a respeito da sociedade centrada no mercado**. Rio de Janeiro: Conselho Regional de Administração do RJ, 2005.

VENTRISS, Curtis; CANDLER, G. G. Alberto Guerreiro Ramos, 20 Years Later: a New Science Still Unrealized in an Era of Public Cynicism and Theoretical Ambivalence. **Public Administration Review**, [S.l.], v. 65, n. 3, p. 347-359, 2005.

VENTRISS, Curtis; CANDLER, G. G.; SALM, J. F. Alberto Guerreiro Ramos: the 'in-between' as intellectual bridge builder. **Organizações e Sociedade**, [S.l.], v. 17, n. 52, p. 103-114, 2010.

WEISS, Andrew R. Review of The New Science of Organizations. **The Academy of Management**, [S.l.], v. 11, n. 1, p. 215-217, 1986.

Recebido em 19/04/2016

Aceito em 20/04/2016

DEPOIMENTOS

Um Discípulo de Guerreiro e Também um “Fora da horda”

Clovis Brigagão¹

Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ)
E-mail: clovisbrigagao@gmail.com

Em 1962 me formei em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública, da FGV, onde o professor Guerreiro Ramos era professor; depois fui fazer o mestrado em ciência política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Mais tarde, exilado, fui para o México, no El Colégio de México e, de lá, para a Universidade de Chicago para fazer o doutorado como cientista político.

Conheci o Guerreiro Ramos vindo de Minas Gerais, tinha 18 anos e estudei no Gammon College, presbiteriano. No Gammon, um professor fez, durante um ano inteiro, um teste psicotécnico com um grupo de alunos, para mim o professor disse que eu tinha vocação para as ciências humanas e sociais. Eu nunca tinha ouvido falar nisso, só ouvia falar em engenharia, medicina e tal, e aí eu disse para meu pai: “Olha, eu vou para o Rio de Janeiro, pois lá tem ciências humanas e sociais”.

Então, na primeira semana que estava no Rio fui para a Livraria São José, que ficava na rua São José, no centro. Era uma grande livraria e quando fui lá estava o Rubem Braga, o Carlos Drummond de Andrade e outros intelectuais e escritores. Fiquei procurando livros sobre ciências humanas e sociais, olhando alguma coisa que pudesse ser útil para a minha vocação. Aí peguei um livro que me chamou a atenção com o título “Mito e Verdade da Revolução Brasileira”. Eu virei o livro e vi na contracapa o retrato do autor que era o Guerreiro Ramos. Olhei em frente a mim estava o próprio Guerreiro Ramos!

Fui falar com ele e me disse assim: “Ah, rapaz, mas o que é que você está fazendo aqui?”. Eu disse: “estou vindo de Minas Gerais e um professor de lá me disse que eu tenho vocação para as ciências humanas e sociais e estou querendo fazer isso”. “Ah, então vai conversar comigo lá na Fundação Getúlio Vargas, na Praia de Botafogo, que eu te espero lá”. E aí eu fui...

Isso foi em 1961, ano da renúncia de Jânio Quadros. O Guerreiro, então, foi eleito Suplente de Leonel Brizola, nas eleições de 1962. O Brizola teve a maior votação até hoje no Rio de Janeiro para deputado federal e o Guerreiro ficou como seu suplente. Eu cheguei a fazer a campanha dele. Em 1964 veio o Golpe, o Brizola foi cassado e o Guerreiro, seu suplente, assumiu o lugar na Câmara e depois de um longo discurso, o general-presidente Castelo Branco também o cassou e ele foi ser professor na FGV que o acolheu.

Quando o conheci e fui à Fundação procurá-lo, ele me disse uma coisa que ficou na minha cabeça. Perguntou-me se eu falava inglês, eu respondi que mais ou menos... Então, o Guerreiro era muito gozador, irônico e me falou: “nos Estados Unidos os negros falam inglês!”

Depois, em 1964 na porta da EBAP/FGV, conheci a minha futura esposa, Nanci Valadares e o catarinense de Lages, o Jader Marques Filho: ali já ficamos amigos, fizemos a prova de vestibular, eles passaram e eu fui reprovado, veja só! A Nanci e o Guerreiro Ramos começaram uma relação muito forte, até digo que poderia ser de muita paixão um com o outro. E eu disse para o Guerreiro: “Olha, eu estou no meio disso, eu não vou sair desse negócio porque você está apaixonado pela Nanci ou a Nanci por você. Eu também faço parte desse negócio [...]”.

Ele um dia me perguntou se eu conhecia o sociólogo francês Georges Gurvitch. Eu nem sabia nada de Gurvitch, nunca tinha ouvido falar desse autor na vida. Ele me disse: “Meu caro, para fazer sociologia, ciência política, tem que ler o Georges Gurvitch”. Era um livro gigantesco, um “tijoloço”. E aí eu fui ler o Georges Gurvitch, lia seis horas, sete horas e não entendia absolutamente nada e voltava e continuava a ler o Gurvitch, imagina só!... Estava lendo uma tradução em espanhol, acho que sim. Já tinha um texto em espanhol. E aí eu fui ser aluno do Guerreiro, creio que no segundo ano da Escola

Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas, que era uma maravilha. Nós tínhamos praticamente o tempo integral na EBAP e aí também já fazia política. Estávamos já em 1964, aquela coisa toda, brutalidade só. O Guerreiro cassado e professor da EBAP. E o Guerreiro tinha uma relação com um grupo de alunos, especiais: eu, a Nanci, o Antônio Sergio Monteiro, o Hildebrando Tadeu Valadares, a Flora Cleimann (futura esposa do Tadeu), o Carlos Alberto, o Beбето, e muitos outros colegas e amigos que já não me lembro dos nomes. Todos eles são hoje profissionais gabaritados, formados pela EBAP/FGV. E depois de todas as aulas que ele nos dava, que eram umas aulas fabulosas, maravilhosas, encantadoras, assim, quase que a gente subia para o paraíso de tanta sabedoria, nós íamos para um barzinho lá na URCA onde nós bebíamos, conversávamos e então desenvolvemos uma amizade muito grande com o professor Guerreiro Ramos. E ele nos convidava para ir à sua casa, final de semana, em que geralmente aconteciam saraus modernos, com a Clélia, a esposa dele, os dois filhos dele, a Eliana G. Ramos (já falecida) e o Albertinho que vive hoje nos EUA. Desenvolvemos uma amizade profunda.

Depois, em 1966, o Guerreiro Ramos foi viver nos Estados Unidos, convidado para ser professor da Southern Califórnia, University, em Los Angeles. Ainda na EBAP ele terminou uma nova etapa em sua carreira como sociólogo, escrevendo o livro “Administração, Estratégia para o Desenvolvimento”, publicado pela editora da FGV, então pelos anos 1965/1966. Uma crítica à teoria da administração em geral e à norte-americana, em particular. Esse livro teve a assistência de um aluno seu na EBAP, o Wilson Pizza, não sei onde ele se encontra, mas um dos seguidores de Guerreiro Ramos. Esse livro já é uma segunda etapa, pois a primeira foi toda escrita entre os anos de 1950 e início dos anos de 1960: a importantíssima obra, eu diria, clássica da sociologia brasileira que é “A Redução Sociológica”. Antes dela teve a sua outra grande obra teórica: “Introdução Crítica à Sociologia Brasileira”, que mais tarde reeditei (as duas obras) pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. A editora era a Heloísa Buarque de Hollanda. E seguem outros clássicos que, infelizmente, são desconhecidos pelos estudantes de ciências sociais, ciência política, etc. Um livro também muito interessante do Guerreiro Ramos e que eu considero premonitório-

rio foi “A Crise do Poder”, no qual ele faz a análise política de conjuntura (o clássico da análise política de conjuntura é de Karl Marx, “18 de Brumário”), sobre o Jânio Quadros e sobre o Brizola, maravilhosas. E depois, ele fez o “Mito e Verdade da Revolução Brasileira” (o que eu encontrei na livraria São José, chegando ao Rio em 1961), assumindo o caráter do trabalhismo brasileiro, que é uma vertente que eu considero uma das vertentes mais enraizadas no solo brasileiro, como ideologia política do povo brasileiro. Também esquecida, não sei! De um socialismo democrático, de uma social democracia. O Getúlio, depois o João Goulart e o Brizola fizeram parte dessa história. O Guerreiro era do “grupo compacto” do PTB, era o grupo mais avançado, ele, Almino Afonso, San Tiago Dantas, Max da Costa Santos (que, na verdade era do PSB) e outros mais. O Guerreiro permaneceu uns dois anos na EBAP e aí foi para a University of Southern Califórnia, onde ele escreveu um grandíssimo e importantíssimo livro chamado “Reconsideração sobre a Riqueza das Nações”, que era um livro crítico às teses e às teorias de nada mais que Adam Smith!

O Guerreiro se preparou, estudou inglês, teve classes e chegou lá na University of Southern California com seu inglês mais bem preparado, começou a dar aulas em inglês e a escrever em inglês. Esse livro foi escrito em inglês, naturalmente, sofreu com o que chamamos de *copydesk*, mas foi, inicialmente, publicado pela Toronto University Press: “Reconsiderations on the Wealth of Nations” e, mais tarde, foi publicado pela editora da FGV em português. É um livro difícil, não é fácil, mas dentro de suas páginas tem o que estamos passando, em termos de desenvolvimento da liquidação dos recursos ambientais, é muito atual.

Há gente do mundo todo que foi preparado pelo Guerreiro: africanos, asiáticos, brasileiros, mexicanos, norte-americanos em muitas universidades, entre elas, destaco a Universidade Federal de Santa Catarina, onde o Guerreiro criou um programa com base nesse assunto, assim como continua sendo desenvolvido na Universidade do Sul da Califórnia. Ele formou uma escola sobre esse pensamento, renovador, que inicialmente podíamos chamar de ciência da administração, mas que era no fundo uma teoria sobre o desenvolvimento das regiões

mais pobres do mundo. E era sensacional. Guerreiro era um grande pensador, tinha um charme danado!

Quando houve a anistia, a volta para a democracia, então ele passou esses anos lá na Universidade Federal de Santa Catarina, no Programa de Administração. Infelizmente o professor Guerreiro Ramos morreu com 60 anos, era muito jovem, morreu de *câncer*.

Entre 1971-1980 estive no México, El Colégio de México, depois fui com Nanci Valadares (nessa época assinava como Brigagão), fazíamos o doutorado, com apoio da Fundação Ford, na Universidade de Chicago em Ciência Política. O Guerreiro foi várias vezes a Chicago, nos visitava e ali ficava por dias e animava as conversas e depois, em Nova Iorque, ele também esteve duas ou três vezes e tinha uma ligação clara com o Abdias e com Elisa Larkin Nascimento. Era uma relação grande, até porque a própria filha do Guerreiro veio a se casar com um dos filhos do Abdias. Eu conheci o Abdias por meio de Guerreiro, quando o Abdias morava aqui em Copacabana no Rio de Janeiro num apartamentinho em cima da Casas da Banha. O Abdias morava lá, já pintava seus Orixás. Conheci o Abdias antes de ele também partir para os Estados Unidos exilado. E ficamos amigos desde então. Eu ia de Chicago até Búffalo, onde o Abdias morava, criou-se uma amizade, para mim foi uma grande aventura ser amigos da *Irmandade da Orquidêa*, algo mítico, o Guerreiro, o Abdias, depois o Gerardo Mello Mourão, irmãos! Quando retornei, o Guerreiro Ramos passou a vir para o Brasil com maior frequência e eu já trabalhava com o Brizola. Certa noite, levei o Brizola para conversar com o Guerreiro e o encontramos vestido com um quimono chinês, todo pintado, dourado, cabelos presos, como rabo de cavalo, se postou na janela e disse ao Brizola que o queria como um Assessor Especial (o Brizola gostava de se cercar de intelectuais, sempre esteve cercado de intelectuais). O Guerreiro lhe disse: “Não, eu agora já estou de férias, já estou aposentado, eu não quero mais, estou aqui na janela olhando vocês passarem” (risos). E o Brizola ficou meio assim... escandalizado (risos).

Ele se autointitulava um *outsider*... – “Eu estou fora da horda, eu não participo dessa horda”. Ele admirava muito o grande pensador norte-americano, C. Wright Mills, grande pensador. Um norte-americano que escreveu um dos livros mais geniais, chamado “A Imaginação

Sociológica”. E o Guerreiro, ele dizia que era dessa escola de C. Wright Mills, que era autor da grande obra “A Imaginação Sociológica” e de outras obras muito importantes da bibliografia sociológica. O livro “A Imaginação Sociológica” remete ao livro “Redução Sociológica”, porque o Guerreiro dizia que “A Imaginação Sociológica” colocava entre parênteses o fato social, o processo social em si. Você tinha que analisar o fato social em si – e com suas relações sociais específicas – O Guerreiro era um fenomenólogo... Ele dizia que não era marxista, ele era marxiano. Ele gostava do Marx, como gostava do Max Weber, mas não tinha esse negócio do marxismo. Ele escreveu outro premonitório livro “Mito e Verdade da Revolução Brasileira”, baseado no conto do rinoceronte do teatrólogo Ionescu. Cada capítulo seguia uma frase do Ionescu, do rinoceronte, em que a manada de rinoceronte é, seguia, *não é?* Porque era manada, não tinha consciência crítica, como ele dizia. Então, essas coisas todas que Guerreiro dizia pra mim, um jovem, eram coisas absolutamente geniais.

Houve o primeiro período em que eu o conheci aqui no Rio, um encontro inusitado na livraria São José. Depois fui seu aluno na EBAP, poderia dizer que começamos uma amizade que só teve seu fim com a morte do Guerreiro. Depois teve sua ida para a University of Southern Califórnia, onde eu fiquei como representante dele para pagamentos e receber pensão, junto com seu advogado aqui no Rio de Janeiro.

Hoje me considero um discípulo do Guerreiro Ramos, toda vez que eu falo na Academia, eu digo “[...] eu sou discípulo do Guerreiro Ramos”. Como eu me sinto também, “sou fora da horda”, da Ciência Política ou das Relações Internacionais. Sou da área dos estudos e das pesquisas da Paz, me sinto muito bem com essa vestimenta. Muito bem. Assim como a minha relação com o Abdias foi nesse sentido de irmandade, de uma coisa além da Academia ou da ciência política, é sim de santa irmandade. Nós estamos no mundo aqui pra confraternizar com algumas pessoas. O Guerreiro era um, Abdias era outro e acho que dentro desse mundo, assim, eram esses que eu tinha uma enorme consideração, respeito e admiração,

Muito bem, eu saí dos Estados Unidos no final de 1975 e fui para Portugal, muito em razão da Revolução dos Cravos, o fim do fascismo,

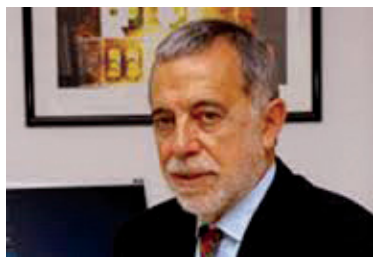
da colonização portuguesa na África. *Aí eu perdi um pouco o contato com o Guerreiro, embora as cartas, assim como as cartas que ele mandava para Nanci e a Nanci mandava pra ele: são cartas que eu conheço e até tive a intenção de publicá-las, mas considerei que eram cartas pessoais. Fiz duas reedições dos livros do Guerreiro aqui no Brasil por meio da Heloísa Buarque de Hollanda, pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro. “A Introdução Crítica à Sociologia Brasileira”, em que eu descobri um artigo inédito do Guerreiro, e depois veio a publicação da “A Redução Sociológica”. Nesta última obra, eu pedi para o Celso Furtado, o Eduardo Portela (que publicou a Redução em 1956/1957), o Abdias, o Gerardo Mello Mourão e para a Nanci Valadares que escrevessem uma frase sobre o Guerreiro.*

Nós achávamos que, como o Guerreiro dizia, tudo que vem para o Brasil vem, não de uma forma mecânica, chega aqui, se transforma, sofre “a redução sociológica”. A “Redução Sociológica”, obra clássica de estudo sobre o FNM (fenemê): um caminhão dos mais feios que o Brasil já fabricou na vida. Era da Fiat, um *bulldog*, mas que enfrentava essas estradas nada bonitas que o Brasil tinha nessa época, nos anos 1940, 1950, imagina. Até hoje o Brasil tem problema de estrada, imagina nos anos de 1950/1960, não tinha asfalto era puro barro. O Guerreiro Ramos escreveu esse livro com essa noção de redução sociológica, uma análise crítica sobre essa reinterpretação do Brasil de produtos, objetos e ideias. Preciso mencionar que o ex-aluno do Guerreiro, seu assistente, Wilson Pizza, é outra pessoa que também foi muito importante na vida do Guerreiro: ele era o seu discípulo, acadêmico, da escola do Guerreiro Ramos. Ele que ajudou o Guerreiro a escrever aquele livro “Administração, Estratégia e Desenvolvimento”, publicado pela Fundação Getúlio Vargas. É um livro que analisa toda a consideração sociológica de uma estratégia para o desenvolvimento como um país, o Brasil, mas que também serve pra qualquer país em desenvolvimento da África, da Ásia, da América Latina. É um grande livro, importantíssimo, no qual ele faz uma grande crítica às teorias de administração norte-americanas.

De volta ao Brasil, o professor Guerreiro Ramos escreveu uma dezena de artigos, que foram reunidos em uma publicação da UFSC,

e o último artigo que ele escreveu foi sobre a curtição, a fruição de curtir a vida, os fenômenos sociológicos, mas como vida, que é uma maravilha. Ele via isso como um fenômeno especificamente brasileiro, muito brasileiro, ele pensava que o Brasil tinha um jeito, ele tem, inclusive, um artigo muito importante sobre o jeitinho, “esse jeitinho”, esse negócio que só no Brasil, tanto pro mal quanto para o bem. O jeitinho do povo brasileiro é se safar diante desse colosso que é esse Estado brasileiro injusto, burocrático e tudo mais, que tem degradado um pouco a nossa vida, que empobrece a vida de nossa cidadania. O Guerreiro faz a sua sociologia “em mangas de camisa”, isso é genial. É da própria noção de cidadania brasileira.

Clovis Eugenio Georges Brigagão



Possui graduação em Administração Pública pela Escola Brasileira de Administração Pública da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro (1968), mestrado em Ciência Política (Ciência Política) pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), em 1970, doutorando em Ciência Política, Dept. C. Política, University of Chicago (1974), Notório Saber em Relações Internacionais pela Universidade Candido Mendes (2005) e doutorado em Estudos Estratégicos Internacionais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Atualmente é diretor do Centro de Estudos das Américas, da Universidade Candido Mendes, professor Adjunto do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), professor visitante da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, PPGRI/ UERJ; membro do conselho da Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro, assessor científico da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do RJ, membro do conselho fundador da Escola de Cinema Darcy Ribeiro, membro do conselho científico do Centro Interdisciplinar de Estudos Econômicos, Coordenador do Grupo de Análise de Prevenção de Conflitos (GAPCon), IUPERJ/UCAM.

Principais Publicações:

Relações Internacionais no Brasil: Instituições, Programas, Cursos e Redes. Rio de Janeiro: Gramma, 2004. v. 1.

Relações Internacionais Federativas no Brasil: Estados e Municípios. Rio de Janeiro: Gramma, 2005. v. 1.

Brizola. 1. ed. Petrópolis: Paz e Terra, 2015. v. 1. 288p .(coautoria com Ribeiro, T

Notas

¹ Depoimento prestado por Clóvis Brigagão à Elisa Larkin Nascimento no Rio de Janeiro, em 2015.

Recebido em 26/02/2016

Aceito em 1º/03/2016

Guerreiro Ramos e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB)

Moema Toscano¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro (aposentada)

E-mail: moema.toscanoilha@gmail.com

C onheci Alberto Guerreiro Ramos por volta de 1956, quando era criado o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), uma instituição que para nós, universitários da Faculdade Nacional de Filosofia, era novidade. O ISEB era uma instituição de ensino que não se enquadrava na academia formal. Na nossa experiência, a fonte de autoridade para um docente ensinar era o fato de ele pertencer a uma faculdade, de ter feito um curso de faculdade, enfim, de ter vínculos com uma instituição de ensino superior regular, reconhecido; isso **é** que era o normal. E Guerreiro Ramos aparecia nessa instituição, o ISEB, criada fora dos trâmites normais das instituições acadêmicas, mas que se ocupava da reflexão sobre o Brasil da época. Nós estávamos muito interessados em tentar entender o processo do desenvolvimento brasileiro, mas estávamos meio às cegas. Para nós, ainda **não havia parâmetros** para essa reflexão.

Nós estudávamos filosofia, sociologia geral, mas não era nada que se aplicasse especificamente ao Brasil. A novidade que o ISEB trazia era essa. Aí residia o grande interesse que nós, os grupos de estudiosos das diferentes faculdades, manifestamos desde o início: ver o que se discutia em uma instituição **não acadêmica** em que os professores **não** exibiam a credencial acadêmica, a formação tradicional. Sabíamos que eram pessoas que tinham conhecimento; eram autoridades em suas áreas, mas essa autoridade nem sempre se formalizava na burocracia acadêmica. Então a coisa começou por aí, por esse interes-

se: vamos ver o que se faz aqui no ISEB, o que se estuda aqui, quem são essas pessoas e o que elas têm a dizer para nós sobre o tema do desenvolvimento do Brasil.

Guerreiro Ramos estava dentro desse contexto. Ele ainda não tinha reconhecimento como autoridade no campo das faculdades de filosofia; não era conhecido como alguém que vinha de uma faculdade. Por outro lado, nem sempre a ligação com a faculdade implicava no engajamento da pessoa na atividade docente. Muitos professores, referências nas faculdades, desenvolviam suas carreiras sem se ocupar muito com o ensino. Aliás, era quase uma tradição que os melhores professores não dessem aula. Havia aquela figura do catedrático: muitas vezes os catedráticos não davam aulas. Quem dava aula eram assistentes e ajudantes, auxiliares de ensino, que era o meu caso. Eu entrei na faculdade e, quando eu estava terminando o meu curso, fui convidada pelo catedrático para dar aula em seu lugar. O catedrático tinha um nome vinculado à faculdade, mas não tinha como obrigação dar aulas. Às vezes, ele nem passava pela faculdade, **não se sabia dele**. Só se sabia dos catedráticos que eles eram autoridades ali, tinham um nome em sua área, mas o que eles faziam, para nós, era inteiramente desconhecido.

Bem, foi assim que eu conheci Guerreiro Ramos: ao contrário do catedrático, um professor que se fazia presente, que dava aulas nessa instituição que era uma grande inovação. O ISEB veio naquela onda de novidades do presidente Juscelino Kubitschek. Foi criado em nome do Juscelino, com o apoio do Juscelino e como parte daquela presidência dinâmica do Juscelino. Até hoje eu lembro o endereço: Rua das Palmeiras, n. 55. Lá íamos **nós** procurar, nem sabíamos onde era essa Rua das Palmeiras, era tudo novidade. Foi o professor Alberto Latorre de Faria, um colega nosso que se tornou titular da área de Organização de Cursos e Conferências do ISEB, que nos convidou, a mim e a outras pessoas de meu grupo, para conhecermos a instituição.

Eu conheci o professor Guerreiro Ramos logo no início. Ele dava aulas de Sociologia. Tudo para nós era novidade, desde os próprios títulos até o conteúdo das disciplinas que nos eram oferecidas.

No Departamento de Administração e Serviço Público (DASP), Guerreiro Ramos **já tinha um bom nome**. Ele era considerado uma

pessoa de categoria, era conhecido, porque falava bem. Quem assistia **às aulas dele aprovava**. Ele já **tinha esse reconhecimento**. Além disso, seus trabalhos constavam das publicações do ISEB, eram trabalhos publicados sob a tutela do Instituto. Mas a divulgação desses trabalhos não passava pelos meios oficiais, era passada de boca a boca. Nós andávamos atrás de bons professores, como ele. Tínhamos sede dessa relação, porque a maioria dos grandes professores, por tradição não dava aulas, ou dava apenas as aulas inaugurais; quem enfrentava o dia a dia das salas de aula eram os assessores dos catedráticos. Os cursos do ISEB eram abertos e gratuitos, a entrada era informal e não se exigia o curso secundário dos candidatos. As pessoas se aproximavam e eram levadas umas pelas outras. E o Instituto ganhou prestígio, sobretudo pela qualidade dos professores e pela atualidade dos temas tratados. Era uma grande oportunidade de se conhecer professores e intelectuais de fora do circuito universitário oficial.

Dessa forma, ao conhecê-lo eu **não encontrei Guerreiro Ramos sozinho, mas como parte do grupo que criava e atuava no ISEB, como a** professora Maria Yedda Linhares e intelectuais como Roland Corbisier, Hélio Jaguaribe, Néelson Werneck Sodré, entre outros. Foi o mesmo professor Alberto Latorre de Faria que me apresentou a Guerreiro Ramos e **nós** começamos a ter uma boa relação, mas nunca fomos amigos no sentido mais profundo do termo. Nunca nos frequentamos, por assim dizer.

Na época, eu iniciava o meu interesse em estudar a situação da mulher na sociedade brasileira e procurava vincular meu pensamento sociológico com essa problemática. Mas havia pouca oportunidade para isso, não se discutia esse assunto, e o ISEB não era exceção. Só depois, na década de 1970, com a publicação do livro pioneiro de Heleieth Saffioti², o tema das relações de gênero passou a ser discutido de forma sistemática dentro da Sociologia. Já com relação à questão racial, havia alguns trabalhos, no contexto da pesquisa da UNESCO no início da década de 1950. Guerreiro Ramos teve a iniciativa de contestar, junto com Abdias Nascimento e outros intelectuais do Teatro Experimental do Negro, o trabalho sociológico produzido sobre relações raciais no Rio de Janeiro. Entretanto, de uma forma generalizada, na época não

havia um discurso acadêmico sobre a questão racial, esse não era um tema discutido. E Guerreiro Ramos, por ser mulato – e não propriamente “negão”, para recorrer a um linguajar popular – era reconhecido como tal: mulato. Creio que se ele fosse visto como “negão”, não seria acolhido, pois não havia, então, nenhum professor negro na faculdade. E aluno, se havia algum, era exceção e um assunto não mencionado. Alguns alunos negros se matriculavam, mas não chegavam a completar o curso. Faziam uma passagem transitória, pois não houve nenhum caso de aluno negro que completasse o curso, na área das ciências sociais, na Faculdade Nacional de Filosofia, pelo menos durante os anos em que lá lecionei.

A obra de Guerreiro Ramos foi importantíssima para a sociologia brasileira. Em primeiro lugar, nós só tínhamos acesso à literatura da sociologia americana e francesa – por assim dizer, enlatada, i.e., traduzida para o português. Nós, no Rio de Janeiro, não tínhamos produção própria. São Paulo já tinha alguma coisa nessa área, já tinha gente estudando, já se conhecia o pensamento dos sociólogos da Universidade de São Paulo, mas quando chegou aqui essa injeção de cultura do ISEB, que vinha preocupado com a questão brasileira, para nós foi uma surpresa e ao mesmo tempo um estímulo. Nada que vá indicar “nascia um novo Brasil”, mas para nós se abriram novas oportunidades que até então não tínhamos. Inclusive a própria bibliografia brasileira era escassa. Pouca gente escrevia sobre sociologia, mas, daí pra frente, a coisa melhorou: saíram, inclusive, a “Introdução crítica à sociologia brasileira” (1957)³ e “A redução sociológica” (1958)⁴, do próprio Guerreiro Ramos.

Na política, Guerreiro teve uma atuação marcante como deputado. Mas no ISEB ele não lecionava ciência política, lecionava sociologia. Naquele momento havia uma concorrência entre as pessoas que faziam sociologia, uma competição, quase que não se expressava, mas havia. Várias pessoas trabalhavam numa mesma área, mas não interagiam, ficava cada uma na sua raia. Em São Paulo já havia algum espírito de equipe. Isso nós sabíamos, porque chegavam até nós seus trabalhos, os livros que eles escreviam. Florestan Fernandes e o seu grupo, com Otávio Ianni e outros, produziam trabalhos em equipe, desenvolviam

um espírito de equipe. O grupo trabalhava junto, escrevia junto, produzia junto. Aqui no Rio era o vire-se, arranje-se como puder.

Guerreiro Ramos atuou no Congresso como deputado do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), suplente de Leonel Brizola, e o regime militar logo cassou o seu mandato, já no início da ditadura. Ele foi, então, para os Estados Unidos, onde lecionava em uma universidade da Califórnia. Mais tarde, ele voltou clandestino. Naquele tempo era assim, a gente ia sair, voltava, e de vez em quando alguém telefonava e dizia: “Moema, some”. Porque a repressão andava atrás das pessoas como eu, como ele, assumidamente “de esquerda”; então de vez em quando, alguém avisava. Tinha alguém da polícia que de certo tomava conhecimento das coisas e corria logo no telefone: “Moema, some”. A gente sumia por uns tempos, nem atendia mais telefone, até passar o pânico.

Eu trabalhava na PUC-RJ nessa época. A PUC foi a instituição que nos acolheu quando veio a aposentadoria **forçada**. Eu abri o jornal em um sábado de manhã e lá estava o meu nome, primeiro na lista dos aposentados à força pelo chamado Ato Institucional n. 1. Aposentada por tempo de serviço. Eu que tinha recém entrado no serviço público, estava em início de carreira, aposentada do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro, por tempo de serviço! Estava na rua, sem emprego, com um salário ridículo. Eu que vivia do meu trabalho, que sempre vivi do meu trabalho, fiquei em pânico. Fui dar aula **lá pelo interior do estado** em pequenas escolas onde eu podia dar sociologia, onde essa matéria era oferecida. Aliás, poucas escolas tinham essa matéria nos seus currículos. Eram raras, e por coincidência algumas dessas estavam sem professor. Então comecei a dar aulas assim. Foi um tempo horrível, total insegurança com relação à carreira.

Bem, mais tarde, para minha surpresa, quando Guerreiro Ramos voltou clandestinamente do exílio ele mandou me chamar para conversar. Eu fiquei admirada. **Não sei nem onde foi, porque a gente fazia questão de treinar para esquecer** endereços, para, no caso de apertar, não saber. Eu sei que ele mandou me chamar, não lembro por intermédio de quem. Ele queria conversar comigo. E foi ótimo.

Tivemos mais encontros depois, em outros lugares, e foi uma relação boa. No início era uma relação formal, mas ele era uma pessoa muito simpática e, sobretudo, um estudioso. Ele sabia que era procurado pela polícia, que não era pessoa grata e que essa situação não tinha saída à vista. Ele não explicou porque me chamou e nem eu perguntei. Eu não tinha essa intimidade, mas gostei de ter sido chamada. Não sei se ele chamou outras pessoas também. Mas naquela época, quando a gente se encontrava, quando tinha a oportunidade de falar com uma pessoa que tinha esses elos, para nós era uma maravilha, porque fora disso a gente estava sempre com medo. Tudo o que você pudesse conversar podia dar encrenca. Tanto é que eu perdi o emprego. Eu abri o jornal e estava aposentada, que surpresa terrível: o regime me tirara o tapete, eu fiquei no ar.

Professores como Guerreiro Ramos encontravam trabalho e não tiveram problema no exterior. E ele não ficou mal com o Brasil, ele queria voltar, tinha família aqui, amigos. Antes de sair ele fazia parte de um time de professores interessado na realidade brasileira, sem compromisso com o *status quo*. Mas havia muitas restrições para ele aqui no campo do magistério oficial.

Minha convivência com Guerreiro Ramos se resume a isso; acho que não há mais nada para contar. Para mim, foi um prazer esse convívio com uma pessoa que teve um papel tão importante nos primórdios do pensamento sociológico brasileiro. Guerreiro Ramos deixou sua marca definitiva nessa área da sociologia acadêmica.



Moema Toscano

Gaúcha de Garibaldi, Moema Toscano, normalista diplomada em Educação Física, foi para o Rio de Janeiro no início dos anos de 1950 para continuar sua formação. Em 1952 inscreveu-se na Faculdade Nacional de Filosofia, onde se graduou em Ciências Sociais e em seguida passou a lecionar até se aposentar aos 75 anos, na atual Universidade Federal do

Rio de Janeiro. Lecionou também na PUC-RJ e frequentou o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), onde conheceu Guerreiro Ramos, que lecionava Sociologia e Ciência Política.

Em abril de 2012, Moema Toscano recebeu a medalha *Chico Mendes de Resistência*, concedida pelo Grupo Tortura Nunca Mais, que registra outra parte de sua biografia: “Perseguida pela ditadura, ficou impedida de exercer o magistério por muitos anos. Cortavam-lhe, assim, os meios de sobrevivência. Anos depois, ficou sabendo que em sua ficha no DOPS constava apenas: “amiga de notórios comunistas”, segundo depoimento do Deputado Rubens Berardo. Disse Moema: “*Eu me recusei a receber a indenização pecuniária que ofereceram. Não aceito converter a anistia em pacto pecuniário. Não perdoo o pecado que cometeram comigo; não ‘anistiei’, por assim dizer, os responsáveis pela minha ‘expulsão’ do serviço público*”.

Amiga de notórias personalidades, a mestra querida e admirada por seus alunos, sofreu a experiência constrangedora da exclusão das salas de aula, situação que deixou marcantes cicatrizes no meio acadêmico nacional. Moema cita colegas e professores, seus amigos que não resistiram ao arbítrio e morreram de pesar. Impedida de lecionar na Universidade Federal, durante a ditadura, ela foi professora de inúmeros colégios na Baixada Fluminense, em Duque de Caxias, e mesmo na capital federal, até a volta do regime democrático, em 1980.

Feminista, Moema é uma das fundadoras do Centro da Mulher Brasileira (CMB). Em 1975, na segunda onda do movimento mundial de mulheres, ela participou da mobilização da sociedade para o tema, na preparação das celebrações do Dia Internacional da Mulher, no México. E participou das muitas lutas da sociedade civil, nos anos de 1970 e 1980, em que as minorias sociais buscavam expressão. O movimento feminista desenvolvia ação na causa específica de reconhecimento e de transformação do papel da mulher no século XX. Para ela, o movimento social mais importante no século passado foi o das mulheres, já que o feminismo mudou a vida de todos.

Professora, ativista política e escritora, Moema Toscano participou de congressos nacionais e internacionais representando o pensamento

da mulher feminista brasileira. Realizou pesquisas e participou da formação de novas propostas das mulheres na luta por seus direitos sociais e políticos. Sua vida profissional esteve sempre ligada ao magistério, do ensino primário à pós-graduação.

Livros Publicados:

“Introdução à Sociologia Educacional”, 22. edição. Editora Vozes;

“Teoria da Educação Física Brasileira”;

“Mulher, Trabalho e Política – Caminhos cruzados do feminismo”, com Fanny Tabac (1976);

“A Revolução das Mulheres” – Um Balanço do Feminismo no Brasil, com Mirian Goldenberg (1992);

“Estereótipos Sexuais na Educação – Um manual para o educador” (2000).

Notas

¹ Depoimento concedido a Elisa Larkin Nascimento em 10 de fevereiro de 2016 e a Ilka Boaventura Leite em 2 de março de 2016.

² Heleieth Saffioti, A mulher na sociedade de classes: mito e realidade. Tese de livre docência, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual de São Paulo (UNESP), 1967, publicada pela Editora Vozes, 1976.

³ Guerreiro Ramos, Alberto. Introdução crítica à sociologia brasileira. Rio de Janeiro: Editorial Andes, 1957.

⁴ Guerreiro Ramos, Alberto. A redução sociológica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1958.

Recebido em 28/02/2016

Aceito em 1º/03/2016

Alberto Guerreiro Ramos na UFSC

Flávio da Cruz

Universidade Federal de Santa Catarina (aposentado)

E-mail: flacruz2012@gmail.com

Nos anos de 1980 e 1981, como contador do Serviço Público Federal e inquieto com a situação de estar ausente das salas de aula, pois na década anterior havia trabalhado como professor no ensino fundamental e do ensino médio, eu tinha como sonho frequentar um mestrado para tentar um concurso de professor universitário. Outra inquietude era com a situação dos negros na cidade de Florianópolis e a relativa timidez dos movimentos de representação dessa base étnica, na qual tentava me firmar como militante.

Quando soube da abertura de inscrições para a especialização, fiz as entrevistas e passei a frequentá-la, no nível de pós-graduação como preparatórios para o mestrado. O primeiro foi na área de Recursos Humanos no CFH/UFSC. O outro curso de especialização presencial, como preparação para o mestrado de Administração Pública na UFSC no Centro de Ciências da Administração, que ocorreu na ESAG/UDESC e na área de administração.

Neste último, conheci parte da obra do sociólogo Alberto Guerreiro Ramos, numa disciplina ministrada pelo Professor João Benjamin da Cruz Júnior, que tinha vínculo com as duas Instituições.

João Benjamin tinha feito o doutorado nos Estados Unidos e lá fora aluno de Guerreiro Ramos. Na época, o livro em destaque era a obra intitulada: “A Nova Ciência das Organizações: uma reconceituação da riqueza das nações”. Esse livro foi editado na Fundação Getúlio Vargas, tratava-se de uma tradução do “The new Science of Organization”, que havia sido lançado, originalmente, nos Estados Unidos.

Após uma das aulas do Professor Benjamin, fomos ao evento e, nesse evento, além da recepção que ele e o Professor Ubiratan Simões de Rezende da UFSC e do Mestrado em Administração Pública ofereceram para o ilustre sociólogo, haveria a possibilidade de se obter alguns autógrafos. Eles se conheciam do doutorado realizado numa das Universidades dos Estados Unidos e Alberto Guerreiro Ramos estava lecionando no mestrado da UFSC.

Na época, eu estava dando meus primeiros passos no movimento negro local e aqui em Florianópolis era um tabu a militância nas ruas, em praças ou em locais de amplo acesso da população. Havia convivido com fortes experiências no enfrentamento do preconceito racial na minha cidade natal, Santo Amaro da Imperatriz, onde pela proximidade com a música e com a arte, minha família tinha experiência na superação de espaços e no mais, eu respondia como podia.

No início da recepção, houve um pedido do sociólogo para que o Professor Ubiratan dedilhasse um violão e tocasse alguma coisa da música popular brasileira para o homenageado. Ninguém tinha o instrumento e nesse momento, me lembrei de que minhas irmãs, moradoras de uma pensão de estudantes na Rua Bocaiúva, não me negariam um empréstimo.

Vislumbrei uma forma de suprir tal falta, peguei meu Passat e fui buscar o dito cujo violão. Rapidamente, voltei com o violão debaixo do braço e todos pensaram que eu tocaria alguma coisa. Passei o violão para o Professor Ubiratan, pois os meus irmãos e irmãs é que são artistas e nessa área eu não atuava.

Aparentemente, eu era o único negro no grupo. Além disso, tinha providenciado o violão. Portanto, fui bem recebido e então me aproximei para conversar com o sociólogo, numa das brechas de tempo ante a demanda contínua dos presentes.

Expus alguns dos planos que tinha para exercer uma militância no movimento negro: denúncias com provas e boletim de ocorrência baseado na Lei Afonso Arinos; conscientização e difusão associada com sensibilização na periferia (de modo que pudesse ser atraente para os moradores). No centro da cidade pensava na panfletagem. Basicamente, tencionava utilizar a música e outras manifestações ar-

tísticas dos próprios negros da área e *de fora* para formar a aglutinação quantitativa, a que fosse possível e nos horários vagos.

Entendia que as práticas de conscientização fincadas numa linguagem acadêmica e dependentes de apoio da imprensa local eram morosas, manipuláveis e distantes da maioria dos negros e negras locais. Então, o plano era reunir e mesclar aspectos da conscientização com algo atraente e aglutinador até ir conquistando adeptos para a causa.

Fiquei encantado com o sociólogo, porque ele ouviu atentamente meus planos e me questionou porque eu estava demorando tanto para cair na luta e seguir para a prática. Eu não tive resposta: apenas olhei envergonhado, como se tivesse pedindo perdão pela omissão. Acho que, apesar disso, ele viu sinceridade no meu plano e confiou na proposta.

Não foi presunção ou egoísmo. De fato, no momento em que os presentes puderam obter o autógrafo tive outra surpresa, pois o sociólogo escreveu: “Ao Flávio, doido, sábio, mágico com os meus melhores votos. Guerreiro Ramos, SC, 17/6/81”.

Mais tarde, entre 1985 e 1988, coloquei em prática parte do plano e acredito ter conseguido mobilizar boa parte das entidades representativas dos afro-descendentes residentes em Santa Catarina. De fato, e de direito, atuei na presidência da Comissão Catarinense do Resgate da Cultura Negra. Também participei do Grupo da UFSC no Centenário da Abolição da Escravatura e editei, em coautoria com outros militantes, duas cartilhas: “As Leis da Abolição” (6.000 exemplares) e “África: um Continente em Crise” (1.000 exemplares).

Quanto ao plano, acredito ter colocado em prática, inclusive aqui na UFSC, pois a fila do RU que eu aproveitava como espaço para as apresentações artísticas associadas com a conscientização. Sobre tudo, com o Projeto Semana Afro-catarinense tenho a impressão de ter contribuído para interligar o movimento negro da capital com as cidades de Criciúma, Itajaí, Tubarão, Joinville e Lages, adotando parte do “*puxão de orelha*” recebido do sociólogo.

Flávio da Cruz

Possui graduação em Ciências Contábeis pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis (1971), mestrado em Administração Pública pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em 1986. Professor Titular no Departamento de Ciências Contábeis na Universidade Federal de Santa Catarina e ex-professor da ESAG-UDESC. Autor dos livros “Auditoria governamental” e “Contabilidade e Movimentação Patrimonial do Setor Público” entre outros e Membro da Academia Brasileira e Catarinense de Ciências Contábeis. Atua nas áreas de Administração Pública, Ciências contábeis e Contabilidade do setor estatal brasileiro.



Livros Publicados:

ATHAYDE, Autragésilo de; ALVES, Henrique L; ALVES, Uelinton Farias (Org.); CRUZ, Flávio da; CRUZ e SOUZA, Dina Teresa; TANGERINI, Nelson; VIEIRA DA SILVA FILHO, Osvaldo. Reencontro com Cruz e Souza. Florianópolis: Papa Livro, 1990.

CRUZ, Flávio da (Org.); GONZAGA, Maria de Lourdes da Costa; SILVA Francisco Libânio; VIEIRA DA SILVA FILHO, Osvaldo. As Leis da Abolição. Florianópolis: Projeto Semana Afro-Catarinense, 1987.

CRUZ, Flávio da. (Org.); KOFI Nydevu Awoonor. 1988: África: continente em crise Florianópolis: Projeto Semana Afro-Catarinense, 1988.

CRUZ, Flávio da (Org.); GLOCK, José Osvaldo; HERZMANN, Nélío; TREMEL, Rosângela; VICCARI JUNIOR, Adauto. Lei de Responsabilidade Fiscal Comentada. São Paulo: Atlas, (2000 a 2014) nove edições.

CRUZ, Flávio da (Org.); BARBOSA, Rui Rogério Naschenweng; GLOCK, José Osvaldo; HERZMANN, Nélío; VICCARI JUNIOR, Adauto. Comentários à Lei N°. 4.320. São Paulo: Atlas, (1999 a 2008) cinco edições.

CRUZ, Flávio da (Org.); GLOCK, José Osvaldo. Controle Interno nos Municípios. São Paulo: Atlas, (2003 a 2006) duas edições.

CRUZ, Flávio da. Auditoria Governamental. São Paulo: Atlas, (1997 a 2008) três edições.

Depoimentos

CRUZ, Flávio da. Auditoria e Controladoria. Programa Nacional de Formação em Administração Pública. Florianópolis: UFSC/CSE/CAD e UAB, (2012 a 2014) duas edições.

Recebido em 20/10/2015

Aceito em 16/12/2015

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Uma Trajetória Transdisciplinar: nota biobibliográfica

Evandro Oliveira de Brito^{*}

Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), Paraná, Brasil
E-mail: evandrobritobr@yahoo.com.br

Ilka Boaventura Leite^{**}

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: ilka.leite@ufsc.br

Luiza Brandes de Azevedo Ferreira^{***}

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, Brasil
E-mail: luizabaf@gmail.com

Resumo

Esta nota biobibliográfica pretende ser uma síntese da trajetória de Guerreiro Ramos, suas obras, pretende ainda trazer um pouco dos desdobramentos ocorridos a partir da influência desse importante pensador brasileiro na produção acadêmica atual. Para tanto, optou-se por abordar esta nota a partir de três eixos. No primeiro, são abordados os aspectos biográficos, trazendo de forma resumida acontecimentos significativos de sua história de vida a partir de uma linha temporal cronológica. Em seguida, faz-se um apanhado sobre a produção acadêmica de artigos, dissertações e teses, dos últimos anos, que fazem referência a Guerreiro Ramos, de maneira a trazer elementos para se pensar os desdobramentos de suas obras na atualidade. Por último, apresenta-se um levantamento dos principais livros escritos pelo autor, sobretudo tomando como parâmetro a primeira edição de cada obra.

Palavras-chave: Guerreiro Ramos. Biografia.

Abstract

This bio-bibliographical note is intended to be a summary of the path of Guerreiro Ramos, his works, and bring some of the developments that took place from the influence of this important Brazilian thinker in the current academic production. Therefore, we have chosen to address this note from three axes. In the first, we will cover biographical aspects, briefly bringing significant events of his life story from a chronological timeline. Then we will make an overview of the academic research articles, dissertations and theses, in recent years, which refer to Guerreiro Ramos, in order to bring elements to think about the ramifications of his works today. Finally we bring a survey of major books written by the author, especially taking as parameter the first edition of each work.

Keywords: Guerreiro Ramos. Biography.

1 Introdução

Guerreiro Ramos foi um importante intelectual brasileiro que teve uma vida pública muito rica e diversificada, embora seja ainda pouco conhecido no Brasil. Essa é a razão pela qual esta nota biobibliográfica poderá auxiliar estudantes, curiosos e estudiosos a encontrar importantes subsídios para impulsionar um maior conhecimento sobre a sua vida e obra, que sem dúvida é inesgotável. É impressionante a variedade de campos e áreas de atuação em que encontramos sua participação. Podemos apontar dentre eles a atuação acadêmica (como professor, escritor e conferencista); política (como assessor de Getúlio Vargas e Deputado Federal pelo Rio de Janeiro); jornalística (colaborou com “O Imparcial”, da Bahia, “O Jornal”, do Rio de Janeiro); militante do movimento negro (como integrante do Teatro Experimental do Negro (TEN), do Instituto Nacional do Negro e do Jornal do Quilombo) e do movimento integralista e católico na Bahia. Além disso, escreveu poesias ainda na juventude que foram reunidas no livro “O Drama de ser dois”, publicado em 1937.

Esta nota pretende ser uma síntese da trajetória de Guerreiro Ramos, suas obras, bem como trazer um pouco dos desdobramentos ocorridos a partir da influência desse importante pensador brasileiro na produção acadêmica atual. Para tanto, optamos por abordar esta nota a partir de três eixos. No primeiro, abordaremos aspectos biográficos, trazendo de forma resumida acontecimentos significativos de sua história de vida a partir de uma linha temporal cronológica. Em seguida, faremos um apanhado sobre a produção acadêmica de artigos, dissertações e teses, dos últimos anos, que fazem referência à Guerreiro Ramos, de maneira a trazer elementos para se pensar os

desdobramentos de suas obras na atualidade. Por último traremos um levantamento dos principais livros escritos pelo autor, sobretudo tomando como parâmetro a primeira edição de cada obra.

2 Nota Biográfica

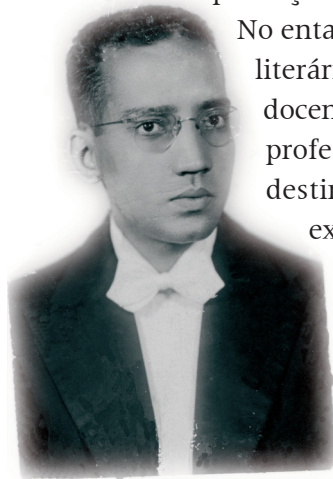
Alberto Guerreiro Ramos nasceu em 13 de setembro de 1915 em Santo Amaro da Purificação, Bahia e era filho de Vítor Juvenal Ramos e de Romana Guerreiro Ramos. Há uma hipótese de que seu pai, nascido livre ainda no regime escravocrata brasileiro, tenha sido filho de escravizados e sua mãe, angolana, havia sido vendida pela própria família aos traficantes de escravos¹. Sabe-se também que ele casou-se com Clélia Guerreiro Ramos, com quem teve dois filhos (Siqueira, 2008).

Em função da origem humilde ressaltada pelo próprio filho, Ramos entrou no mercado de trabalho aos 11 anos, exercendo a função de lavador de frascos em uma farmácia de Salvador (Oliveira, 1995, p. 145). A ambição de estudar surgiria logo em seguida, quando o destino colocaria em suas mãos o livro “alegria de Viver” de Marden. Estimulado por sua mãe, Ramos frequentou o curso secundário na capital do estado no Ginásio da Bahia, instituição frequentada pelas elites baianas (Nascimento, 2003).

A vocação de Ramos para a atividade intelectual, que logo o colocaria na vida acadêmica, é destacada pelo acesso que ele possuía à produção filosófica europeia dos anos 30 (Oliveira, 1995, p. 137).

No entanto, a possibilidade de aquisição destas obras, revistas literárias e filosóficas resultava das suas primeiras atividades docentes. A partir dos 14 anos de idade, Ramos se tornara professor particular de matemática de seus colegas ricos e destinava sua renda principalmente à aquisição de obras existencialistas.

Aos 17 anos de idade, ano em que ingressou como jornalista no “O Imparcial”, Ramos passou a dividir suas atividades de leituras com a experiência desestimulante da militância junto ao integralismo, em companhia de Rômulo Almeida. O pouco valor que ele atribuía às atividades de militância, frente ao



grande valor com que destaca suas atividades de leituras dos clássicos, o levou a esgotar toda a produção literária disponível sobre o tema, antes de abandoná-lo (Oliveira, 1995, p. 137-138).

Com 19 anos de idade, fez uma conferência sobre Rui Barbosa no Ginásio da Bahia e precisou ser acompanhado por um professor para não ser linchado, “[...] pois os conceitos que emitira sobre o grande homem não agradara os ouvintes” (Nascimento, 2003, p. 2). A sua perspectiva de análise acerca de Rui Barbosa não foi restrita apenas à oratória, pois anos depois publicou um ensaio crítico sobre Rui Barbosa “[...] que lhe valeu ódios, represálias, e ataques em quase todos os jornais de Salvador” (Nascimento, 2003, p. 2).

O valor que Ramos atribui às suas atividades intelectuais tem uma função interessante nos seus argumentos, pois ele toma esta vocação como base para justificar a sua primeira participação na gestão pública, como secretário assistente de educação.

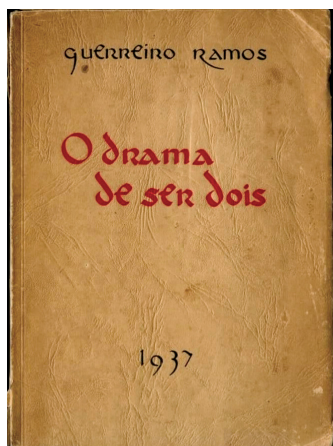
A.A. – Qual era a sua função na administração Landulfo Alves?

G.R. – Quando Landulfo Alves se tomou interventor na Bahia, um homem chamado Rômulo Almeida foi incumbido de atrair as inteligências moças de Salvador. Varias pessoas foram recrutadas, e entre elas eu. Eu era muito jovem – completava 18 anos - quando fui nomeado assistente na Secretaria de Educação, que era chefiada pela Isaias Alves. (Oliveira, 1995, p. 134)

As atividades de Ramos que despertaram o interesse de Rômulo Almeida consistiam fundamentalmente naquelas atividades decorrentes de sua vida como escritor adolescente, influenciado pela filosofia francesa de orientação existencial cristã. Nessa etapa de sua vida, o vínculo com o catolicismo não era apenas teórico, pois Ramos fundou o centro de cultura Católica e criou uma revista, além de fazer várias palestras. Se relevarmos o fato, como veremos adiante, de que Ramos se considera um intelectual autodidata, torna-se muito interessante a declaração acerca da influência intelectual que o padre Béda Keckeisen exerceu sobre sua formação. Assim, diz ele:

Minha formação foi católica. Fui educado, de uma certa maneira, por um padre alemão dominicano, dom

Beda Keckeisen, que foi o autor do primeiro missal em português. Era em latim, e ele fez em português. Dom Béda Keckeisen foi, durante muitos anos, quase um mentor. Eu nunca tive mentor, mas ele foi um homem por quem eu tinha uma grande simpatia. Frequentei aulas de tomismo no mosteiro de São Bento, estudei profundamente o tomismo, quando tinha uns 19, 20 anos, através do Curso de filosofia do Maritain; li varias vezes aquele compendio. Conhecia quase toda a obra dele, ou o máximo que se podia conhecer. E a literatura francesa: Daniel Rops, o novelista sobre quem Afranio Collinho escreveu um livro, François Mauriac, historiadores da literatura francesa, como Albert Daudet. (Oliveira, 1995, p. 137-138)



Ramos sugere, por meio da descrição dos detalhes de seu encontro com Jacques Maritain², que não se tratava de uma influência passiva. A recepção passiva das teorias europeias seria, alguns anos mais tarde, o critério para a rejeição das propostas metodológicas apresentadas pelos cientistas sociais brasileiros. Contrário à recepção passiva das teorias europeias, o Guerreiro deixa transparecer que a forte ligação pessoal existente entre filósofos franceses e o grupo de jovens intelectuais ao qual ele pertencia era demarcada por uma atitude reflexiva capaz de contribuir para o aprimoramento da filosofia existencial³.

Ao contrário de algumas análises, que consideram esta fase da vida de Ramos como um momento de imaturidade, é fundamental relevarmos que este foi o contexto da elaboração da obra “O Drama de ser dois” (1937). Se por um lado, como ressalta o próprio Guerreiro, esta obra não merece consideração pelo fato de não possuir relevância acadêmica, científica ou literária, por outro lado, ela deve ser tomada como norte por todos que pretenderem compreender o sentido mais geral da produção acadêmica, científica e literária de Ramos.

Esta obra consiste no “lugar” a partir de onde o Guerreiro refuta, de modo específico, o pensamento social sobre o negro no Brasil elaborado até sua época e, de modo geral, as ciências sociais como um

todo (Brito, 2012). Além disso, ela é também a partir de onde Ramos propõe, por um lado, as técnicas de “sociodrama” ou “psicodrama” como exemplos da sociologia do ato aplicada ao pensamento social sobre o negro no Brasil e, por outro lado, as suas últimas teorias sobre a ação administrativa aplicada à ética nas organizações. Suas considerações acerca do livro são as seguintes:

Aliás, nessa ocasião eu já tinha publicado o meu primeiro livro, um livro de poemas: O drama de ser dois. É um livro que não tenho mencionado, um livro embaraçoso, meio desconcertante por causa do tema, que é extremamente piegas, religioso. Mas de certa maneira, se uma pessoa fizer um estudo – *não de má fé, mas de boa fé, não precisa nem ser simpático a mim, apenas ser objetivamente, de boa fé* –, o livro realmente revela toda a minha história. O drama de ser dois é um livro em que eu confesso o meu desconforto permanente com o mundo secular. Nesse poema eu me descrevia como uma espécie de pessoa entre dois mundos que eu não sabia definir. E ainda hoje acho que esse é um traço fundamental do meu perfil: eu não pertencço a nada. Não pertencço a instituições, não tenho fidelidade a coisas sociais; tudo o que é social, para mim é instrumento. Eu não sou de nada, estou sempre à procura de alguma coisa que não é materializada em instituição, em linha de conduta. Ninguém pode confiar em mim em termos de socialidade, de institucionalidade, porque isso não é para mim, não são funções para mim. O meu negócio é outro. De modo que esse livro é um livro seminal! Não tem importância o mérito intrínseco. Poeticamente, não vale nada. Mas é realmente uma expressão do que eu sempre fui. Em inglês existe uma expressão: *in betweeners*. Estou sempre *in between*. Nunca estou incluído em nada. As minhas metas são a única coisa em que estou incluído, não há pessoas que me incluam. (Oliveira, 1995, p. 134)

Como já se afirmou, essa pode ser a chave principal para a compreensão do modo como Ramos se vincula aos debates sobre o pensamento social do negro no Brasil. O prestígio que a sua capacidade intelectual lhe permitia gozar, apesar da pouca idade, também é enfatizado nos resultados de sua atuação no início de sua vida profissional, na Secretaria de Educação. Embora Ramos atribua à sorte os benefícios obtidos (como resultado do projeto de criação da Faculdade

de Filosofia da Bahia⁴), está fortemente sugerido que a sua competência acadêmica era manifesta e, por isso mesmo, pode assumir a cátedra de sociologia antes mesmo de ter entrado no curso de ciências sociais.

Aos 24 anos Ramos recebeu uma bolsa de estudos do governo da Bahia para estudar no Rio de Janeiro. Formou-se em ciências sociais pela Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro, na então Universidade do Brasil, em 1942, e bacharelou-se um ano depois pela Faculdade de Direito também na cidade do Rio de Janeiro.

É interessante ressaltar o modo como Ramos refere-se ao fato de ter sido aluno de Donald Pierson. Existe nesta referência, tal como mostra a citação abaixo, uma valorização extrema pela teoria sociológica norte-americana e, ao mesmo tempo, um desprezo explícito pelo professor tido como aquele que inaugurou técnicas de *survey* nos estudos em ciências sociais no Brasil.

Uma coisa interessante é que um homem insignificante teve uma importância muito grande na minha formação cultural. Chama-se Donald Pierson [...] deu umas aulas sobre sociologia americana, com que eu não tinha contato. Meu contato era com Le Play, era com a sociologia francesa [...] mas a influência americana foi muito grande. (Oliveira, 1995, p. 139; 141)



Ramos ressalta que em 1943, após a sua formatura, foi indicado para ocupar duas cadeiras na Universidade do Brasil. No entanto, acusado secretamente de “colaboracionista” (em função de seu vínculo com a militância do integralismo quando jovem) não foi nomeado ao cargo. Em seu lugar, assumiu a cadeira de sociologia Luís Costa Pinto e a de ciência política Vítor Nunes Leal. Apesar disso, um ano depois, o integralista San Thiago Dantas, diretor da Faculdade Nacional de Filosofia, o indicou para lecionar um curso no Departamento Nacional da Criança.

É interessante, ainda, considerar o fato de que foi no Departamento Nacional da Criança que Ramos ganhou sua primeira projeção internacional,

ao publicar a “Sociologia da Mortalidade Infantil”⁵. Esses estudos, segundo o próprio Ramos, consistiram nas primeiras pesquisas no Brasil que se valeram das técnicas de *survey*. É possível que este seja um dos elementos que ressaltam sua rejeição à Pierson, visto que este é considerado o iniciador destas técnicas, mas há outras incompatibilidades que também podemos considerar. Por exemplo, a sociologia norte-americana, em especial a Escola de Chicago, influenciou um campo de conhecimento sociológico guiado pela neutralidade e pela objetividade. Mesmo tendo se apropriado explicitamente das técnicas de pesquisa trazidas por esta escola, Guerreiro Ramos se colocou contrário a este tipo de sociologia, o que tornou sua crítica evidente ao propor uma “sociologia em mangas de camisa”.

No final do ano de 1943, após viver um ano com a ajuda dos amigos em função da dificuldade para conseguir o primeiro emprego, Ramos foi nomeado técnico de administração do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP). Sua função consistia basicamente em analisar projetos de organização de departamentos, como o Departamento de Agricultura, penitenciária, polícia, e também desempenhou a chefia na seção de recrutamento de pessoal para o governo federal. Apesar do caráter meramente instrumental da função, Guerreiro continuava escrevendo para a “Revista do Serviço Público” e “Cultura Política”. Por um lado, tinha se tornado gestor público encarregado da organização burocrática e, por outro lado, se ocupava das análises dos fundamentos sociológicos da organização pública. Estava assim preparado o terreno para a recepção singular da obra weberiana e foi neste contexto que Weber tornou sua grande influência, principalmente pela leitura da “Economia e Sociedade”. Assim, declara Ramos que “[...] a influência mais poderosa desde os anos 40 até hoje, em termos da minha profissão de homem da ciência social, é Max Weber.” (Oliveira, 1995, p. 144).

Entre 1949 e 1950 Ramos torna-se um dos principais ativistas do TEN. Como coordenador do departamento de estudos e pesquisa do Instituto Nacional do Negro, Ramos promove cursos de alfabetização, colabora com a organização da Conferência Nacional do Negro (1949) e com o Primeiro Congresso do Negro Brasileiro (1950). Foi



um dos mentores das intervenções artísticas naquela que seria considerada a fase mais importante do TEN: “[...] instalou o Museu do Negro, encenou algumas montagens em teatros do Rio de Janeiro e realizou concursos de beleza, denominados de Rainha das Mulatas e de Boneca de Piche” (Domingues, 2008, p. 263). Se-

gundo a análise de Domingues, o grupo de ativistas do TEN primou por protagonizar ações polêmicas, as quais tinham repercussão na imprensa. “Sua finalidade era chamar a atenção da opinião pública para o problema do negro. Dentro desse espírito, promoveu o concurso de artes plásticas, em 1955, tendo como tema central *Cristo Negro*.” (Domingues, 2008, p. 263).

A partir de 1951, convidado a participar do segundo governo de Getúlio Vargas, Guerreiro passa a trabalhar na Casa Civil como assessor do presidente. Ao lado de Rômulo Almeida, Jesus Soares Pereira e Inácio Rangel, sua função consiste em elaborar projetos, redigir discursos e mensagens presidenciais. Nesse contexto ocorreu tanto o aumento



do interesse pela participação no legislativo, na medida em que se aproximou do PTB, como o aumento do interesse pela participação no executivo. Pois, foi nesta época, diz ele, “[...] comecei a compreender o governo do Brasil, comecei a ver o que é a presidência da República. O governo de Getúlio foi muito importante para eu compreender o Brasil.” (Oliveira, 1995, p. 147).

Em 1952, Ramos participou tanto da fundação da Escola Brasi-

leira de Administração Pública (EBAP) – permanecendo vinculado até 1971, como da consolidação do “grupo de Itatiaia”⁶ (Bariani, 2005, p. 250). Em 1953, em função da consolidação do grupo de estudos sobre os problemas brasileiros, o grupo remanescente das reuniões em Itatiaia cria o Instituto Brasileiro de Economia, Sociologia e Política (IBESP) com Hédio Jaguaribe, Rômulo Almeida, Inácio Rangel, Roland Corbisier. O resultado destas discussões foram editados com o nome de “Cadernos de Nosso Tempo” e publicados entre 1953 e 1956. No total, foram cinco volumes que expressam de modo profundo o fenômeno social da época. Segundo Schwartzman (1979, p. 3), os colaboradores foram Alberto Guerreiro Ramos, Cândido Mendes de Almeida, Carlos Luís Andrade, Ewaldo Correia Lima, Fábio Breves, Heitor Lima Rocha, Hedio Jaguaribe, Hermes Lima, Ignácio Rangel, João Paulo de Almeida Magalhães, José Ribeiro de Lira, Jorge Abelardo Ramos, Moacir Félix de Oliveira e Oscar Lorenzo Fernandes.



Se, de fato, o IBESP consistiu no encontro de estudiosos dos problemas nacionais, sua história não se limita a este fato. O IBESP constituiu, também, o núcleo intelectual para a criação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB⁷), em 1955. Segundo Ramos, o ISEB destinava-se ao estudo das ciências sociais, da compreensão crítica da realidade brasileira e da elaboração do referencial teórico que permitisse o desenvolvimento nacional. O ISEB pretendia, assim, ser uma instância de processamento do pensamento brasileiro:

Nós pretendíamos ser uma coisa equivalente – assim era a idéia original – ao Colégio de França. Uma idéia muito, muito alta. O que é o colégio de França? É um órgão que reconhece as pessoas que não têm carreira na universidade francesa, mas que são os grandes luminares, não importa que tenham título ou não. É a grande instituição de consagração. O Colégio de França foi o nosso modelo no ISEB. (Oliveira, 1995, p. 156-157)

Ramos dirigiu o departamento de sociologia do ISEB até dezembro de 1958, afastando-se por divergência políticas ao discordar do apoio do ISEB à candidatura do Marechal Henrique Lott à presidência da república. As polêmicas e suspeitas levantadas por parte de setores conservadores (como também por intelectuais ligados à Faculdade de Sociologia da USP), acerca do papel institucional e da produção intelectual do ISEB, apontavam e questionavam o apoio recebido desde sua fundação por parte dos governos Kubitschek e Goulart. Por si só, esta teia de relações já seria suficiente para comprometer a idoneidade de Ramos perante o governo militar nos anos de chumbo vindouros. No entanto, outras atividades acadêmicas e intelectuais contribuíram ainda mais para os futuros problemas (Brito, 2012).

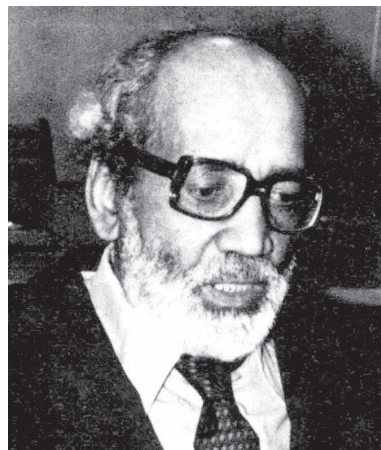
Ainda que não estivesse vinculado à ideologia comunista, Ramos não apenas estudou, mas também publicou análises sociológicas nas quais as categorias do pensamento de Marx apareceram como tema central. Esse procedimento encantou os marxistas e, em 1961, foi convidado pelo Partido Comunista para ir à China e, também, à Moscou, com finalidade de realizar um estágio na União Soviética pela Academia Brasileira de Moscou. No entanto, o resultado desta inserção no mundo socialista não seguiu aquilo que era previsto pela cartilha doutrinária da ideologia comunista. As publicações de Ramos acerca do contexto sócio-político russo e chinês não agradaram o Partido Comunista. Pelo contrário, a série de artigos escritos para “O Jornal”, em 1962, foi entendida como manifesto de um oportunista e traidor. Como notamos nas seguintes palavras de Ramos, sua posição revelava, por um lado, a falta de fundamento teórico do próprio marxismo, encontrada nos programas de pesquisa desenvolvidos na China e, por outro lado, a limitação das pesquisas russas acerca da realidade social brasileira.

Eu me irritei muito com a China. Passei três meses lá, uma chatice, uma conversa puramente ideológica. Eu ia às bibliotecas e não via nem um Marx; eles só conhecem O Capital. Um primarismo! E a conversa na União Soviética, uma chatice! Os sujeitos não entendem de Brasil. Aliás, fui muito franco e disse: “Vocês não entendem o Brasil” [...] Escrevi uma série de artigos em que eu dizia que não me via como amigo profissional da União Soviética nem da China, mas era um sujeito que admirava certas

coisas. Os comunistas ficaram danados comigo: traidor, oportunista etc. (Oliveira, 1995, p. 150-151)

Os anos entre 1961 e 1964 foram decisivos para consolidar sua posição de aliado à política do governo vigente e, também, sua posição oposicionista à política do governo vindouro. Em 1961, Ramos participou da Comissão de Assuntos Econômicos junto à Organização das Nações Unidas (ONU). Além disso, esse foi também o ano de seu ingresso na política partidária, por meio da filiação ao Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). No próximo ano, candidatou-se e foi eleito suplente a deputado federal⁸ pelo Estado da Guanabara na legenda formada pelo PTB e pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB). Em função da licença concedida ao deputado Leonel Brizola, Ramos assumiu a cadeira entre agosto de 1963 e Abril de 1964, mês em que seus direitos políticos foram cassados pelo Ato Institucional n. 1.

Exilou-se nos Estados Unidos em 1966 com a finalidade de prosseguir com as atividades intelectuais e acadêmicas que a pátria lhe vedara. Começou a lecionar na Universidade do Sul da Califórnia, e se tornou *full* professor do programa de doutorado em administração pública. Também lecionou na *Yale University* e foi professor visitante da *Wesleyan University* em 1972 e 1973. Regressou ao Brasil depois da anistia, quando lecionou cursos na Universidade Federal de Santa Catarina, mas não mais fixou residência no país.



Acerca da data e do local da morte de seu pai, Alberto Guerreiro Ramos Filho (Jusnavegandi, 2016) disse o seguinte:

O velho Guerreiro nos deixou em 6 de abril 1982, no Hospital Cedars-Sinai, em Los Angeles. Recentemente, baralhando seus arquivos pessoais deixados a mim por minha Mãe, eu li que seu óbito oficial no Consulado em Los Angeles o constata como “branco”. A vida e estranha, não? Boa sorte com seus estudos, Alberto. (Guerreiro Ramos Filho, 2016)

Guerreiro Ramos morreu aos 67 anos, em função de um câncer.

3 O Impacto de Guerreiro Ramos na Produção Bibliográfica

Como vimos Guerreiro Ramos foi um homem de cultura que desde muito novo contribuiu para enriquecimento do debate intelectual de sua época. Inúmeras obras, como veremos na última seção, foram produzidas por ele para diferentes áreas do conhecimento, como as Ciências Sociais, a Administração Pública e a Literatura⁹. Interessamos, portanto, saber qual a repercussão de seu pensamento em outros autores. Para isso, apresentaremos a partir de agora um levantamento dos trabalhos fundamentados em Guerreiro Ramos e/ou em sua obra.

Como fontes de pesquisa foram selecionadas para este estudo: 1) Portal Scielo.org, que reúne diversos periódicos de todas as áreas do conhecimento e 2) Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT) (2000-2015)¹⁰.

Na primeira base de dados, cujos primeiros trabalhos datam de 1997, encontramos ao todo, 44 produções que serão tratadas neste trabalho, nas áreas: a) Ciências Sociais Aplicadas (38); b) Ciências Humanas (8); c) Ciências Biológicas (1).¹¹

Na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertação do IBCT, de 2000 a 2015, foram encontrados 52 trabalhos sendo 35 dissertações e 17 teses nas áreas de: a) Administração (38); b) Ciências Humanas (10); c) Educação (1); d) Saúde Coletiva (1); e) Estudos Estratégicos Internacionais; f) Turismo (1).

3.1 Apresentação dos Resultados

Esta seção tem por objetivo identificar se existe concentração em relação aos artigos analisados no que se refere ao ano de publicação, aos autores, às instituições de origem e aos periódicos de publicação.

3.2 Artigos Publicados no Portal SciELO

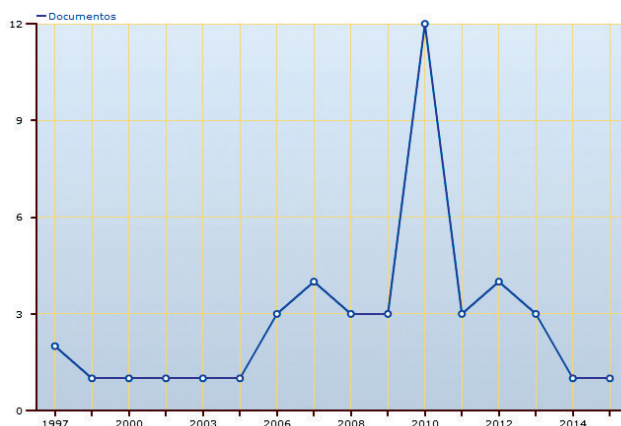


Figura 1: Número de artigos publicados no SciELO por ano

Fonte: Portal SciELO (2015)

A Figura 1 mostra uma concentração de trabalhos que tratam do autor Guerreiro Ramos ou de sua obra no ano de 2010. É importante considerar que o método de pesquisa por meio digital, aplicado neste estudo pode ter favorecido o aparecimento deste pico, já que o desenvolvimento tecnológico pode ter permitido maior publicação em periódicos com o passar dos anos, mas a baixa presença de artigos em 2009-2008 e a partir de 2012 reforça a percepção de que em 2010 houve maior destaque para o pensador.

Os autores que escreveram sobre Guerreiro Ramos ou sobre sua teoria são diversos e poucos se repetiram, como Ana Paula Paes de Paula, que aparece em artigos de quatro diferentes revistas, e Sérgio Luís Boeira, Ariston Azevêdo, Marcos Chor Maio, Muryatan Santana Barbosa, Sandro Trescastro e Valdir Fernandes, que aparecem em ao menos dois artigos diferentes, como coautores, ou único autor.

Ao analisar a distribuição dos artigos por periódicos nota-se que a *Cadernos EBAPE.BR*, patrocinada pela Fundação Getúlio Vargas (FGV), detém a maior parte das publicações, com treze artigos, seguida pela revista *Organização & Sociedade*, da UFBA, com onze publicações e com menos artigos, apenas três, está a *Revista Administração de Empresas*, também da FGV, todas elas como foco na área de Administração.

Ainda com apenas três publicações está a Revista do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília *Sociedade e Estado*, seguida por outras duas revistas de Administração a *RAM*, da Mackenzie e a *Revista de Administração Pública*, da FGV, com dois artigos cada. As demais revistas publicaram um artigo e têm ênfase em diferentes áreas como Sociologia e Ciências Sociais (Cadernos CRH, Dados, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Sociologias e Tempo Social), Administração (BAR, Revista Brasileira e Portuguesa de Administração), Educação (Revista Brasileira de Educação), História (Revista Brasileira de História) e Interdisciplinar (Ambiente e Sociedade), conforme mostra a Figura 2.

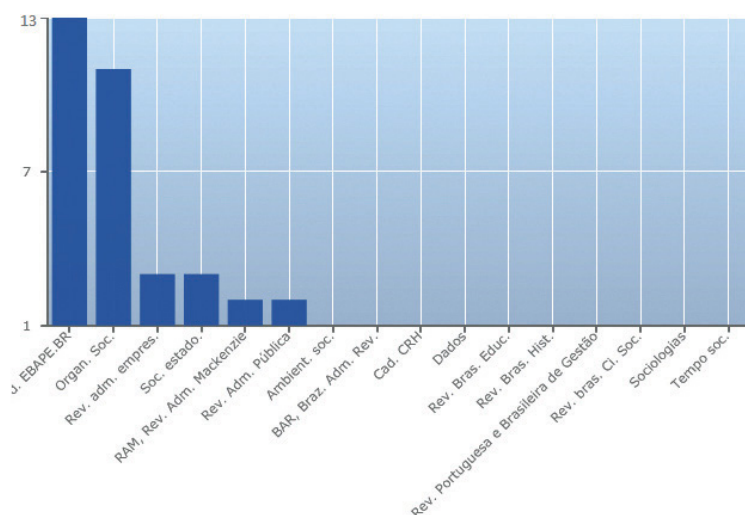


Figura 2: Artigos distribuídos por periódicos
Fonte: Portal SciELO (2015)

3.3 Teses e Dissertações BDTD-IBCT

Foram levantados 52 trabalhos, 35 dissertações e 17 teses, de 2000 a 2015¹², conforme mostra a Figura 3. Nota-se novamente que em 2010 houve um aumento dos trabalhos que usam o autor e a obra.

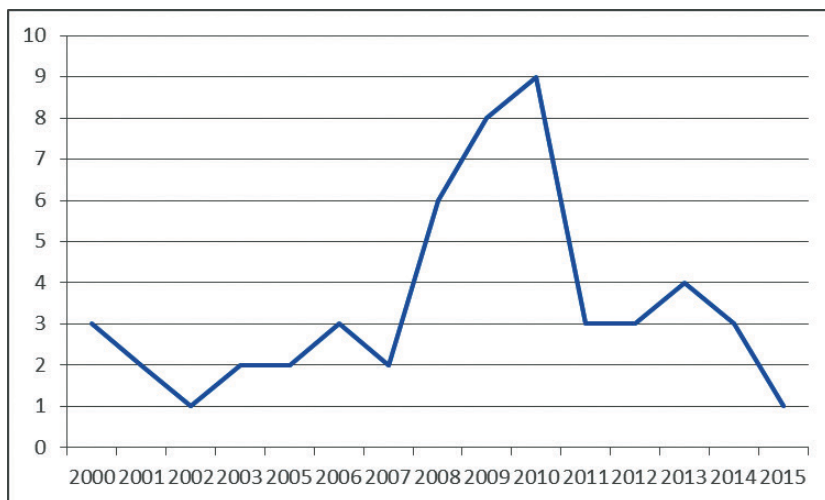


Figura 3: Teses e Dissertações por ano

Fonte: Elaborada pelos autores deste artigo com base em BDTD-IBCT

Os autores não se repetiram em nenhum trabalho publicado no BDTD, porém Sérgio Luís Boeira, Ariston Azevêdo reaparecem com suas teses de doutorado, sendo o primeiro em: “Atrás da cortina de fumaça: tabaco, tabagismo e meio ambiente – estratégias da indústria e dilemas da crítica” (2000) trabalho no qual a teoria de Guerreiro Ramos é usada como contribuição para a análise proposta pela pesquisa, enquanto o segundo em: “A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos” (2006) elaborou um trabalho extenso que percorre os escritos do pensador desde a juventude até a maturidade focando nos aspectos antropológicos e antropocêntricos, constituindo o primeiro estudo por ordem de relevância apresentado pela base de dados.

Na análise da origem dos trabalhos por instituições nota-se que a FGV permanece como maior fonte de trabalhos acadêmicos que utilizam o sociólogo como fundamentação, com dez dissertações e três teses, seguida pela UFGRS com cinco dissertações e duas teses, e pela UFSC com três dissertações e duas teses. Conforme apresenta a Figura 4.

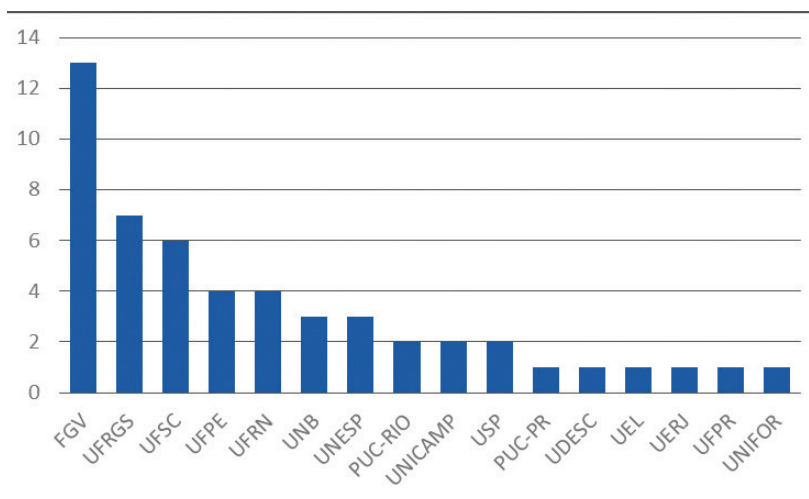


Figura 4: Trabalhos por instituição

Fonte: Elaborada pelos autores deste artigo com base em BDTD-IBCT

Embora Guerreiro Ramos tenha sido um importante sociólogo, o fato de o maior número de publicações serem feitas em revistas de Administração, em especial da FGV, pode estar relacionado com o fato de o pensador ter lecionado na Escola Brasileira de Administração Pública desta instituição e por ter escrito grandes obras nesta área como: “A nova ciência das organizações: uma reconceituação da riqueza das nações” (1989); “Administração e Contexto Brasileiro – Esboço de uma Teoria Geral da Administração” (1983); “Sociologia; Teoria das Organizações – Um Estudo Supra Partidário (1983)”; e “Administração e Estratégia do Desenvolvimento – Elementos de uma Sociologia Especial da Administração” (1966). Porém a pouca atenção dada ao intelectual no campo das ciências humanas ainda carece de maiores explicações.

Alguns autores trouxeram alguns motivos possíveis para a marginalização de Guerreiro Ramos no meio acadêmico brasileiro. Para citar algumas, segundo Maio (2000), esse fato se deu pelo envolvimento do pensador com o movimento integralista. Já Oliveira (1995) justifica que os ataques feitos às figuras de grande prestígio nas ciências sociais brasileiras teria lhe rendido o ostracismo. Por outro lado, Figueiredo e Grosfoguel (2007) argumentam que embora muitas das explicações dadas para o relativo esquecimento de Guerreiro Ramos girem em

torno de sua personalidade polêmica e contestadora, outra perspectiva possível para se pensar essa questão é a condição de autor negro num meio que era, e continua sendo, hegemonicamente branco.

Contudo, a desatenção dada ao sociólogo e muitas vezes o desconhecimento de sua obra corrobora com a crítica feita pelo próprio Guerreiro Ramos à alienação e eurocentrismo da sociologia brasileira, ou seja, ao desinteresse pela proposta epistemológica exemplificada como uma “sociologia em mangas de camisa”.

4 Levantamento das Obras de Guerreiro

Nesta parte apresentaremos o levantamento das principais obras escritas por Guerreiro Ramos. Alguns esforços de reunir a vasta produção deste autor já foram realizados. Segundo Azevedo (2006), mais de 250 obras são atribuídas ao autor, além de 71 pronunciamentos feitos na Câmara dos deputados e apenas oito meses (agosto de 1963 a abril de 1964). Nesse ensaio serão considerados apenas os livros que foram escritos pelo autor, em sua primeira edição (quando localizada), em ordem cronológica.

4.1 Principais Obras

GUERREIRO RAMOS, A. **O drama de ser dois** (poesias). Salvador, 1937.

GUERREIRO RAMOS, A. **Aspectos sociológicos da puericultura**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1944.

GUERREIRO RAMOS, A.; GARCIA, Evaldo da Silva. **Notícia sobre as pesquisas e os estudos sociológicos no Brasil (1940-1949)**. Com especial referência a migrações, contatos de raça, colonização e assuntos correlatos. Rio de Janeiro: Conselho de Imigração e Colonização, 1949.

GUERREIRO RAMOS, A.; GARCIA, Evaldo da Silva. **Problemas econômicos e sociais do Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Criança, 1949.

GUERREIRO RAMOS, A. **Sociologia do orçamento familiar**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

GUERREIRO RAMOS, A. **Uma introdução ao histórico da organização racional do trabalho** (ensaio de sociologia do conhecimento). Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **O processo da sociologia no Brasil** (esquema de uma história de idéias). Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1953.

GUERREIRO RAMOS, A. **Cartilha brasileira do aprendiz de sociólogo**: prefácio a uma sociologia nacional. Rio de Janeiro: Cândido Mendes Júnior, 1954.

GUERREIRO RAMOS, A. **Curso de história universal da sociologia**, pelo professor Alberto Guerreiro Ramos. Rio de Janeiro: Escola Técnica do Comércio, 1954.

GUERREIRO RAMOS, A. **Panorama Social do Brasil**. Rio de Janeiro: ESG, 1955.

GUERREIRO RAMOS, A. **Características psicossociais do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: ESG, 1955.

GUERREIRO RAMOS, A. **Condições sociais do poder nacional**. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.

GUERREIRO RAMOS, A. **Ideologias e segurança nacional**. Rio de Janeiro: ISEB, 1957.

GUERREIRO RAMOS, A. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Andes, 1957.

GUERREIRO RAMOS, A. **La reducción sociológica**. México: Editora da UAM, 1959.

GUERREIRO RAMOS, A. **O problema nacional do Brasil**. Rio de Janeiro: Saga, 1960.

GUERREIRO RAMOS, A. **A crise de poder no Brasil** (problema da revolução nacional brasileira). Rio de Janeiro: Zahar, 1961.

GUERREIRO RAMOS, A. **Mito e verdade da revolução brasileira**. Rio de Janeiro: Zahar, 1963.

GUERREIRO RAMOS, A. **A redução sociológica**: introdução ao estudo da razão sociológica. 2. ed. Corrigida e aumentada. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

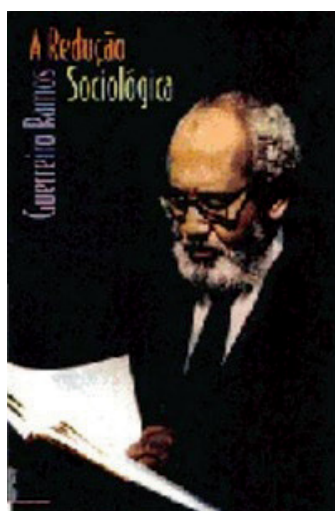
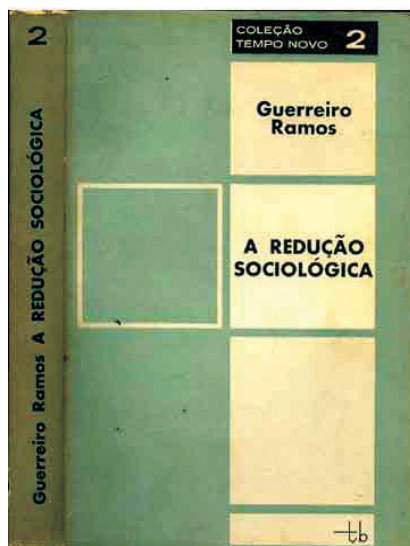
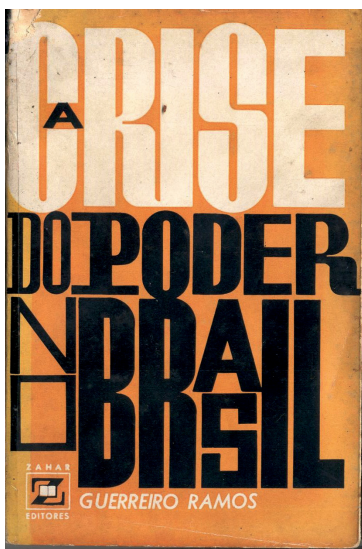
GUERREIRO RAMOS, A. **Administração e estratégia do desenvolvimento**: elementos de uma sociologia especial da administração. Rio de Janeiro: FGV, 1966.

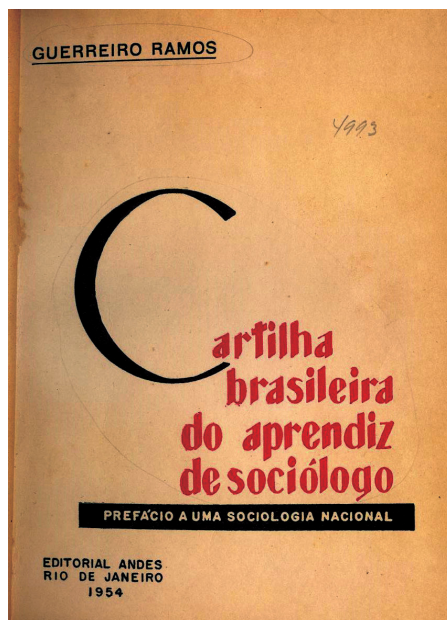
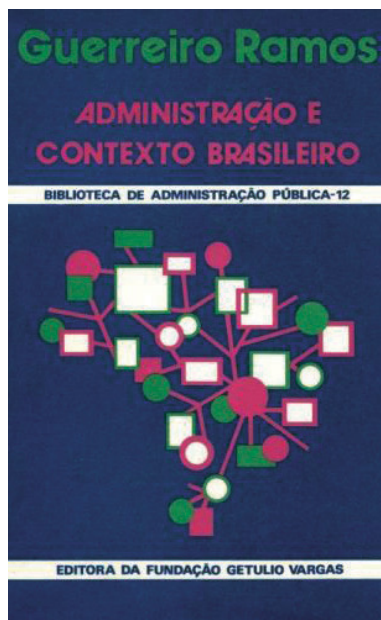
GUERREIRO RAMOS, A. **O modelo econômico brasileiro**: uma apreciação à luz da teoria da delimitação dos sistemas sociais. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina/CPGA, 1980.

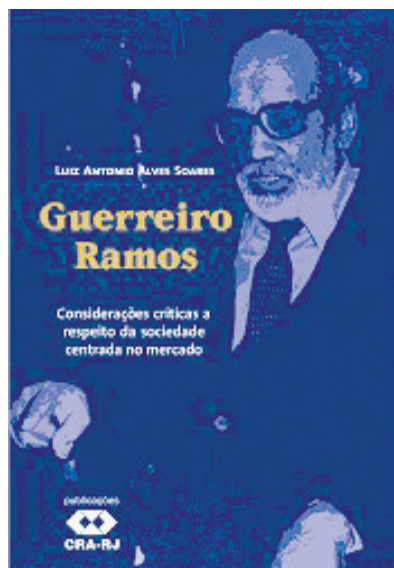
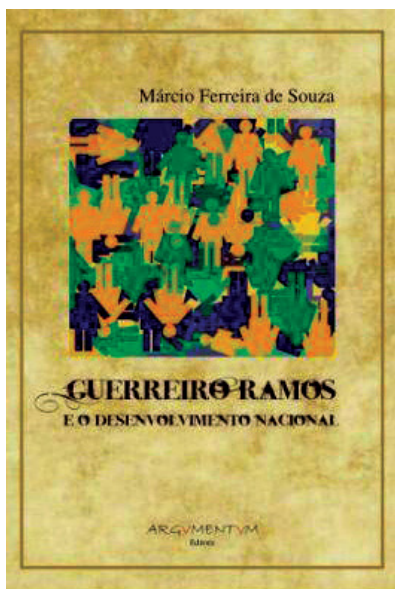
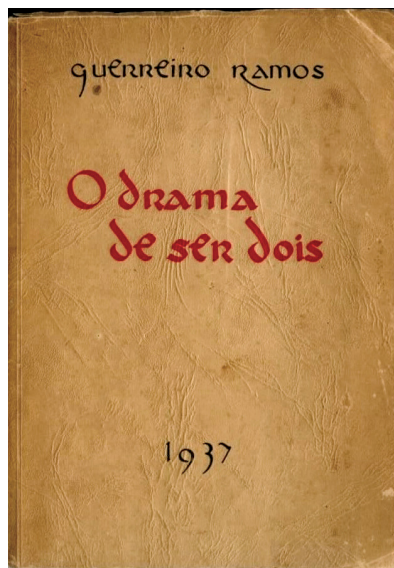
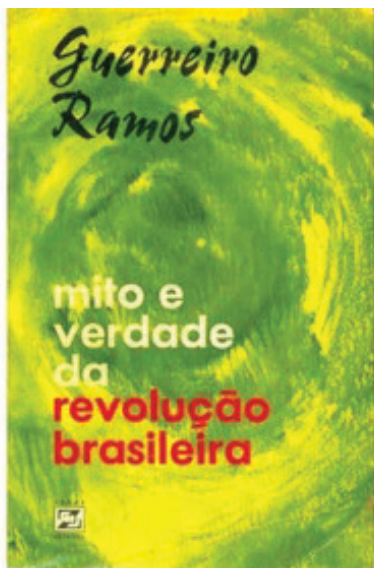
GUERREIRO RAMOS, A. **Considerações sobre o modelo alocativo do governo brasileiro**. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; CPGA, 1980.

GUERREIRO RAMOS, A. **Administração e Contexto Brasileiro: esboço de uma Teoria Geral da Administração**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações: uma reconceitualização da riqueza das nações**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.







Sociólogo diz que Brasil "fabrica" nova revolução

A possibilidade de uma revanche entre a sociedade civil brasileira e as Forças Armadas, "é latente dentro do processo social que vivemos, caso o Governo continue a insistir numa política econômica que não está gerando riqueza, mas que, basicamente, privilegia oligopólios internacionais, os quais dominam amplos setores da economia do País".

Esta afirmação foi feita ontem, pelo professor Alberto Guerreiro Ramos, sociólogo na Universidade da Califórnia do Sul (EUA), professor visitante da Universidade de São Catarina, membro da delegação do Brasil, junto à ONU e autor de vários livros e artigos traduzidos no exterior.

Guerreiro está no Paraná, executando um trabalho para a Fundação Instituto de Desenvolvimento de Recursos Humanos

— Fidepar — onde dirigiu o seminário sobre "A Nova Ciência das Organizações", encerrado ontem. O propósito do encontro foi debater as principais ideias do livro do professor, temário do seminário.

O BRASIL DOMINADO

O sociólogo que participou do planejamento de alguns governos brasileiros, observa no atual processo político e econômico que vivemos, "um total domínio do capitalismo externo, o qual domina literalmente o primeiro plano da economia nacional".

— Nossa economia, na minha opinião, é dirigida de fora e o seu segmento principal, que eu chamo de "sistema Oligopolizado de Produção", área de grande sofisticação tecnológica, e que reúne empresas do setor de produção de bens de consumo ou prestação de serviços, e que encontra-se totalmente nas mãos de capitalistas internacionais.

Guerreiro observa que as empresas de tal grupo (o primeiro entre mais categorias dentro da economia nacional), dominam amplamente o mercado em que atuam e são essencialmente cosmopolitas, pois estão funcionando articuladas (quando não subordinadas) a indústrias e instituições que operam nos centros mais desenvolvidos.

— Estas empresas estrangeiras são capazes de criar ou alterar significativamente padrões de comportamento e consumo no Brasil. Dominam e deformam nossa educação, estilo de vida, hábitos em geral, e até formas de consciência que por elas são fabricadas. Na verdade são empresas que estão "socializando" nosso povo de acordo com os interesses do capitalismo externo.

De acordo com o sociólogo, o Brasil mantém os braços cruzados diante de tal invasão estrangeira, e o Governo federal, através de seu Ministério do Planejamento, privilegia a situação dos oligopólios, em detrimento do empresariado nacional.

— A soberania que existe é a do produtor, do dono do oligopólio e não do consumidor, e o pior é que a imprensa brasileira, principalmente a televisão e as agências de propaganda, trabalham efetivamente para a manutenção do poder dos oligopólios (multinacionais) no país.

A ECONOMIA E OS 5 SISTEMAS

O professor Alberto Guerreiro classifica a economia brasileira em cinco segmentos básicos: o primeiro é constituído pelo Sistema Oligopolizado de Produção; o segundo é formado pelo sistema de Produção de Relativa Competitividade; o terceiro é o Sistema Fronteiriço, o quarto, o sistema Quase-formal de Microprodução e o quinto, envolvendo os Sistemas Conviviais e Comunitários de Produção.



Guerreiro acha o Governo incompetente para gerar riquezas.

No primeiro atuam empresas que lidam com os principais campos da economia nacional, envolvidos com a produção de aparelhos elétricos e eletrônicos, remédios e outros produtos da chamada tecnologia de ponta, altamente sofisticada e onde não é permitida (por mecanismos de lobby e pressões externas) a entrada do capital nacional.

No segundo sistema, operam empresas que atuam em ambiente competitivo, dentro dos modelos clássicos de economia de mercado. Predominantemente, embora não exclusivamente é representado por empresas médias e pequenas.

No espaço ocupado por estas empresas, a chamada "soberania do consumidor" se exerce em considerável escala. E um setor mais ocupado pela "burguesia empresarial brasileira", sujeitas ao "darwinismo econômico" — que sujeita as indústrias às leis clássicas do mercado, onde somente, como na lei de Darwin, "os mais fortes vencem ou conseguem sobreviver".

No sistema Fronteiriço, funcionam empresas em condições altamente críticas. Ou elas adquirem certas características que as aproximam dos oligopólios (como é o caso de empresas regionais, com dominante participação nos mercados em que atuam), ou, ao contrário, estão sendo alijadas do mercado por força de fatores tecnológicos ou mercadológicos a que estão crescentemente expostas pela internacionalização progressiva da economia brasileira.

O Sistema Quase-Formal de Microprodução reúne os artesãos, profissionais liberais e "empregados" de serviços de construção civil ou reparos, intermediários de negócios, inclusive biscoiteiros.

Finalmente na área dos Sistemas Conviviais e Comunitários de Produção, de acordo com a escala do professor Guerreiro, encontramos a associação de pequenos grupos humanos (entre os quais a produção familiar) para a produção de bens e serviços. E, como, por exemplo, da comunidade social religiosa, da comunidade que organiza pequenas creches ou prestação de serviços comunitários, cooperativas, pequenas explorações agrícolas ou artesanais familiares de produtos isolados.

O CONTROLE DE FORA

Para Guerreiro, no seu estado atual, a economia brasileira é peça de um sistema

cosmopolitano de produção e distribuição em que os atores dominantes garantem as margens de lucro que lhes convêm em suas operações internacionais, enquanto controlam o processamento dos recursos e a produção no mundo periférico (do capitalismo).

A alternativa para esta situação é a implementação no Brasil de novo desenho de sua economia doméstica, fundamentado numa percepção mais acurada da multiplicidade dos subsistemas de produção que a compõem. Enfim, o Brasil deve perseguir em termos econômicos, os segmentos de número dois a cinco, conforme o modelo de Guerreiro.

— Está por se fazer no Brasil um novo programa que resulte numa comunhão de interesses entre setores de nossa tecnoburocracia e setores empresariais estrangeiros e nacionais. Além disso, precisamos de uma chefia executiva mais inteligente, pois no momento temos um Ministério do Planejamento, trabalhando contra os interesses nacionais e cientificamente desinformado.

BUROCRACIA REPRESSIVA

O sociólogo afirmou que "acredita que no governo brasileiro, existam pessoas capazes de estarem enxergando o caos em que o país está se transformando em todos os setores de sua sociedade, porém, todos nós, viximos afixados por uma burocracia repressiva, criada nos tempos de 1964, a qual pensa mais na segurança nacional do que na segurança do cidadão".

— Eu acho que o jargão oficial já está condenado, completamente divorciado da opinião pública nacional. As eleições de 1982 poderão representar uma chance para mudar-se o quadro político nacional. Nosso "lodo social" já não suporta mais tantas fantasias que vivem recriando mais qualidade de vida para o povo.

Segundo Guerreiro, "é ou o sistema acordar para o que ele mais teme, a revanche da sociedade civil, ou termos no Brasil uma situação muito mais crítica do que em 1964, com uma ameaça em potencial de uma revolta popular. E isso não interessa a ninguém, nem as Forças Armadas, nem aos empresários, políticos e ao povo".

Belo Horizonte, segunda-feira, 18 de Maio de 1959

DIÁRIO DA TARDE

Debutante em política, Guerreiro Ramos quer conhecer os fatos antes que sejam notícia

«Aceitei a minha eleição para o Diretorio Nacional do PTB entre outras coisas porque estou convencido de que ele contribuirá para elevar o nível científico de minha produção sociológica», declara o conhecido homem de letras, em entrevista ao DIÁRIO DA TARDE

Um lapso de um momento e o conhecido homem de letras e teórico social brasileiro, o professor de Sociologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Dr. José de Souza Guerra, já está em meio a uma entrevista com o Diário da Tarde. O professor, conhecido por suas obras de sociologia, está sentado em uma cadeira de madeira, com uma expressão séria e atenta. Ele está vestindo um terno escuro e uma camisa branca. O ambiente ao redor é simples, com uma parede clara e algumas plantas visíveis no fundo.

CONSCIÊNCIA DO PROCESSO

Guerreiro Ramos explica ao repórter a uma pergunta as perspectivas da sua participação política, considerando agora com sua eleição para o Diretorio Nacional do PTB:

— «É preciso formar a consciência do processo brasileiro. Todavia, essa consciência não se forma de uma vez por todas. Não é algo a que se chegue definitivamente. A consciência de um processo global de desenvolvimento como o nosso, muda a cada passo que o país dá. Portanto, a formação da consciência nacional requer uma atitude dinâmica de contínua adaptação e observação dos acontecimentos. Chetel à conclusão de que apesar de todas as possibilidades que a ciência e a função do magistrado me davam para estudar a realidade brasileira.

DEBUTANTE

Para um instante, tira uma batonada do seu charuto, a mão acompanha o ritmo das palavras.

Nesses últimos anos, atingi o máximo de consciência política do processo brasileiro, dentro do quadro acadêmico de professor. Neste momento, tenho a impressão de que me encontro nas condições de um debutante. De alguém que tem que vencer a inércia psicológica de 30 anos de professor para, sob o impulso de melhor servir à sociedade, dar-lhe uma cobertura científica e conceitual mais operosa e mais eficaz. Esta nova educação que venho de adotar está-me impondo uma participação mais profunda no jogo político do país e no drama dos interesses econômicos. O processo brasileiro está dotado de tal velocidade que o cientista social (principalmente os sociólogos e economistas) para obterem resultados, não podem contentar-se em conhecer os fatos quando estes são transformados em notícias.

À MATRIZ

O também teórico nacionalista evolui nas suas considerações:

«No Brasil, a notícia dos fatos se divulga com muito atraso. É necessário, por isso, ir a quanto possível, à matriz dos fatos, acompanhados, desde o nascedouro, se não usarmos que o nosso pensamento se arrasta em relação ao passado. O repórter indaga: «Então, a política de sua análise para o P. T. B.?» A resposta é imediata:

«Muitas pessoas têm me perguntado por que aceitei a mi-

nha eleição para o Diretorio Nacional do P. T. B. Respondo a essa pergunta da seguinte maneira: aceitei este posto partidário entre outras coisas porque estou convencido de que ele contribuirá para elevar o nível científico de minha produção sociológica. Na verdade, o engajamento que implica este meu novo posto partidário já estava implícito na minha produção acadêmica, principalmente nos meus dois últimos livros: «Introdução crítica à sociologia brasileira» e «A redução sociológica». Nesses dois livros, embora em outros trabalhos menores, tenho a impressão de que, para falar a linguagem hegeliana, neguei a ciência do gabinete no gabinete, ou ainda neguei a sociologia de gabinete, fazendo sociologia de gabinete, a despeito do caráter concreto que tiveram sempre as minhas cogitações. Mas, agora, me é oferecida a mais oportunidade de não me esquivar ou cristalizar numa posição, de dar um passo adiante e de negar a sociologia de gabinete fora do gabinete, isto é, na prática social, pensando com os olhos, confundido com as aspirações, os movimentos dos trabalhadores e dos estudantes.

METODO

Accentua a sequência:

«O Brasil não tem ainda a sociologia que merece. Não por falta de homens inteligentes e capazes, mas por falta de uma equação metódica que constitua o fundamento da elaboração científica no campo da sociologia. O processo brasileiro é tão potente sociologicamente que não pode ser descoberto por aqueles que se colcam sistematicamente a serviço de suas metas».

À ESQUERDA

A pergunta seguinte é respondida com mais cuidado.

O repórter quer saber se o professor Guerreiro Ramos se considera um homem de esquerda. Explica ele então:

«Definitivamente é muito difícil definir em poucas palavras uma posição política. Sou um homem de esquerda, mas não sou um extremista. Sou um homem de esquerda na medida em que luto para que a estrutura econômica-social do Brasil não permaneça como se encontra e seja superada ou substituída por outra. Mas não sou aquele que pelo descontentamento possibilita uma participação maior do povo na vida social, portanto, não defendo o

«status quo» atual da sociedade brasileira, mas a sua transformação qualitativa».

O EMPRESÁRIO

Guerreiro se interroga, então: «Quem deve ser o empresário dessa transformação?»

«E, na sequência, responde: — «A este respeito, cheguei a conclusão de que no Brasil o empresário da revolução nacional terá de ser o povo. Quando se trata de saber qual seja o agente principal de revolução, nacional, brasileira, a ênfase deve ser dada ao povo, constituído maioritariamente de trabalhadores. As condições subjetivas e ideológicas para realizar a revolução nacional do que a nossa burguesia. Cabe, portanto ao povo, liderar o movimento, emancipador nacional brasileiro. Por incrível que pareça, no Brasil é o povo que vai pressionar os quadros dirigentes para acelerar a edificação do capitalismo brasileiro, porque os beneficiários imediatos do novo, capitalista estão muito distantes do papel nacional que deve exercer. O povo sabe que, na etapa atual, todas as soluções das suas dificuldades atuais são possíveis apenas dentro do regime capitalista».

EM MINAS

Colocada em termos a posição política do professor, o repórter pede-lhe uma palavra sobre a posição de Minas no processo, lembrando palavras anteriores suas, em que ele apontava duas soci-

dades em conflito em Minas. Assinala ele, respondendo:

— «Os mineiros são os ingleses do Brasil. Tudo indica que os mineiros terão a sensateza suficiente para evitar que o tensão atual entre a velha sociedade e a nova sociedade em gerção no Estado de Minas atinja um climax dramático que só possa ser ultrapassado de um modo violento. Não está na tradição psicológica mineira a disposição para a obtusidade. Desse modo, creio que o conflito a que você se refere está ultrapassado em rupturas dos quadros democráticos».

— «O senhor acredita que esse conflito deverá se manifestar no próximo pleito?»

— «A luta eleitoral que vai se travar certamente implicará numa opção clara em termos ideológicos. As correntes políticas em Minas vão se apresentar muito nitidamente em torno de um dos dois polos: preservação da velha estrutura ou transformação qualitativa e progressista das bases econômicas do Estado. Em suma, a luta política vai se radicalizar nessas eleições em Minas Gerais».

O ENSINO

A entrevista não termina antes que o professor faça uma observação admirativa quanto ao trabalho que vem sendo realizado na Faculdade de Ciências Econômicas da UMG. Considera ele que o nível de ensino daquela escola, no assunto de que trata, é o melhor do país.

Guerreiro Ramos, Confundente:

"QUEM NÃO TEM VOTO VIVA NÃO PODE SE SOCIALIZAR!"



"Estamos Vivendo no Brasil um Momento Essencialmente Crítico" — Está Havendo um Cisma na Sociedade Brasileira, que desaba Dia a Dia — "Vivo Dialecticamente" — Lamento Apenas Que Minha Obra Publicada Não Corresponda ao Que Sei e Que Posso e Vou Fazer"

O PROFESSOR Guerreiro Ramos, pelo relevante prestígio crescente que adquire no envolvimento, isto é, como o sociólogo em cuja obra se espelham hoje as novas tendências da sociedade brasileira. A reportagem de ÚLTIMA HORA teve oportunidade de ouvi-lo a respeito de vários assuntos ligados à sociedade brasileira, no tocante à sua especialidade. Dêse encontro, entre reporter e professor, surgiu esta palpitante entrevista cuja que o leitor poderá aferir a profundidade com que trata as questões sociológicas e a inde-

A GUERREIRO RAMOS: "Lamento que minha obra esteja aquém do que sei, do que posso e do que farei"

Última Hora
PREÇO DO EXEMPLAR 2 CRUZEIROS
ANO V — Rio de Janeiro, 7-6-56 — N.º 1.521

Falando-nos sobre o momento atual brasileiro, disse-nos inicialmente o prof. Guerreiro Ramos: — "É velho, no domínio da sociologia a distinção entre os períodos orgânicos e os períodos críticos da vida de uma sociedade. Em seus períodos orgânicos, a sociedade consegue canalizar os impulsos humanos dentro de pautas consistentes, obtendo assim a integração das condutas. A crise surge quando estas pautas não são mais aptas a conter um papel organizador, deixando por assim dizer, livres os soltos as propriedades novas. Então se torna evidente uma ruptura entre a sociedade produzida ou reinstituída e a sociedade que se encontra em processo de transformação."

No fundo da crise brasileira, encontramos a transformação material do País, a transformação econômica, já que os fatores econômicos de tal natureza são os que permitem comandar, em grande parte, o desenvolvimento, o que não se encontra inteiramente em consonância com os valores de que dispõem os brasileiros, embora escassos, humanos que, se organizados e aplicados funcionalmente, podem acelerar o nosso progresso material. Estes fatores, relativamente recentes, estão, entretanto, como sugeri acima, e se me permitirem, desvalorizados, entregues à sua espontaneidade. Então desmobilizados. Ora o espontaneísmo pode ser mortal para o Brasil.

Não basta constatar a existência, entre nós, de fatores determinativos. Temos um prazo relativamente curto para fazer a emancipação do país — o que nos obriga a fazer uma esforço para enquadrar nos novos fatores os valores econômicos e sociais que eles reclamam. A criação desses novos elementos da sociedade brasileira exige que se projete e realize um plano de medidas integradas e que trilhadas uma consciência orgânica das necessidades da comunidade nacional. Para ser dirigente, falta-lhe uma componente psicológica e ideológica — a compreensão da realidade do país como um todo. Esta consciência ideológica se revela nas marchas e contra-marchas e na indecisão que ostensivamente carac-

teriza a sociedade em produção, em estado efervescente. Estamos hoje no Brasil, vivendo um momento essencialmente crítico, caracterizado pelo descompasso entre as aspirações majoritárias dos brasileiros e a organização social vigente. E' visível, hoje, um cisma na sociedade brasileira, cisma que, com o passar dos dias, cada vez mais se acentua. Uma sociedade, vilhada por tendências novas que, com o passar dos dias, cada vez mais se acentua. Uma sociedade, vilhada por tendências novas que, com o passar dos dias, cada vez mais se acentua. Uma sociedade, vilhada por tendências novas que, com o passar dos dias, cada vez mais se acentua.

— Não basta constatar a existência, entre nós, de fatores determinativos. Temos um prazo relativamente curto para fazer a emancipação do país — o que nos obriga a fazer uma esforço para enquadrar nos novos fatores os valores econômicos e sociais que eles reclamam. A criação desses novos elementos da sociedade brasileira exige que se projete e realize um plano de medidas integradas e que trilhadas uma consciência orgânica das necessidades da comunidade nacional. Para ser dirigente, falta-lhe uma componente psicológica e ideológica — a compreensão da realidade do país como um todo. Esta consciência ideológica se revela nas marchas e contra-marchas e na indecisão que ostensivamente carac-

terizar a sociedade em produção, em estado efervescente. Estamos hoje no Brasil, vivendo um momento essencialmente crítico, caracterizado pelo descompasso entre as aspirações majoritárias dos brasileiros e a organização social vigente. E' visível, hoje, um cisma na sociedade brasileira, cisma que, com o passar dos dias, cada vez mais se acentua. Uma sociedade, vilhada por tendências novas que, com o passar dos dias, cada vez mais se acentua. Uma sociedade, vilhada por tendências novas que, com o passar dos dias, cada vez mais se acentua.

ante em todos os setores, principalmente no econômico, no social, no cultural. Há hoje no Brasil um enorme desgaste de "preços" e "energia" resultante do exercício de funções de liderança por pessoas, respeitáveis, mas desqualificadas, sem sensibilidade para as tarefas novas que se impõem.

Falando-nos sobre o sentido de sua obra, prosseguiu o Prof. Guerreiro Ramos: — São as tendências de desenvolvimento que procuro exprimir em minhas obras e estudos sociológicos. Na minha atividade profissional, através da palavra escrita e falada, faço quase diariamente uma experiência enriquecedora. E que, sendo o meu pensamento frequentemente polémico e contrário ao pensamento consagrado, seria de esperar que suscitasse oposições, desaprovções. Todavia, não posso me queixar. O ódio que alguns "sociólogos" oficiais me votam ele mesmo se constitui em situação intelectualmente fecunda para mim, pois me instala dentro de uma contradição muito estimulante, porém, resistências sérias na minha atuação profissional. Posso dizer que tenho hoje, um público numeroso em todo o País. Agora mesmo estou me preparando para atender a convites para fazer conferências em São Paulo, Belo Horizonte, Salvador e Recife. Isto, e para mim tão desvalorizado quanto se fosse comedido para o estrangeiro. Pois o sentido de minha obra é extremamente brasileiro e o seu julgamento, não apenas no exterior, mas no Brasil, é importante no meio científico. Lamento apenas que minha obra publicada ainda não tenha recebido o debate que posso e vou fazer. Considero, portanto, esta minha obra em debate, tendo em vista os meus valores pessoais.

Quais os maiores problemas de organização do trabalho sociológico no Brasil?

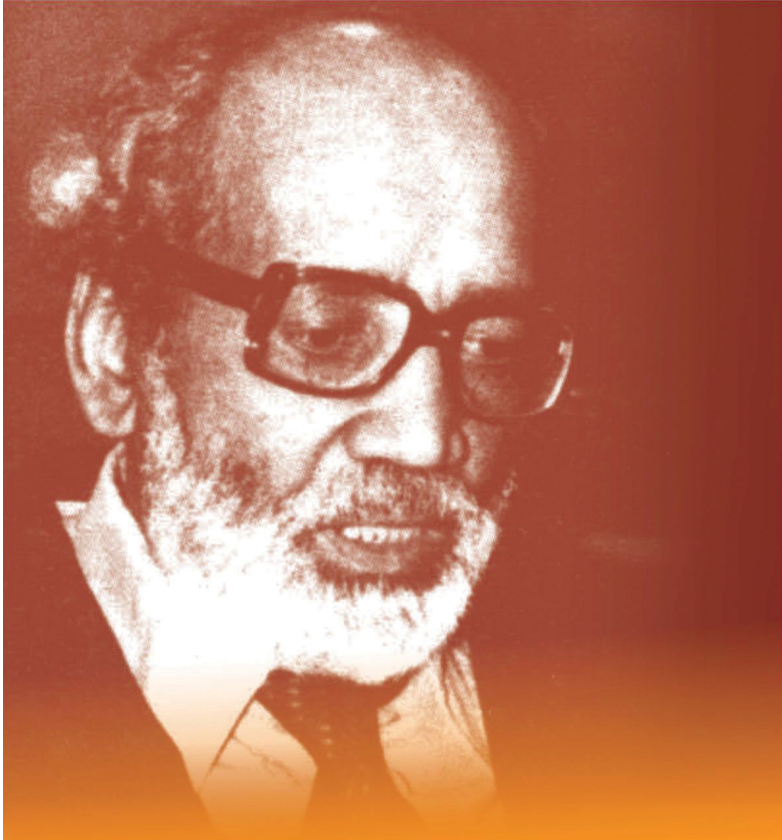
— Na minha opinião são dois. Em primeiro lugar, o da aplicação dos recursos no trabalho de pesquisa no domínio das ciências sociais. Várias organizações nacionais estão aplicando esses recursos. Salvo as raras exceções, o fazem porém de maneira que considero verdadeiramente primitiva. Estão sendo feitas pesquisas para se conhecer o quê e o porquê, o que já se sabe sem pesquisa; ou ainda, aplicando-se recursos em projetos de sobremaneira, em investigações e estudos de secundariedade, importância não mais como o Brasil, ocupando-se assim com a obra qualificada que poderia ser encaminhada para a realização de tarefas de maior prioridade. Sobre o que penso a res-

se impõem, pessoas, em suma, que deviam ser devolvidas à vigília ou a uma pacata vida doméstica. Enquanto tais pessoas estiverem inerteis de autoridade formal — a única que lhes resta — não se deva a parafusagem de enanos, de que resulta a confusão geral.

se pode chamar de patologia administrativa. Ai acaba por se formar uma "carteira" de especialistas do abstrato, de questões generalíssimas, cujos componentes se rodíziam num jogo inconsequente de pósters mais ou menos lúculos ou "cartorisais". Faz parte deste jogo o aliciamento dentro de cada País de uma espécie de quinta coluna que se beneficia dos cartorisais mantidos mediante recursos internacionais. Ainda bem que conheço várias exceções: brasileiros patriotas ligados a tais organizações que procuram lutar contra este estado de coisas e que estão já inquietos, em busca de novos rumos.

— Na minha opinião são dois. Em primeiro lugar, o da aplicação dos recursos no trabalho de pesquisa no domínio das ciências sociais. Várias organizações nacionais estão aplicando esses recursos. Salvo as raras exceções, o fazem porém de maneira que considero verdadeiramente primitiva. Estão sendo feitas pesquisas para se conhecer o quê e o porquê, o que já se sabe sem pesquisa; ou ainda, aplicando-se recursos em projetos de sobremaneira, em investigações e estudos de secundariedade, importância não mais como o Brasil, ocupando-se assim com a obra qualificada que poderia ser encaminhada para a realização de tarefas de maior prioridade. Sobre o que penso a res-

— Na minha opinião são dois. Em primeiro lugar, o da aplicação dos recursos no trabalho de pesquisa no domínio das ciências sociais. Várias organizações nacionais estão aplicando esses recursos. Salvo as raras exceções, o fazem porém de maneira que considero verdadeiramente primitiva. Estão sendo feitas pesquisas para se conhecer o quê e o porquê, o que já se sabe sem pesquisa; ou ainda, aplicando-se recursos em projetos de sobremaneira, em investigações e estudos de secundariedade, importância não mais como o Brasil, ocupando-se assim com a obra qualificada que poderia ser encaminhada para a realização de tarefas de maior prioridade. Sobre o que penso a res-



**I
N
T
É
R
P
R
E
T
E

D
O

B
R
A
S
I
L**

Guerreiro Ramos

**Seminário em comemoração ao centenário
de nascimento de Alberto Guerreiro Ramos**

Auditório do Centro de Ciências Humanas UFSC
Data: 10 a 11 de setembro de 2015

Apoio

Departamento de
Antropologia e
Sociologia da UFSC

FAPESC

NUER/UFSC

5 Conclusão

A partir das apresentações feitas nesta nota biobibliográfica, podemos notar que Guerreiro Ramos foi um intelectual multifacetado, cuja biografia, para ser mais completa, exigiria a elaboração de uma ampla pesquisa em que os resultados fossem tratados num estudo de maior fôlego. Porém, tivemos com intento trazer elementos que ajudem pesquisadores e interessados para conhecer um pouco mais sobre esse autor brasileiro que até hoje é pouco entendido e pouco estudado. Isso pode ser notado pelo baixo impacto de sua obra nos trabalhos pesquisados na sociologia, por exemplo, área para a qual o autor forneceu elementos metodológicos para uma pesquisa que voltasse para a realidade do Brasil, em “A Redução Sociológica” (1965).

Muitas obras de Guerreiro estão hoje perdidas e outras têm exemplares raros em função de não ter havido autorização dos direitos autorais para a reedição das obras. Dessa forma, o levantamento apresentado na terceira sessão deste estudo pode ser uma contribuição inicial para quem desejar aprofundar seus estudos sobre Guerreiro Ramos.

Notas

* Evandro O. Brito é professor adjunto na Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), doutor e mestre em filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, graduado em Filosofia e Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina. Como pesquisador, investiga o desenvolvimento da ética nas obras de Franz Brentano e está vinculado aos seguintes grupos de pesquisa: Ética Política e Cidadania (UNICENTRO); Origens da filosofia contemporânea (PUC-SP), Filosofia, arte e educação (UFSC).

** Ilka Boaventura Leite é professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Santa Catarina, fundadora e coordenadora do NUER (Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas). Tem formação em História (UFMG, 1980) e Antropologia (USP, 1986). Fez pós-doutorado na Universidade de Chicago (1997) e na Universidade Nova de Lisboa (2007). Seus principais livros são: Antropologia da Viagem; (Ed UFMG, 1996), Negros no Sul do Brasil: invisibilidade e territorialidade (Ed Letras Contemporâneas, 1996 coletânea) e O Legado do Testamento: a Comunidade de Casca em perícia (Ed. UFRGS, 2004), Laudos Periciais Antropológicos (ABA/NUER, 2006 coletânea) e Quilombos no Sul do Brasil: perícias antropológicas (NUER, 2006, coletânea). Suas pesquisas situam-se nas áreas de teoria antropológica, literatura de viagem, relações interétnicas, etnologia afro-brasileira, arte e etnicidade. Tem publicado artigos sobre literatura de viagens, cultura e identidade negra, quilombos, direitos étnicos, políticas de identidade, arte e diáspora africana, perícias antropológicas.

*** Luiza Brandes de Azevedo Ferreira é graduanda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista da coordenação do projeto *rendeiras da Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas*.

¹ Estas informações, publicadas por seu filho, servem para montar o quebra-cabeças da vida de Guerreiro Ramos definida por ele mesmo como o ‘o drama de ser dois’: “O Velho Guerreiro me ensinou a sempre lembrar que ele era da Bahia, e tinha um grande orgulho de nossa ancestralidade Africana. O pai de Guerreiro, meu Avo Vitor Juvenal Ramos, nasceu escravo em 1873, mas do tal *Ventre Livre*. A Mãe dele nasceu na Angola, e foi por sua própria família vendida ao negreiro. Depois de sermos exilados da Pátria Amada, nenhum de nos voltou ao Brasil a não ser para visitar família. [...] Boa sorte sempre”. Alberto Guerreiro Ramos Filho. Disponível em: <<https://jus.com.br/duvidas/21685/biografia-de-alberto-guerreiro-ramos>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

² “G. R. – Além disso, tinha ligações pessoais com Jacques Maritain. Inclusive, ele passou uma vez pela Bahia, e o seu navio encostou no porto. Nós sabíamos, pelo jornal, que o navio traria o grande filósofo Jacques Maritain. Fomos lá e mandamos chamá-lo. Naturalmente, ele não esperava que pudesse ter um contato com intelectuais na Bahia. Ele veio, e nos nós apresentamos como seus leitores. Eu me lembro ate hoje: uma figura angélica, o Maritain, um rosto iluminado. Saímos pela cidade - acho que o navio ficou lá umas nove horas, uma coisa assim -, e ele ficou surpreso com o conhecimento acurado que nós tínhamos da sua obra. Não conteve a surpresa e nos perguntou: “Mas como é possível isto?”. O Afrânio Coutinho e eu éramos as principais pessoas que estavam lá. E nós dissemos que acompanhávamos aquilo, que éramos profundamente influenciados por ele”. (Oliveira, 1995, p. 137-138).

³ “G. R. – Eu já escrevia regularmente em *O Imparcial*. Isso é interessante, escrevi dezenas e dezenas de artigos nesse jornal, era uma espécie de crítico literário. Seguiu muito de perto o movimento europeu de idéias. Nessa época, nos anos 30, eu era muito influenciado pela revista francesa *L’Esprit*, fundada por Emmanuel Mounier, com quem mantive uma certa correspondência. Estava muito a par também de uma outra revista que se chamava *L’Ordre Nouveau*, dirigida por Amaud Dandier, cujo livro - não me lembro mais do título - foi de grande importância para mim”. (Oliveira, 1995, p. 133).

⁴ “G. R. – Participei da organização da Faculdade de Filosofia de lá, com o irmão do governador Landolfo Alves, Isaías Alves, que era secretário de Educação. E uma das ironias da minha carreira e que, como fundador da Faculdade de Filosofia da Bahia, me tomei catedrático de sociologia sem ter nem mesmo o primeiro ano de ciências sociais.

A. A. – Mas o senhor já tinha o curso de direito?

G.R. – Não tinha nada, não tinha curso nenhum. Como membros da administração Landolfo Alves, fundamos com Isaías Alves a Faculdade de Filosofia. Pela lei, todas as pessoas que fundaram a faculdade tinham o direito de se tornar catedráticos. Então, eu me tornei catedrático de ciência social antes de começar o curso de ciências sociais. E isso que eu chamo de sorte. E a minha vida é cheia de coisas assim”. (Oliveira, 1995, p. 132).

⁵ A produção de Ramos é apresentada supostamente por Abdias, em *o Quilombo*, nos seguintes termos. “Foi durante seis anos o professor da cadeira ‘problemas econômicos e sociais do Brasil’ no departamento nacional da criança, aí realizando um trabalho pioneiro em que deu categoria sociológica ao problema da mortalidade

infantil. Fruto destas investigações de sociologia articuladas com a medicina são ‘Aspectos sociológicos de Puericultura’ (1944), ‘Uma concepção multidimensional do comportamento’ (1944), ‘Um inquérito sobre quinhentos menores’ (1944, em colaboração), ‘Problemas econômicos e Sociais do Brasil’ (1949) e ‘Sociologia da mortalidade Infantil’. (Nascimento, 1950, p. 2; Nascimento, 2003).

- ⁶ Como esclarece os estudos de Bariani (2005), “O grupo de Itatiaia teve início a partir de agosto de 1952, no Parque Nacional de Itatiaia (entre RJ e SP), em local cedido pelo Ministério da Agricultura, quando começou a reunir-se – ocasionalmente – um grupo de intelectuais, entre eles paulistas, cariocas, católicos, antigos integralistas, conservadores e outros de posições mais à esquerda. A tônica dos debates, inicialmente, era a discussão teórica por parte de estudiosos que tinham em comum certa configuração intelectual, influências de certos autores e um desejo de impulsionar um pensamento genuinamente brasileiro. Embora o grupo se consolide no Rio de Janeiro (e ali finque raízes), nos primórdios, intelectuais paulistas – sobretudo ligados ao IBF (Instituto Brasileiro de Filosofia) e à Revista Brasileira de Filosofia – participaram do começo das discussões em Itatiaia (em 1952). Os paulistas – Roland Corbisier, Ângelo Simões de Arruda, Almeida Salles, Paulo Edmur de Souza Queiroz, José Luiz de Almeida Nogueira Porto e Miguel Reale (também contavam com um professor italiano chamado Luigi Bagolini) – eram liderados por Vicente Ferreira da Silva (filósofo cujos seminários eram muito conhecidos na cidade de São Paulo) que, como outros pensadores, guardava certo distanciamento da institucionalização e do ensino filosófico ministrado na USP – de inspiração européia, francesa em essência, devido às ‘missões’ – e eram pejorativamente chamados por João Cruz Costa (professor uspiano) de ‘filósofos municipais’. Os outros participantes (cariocas), dentre eles os que mais tarde formariam o IBESP e o ISEB e ficariam conhecidos como ‘isebianos históricos’ (principalmente Guerreiro Ramos, Helio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré e Cândido Mendes de Almeida), tinham com os paulistas – mormente seu líder – algumas influências comuns”. (Bariani, 2005, p. 249).
- ⁷ Ainda segundo Bariani, “[...] mesmo conhecido como a ante-sala do ISEB, o IBESP não é o passado necessário do ISEB; talvez mesmo o ISEB não seja a realização ‘natural’ do intento ibespiano. Apesar dos componentes, das influências e das análises que perduraram, o Grupo de Itatiaia e o IBESP têm uma história própria, abordagens diferenciadas e, sobretudo, uma inserção original no contexto brasileiro. Na transição para o ISEB, permaneceram nomes como Helio Jaguaribe, Nelson Werneck Sodré, Roland Corbisier, Ignácio Rangel, Cândido Mendes de Almeida, Guerreiro Ramos etc., e manteve-se a influência da análise econômica da Cepal, da aplicação do existencialismo à realidade social, a posição de engajamento... Todavia, a forma como se organizava e as funções às quais aspirava mudaram. O ISEB institucionalizou-se, alargou o espectro das análises, agregou novos temas e aventurou-se tanto no debate intelectual quanto social e politicamente, procurando uma maior inserção – seja atuando como interlocutor do Estado e de alguns governos (mormente o de Juscelino Kubitschek), seja ministrando cursos e influenciando intelectuais, estudantes, sindicalistas e representantes da sociedade civil. Como instituição de saber, atuou também como ator político, engajando-se diretamente nas questões e atracando-se na luta ideológica. Já o IBESP procurou congregar intelectuais e constituir-se também como uma intelligentsia, mas acentuando a posição mannheimiana da intersticialidade, da flutuação social dessa camada socialmente ‘desvinculada’ – embora não ausente das relações de classe (Cf. Mannheim, 1972, 1974) –, funcionando menos como um ator político de posição determinada e mais como ator “ilustrado”, de posições caleidoscópicas num amplo leque de análise,

procurando elaborar sínteses e, concomitantemente, identificar várias facetas da mesma questão e relacionar os interesses das classes aos projetos possíveis. Em suma, o IBESP não se notabilizou como ‘partido’ político dos intelectuais, e sim como pretensa ‘consciência social’ teórica dos dilemas do país. Certamente, o ISEB foi uma das formas (possíveis) de desenvolvimento radicalizado do projeto IBESP, talvez uma das mais pragmáticas; daí a derivar seu fracasso é uma outra história”.

⁸ “Em sua atividade parlamentar, Guerreiro apresentou dois projetos de lei: o que dispõe sobre o processamento e averbação de licenças de patentes de invenção no Departamento Nacional da Produção Industrial e o que dispõe sobre o exercício da profissão de técnico de administração. O autor também destaca os principais temas abordados por Guerreiro Ramos: reforma agrária, formação de um mercado interno brasileiro, trabalho, profissionalização do serviço público, socialismo, crítica da esquerda, legalização do Partido Comunista”. (Malta; Kronemberger, 2009, p. 25).

⁹ Ver Ariston Azevêdo, 2006.

¹⁰ Para a pesquisa foi feito um teste para averiguar se “Alberto Guerreiro Ramos” traria um resultado melhor do que “Guerreiro Ramos”, e verificou-se que a segunda opção era mais promissora, pois o autor é referenciado muitas vezes apenas pelos dois sobrenomes. Foram considerados apenas os trabalhos que traziam o nome do pensador no título ou no resumo.

¹¹ Um dos artigos encontrava-se classificado nas três áreas temáticas da SciELO e ou outro em duas, por isso a soma por áreas é maior que a soma de trabalhos

¹² Ariston Azevêdo Mendes, em sua tese *A sociologia antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos*, apresenta como anexo um levantamento das obras fundamentadas em Guerreiro Ramos, e embora ele não especifique o período considerado nem a metodologia adotada, pode-se notar que os trabalhos datam até os anos 2000, por isso optou-se em pesquisar a partir dessa data para içar o que tem sido feito de novo.

Referências

AZEVEDO, A. **A Sociologia Antropocêntrica de Alberto Guerreiro Ramos**. 2006. Tese. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política; UFSC. Florianópolis, 2006.

BARIANI, Edilson. Uma Intelligentisia Nacional: grupo de Itatiaia, IBESP e os Cadernos do Nosso tempo. **Caderno CRH**, Salvador, v. 18, n. 44, p. 249-256, maio-ago. 2005.

BRITO, Evandro O. **Dilemas epistemológicos de Guerreiro Ramos**. São José: Editora USJ, 2012.

DOMINGUES, Petrônio. Quilombo (1948-1950): uma polifonia de vozes afro-brasileiras. **Ciênc. let.**, Porto Alegre, n. 44, p. 261-289, jul.-dez. 2008.

FIGUEIREDO, Angela; GROSGOUEL, Ramón. Por que não Guerreiro Ramos? Novos desafios a serem enfrentados pelas universidades públicas brasileiras. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 59, n. 2, June, 2007.

Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252007000200016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 1º abr. 2016.

GUERREIRO RAMOS FILHO, Alberto. **Biografia de Alberto Guerreiro Ramos**. [2016]. Disponível em: <<https://jus.com.br/duvidas/21685/biografia-de-alberto-guerreiro-ramos>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.

GUERREIRO RAMOS, Alberto. **Administração e Contexto Brasileiro**: Esboço de uma Teoria Geral da Administração. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1983.

MAIO, M. C. O projeto Unesco de relações raciais e as trocas intelectuais e políticas Brasil-EUA". **Interseções**, Rio de Janeiro, Ano 6, n. 1, p. 123-142, 2004.

MAIO, M. C. O Projeto Unesco: ciências sociais e o credo racial brasileiro. **Revista da USP**, São Paulo, n. 46, p. 115-128, 2000.

MALTA, Marcio; KRONEMBERGER, Thais Soares, Nem melhor nem pior, apenas divergentes: uma contribuição acerca da sociologia brasileira e polêmica entre Florestan Fernandes e Guerreiro Ramos. Achegas.net. **Revista de Ciências Políticas**, [S.l.], n. 42, agosto-dezembro, 2009. Disponível em: <http://www.achegas.net/numero/42/marcio_thais_42.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2010.

NASCIMENTO, Abdias. Cartaz: Guerreiro Ramos. Quilombo, n. 9, p. 2, maio. 1950. In: NASCIMENTO, Abdias. **Quilombo**, Editora 34, 2003.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **Entrevista com Guerreiro Ramos**: sociologia do Guerreiro. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1995.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. **A sociologia do guerreiro**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

PORTAL SCIELO. **Artigos Cadernos EBAPE**. [2015]. Disponível em: <<http://search.scielo.org/?q=guerreiro+ramos&lang=pt&count=20&from=1&output=site&sort=&format=abstract&fb=&page=1>>. Acesso em: 24 nov. 2015.

SCHWARTZMAN, Simon (sel. e introd.). **O pensamento nacionalista e os Cadernos de Nosso Tempo**. Brasília, DF: UNB/Câmara dos Deputados, 1979. (Biblioteca do pensamento político republicano)

SIQUEIRA, Gabriel. **Alberto Guerreiro Ramos**. 2008. Disponível em: <<http://www.irradiandoluz.com.br/2008/06/alberto-guerreiro-ramos.html>>. Acesso em: 31 mar. 2016.

Recebido em 27/02/2016

Aceito em 1º/03/2016

Normas editoriais

ILHA – Revista de Antropologia aceita artigos, ensaios, resenhas e entrevistas originais que estejam de acordo com sua linha editorial. Os artigos são submetidos à avaliação de pareceristas *ad hoc*. Os autores receberão dois exemplares do número da revista na qual seus trabalhos forem publicados.

A submissão dos trabalhos será feita *on-line*, diretamente no *site* da revista (www.periodicos.ufsc.br/ilha).

Serão aceitos trabalhos para as seguintes seções:

Artigos ou ensaios (incluindo os artigos para dossiês e seções temáticas): (aproximadamente 10 mil palavras, incluindo notas e referências). Eles deverão ser acompanhados de resumo (em português e em inglês, entre 100 e 150 palavras), palavras-chave (em português e em inglês, de três a quatro) e título (em português e em inglês).

Debates: artigos com especial interesse teórico-metodológico, acompanhados de comentários críticos assinados por outros autores (aproximadamente 10 mil palavras, incluindo notas e referências). Eles deverão ser acompanhados de resumo (em português e em inglês, entre 100 e 150 palavras), palavras-chave (em português e em inglês, de três a quatro) e título (em português e em inglês).

Entrevistas: (até oito mil palavras), acompanhados de introdução situando a obra e o autor entrevistado), resumo (em português e em inglês, entre 100 e 150 palavras), palavras-chave (em português e em inglês, de três a quatro) e título (em português e em inglês).

Ensaio bibliográfico: resenha crítica e interpretativa de vários livros que abordem a mesma temática (até oito mil palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas), título, palavras-chave e resumo em português e inglês.

Resenhas biblio/disco/cine/videográficas: pequenas resenhas de livros, discos, filmes ou vídeos recentes (até dois anos, até 2.500 palavras, incluindo as referências e notas).

Notas de pesquisa: relato de resultados preliminares ou parciais de pesquisa (até 3.500 palavras, incluindo as referências bibliográficas e notas).

Cartas: manifestações sobre textos publicados em números anteriores (o editor se reserva o direito de publicar apenas trechos).

Normas de apresentação e de redação:

As normas de redação e citação seguem o padrão da **NBR 6022:2003** da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), com pequenas adaptações que serão apontadas a seguir.

1. Os textos deverão ter a seguinte formatação:
 - formato de papel = A4;
 - editor de texto: Word for Windows 6.0 ou posterior;
 - margens: superior e esquerda de 3 cm, direita e inferior de 2,5 cm;
 - fonte: Times News Roman ou Arial, corpo 12, entrelinhas 1,5; e
 - número de páginas: no mínimo 15 e no máximo 25 laudas.
2. O texto deve conter:
 - o título e o subtítulo (se houver) do texto e sua versão para a língua estrangeira (inglês);
 - o(s) nome(s) do(s) autor(es) devem estar por extenso, com a respectiva filiação institucional completa (pelo menos duas informações, como Departamento, Faculdade, Instituto ou Universidade, sem usar siglas ou acrônimos);
 - o resumo, que deverá ser redigido de acordo com a **NBR 6028:2003** da ABNT, com no máximo 150 palavras – se houver “agradecimentos”, recomenda-se incluir no último parágrafo da introdução;
 - o *abstract*, que deverá ser a tradução do resumo, também com no máximo 150 palavras;
 - entrada numérica nos títulos e subtítulos. Exemplo: 1 Introdução; 2 Desenvolvimento; 2.1 Subtítulos do Desenvolvimento; e 3 Conclusões/Considerações Finais.
3. As chamadas autor/data deverão ser incluídas no texto e não em nota de rodapé. Exemplo: (Castells, 1999) ou Segundo Castells (1999). **Obs.:** o uso do nome do autor em minúsculas é uma adaptação das normas da ABNT.
4. As referências devem ser incluídas no final do texto, seguindo as orientações da **NBR 6023:2002** da ABNT. Os apêndices e os anexos são elementos não obrigatórios.

5. As citações no corpo do texto deverão ser redigidas de acordo com a **NBR 10520:2002** da ABNT. As citações diretas devem ser destacadas com aspas, se for menos de três linhas; ou recuadas, se for com mais de três linhas. É **imprescindível** indicar a página da citação, quando ela for direta.
6. As notas devem ser numeradas em algarismos arábicos e utilizadas como notas de fim, ou seja, no final do texto, antes das Referências.
7. Documentos pesquisados em meio eletrônico devem trazer todas as informações exigidas pela **NBR 6023:2002**, além da data de acesso com dia, mês e ano.
8. Serão aceitas no máximo cinco ilustrações por artigo. As tabelas devem vir no mesmo programa do texto e as demais ilustrações em formato jpeg, ou tiff, com resolução de 300 dpis.
9. Ilustrações (fotos) de pessoas somente poderão ser publicadas com prévia autorização por escrito da pessoa em destaque.

Copyright: A ILHA – Revista de Antropologia tem o *copyright* dos trabalhos publicados em suas páginas, sendo que qualquer reprodução em outros veículos, desde que autorizados pelos/as autores/as, deverá dar os créditos correspondentes à revista.

